

AUTORA BESTSELLER NEW YORK TIMES

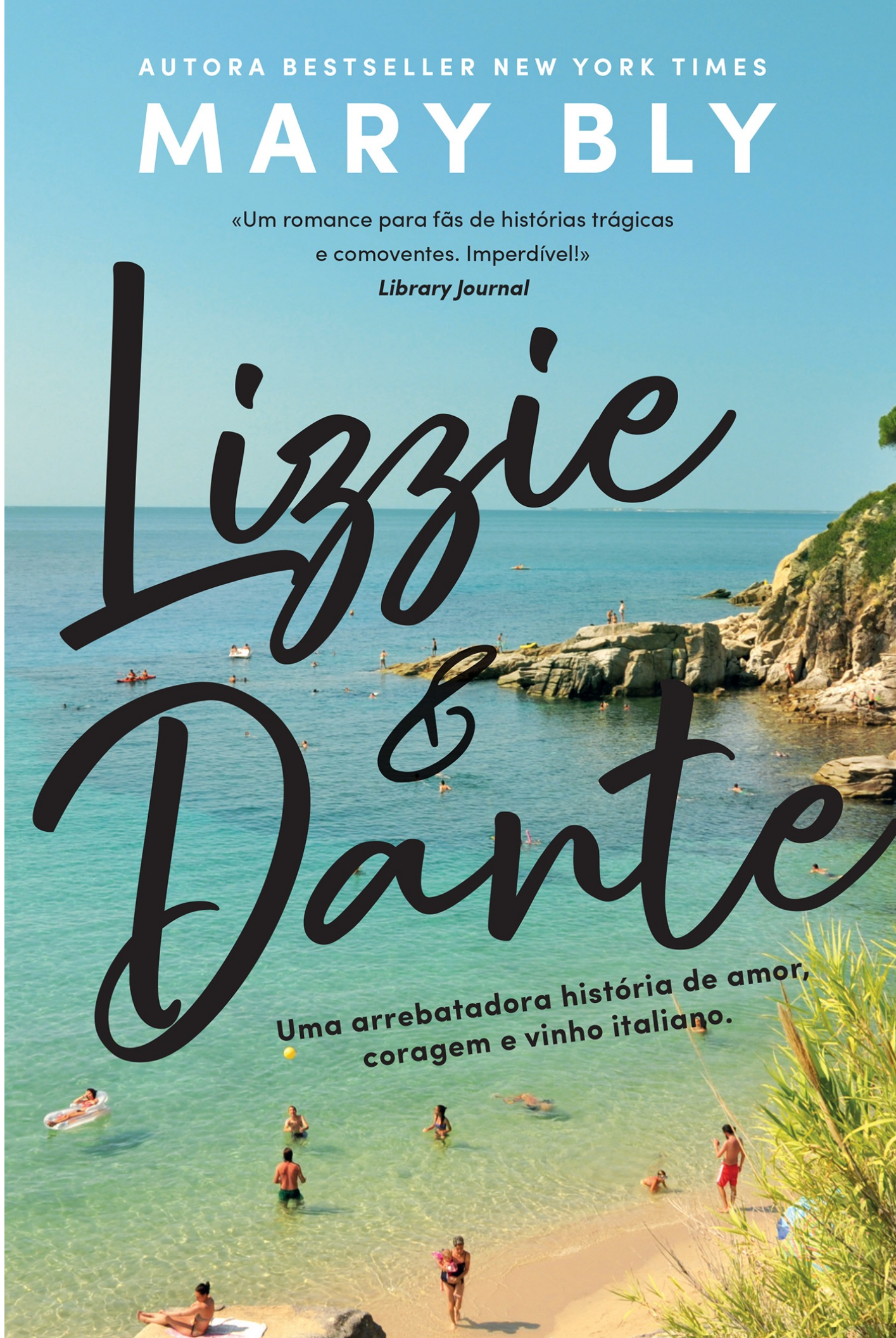
MARY BLY

«Um romance para fãs de histórias trágicas
e comoventes. Imperdível!»

Library Journal

Lizzie & Dante

Uma arrebatadora história de amor,
coragem e vinho italiano.





Ficha Técnica

Título: Lizzie & Dante

Título original: Lizzie & Dante

Autor: Mary Bly

Tradução: Maria Ponce de Leão

Revisão: Domingas Cruz

ISBN: 9789896613648

Quinta Essência

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Eloisa James, Inc. 2021

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezasseis](#)

[Capítulo Dezassete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezanove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos

Mary Bly
Lizzie & Dante



Tradução
Maria Ponce de Leão

*Para a minha amiga Rose
que fez uma viagem a Elba
e se apaixonou.*

«O que é passado é prólogo.»

A Tempestade

Capítulo Um



13 DE JULHO, 2019

O barco deslizava através da espuma azul profundo e cinza, que fazia pensar em poluentes. À distância, a ilha de Elba era um monte verde-escuro.

Elba não tem muitas alternativas. Produz um perfume chamado *Acqua dell'Elba* que cheira a flores brancas e a mar. É visitada regularmente por iates do tamanho do *Titanic*, mas é, sobretudo, por ser a ilha para onde Napoleão foi exilado com o título provisório de Imperador de Elba.

Lizzie Rose Delford escolhera viajar para Elba por causa do comentário queixoso de Napoleão, *Eu era capaz, antes de ver Elba*.

Emanava um humor negro que funcionava para Lizzie. Uma pequena frase estúpida, embora a professora de Inglês se tivesse apercebido de que «Eu era capaz» se tratava de um aforismo e de uma afirmação falsa, bem como de um palíndromo. Simétrico, bonito e significativo ao seu próprio estilo sombrio. Para Lizzie: perfeito.

Não que qualquer mulher com cancro no estágio três pudesse considerar-se «capaz».

Um braço rodeou-lhe inesperadamente os ombros.

– Rohan mandou-me cá acima para ver se estamos prestes a virar.

O barco balançava, impelido por um vento forte. Lizzie apoiou a cabeça no peito de Grey.

– Estamos bem.

– Aquela é Elba?

Lizzie assentiu com a cabeça.

– Rohan deveria saber? Gostaria de vir cá acima?

– Não. Ele está lá em baixo na cabina a fingir que está enjoado para poder fazer as palavras cruzadas do *Times* em paz. – Grey apertou-a mais, aconchegando-a na dobra do braço.

– Lembras-te daquela vez em que quase virámos no caminho para Lesbos?

Lizzie encostou-se a ele, adorando o físico musculoso e o sotaque arrastado da Geórgia de que ele nunca conseguira livrar-se, embora se queixasse de que não havia nada mais incongruente do que um homem do Sul a viver em Los Angeles.

– Sonhei com isso anos seguidos – admitiu.

Grey abriu a boca e fechou-a. Provavelmente dispunha-se a repetir-lhe que deveria enfrentar os seus demónios, mas pensara melhor. Que se lixassem os demónios dela.

Elba ampliou-se de uma forma irregular e turistas alemães que estavam no convés tiraram várias fotos com os telemóveis. A água tornou-se azul-turquesa perto da costa e pequenas cristas brancas reluziam como faíscas.

Lojas alinhavam-se ao longo do porto e, por cima, edifícios num tom de rosa enegrecido e de açafrão dispersavam-se por colinas arredondadas.

– A cidade parece tão casual – observou Lizzie, gostando da forma como as casas se empilhavam umas sobre as outras e se dispersavam por ruas estreitas.

– Os italianos não planeiam cidades – disse Grey.

Meia hora depois, Lizzie arrastou a mala pela estreita escada de metal e saiu do interior do barco deles, o *Moby-Dick*. Uma vez em terra, parou.

O cimento esburacado aos seus pés estava tão quente que parecia mover-se. O próprio ar tinha um cheiro a quente, como luz do sol tornada corpórea. Vistos de perto, os edifícios cor de açafrão eram jovialmente amarelos e cor de laranja e pareciam ainda mais desordenados.

Italianos passavam por ela, tagarelando muito alto, e os bilhetes espalhavam-se pelo chão como confetes. Talvez tivessem vindo passar o dia, pois não traziam bagagem.

Alguém reconheceu Rohan. Na verdade, um grupo inteiro de desconhecidos.

Ele sorria, dizendo-lhes provavelmente o quanto gostava de ser um *Vingador*, ou um médico da série *Serviço de Urgência*, ou, dado tratar-se

de pessoas de meia-idade, elogiando os tempos em que interpretava um jovem rebelde pertencente a um gangue bem-intencionado, que vagueava com os companheiros, exibindo as tatuagens e praticando ocasionalmente boas ações.

Lizzie assistira a alguns episódios há três anos, depois de Grey lhe ter dito que conhecera Rohan.

Não lhe disse que conhecera um ator famoso, ou uma das pessoas mais bonitas da *People*, mas apenas «conheci um homem chamado Rohan». Isso bastou para ela assistir a alguns filmes da Marvel Studios, a muitos episódios da série *Diagnosis: Unknown* e a alguns de *In the Hood*.

Grey vinha na sua direção com a mochila castanha ao ombro. Parecia a mesma de quando haviam vagueado pela Europa antes de ela fazer a pós-graduação.

– Um grupo de fãs – elucidou desnecessariamente.

– Não podes apaixonar-te por Rohan Das e esperar evitar os seus fãs – comentou Lizzie.

– Podia ter-me apaixonado por um ator de segunda.

– Sem dúvida. Com todos aqueles falhados maravilhosos em Los Angeles à escolha, e decidiste-te pelo «mais bonito».

– Não toques no assunto – reagiu Grey, dando-lhe uma cotovelada. – Ele pensou realmente que poderia conseguir ser capa este ano.

– Oh, por amor de Deus! – exclamou Lizzie, sentando-se em cima da mala.

– Ele não está mal para uma figura de Hollywood.

– Eu gosto dele – disse Lizzie. – Gosto mesmo.

Grey estendeu a mão e despenteou-lhe o cabelo.

– Gosto mesmo dos teus caracóis.

– Lá vem ele – indicou Lizzie, levantando-se.

Rohan avançava na direção deles. Com quadris estreitos e ombros largos, parecia mais alto como um herói da Marvel do que na vida real. Sob o sol italiano, a pele era de um tom mais escuro e mais quente do que a camisa de linho cor de chá que usava. Grey virou-se e os dois ficaram a

observar enquanto Rohan colocava os óculos escuros, com o casaco pendurado no ombro.

– Por que não traz bagagem? – perguntou Lizzie.

– O assistente enviou as suas coisas para o hotel na semana passada.

Lizzie tentou, mas não conseguiu imaginar ter tantas roupas que precisasse de enviá-las com antecedência.

– Ele é ainda mais bonito do que no *outdoor*.

– Estranho, não? – comentou Grey, ao mesmo tempo que um dos cantos da boca se erguia.

Lizzie entendeu. Sempre que via a publicidade de roupas íntimas de Rohan na Times Square – um bonito homem de 40 anos estendido num sofá, com boxers – tinha de lutar com o facto de que ele era uma pessoa real, e, ainda mais, que o conhecia e ia de férias com ele.

– Por que é um homem normal? – inquiriu ela.

– Porque é meu – respondeu Grey que, por regra, não expressava a sua felicidade. Então Lizzie levantou-se e beijou-o na face.

– O que é isso? – perguntou ele, fitando-a com os olhos semicerrados.

– Uma saudação à certeza, que não é o teu forte, tens de confessar.

Assim que Rohan se lhes juntou, dois homens surgiram do nada, pegaram na mala de Lizzie e conduziram-nos metade do caminho à volta da ilha até uma pequena vila composta por alguns hotéis e um punhado de casas. O hotel era baixo e branco, com persianas lilases fechadas contra o sol.

O gerente correu ao encontro deles, não para pedir passaportes e cartões de crédito, mas para oferecer vinho branco *prosecco* num pátio com sombra. Sentaram-se debaixo de um enorme carvalho a uma mesa que tinha desbotado do violeta para um tom mais suave.

Lizzie não conseguia parar de sorrir. O hotel estava muito acima do seu nível salarial, mas Grey pedira-lhe que se lhes juntasse com a desculpa de que Rohan havia discutido o seu primeiro contrato como realizador – uma nova versão cinematográfica de *Romeu e Julieta* – e ela era uma

professora universitária versada em Shakespeare. Longe ia o tempo em que Lizzie podia ter-se sentido ofendida por uma generosidade tão óbvia.

Pensou no assunto. Não, ela teria aceitado as férias, mas sugerido Paris em vez de Elba.

Depois de serem conduzidos aos seus quartos – paredes caiadas, parapeitos de janela cor de lavanda, flores frescas –, Lizzie tomou um duche e desfez as malas, optando por um vestido curto de linho cor de framboesa que quase parecia igual ao hotel, antes de regressar ao pátio.

Grey e Rohan já lá estavam. Rohan tinha um exemplar de *Romeu e Julieta* enfiado na dobra do *Times*.

– Sempre quis realizar Shakespeare – disse-lhe ele. – Pretendo dar relevância a Romeu, sabe? Interpretei Mercutio no secundário e a maioria do elenco não entendeu. Soube naquele momento que um dia faria da peça tudo o que ela poderia ser.

Quando estavam juntos, Lizzie tinha tendência a esquecer que Rohan era uma estrela de cinema. Ele nunca se exibia. Mas, quando centrou a atenção nela, os contornos do seu rosto ressaltaram e ela viu-se a assentir com a cabeça sempre que ele fazia uma pausa.

– Roh não está apenas a realizar – elucidou Grey, semicerrando os olhos na direção de Lizzie. – Está a escrever um novo guião.

– Tenho de fazê-lo para o tornar relevante, certo? – disse Rohan. – Sem ofensa, Lizzie. – Folheou o livro que estava sobre a mesa e colocou-lhe a mão em cima, como se estivesse a pregá-lo à madeira. – Grande escritor, mas esta linguagem não funciona. Grey acha que posso ter problemas para escrever o guião.

– Escrever é uma arte – comentou Grey.

Esta era a resposta cansada que dava a leitores aleatórios quando lhe diziam que também eles planeavam escrever um *best-seller* assim que tivessem tempo.

– Eu durmo com um autor de *best-sellers* – salientou Rohan, sorrindo. – Estou em vantagem sobre esses pobres coitados.

– Dormir com Hitchcock não me tornaria um melhor escritor de *suspense* – replicou Grey, mas estendeu a mão e apertou o joelho de

Rohan.

– Será o teu próximo enredo – disse Lizzie, sentindo-se a mais. – O fantasma de Hitchcock seduz aspirantes a guionistas e aprimora-lhes os argumentos enquanto dormem.

– Quis dizer que tenho Grey para ajudar – replicou Rohan. – E tenho-a a si, Lizzie, uma verdadeira professora de Shakespeare. Tenho ansiado por este projeto a vida inteira. É a minha oportunidade de cravar os dentes em algo profundo, com *substância*.

– Leu alguma outra peça de Shakespeare? – perguntou Lizzie.

– Claro. Na verdade, estava a ter uma aula de elocução, a trabalhar em *Otelo*, quando O. J. começou a acelerar, tentando escapar por aquela autoestrada em Los Angeles. O meu professor adorou.

Adorou?

– Não tive tempo de reler *Otelo* desde então, mas a peça prendeu-me. Apareceu Iago, um indivíduo branco de falas mansas, enlouqueceu Otelo e convenceu-o a matar a mulher.

– Lembra-se da peça como sendo sobre Iago?

– Sim. Ele levou Otelo a fazê-lo. Enlouqueceu-o.

Na opinião de Lizzie, cada peça de Shakespeare assemelhava-se a um caleidoscópio: podia-se abaná-la e desenvolver um argumento totalmente diferente de cada vez.

– Que tal discutirmos *Romeu e Julieta* depois de acabar de relê-lo?

Rohan assentiu com a cabeça.

– Só preciso de atender uma chamada do meu agente.

– Não demores muito – disse Grey, roçando o ombro de Rohan com o seu. Não um beijo, porque estavam em público, mas ainda assim um gesto terno, concluiu ela, observando o rosto de Rohan a relaxar.

*

– Descobri este hotel – disse ela a Grey no início da noite, enquanto esperavam que Rohan parasse de falar com estranhos. – O pessoal do iate aloja-se aqui. – Estavam sentados na sala, excessivamente decorada e

pontilhada com conjuntos de sofás baixos e estátuas de bronze de antigos etruscos esguios.

Grey olhou em volta, com um ar impassível e desinteressado.

– Não parece haver uma preponderância de boas linhagens aqui. Provavelmente o resultado de gerações de homens poderosos que casaram com as mulheres mais bonitas que puderam encontrar.

– Conto quatro adolescentes e nenhum tem acne – observou Lizzie. – Muito menos quadris protuberantes e uma aparência de cachorro abandonado.

Grey encolheu os ombros.

– Acne não foi o meu maior problema enquanto crescia. Não me lembro de ti com borbulhas.

– Devo ter uma gota de sangue náutico em mim. – Como ela não tinha ideia de quem era o pai – nem a mãe tinha – sempre se sentira à vontade para especular sobre a sua ancestralidade.

– O hotel fez muitas promessas sobre Roh ter espaço para respirar sem que as pessoas o incomodassem – comentou Gray.

Rohan voltou com a notícia de que havia encontrado uma velha amiga.

– Estudámos juntos quando eu era criança, em Bournemouth. Chama-se Ruby. E imaginem que agora é maquilhadora.

Lizzie olhou para o lado. Uma mulher bonita de cabelo encaracolado e um queixo pontiagudo acenou e ela correspondeu.

– Filme ou moda?

– Normalmente filmes, mas agora está a trabalhar num iate – respondeu Rohan, sacudindo a cabeça na direção de um canto a abarrotar de pessoas mais bonitas do que nos Óscares. Pegou na água com gás que Grey havia mandado vir para ele. – Saúde.

– Como se saiu com *Romeu e Julieta* esta tarde? – perguntou Lizzie.

– Não lhe peguei – admitiu Rohan. – Fiquei preso durante horas às voltas com o maldito guião do meu próximo filme para a Marvel. Raios me partam se o Capitão Britânia beijar novamente o traseiro do Capitão América. Eles prometeram dar-me o meu próprio momento.

– Não me disseste que a Marvel poderia beijar o *teu* traseiro? – O empregado trouxera-lhes uma travessa de *hors d'oeuvres*: azeitonas, pizzas minúsculas e rolinhos de presunto equilibrados em medalhões de melão. Lizzie pegou numa piza que cheirava a alecrim fresco.

– Sim. – Rohan bebeu a água com gás. – Tive de ceder para conseguir o *Romeu*. Montes de imagens digitais, uma chatice do caraças, seis meses de filmagens, mas vale a pena porque a seguir estarei finalmente com um projeto entre mãos que pode fazer a diferença. Eles não me dariam luz verde para *Romeu* se não me compromettesse com os *Vingadores*.

– Ainda tenho pesadelos sobre ter reprovado no teste de *Hamlet* no segundo ano da faculdade – disse Grey, que havia comido um monte de azeitonas, colocando os caroços cuidadosamente de lado, dedicando-se agora às pizzas.

– Não estou preocupado em entender a linguagem. A peça está-me no sangue. Sei tudo sobre homens – afirmou Rohan – e é isso obviamente o que interessou a Shakespeare. Que tal acha o seu quarto, Lizzie?

– Maravilhoso – respondeu ela, pegando numa piza antes que Grey acabasse com todas.

– O hotel tem uma praia privada – informou Rohan, com um brilho no olhar. – Vou fazer ioga todas as manhãs, bem cedo. Estar sozinho, como não estou há anos. Passar o resto do dia a escrever o guião, o que sempre sonhei fazer durante toda a minha vida.

– Soa a felicidade – comentou Grey, num tom irónico.

Rohan fitou-o de olhos semicerrados.

– Atenção ao negativismo. Deixa de te preocupares comigo. Consigo ver o guião na minha cabeça. – Levantou-se de um salto. – Não estou com fome. Comam vocês. Eu vou correr na praia.

Viram-no afastar-se, parando para cumprimentar as pessoas de outro iate cheio.

– A que se referiu quando disse que conhece os homens? – indagou Lizzie. – O Romeu dele é *gay*?

– Achas que o convenci a trazer-te porque queria que passasses férias connosco – disse Grey. – Não foi isso. Esta produção pode ser um fracasso

fenomenal. A Marvel aventura-se em Shakespeare. Um falhanço não poderia tornar-se mais público, certo?

Lizzie fitou-o.

– Precisas de aperfeiçoar o teu jogo de cônjuge de apoio.

– Não sou a esposa dele. E conheces a minha opinião sobre as pessoas que pensam que escrever é um trabalho fácil.

– A Marvel está a convencê-lo a situar a produção no espaço sideral?

Grey abanou a cabeça.

– Stan Lee, o supremo da Marvel, amava *Romeu*. Uma das últimas coisas que fez antes de morrer foi adaptar a peça a banda desenhada. Eles estão a propor a versão de Roh como um tributo a Stan, o que não significa que os críticos deixem de atacá-lo, mesmo sem imagens digitais e licra.

– Provavelmente ainda mais – concordou Lizzie.

– Como te sentes? – quis saber Grey.

– Bem – respondeu Lizzie. – Como está a avançar o novo livro? Há muito tempo que não falamos sobre ele.

– Estás mesmo bem? – Grey franziu a testa, conseguindo parecer-se com o Atticus de Gregory Peck na cena do julgamento. Por outras palavras, uma questão importante para ele.

Não uma questão que ela quisesse aprofundar.

– Sim – respondeu ela. – O livro?

– Está em andamento. Lembras-te de quando nos mudámos para aquele primeiro apartamento em New Haven e eu passava o dia a escrever?

– Com a carpete manchada – disse Lizzie, torcendo o nariz. – Não tínhamos mobília.

– Sem mencionar o assassinato na porta ao lado. Mas o que quero dizer é que naquela época a minha mente fervilhava de ideias. Mal conseguia respirar porque muitos enredos queriam ser escritos.

– Lembro-me principalmente de tentar dar-me com estudantes da universidade, enquanto tu só querias falar sobre os fungos na casa de banho.

– Foi com os fungos que consegui o meu primeiro contrato. O terror está interligado com as pequenas coisas. Este livro não fervilha para sair, como costumava acontecer.

– Talvez devesse situar um romance num iate – sugeriu Lizzie com um aceno da mão. – Estás sempre a escrever sobre pessoas normais; que tal aterrorizares o um por cento para variar?

– No avião tive a ideia de que poderia fazer algo com esporos de mofo – reagiu ele. – Mas não está a resultar.

O empregado passou e Lizzie pediu mais piza.

– Voltando à questão dos cônjuges – começou ela, pousando o cotovelo na mesa e apoiando o queixo na mão. – Vocês vão casar-se um dia destes? Grande casamento à Hollywood com helicópteros a sobrevoar?

Grey abanou a cabeça.

– Por que não? Vocês vivem juntos há uns dois anos, não?

– Como amigo dele, o autor de *best-sellers*, que está supostamente a escrever um guião.

– Isso é uma merda – exclamou Lizzie, tentando abafar a indignação.

– Não é por culpa do Roh. Ele quer casar comigo. Está cansado de ser um super-herói e quer ser um artista.

– E amar publicamente – comentou Lizzie, acenando com a cabeça. – Escolheu as palavras com cuidado e acrescentou: – Então és tu que estás a fechar a porta. Porquê?

– Ele não está a pensar no futuro. A sua carreira acabará. O Capitão Britânia não pode ser *gay*. Acabavam-se os contratos, a *People*, os anúncios de roupa interior, não duvides.

O cansaço esticava a pele ao redor dos olhos de Lizzie. Era impossível perguntar: *Não cabe a Rohan decidir?* Gostava de Rohan, gostava ainda mais dele, sabendo que queria casar-se com o seu melhor amigo.

– Roh é dramático e emocional, e eu não – disse Gray, respondendo à pergunta que ela não fizera. – Tu e eu fugimos do precipício. Roh cai nele. Não, ele corre na sua direção.

– Corre na direção da emoção? – Lizzie não fazia ideia a que se referia Grey, talvez por estar tão cansada.

– Ele é sôfrego. Permeável. É, o que se torna ridículo, fácil de arrastar. Vezes sem conta.

Lizzie não conseguia entender.

– Inocente – clarificou Grey. – Escolher *Romeu e Julieta*, por amor de Deus. Sinto-me apavorado por ele, mas ele não. Está excitado.

– Preocupas-te em demasia – observou Lizzie. – Talvez a despreocupação seja uma característica do ator?

Grey abanou a cabeça.

– Conheci muitos nos últimos anos. São, na generalidade, uma raça endurecida. Rohan é..., tenho sorte em amar Roh. Mas o casamento é um grande passo. – Estava de pé. – Quero jantar no meu quarto.

Lizzie não acreditava, mas velhos amigos deveriam aceitar mentiras óbvias.

– Vou pedir um pouco de massa e mandá-la também para o teu quarto.

– Que tipo de massa? – perguntou ela.

Grey encolheu os ombros.

– Algo simples que te agradará. Tenho a certeza de que aqui é tudo bom.

Subiram as escadas juntos como se estivessem a dirigir-se para o mesmo quarto, mas ela virou ao fundo do corredor e abriu a porta do seu. Um silêncio encantador recebeu-a. Depois de tomar duche, sentou-se de pijama na varanda com vista para o Mediterrâneo. O serviço de quartos trouxera pasta com um molho aparentemente confeccionado com limão e um raminho de alecrim, que parecia incrível.

Viu-se a fazer perguntas sem resposta em vez de evitá-las.

Como se sentia?

Sentia-se curiosa.

Tinham existido dinossauros em Elba? Olhavam para as estrelas ou para o mar escuro?

Ao pequeno-almoço do dia seguinte, Rohan informou-os de que fizera ioga na praia ao amanhecer.

– Devia juntar-se a mim amanhã de manhã – dirigiu-se a Lizzie, tendo decidido há muito que Grey era um caso perdido.

– Está a ler o horror nos meus olhos? – perguntou ela.

Rohan fitou-a.

– Não.

– Tenho um livre-trânsito para exercício – respondeu pacientemente. Não era a primeira vez que dava a explicação. O cancro nunca pararia Rohan: ele tombaria e morreria na postura da árvore, e, por conseguinte, a explicação dela nunca parecia ser assimilada.

Conversaram sobre super-heróis enquanto comiam pão estaladiço e compota de mirtilos silvestres. Depois Grey regressou à escrita, Rohan pegou no seu *Romeu e Julieta* e Lizzie agarrou uma última fatia de pão e dirigiu-se à praia pública e não à extensão de areia exclusiva do hotel. O caminho para a praia fora construído com tábuas envelhecidas e abundava em lojas comerciais cheias de conchas pintadas para parecerem furões e bolsas tecidas de ervas marinhas. Não estavam a fazer muito negócio.

Lizzie alugou um guarda-sol que veio com uma espreguiçadeira e uma cadeira, que ela dobrou. Tinha vizinhos, mas eles circulavam cuidadosamente em torno do seu espaço quando iam nadar.

Os italianos eram muito educados.

Cães? Nem tanto.

A cadela que se aproximou aos pulos para cumprimentá-la tinha o tipo de pelo que se eriçava em alguns pontos e assentava em outros. Estava desleixada, era feia e gostava muito de lamber.

Pela maneira como dava tantas lambidelas e abanava o rabo ossudo poderia ser uma cadela abandonada ou vadia. Demonstrou uma enorme alegria depois de dar uma dentada na torrada com compota de Lizzie.

– Mas os cães abandonados – ralhou Lizzie num tom severo – não usam coleiras de veludo com o nome *Lulu* bordado.

Lulu deitou-se no chão e rolou, mostrando uma barriga com mamilos flácidos que já haviam conhecido melhores dias.

– Não simpatizo com cães – disse-lhe Lizzie.

Lulu estava demasiado ocupada a abanar a cauda na areia para se sentir insultada. Lizzie acabou por fazer festas na barriga do animal, porque lhe parecia ser um comportamento educado. Mais tarde, quando o sol mudou, Lizzie arrastou a espreguiçadeira para ficar debaixo do guarda-sol. *Lulu* também queria ficar à sombra e então saltou para cima de Lizzie e adormeceram as duas.

Tal e qual. Com as costas de *Lulu* contra o estômago de Lizzie, da maneira como os amantes dormem nos filmes. Só que *Lulu* pertencia supostamente ao guarda-sol de outra pessoa e Lizzie já não tinha amantes.

Lulu ressonou, o que era normal. Os namorados anteriores de Lizzie sempre haviam risonado. Ela sabia porque era agora incapaz de dormir com alguém na sua cama. Durante aqueles anos em que tivera companhia de homens, não dormira muito de uma forma geral. Ou nada.

Uma ressaca de adoção.

Não que Lizzie tivesse tido uma experiência desagradável a nível de acolhimento familiar, porque não fora o caso. Era uma das felizardas, cujas várias mães adotivas se haviam preocupado com a tarefa. Mas depressa aprendera que a cama de uma pessoa nunca lhe pertencia verdadeiramente, porque a qualquer momento uma assistente social nervosa podia aparecer num carro velho, com três crianças que acabariam na «sua» cama, enquanto ela tinha de mudar para o sofá.

Era tão óbvio que *Lulu* não se preocupava com esse género de coisas que até mesmo o subconsciente absurdo de Lizzie finalmente aceitou.

Uma hora depois de adormecer, acordou com a sensação de pânico de que não respeitara a hora da medicação. Poderia ser assim? Não. Às vezes, só o facto de se lembrar que tomara os comprimidos ajudava. Antes da sesta, tinha engolido um com água com gás.

Um homem sentado encontrava-se entre o seu guarda-sol e o mar, onde as crianças costumavam brincar, a ler. Lizzie sentou-se, deixando cair *Lulu*.

– Desculpe – disse, não com muita calma. – Esse é o meu livro.

– Essa é a minha cadela – reagiu ele, olhando para cima. Estava tão desalinhado como *Lulu*, com o cabelo escuro desgrenhado pela areia e pelo vento, e o nariz tinha uma marcada curvatura, como se tivesse lutado. A barba era curta, mas, mesmo assim, era uma barba.

Lulu lambia-lhe a orelha e então ela achou que ele tinha razão.

– *Romeu e Julieta*, hein?

Lizzie acordava sempre irritada, ainda mais desde que tomava tantos medicamentos. O sono retesava-lhe as maçãs do rosto e impossibilitava um sorriso.

– Sim – anuiu sem entusiasmo. Agora ele recitaria um ou dois versos, ou confessaria que nunca compreendera o Bardo. Ou que o seu professor do quarto ano lhe salvara a vida.

Ele citou *Macbeth*.

Pelo menos não citou *amanhã e amanhã e amanhã, arrasta-se neste ritmo mesquinho dia a dia*. Agora que não lhe restavam muitos amanhãs, Lizzie perdera toda a paciência para a reação lamentosa de Macbeth ao suicídio da esposa.

– *Está viva?* – prosseguiu ele a citação com um sorriso. – *Ou é algo que o homem possa questionar?*

– Perguntas estão fora de questão – disse ela, puxando os óculos de sol sobre os olhos. – Pareço-lhe uma bruxa? – Uma pergunta estúpida. – Não responda – acrescentou. – Está sentado em cima do meu chapéu?

– Não. – Ele parou de fitá-la e olhou em volta. – É um chapéu preto e pontiagudo? As bruxas de *Macbeth* não usavam roupas estranhas?

Lizzie vestira o seu biquíni novo favorito: ilhós branco bordado com flores amarelas e detalhes em croché. A rainha de Inglaterra poderia considerá-lo estranho, mas mais ninguém. Ele devia estar a tentar apanhá-la. Decerto estava desesperado.

Lizzie levantou-se. Que importavam os vinte euros que pagara pelo guarda-sol? Poderia abdicar dele pelo prazer de se livrar do amador shakespeariano que lia o seu livro.

Dirigiu-lhe um sorriso, sem um mínimo de entusiasmo.

– Lamento, mas agora vou para o meu hotel. Posso recuperar a peça?

– Onde está hospedada?

Oh, que maravilha! Era como aquelas histórias sobre países onde se era importunado para ficar no hotel de um primo de alguém, e a única maneira de identificação mais tarde era pelos dados.

– Não estou interessada em conhecer um italiano e não preciso de uma recomendação para um hotel – respondeu.

– Vivo na América a maior parte do ano – retorquiu ele.

– A América é um lugar grande.

– Reside em Nova Iorque?

– Nem pensar. – Era mentira.

Lulu saltou nas patas traseiras com um chapéu de palha cor de laranja na boca.

– Malvadinha – comentou Lizzie, mas não conseguiu conter o riso. *Lulu* abanou o rabo e recuou com um pulo.

Lizzie pôs-se de joelhos, estendendo a mão.

– Por favor, dá-me o chapéu.

Ele interferiu.

– *Lulu*.

Lulu olhou-o de lado e balançou o chapéu.

– *Lulu*.

Ela saltou até Lizzie e deixou-o cair aos seus pés.

– Bonita cadelinha – elogiou Lizzie, acariciando-lhe as orelhas. – És boazinha, não és?

– Já alguma vez...

Lizzie descobrira que a sinceridade pode ser devastadoramente eficaz.

– Por favor – reagiu, levantando-se novamente e engolindo o sorriso. – Quero ficar sozinha.

Ele levantou-se e entregou-lhe a peça, sem parecer mal-humorado, o que foi um milagre. Ou talvez isso significasse que vagueava incansável pela praia, mantendo-se sempre afastado. Devia estar na casa dos quarenta. Tinha umas belas pernas musculosas, mas não era um jovem, como os italianos que se pavoneavam com as suas minúsculas sungas.

– Devia ir almoçar ao Fabrizio’s – sugeriu ele. – É o cor-de-rosa, mais abaixo. Diga-me só uma coisa. Por que está a ler *Romeu*? Não é matéria do secundário?

– E da faculdade. Ensino Shakespeare numa universidade.

– Isso nem sequer é uma resposta. *Lua de mel de Busman*.

– O quê?

– Não leu os romances policiais de Dorothy Sayers?

Lizzie abanou a cabeça. A violência era muito bem expressa na linguagem do século dezasseis, mas, caso contrário, não. Ela nunca lera os romances de Grey, por exemplo.

– *Lua de mel de Busman* é uma frase da década de mil novecentos e quarenta que se refere a um homem que conduz um autocarro para recém-casados e sente um tédio de morte quando chega a sua vez. Porquê *Romeu*?

Lizzie encolheu os ombros e puxou o chapéu sobre os olhos.

– Acho que gosto do cheiro de gasolina e do barulho dos recém-casados.

Ele acenou com a cabeça e estalou os dedos a *Lulu*. Os dois afastaram-se ao longo da praia, enquanto Lizzie observava, para ter certeza, de que se iria embora.

Tinha um belo traseiro. Digno de admirar. Ele não olhou para trás.

O nome Fabrizio’s estava pintado com a cor rosa pálido do interior de uma concha. Era velho e estava desgastado pelo tempo e ninguém de um iate pensaria em comer lá. A sala de jantar cheirava a sal e a molho de tomate, embora as janelas estivessem abertas para a brisa do mar e os gritos das gaivotas.

Uma empregada adolescente, taciturna e com pírcingues, serviu a Lizzie um prato de polenta com molho de cogumelo selvagem. Estava crocante e

saboroso, e veio acompanhado com um pequeno jarro de vinho de Elba, que parecia branco leitoso e borbulhava levemente, como champanhe puro.

Lizzie não deveria beber, considerando a medicação que tomava. O vinho de Elba escorregou-lhe pela garganta como um prazer culpado, como um cigarro fumado na casa de banho de uma escola secundária.

Depois do almoço, entrou no mar. Uma vez fizera *brownies* que tinham um gosto tão salgado como a água do mar. Em vez de medir açúcar, medira sal e a sua mãe adotiva rira e deitara tudo fora.

Após recuperar o seu guarda-sol, observou crianças a matar alforrecas, que eram de um cor-de-rosa transparente, um tom mais claro do que as paredes de Fabrizio's. As crianças tiravam-nas da água em pequenos baldes e cavavam buracos para enterrá-las.

Passado algum um tempo, foi incapaz de continuar a assistir, pois começou a interrogar-se se as alforrecas teriam sistema nervoso central. Se assim fosse, o que sentiriam quando eram arrancadas à água salgada, onde se moviam e balançavam, e se viam enterradas em...

Não era uma linha de pensamento que valesse a pena prosseguir.

Quando acordou, as mães italianas limpavam os filhos, gritando-lhes com vozes alegres. O Sol descia sobre o oceano, formando uma bola de fogo cercada por camadas de vermelho e laranja. As sombras dos guarda-sóis estendiam-se como fantasmas de etruscos altos e magros.

Ficou a observar enquanto o Sol descia cada vez mais. A mudança entre a presença e o desaparecimento foi tão rápida... uma descida lenta e depois um mergulho.

De volta ao hotel, Rohan estava no pátio, mas não queria falar sobre Shakespeare.

– Ainda não passei do primeiro ato. – Tinha óculos tão escuros que ela não conseguia ver-lhe os olhos. – Preciso familiarizar-me.

– Porquê?

– Não me lembrava que Romeu era tão idiota. Quero que o tema do filme seja sobre a masculinidade, e Romeu pula no palco, lamentando-se por estar apaixonado.

Era verdade.

– Costumo ensinar isso como comédia frequentemente – admitiu Lizzie.
– Pelo menos na cena do túmulo. Desse ponto de vista, é muito moderno. Os irmãos Cohen adorariam.

Rohan franziu a testa.

– Quer dizer que deveria fazer com que RuPaul protagonizasse Romeu? *Oh, que disputa aconteceu aqui!* Estou a ser apoiado pela Marvel, também conhecida como Disney, portanto, vejo alguns problemas com uma no papel de herói.

– Seria divertido – disse Lizzie, começando a entrar na onda. – A primeira cena pode ser histórica. Todas as espadas e sangue... e Romeu quer almoçar?

– Sim, ele está com fome. E depois atira-se para o chão. Pelo menos, acho que é o que faz. Não se importa minimamente com a rejeição de Rosalinda. Realmente não a quer. Nada de testosterona.

– Ele é muito jovem.

– Eu disse à Marvel que Romeu estava no centro da consciência masculina moderna... e nem sequer me refiro à consciência pré-adolescente.

Lizzie sorriu e deu uma palmada no ombro de Rohan.

– Poderia mudar para *The Public Theater* em Nova Iorque. Eles encenaram *Medida por Medida* de uma forma criativa. Não se importarão com o que fizer.

Rohan fitou-a, incrédulo.

– É um filme, Lizzie. Um grande filme. – Atirou a peça para o chão. – Estou a pensar situá-lo numa escola secundária americana, talvez em Minnesota. O importante é que Romeu tem todos esses indivíduos à sua volta, os seus braços-direitos.

– Os gangues rivais acabaram. *West Side Story*.

– Não posso pensar em gangues ou vou apenas ouvir que era um terrível ator idiota aos quinze anos. Não, o meu *Romeu* é sobre homens que são

amigos, amigos de verdade, que morreriam uns pelos outros. Também não esquecerei a raça, criarei um Romeu índio e Mercutio branco.

– Interessante – aprovou Lizzie, puxando o chapéu e pensando que os seus personagens pareciam Rohan e Grey, não Romeu e Mercutio. – Vai ter de cortar muito a peça. Onde se encaixa Julieta?

– Tenho obviamente de escrever algumas cenas extras – respondeu Rohan, de olhos semicerrados. – Não será muito difícil porque consigo *ver* o que esta peça precisa.

Céus!

Altura de ir embora.

Capítulo Dois



No dia seguinte, Lizzie alugou um guarda-sol com vista para a beira-mar e para os massacres a que as crianças submetiam as alforrecas. Pagou um mês e depois pegou no seu livro *Romeu*.

Se Rohan transformasse a peça numa celebração de homens, o que aconteceria à cena da varanda? Levantou-se para dobrar a cadeira extra e inclinar o guarda-sol no ângulo desejado. Voltou com relutância para a espreguiçadeira e abriu a peça novamente.

Afinal, como era um adolescente de Minnesota? Comparado a um do Bronx?

Pousou o livro e ajustou os óculos de sol. As duas crianças mais próximas do seu guarda-sol estavam a construir algo com pedras e areia. A mãe encontrava-se deitada numa espreguiçadeira, a falar ao telemóvel. Tinha o cabelo pintado da cor de...

O assento desgastado da sanita de uma casa de banho no exterior.

Aquele queijo de cabra norueguês que cheirava horivelmente.

O tampo de cortiça da sua antiga secretária.

Nada mal. Estava destreinada. Costumava fazer continuamente trios de metáforas no tempo em que a vida era longa e ela ia escrever um romance.

Não era verdade.

Considerava muito fácil ser sincera com outras pessoas, o que provavelmente explicava por que não tinha alguém especial. Isso não significava, no entanto, que fosse sincera consigo mesma.

Nunca fizera realmente tenção de escrever um romance. Tinha planeado escrever um livro sobre a sua infância. Um livro de memórias, mais vivaz e engraçado que o *Mommie Dearest* de Christina Crawford, não que alguma vez o tivesse lido.

Um livro imaginado com cerca de três páginas, dado que mal se lembrava da mãe e não tinha histórias pungentes sobre famílias de

acolhimento. A sua garrafa de água fervia ao sol e, quando lhe pegou, espalhou areia por cima da bolsa dos medicamentos.

Abriu a peça e passou os olhos pela cena dois. Um dos problemas era que não havia ninguém mau em *Romeu e Julieta*, pronto a destruir Manhattan, um vilão como Voldemort. As três bruxas de *Macbeth* eram ouro teatral pela forma como tagarelavam sobre matar porcos e torturar marinheiros. Mesmo quando andavam de mãos dadas desajeitadamente à volta de um caldeirão.

Até que ponto seria lamechas? Se ao menos o mal pudesse ser sempre visível. Se assim fosse podia-se lutar. Podia fazer-se alguma coisa. Se ao menos o mal usasse roupas como as das bruxas e falasse em rimas.

O pior mal apareceu de surpresa. Não se fez anunciar como Voldemort, com sinais brilhantes a encher o céu noturno. Impossível fingir que se é bom tendo o próprio rosto colado na parte de trás da cabeça de outra pessoa. Ou tendo como único amigo uma cobra com cerca de três metros.

O mal entrou-te furtivamente no sangue à noite, escondendo-se, aparecendo sob um microscópio.

A morte estava obviamente por todo o lado em *Romeu e Julieta*. O túmulo abarrotava de jovens mortos no final. A morte...

Lulu saltara para cima dela e lambia-lhe a orelha antes que Lizzie se apercebesse do que estava a acontecer. Empurrou-a com força e *Lulu* caiu para trás da espreguiçadeira para a areia, a contorcer-se, e teve de a levantar numa explosão de arrependimento depois de dar uma rápida vista de olhos e confirmar que *Lulu* estava sozinha.

– Desculpa – disse-lhe, puxando o corpo peludo de *Lulu* novamente para o seu lado. – Não sabia que eras tu. Não quis livrar-me de ti.

Lulu estendeu-se, ofegante. Estava demasiado quente, a pobre cadelinha. Devia estar em casa, numa daquelas casas italianas profundamente sombrias, construídas com paredes tão grossas que o calor nunca se infiltrava. Aquele homem não devia preocupar-se minimamente com ela.

– Se fosse tua dona, estaríamos agora com ar condicionado – disse-lhe Lizzie.

Lulu arquejou um pouco mais e abanou o rabo. Não era bem um rabo. Faltava um pouco de pelo de um lado. Lizzie pegou-lhe para a examinar mais de perto.

– O que te aconteceu, *Lucy-Lu*? – perguntou. – Parece que um gato raivoso te deu uma dentada para o seu pequeno-almoço. Não foi uma boa imagem. Ou que uma criança te descascou como a uma árvore. – Os assassinos de alforrecas deviam andar atrás dela. – Ou...

As crianças eram obviamente cruéis. As suas mães adotivas tinham sido simpáticas, mas as crianças da escola sempre estiveram a par. Teria de reviver o ensino secundário para escrever um livro de memórias.

Aceite a adversidade, diziam os doentes com cancro entre si. O lado positivo do diagnóstico? Nunca mais pensar no final do secundário.

Conseguiram manter-se relativamente frescas durante mais uma hora. Quando *Lulu* arquejava mais intensamente, Lizzie despejava-lhe água sobre a cabeça. Pôs Shakespeare de lado e começou a ler um livro sobre cortesãs georgianas.

– Teria dado uma terrível cortesã – admitiu a *Lulu* um pouco mais tarde. A cadela abriu um olho. – Sou muito sensata quando se trata de dinheiro, e estas mulheres parecem viver o momento. Além disso... todos aqueles pénis.

Lulu parecia aborrecida.

Até então o livro não respondera às perguntas que queria fazer. Era de supor que a uma cortesã não lhe cabia o direito de ter uma dor de cabeça. Mas e a menstruação? Talvez na década de 1800 os homens fossem menos enojados do que agora?

Ajeitou o chapéu para que lançasse um brilho laranja sobre as páginas e dedicou um momento ao seu primeiro namorado, Jake, que tinha sido picuinhas no que se referia a fluidos corporais. Terno, mas picuinhas.

Ainda estava a pensar em Jake, e se seria justo culpá-lo pelas suas relações imperfeitas (resposta: não), quando uma sombra lhe cobriu as pernas.

Desta vez, o dono da *Lulu* trouxe uma toalha e estendeu-se aos pés de Lizzie como se fossem velhos amigos. *Lulu* ficou em êxtase e saltou da

espreguiçadeira, abanando todo o corpo.

– *Ciao* – cumprimentou ele, afastando-se o suficiente dos beijos na boca de *Lulu* para conseguir falar.

Fitava-a com um sorriso, e, por conseguinte, Lizzie correspondeu ao *ciao*. Ele não pertencia obviamente ao pessoal do iate, o que era um ponto a seu favor. Tinha o cabelo preto com fios grisalhos, mas as sobrancelhas ainda eram pretas. A maioria dos homens do hotel tinha cabelo totalmente escuro, independentemente da idade.

– Como está a ir o *Romeu*?

– Aborrecido como a lua de mel de um condutor de autocarro – confessou.

– Então por que está a lê-lo? Posso emprestar-lhe um Terry Pratchett.

Gostava de literatura fantástica satírica inglesa? Outro ponto a seu favor.

– Tenho um amigo que está a realizar uma versão cinematográfica de *Romeu*. Nunca o li como uma performance real, muito menos um filme.

– Estão a fazê-lo em pentâmetro iâmbico? – parecia vagamente alarmado. – Chumbei nesse teste.

– O seu professor obrigou-o a uma pronúncia peculiar? – Só insistia num pentâmetro iâmbico se não gostasse de uma aula. A maioria dos seus alunos era adorável. A maioria.

– Não, foi a *scuola media*. Ensino secundário para vocês – respondeu com um arrepio. – *Interrogazione*, também conhecida como humilhação ritual. Ficar de pé ao lado da carteira e ler Shakespeare em pentâmetro iâmbico até falhar uma sílaba acentuada. Há anos que tínhamos aulas de Inglês, mas ninguém conseguia entender uma palavra do que estávamos a ler.

– Parece duro.

– Quando nos enganávamos, o Mister Baldini ria à gargalhada e obrigava todos a aplaudirem o ignorante.

– Incrível – comentou Lizzie, impressionada. – Os meus alunos acham que estou a ser má se lhes exijo algo.

– Os americanos gostam de reclamar. Tenho um restaurante, por isso vejo-o a toda a hora.

– Não podem dar uma opinião sobre a sua comida? – perguntou Lizzie, sentindo-se na defensiva. Às vezes era difícil defender os seus compatriotas, mas nunca deixava de o fazer, mesmo que tivesse de mentir.

– Achem que sou mau porque não lhes darei exatamente o que querem.

– Batatas fritas? Hambúrgueres? Que tipo de comida... – Interrompeu-se porque era uma pergunta estúpida.

– Italiana – respondeu ele, sem se ofender. – Adoramos batatas fritas; apenas as confeccionamos de maneira diferente. Mas sirvo um prato todas as noites sem substituições.

Lizzie refletiu na questão.

– E os vegetarianos?

– Cozinho comida vegetariana, tendo em conta as alergias a nozes e glúten. Mas não ligo aos veganos e não faço batatas fritas por encomenda.

Ela pensou em assinalar que o restaurante talvez prosperasse nessas circunstâncias, mas provavelmente ele não ligaria.

Agora, ele estava estendido na areia, só com a cabeça à sombra do guarda-sol. Tinha uns calções de banho compridos e estampados com papoilas vestidos. *Lulu* voltou a saltar para a espreguiçadeira. Ele tinha os olhos fechados e Lizzie observou-lhe o corpo, protegida pelo seu chapéu. Exibia um belo bronzeado. Para alguém com barba – embora aparada – não era muito peludo.

– O meu nome é Lizzie – disse, passado algum tempo.

– Vai adorar o meu, professora de Inglês – reagiu ele num tom sonolento. – Dante.

Ela *adorou* mesmo.

– Se alguma vez tivesse um filho, tencionava chamar-lhe Dante, Próspero ou Lúcio.

Ele levantou a cabeça e perscrutou-a.

– Trinta?

– Trinta e dois, mas não por muito tempo.

– Mesmo que o seu aniversário fosse amanhã, restava-lhe tempo para ter o Dante, o Próspero e o Lúcio. Posso persuadi-la a evitar Dante? Ninguém consegue soletrar o nome nos Estados Unidos da América. É uma irritação.

O seu comentário casual assemelhou-se a um murro no estômago que levou a mente de Lizzie a percorrer um caminho familiar: como é que uma mulher de trinta anos podia ter sido diagnosticada com cancro? Como... afastou o pensamento. Se dois anos de tratamento contra o cancro lhe tinham ensinado alguma coisa era que não fazia sentido comparar ou sofrer pelo tempo (e filhos) que não teria.

– Não vou ter um filho chamado Dante – garantiu e bebeu um gole de água.

Dante sentou-se e fitou-a.

– Passa-se alguma coisa.

Tinha uns olhos bonitos. Na verdade, não diferiam dos de *Lulu*. Escuros e ternos. Lizzie voltou ao livro e leu algumas linhas da peça.

– Nada de extraordinário – disse ela, sem erguer os olhos.

– Ah! – exclamou ele, voltando a deitar-se. – Tenho uma filha de doze anos.

A frase dele implicaria que não tinha mulher? Era preferível que assim fosse, pela maneira como deambulava pela praia a abordar mulheres desconhecidas.

– Como se chama a sua filha?

– Etta. Então está a ensinar o pentâmetro iâmbico ao realizador?

Lizzie abanou a cabeça.

– O filme não vai ter *collants* nem longas falas. Ontem à noite ele falou em acrescentar cenas que quer escrever. Pensei que supostamente deveria levá-lo a entender a peça, mas, ao que parece, ele aprendeu tudo o que precisava enquanto interpretava um Mercutio pedrado no secundário.

Dante pôs as mãos atrás da cabeça e ergueu os olhos para o guarda-sol. Lizzie observou discretamente os seus bíceps.

– Não percebo o que há para entender – disse um pouco depois. – Apaixonam-se e depois morrem porque são adolescentes. Espero que Etta nunca seja assim tão estúpida. Preferia que ela fosse Lady Macbeth, sem os homicídios.

– Todos os *chefs* são assim tão cultos?

– As escolas secundárias italianas dividem-se entre ciência e literatura. Tirei literatura porque já estava a trabalhar num restaurante, e havia menos trabalhos de casa para me preocupar.

– Desdémona não seria uma má referência – opinou Lizzie. – Na verdade, era extremamente afetuosa. Amava Otelo pelos perigos que ele passara como soldado e escravo. Sentia pena dele.

– Não é uma boa razão para namorar, muito menos casar com alguém – reagiu Dante. – Mas percebo. Sentia pena da mãe de Etta porque ela parecia perdida, insegura, à procura de algo que eu não podia dar-lhe.

– Pena é uma razão terrível para começar uma relação – afirmou Lizzie, registando a sua falta de cônjuge. Aprendera nos últimos dois anos que o cancro tinha um brilho dourado que atraía estranhos que irradiavam simpatia. As suas antigas amigas estavam ocupadas com filhos pequenos e a profissão, e as novas que tinha feito no tratamento não eram duradouras. O cancro não significava uma boa colagem ou talvez atraísse as pessoas pelos piores motivos.

– Não era uma relação sólida; a gravidez manteve-a comigo durante nove meses e depois foi-se embora. – Levantou-se e sacudiu a areia. – É melhor voltar. Deixei um dos meus subchefes encarregado do *cacciucco*. Sopa de peixe que é um pouco complicada.

Ela ergueu o rosto e afastou as madeixas dos olhos... madeixas de um louro-claro, o dom da quimioterapia... e sorriu porque, inesperadamente, tinha feito uma amiga.

– Vai levar a *Lulu*?

– Ela sabe o caminho para casa – acenou com a cabeça na direção da praia. – Devia vir jantar. Onde está hospedada?

– Bonaparte.

Dante ergueu uma sobrancelha.

– Chique.

– Cheio de piolhos de iate.

Os ombros dele eram suficientemente largos para bloquearem o sol e dificultar que lhe vissem os olhos, mas deu uma gargalhada.

– Tipo piolhos do portão? Passageiros que se atropelam e tentam entrar num avião antes dos outros?

Lizzie assentiu com a cabeça, gostando da forma como o riso lhe subia da barriga.

– Poderia ir, mas tenho dois amigos comigo.

– Três pessoas para a Lizzie às vinte e trinta. Meus convidados...

Afastou-se quando ela ia perguntar o nome do restaurante dele, o que provavelmente significava que se chamava Dante's. Tentara desfrutar de toda a beleza do pôr do Sol da noite anterior e falhara. O traseiro dele era mais apetecível.

Que porra!

Assemelhava-se ao falhanço de não ter relido *Romeu*. Era tão trivial no final da sua vida como tinha sido no meio. Não queria ler os grandes escritores, embora Shakespeare tivesse sido o seu ganha-pão. Queria ler Terry Pratchett, comer sopa de peixe e apreciar traseiros italianos.

*

De volta ao Bonaparte, leu sobre cortesãs durante algumas horas antes de descer para o pátio no final da tarde. Grey estava sentado a uma mesinha, a fazer as palavras cruzadas do *Times*.

Arrastou uma cadeira e ofereceu-lhe um copo de água. Ela serviu-se de um copo de vinho *Elba* em vez disso.

– Quanto tempo achas que se leva para te tornares alcoólico? – perguntou ela. – Ou melhor, um bêbado. Seis semanas em Elba chegam?

– Ao meu pai levou a maior parte da vida – respondeu Grey. E acrescentou: – Vodca. Limão. – Ergueu o rosto. – Estás a ficar com uma cor fantástica.

– Bronzeadíssima – ironizou ela – Acho que se adequa ao meu novo cabelo. – As suas madeixas destacavam-se à volta da cabeça como uma

auréola, muito mais sofisticada do que qualquer coisa a que aspirava antes. – Já foste até à praia?

– Não sou um animal social – respondeu Grey, o que não a surpreendeu.
– Em Los Angeles, ninguém quer saber se passo todo o meu tempo dentro de casa, mas aqui a empregada insistiu em abrir as cortinas, por isso vim cá para baixo.

– Como está a correr os esporos de fungos?

– Não resultou. Agora estou a pensar em pântanos, mas não consigo concentrar-me.

Lizzie bebeu outro gole de vinho, porque conhecia o som de problemas vindo pelos trilhos como um motor a vapor. Como a flecha de uma besta carregada. Como...

– Como vai o teu tratamento? Quando é a próxima TAC?

– Ainda estou a tomar os comprimidos – respondeu ela. – A nova quimioterapia. Talvez esteja a resultar. Não sei dizer.

– Está a resultar – garantiu Grey com um forte aceno de cabeça.

– Não me provoca queda de cabelo, nem tenho dor de dentes, mas sinto-me como se estivesse entorpecida – tentou explicar. – Já sem estar a morrer, mas também sem viver. À espera. Não é uma cura, Grey.

Não suportava o olhar do amigo e desviou o rosto para as folhas espessas sobre a sua cabeça.

Mantiveram-se em silêncio enquanto algumas pessoas passavam por eles e saíam do pátio.

– Quem me dera conseguir dominar a tristeza – disse ela finalmente.

– Farias de maneira a que não sofresse por ti?

Parecia irónico, em vez de desgostoso ou zangado. Grey era assim. Mesmo quando ela recebera o diagnóstico e se sentira revoltada com a injustiça, ele nunca se zangou. Só estava preocupado.

– Talvez?

– Não admira que seja tão difícil escrever a porra deste livro. – Fez-lhe uma espécie de sorriso. – Estou lá em cima a pensar se um enxame de

moscas é horrível, e tu estás casualmente a sugerir que te arranque da mente. Horrível por definição.

– Não foi o que pretendi dizer. As moscas são nojentas, mas não assustadoras. – Deu-lhe um pequeno pontapé por baixo da mesa, pois já dera apertos de mão compreensivos que chegassem para uma vida.

– Podes ter-me desencantado de todo o género de escrita. O meu agente vai matar-te.

– Não vou discutir isso – replicou ela, sorrindo apesar de tudo, porque a única pessoa no mundo que não queria largar era ele. Ele sabia-o bem.

Rohan veio por trás dela e atirou *Romeu* para cima da mesa enquanto se sentava.

– Já acabou de ler a peça?

Parecia magoado.

– Não gosto de *Romeu*. Fui até à praia, mas não consegui encontrá-la.

– Aluguei um guarda-sol na praia pública – esclareceu Lizzie. – O que foi divertido, porque conheci um *chef* e fiz uma reserva no seu restaurante para esta noite.

Rohan estava claramente de mau humor.

– Aí está outra coisa. Vim para esta ilha por causa da comida de Nicola Moretti, e estes idiotas só conseguiram arranjar-nos reserva para uma noite. – Abanou a cabeça na direção do hotel. – Em Los Angeles posso ir a qualquer restaurante, em qualquer noite.

Lizzie achara estranho quando Grey informou que Rohan queria ir a Elba. Teria imaginado os dois em Capri.

– Temos uma reserva esta noite para as vinte e trinta – disse Lizzie, fazendo um esforço para não soar como se pensasse que Rohan estava a agir como um idiota convencido e sem conseguir. – Embora o nome não seja Nicola.

Ele torceu o nariz.

– Desculpe. Onde vamos?

– Ele nunca chegou a dizer. Acho que vou perguntar na receção onde cozinha um indivíduo chamado Dante.

Acabou de beber o vinho, sentindo-se um pouco tonta.

– Primeiro, a sesta.

Grey levantou-se. Faria trinta e quatro anos dentro de exatamente um mês e, na opinião de Lizzie, nunca parecera melhor. Alguns homens tornavam-se mais atraentes e Grey tinha maçãs do rosto proeminentes, uns olhos azul-marinho e um corpo que parecia...

Desviou o pensamento.

Rohan levantou-se preguiçosamente, pôs uma mão à volta do pescoço de Grey, atraiu-o a si e beijou-o, apesar de estarem em público.

Queria sem dúvida casar com Grey. Publicamente. Como ela o tinha feito, há anos.

Lizzie baixou os olhos para a mesa.

– Devemos todos ir dormir a sesta – declarou Rohan num tom de voz aveludado de antecipação.

Lizzie balançou os pés e ficou sentada um momento, reunindo forças para se levantar. Rohan já se dirigia à porta sombreada do hotel. A grande mão de Grey surgiu sob o seu cotovelo e ajudou-a a levantar-se.

– Vamos, meu botão de ouro.

– Não sou uma florzinha. – Tinha um nó na garganta. Não conseguia livrar-se da emoção tão depressa como ele.

– O teu cabelo parece um botão de ouro.

A súbita gargalhada de Grey ecoou no pátio e Lizzie apertou-lhe o braço. Tinha o riso mais irritante que alguma vez ouvira. Quem queria viver com isso para toda a vida? Casar-se com aquele riso? As mãos dele deslizaram pelo seu braço, enroscou os dedos nos dela e deu-lhe um puxão.

– Não me parece que o vinho te faça bem.

Lizzie levantou os óculos de sol e fitou-o.

– Já discutimos isso.

Rohan aguardava na ombreira da porta, parecendo uma figura de revista.

– Ele é demasiado famoso – comentou Lizzie maldosamente. E pouco depois: – Desculpa, foram os ciúmes a falar. Ele é fantástico. São fantásticos juntos. Tens mesmo de casar com ele. Importas-te que fiquemos aqui por um momento? – Encostou a cabeça ao ombro de Grey e Rohan desapareceu, provavelmente atraído por alguns fãs.

– Em que programa entra o *chef*, aquele que entusiasma tanto o Rohan? Grey apertou-lhe o braço.

– Programa?

– Obviamente não o *Hell's Kitchen*, mas o *Top Chef*? *MasterChef*? *Chopped*?

Lizzie costumava ser presenteada com o olhar atordado de Grey quando as pessoas falavam de cultura *pop*. Agora podia nomear um autor de romances e adicionar-lhe mais dois. Tornara-se uma especialista em ópera espacial, das séries de ficção científica *Firefly* a *Blue Aliens*. Os *reality shows* apanharam-na na primeira ronda de quimioterapia.

– Referes-te a Nicola Moretti – disse Grey, percebendo finalmente. – Não faço ideia. O restaurante dele fica a um quarteirão do nosso apartamento em Nova Iorque, por isso o Roh salta o pequeno-almoço e o almoço e janta lá todas as noites quando está em Nova Iorque. O problema é que Moretti não sai da cozinha para conversar com os clientes na sala de jantar, como os outros *chefs* fazem. Roh espera conseguir conhecê-lo pessoalmente aqui.

Rohan racionava as refeições como uma pessoa em tempo de guerra, porque estar na casa dos quarenta e ser o homem mais *sexy* vivo tornava-se incompatível.

– Interroguei-me porque quis vir a Elba.

– Acho que o Pancetta Blu tem duas estrelas – disse Grey.

– Presunto azul? Esse tal Moretti deu o nome de presunto azul ao restaurante?

– Não, deixa-me pensar. Significa Príncipe Azul em inglês.

– *Principe Blu* – adivinhou Lizzie.

– Aprendeste italiano às minhas escondidas?

A amiga encolheu os ombros.

– Um pouco. Passei muito tempo sentada.

– Tenho a certeza de que o *chef* que conheceste será tão bom como Moretti.

– Claro.

Lizzie respirou fundo. Sentia-se como o autoclismo de uma sanita. Como uma pulga que ia pelo cano abaixo. Como um gato a tentar atravessar um riacho.

Ok, péssimas comparações.

– Está na hora de te ir deitar – disse Grey, que sabia sempre quando ela batia no fundo. – Vou mandar que te levem umas torradas.

– Não almocei.

– Céus!

Capítulo Três



Outra sesta a que se seguiu uma mistura criteriosa de medicamentos permitiu que Lizzie se levantasse novamente. As bandejas repletas de *prosecco* circulavam por todo o lado quando ela desceu as escadas às vinte e quinze. Rohan e Gray estavam no canto que haviam reivindicado como seu e falavam animadamente sobre penicos.

– Se Rohan se levantar para ir à casa de banho, será inevitavelmente obrigado a parar antes de poder chegar ao outro lado da sala. Sugeri que lhe arranjassemos um penico – explicou Grey. – No século dezanove, as pessoas urinavam diretamente para um penico sem se mexerem das cadeiras.

– Não. Faziam-no atrás de um biombo no canto da sala – arguiu Lizzie.
– Ou contra a parede...

– Como sabes?

– Romances históricos – respondeu ela presunçosamente. – Também num livro sobre cortesãs que me provoca sempre sono, mas está cheio de detalhes interessantes.

– Tenho ótimas notícias – disse Rohan a Lizzie. – Iremos ao restaurante do Moretti depois de amanhã e temos uma reserva para a próxima semana. Ele é muito convencional em Nova Iorque; nada de fotos da comida, nem contacto com os clientes. Tenho a certeza de que aqui é mais informal. Direi a Moretti que degusto a sua comida todas as noites em Nova Iorque e arranjo pelo menos mais três ou quatro reservas.

– Muitos *chefs* têm restaurantes em dois países? – interessou-se Lizzie.

– É muito comum entre os *chefs* italianos. Ou se é dono de um restaurante, ou trabalha-se como subchefe em Nova Iorque durante o inverno, para em seguida voltar a casa no verão, gerir o próprio restaurante e cozinhar o que se quiser. É esse um dos motivos do meu entusiasmo para experimentar a sua comida aqui.

– O *chef* que conheci só cozinha um jantar por noite.

– Uma mesa?

– Não, um único prato. Não há escolhas.

– Suponho que não tenha clientes suficientes para justificar o fabrico de muitos pratos. Segundo o gerente, a maioria dos iates para neste porto apenas para comer no restaurante Moretti's. Fazem reservas com meses de antecedência, e é por isso que não podem receber-nos lá esta noite.

– Descobriste onde trabalha o teu *chef* misterioso? – perguntou Grey a Lizzie.

Rohan fitou-a de olhos semicerrados.

– Não sabemos onde fica ou o que serve. Talvez seja melhor ficarmos aqui.

– Se detestar o menu, os dois podem ficar. Comerei onde quer que seja e juntar-me-ei a vocês mais tarde. – Levantou-se antes que ele pudesse responder e dirigiu-se à receção.

– *Buona sera, signora* – trinou uma jovem de vinte e poucos anos chamada Giordana. – Em que posso ajudá-la?

– Esta manhã, na praia, conheci um *chef* que teve a gentileza de me fazer reservas no seu restaurante para esta noite, mas não lhe perguntei o nome.

– Lembra-se de algo sobre ele? – inquiriu com um sorriso encorajador. – Somos uma pequena aldeia. Tinha um bigode comprido?

– Não. O seu nome era Dante. Julgo que o restaurante dele pode ser apenas para moradores locais. – Lizzie baixou a voz. – Disse-me que não se preocupa em preparar mais do que um prato por noite. Acha que deveria ir por conta própria e deixar os meus amigos para trás? Apenas preciso de saber como encontrá-lo.

– Não, não, eles vão gostar – assegurou Giordana, com um enorme sorriso. – O restaurante fica a pouca distância, à esquerda da rua. Não tem nome e está um tanto delapidado... o presidente da câmara continua a ameaçar multar Dante se ele não renovar..., mas não podem deixar de ir.

Ela e Grey saíram para o pátio e esperaram que Rohan se desembaraçasse de estranhos. Em seguida, passaram sob o arco que levava

à rua por onde caminharam descontraidamente.

A estrada terminava num prédio baixo com um pátio sombreado por faixas de lona branca enfeitadas com luzinhas. Cinco ou seis mesas estavam espalhadas em torno de um espaço demarcado por tábuas desbotadas que antes haviam sido pintadas de azul. À medida que se aproximavam, Lizzie viu que o prédio era uma grande cozinha, cuja luz se derramava de uma comprida janela para o pátio.

– Lembro-me de um lugar como este no México quando estava a filmar *Hotheaded* – disse Rohan. – Uns tacos fantásticos. – Parecia mais animado.

Foram recebidos à porta do pátio por uma italiana de meia-idade bem provida. Olhou os três de cima a baixo antes de perguntar:

– Signora Lizzie?

– Sim, sou eu, obrigada – confirmou Lizzie. – Tenho uma reserva para três às vinte e trinta.

– São vinte e cinquenta.

– Dispensou a nossa mesa?

A italiana estreitou os olhos.

– Nunca dispensamos uma mesa.

– *Signora*, por favor, desculpe o nosso atraso – disse Rohan. – O aroma está a fazer-me desmaiar de fome.

Ela não pareceu reconhecê-lo.

– Nada de telemóveis, nem fotos – afirmou ela. – Em nenhuma circunstância. A comida é para comer, não para partilhar, e podem falar com as pessoas da vossa mesa, mas não ao telemóvel.

Foram conduzidos a uma mesa do lado de fora da janela que dava para a cozinha.

– A melhor mesa da casa – declarou Grey, com um erguer de sobrancelhas para Lizzie. – Deves ter causado uma boa impressão ao *chef*. Ficas ótima com aquele fato de banho de croché. Afinal, que idade tem Dante? – Virou-se e olhou pela janela da cozinha.

– É o que está no meio – indicou Lizzie.

A cozinha estava ocupada por três pessoas que nesse momento se encontravam de costas para a janela. Parecia um local de trabalho tranquilo.

– Estão a tocar a banda sonora de *Meia-Noite em Paris* – observou Rohan.

– Sidney Bechet – disse Grey.

Lizzie concordou:

– *Si tu vois ma mère!*

– Céus! Odeio quando vocês fazem isso – disse Rohan. – Mas, como estava a sorrir, não havia problema.

Um empregado de mesa aproximou-se com folhas de papel e colocou-as na mesa com um floreado.

Lizzie observava a cozinha, tentando chamar a atenção de Dante para poder acenar-lhe, mas olhou para trás quando Rohan exclamou:

– Que porra é esta?

– Lamento – apressou-se ela a reagir. – Posso ficar e vocês...

Os olhos de Rohan brilharam.

– Olha para a tua ementa – observou Grey, rindo.

No topo estava escrito *Principe Blu*.

– Conheci *um* chefe – expressou Rohan. – Conheceu *o chef*! Como se tivesse uma daquelas conversas de circunstância numa festa em que alguém lhe promete um papel, mas depois descobre que conversava com Martin Scorsese.

Lizzie esboçou um sorriso.

– Sabe que me convidou para vir a Elba e até agora não conversámos sobre *Romeu e Julieta*?

– Amanhã – prometeu Rohan de forma pouco convincente.

– Esta noite pode ser o meu presente de agradecimento.

Lizzie sentiu um formigueiro nos ombros e olhou para a janela. Dante observava-os. Sorriu e acenou.

– Olá, *chef* famoso! – saudou.

– Céus! – exclamou Rohan. Rodou a cabeça, o que significava que Lizzie tinha uma boa visão do momento em que Dante avistou (quase) o homem mais *sexy* do ano. Os seus olhos foram de Rohan para Grey e para ela.

Entenda-se com isso, pensou ela, e sorriu-lhe novamente. Ele acenou, depois baixou a cabeça, movimentando agilmente as mãos entre três ou quatro pratos.

O empregado de mesa pousou dois jarros grandes em cima da mesa. Tinha cerca de trinta anos, óculos sem aro, muitas tatuagens e o ar de um juiz.

– O meu nome é Augusto – apresentou-se. – O *chef* cria a ementa para acompanhar o vinho de Elba, mas a água também é uma opção.

– Não há *Scotch*? – perguntou Lizzie.

– Não – respondeu Augusto, parecendo ainda mais severo.

– Ela não bebe uísque – apressou-se Rohan a contrapor.

– Alguém tem pedidos de alterações na ementa? A cozinha pode oferecer massas sem glúten, caseiras, claro, mas o *chef* não recomenda. Há também um vegetariano *primi piatti*, se desejado.

Ao pequeno-almoço, Rohan optara por biscoitos sem glúten, explicando que, se o glúten fazia com que tantas pessoas adoecessem, devia ter algo de errado.

– De modo algum – disse ele.

– Por mim, tudo ótimo – declarou Grey.

– Eu gostaria de batatas fritas – disse Lizzie, pensando nas queixas de Dante sobre os americanos. – Com um hambúrguer.

– Não fazemos substituições da ementa, *madame*.

Lizzie encarou o prato principal de olhos semicerrados.

– *Polpo*? Isso é polvo, não é? – mimou Augusto com ambas as covinhas. – Não se importa, por favor, de fazer o pedido ao *chef* só para mim?

– Surpreende-me que não tenhas vestido aquele biquíni para vir jantar – comentou Grey, depois de Augusto se ter afastado irritado. – O que foi

aquilo? Sentes-te agressiva?

– Piada privada – respondeu Lizzie, servindo o vinho. – Saúde.

– Comprei o meu apartamento em Nova Iorque porque era muito perto do *Príncipe* – confessou Rohan.

– Não, porque não tens a cabeça no sítio – replicou Grey. – O que farás quando deixares de te preocupar com a *People*? E tiveres engordado vinte e cinco quilos e transformado em Marlon Brando?

– Um super-herói com barriga – respondeu Rohan. – Podia ser interessante.

Ainda estavam a discutir os poucos papéis que existiam para atores gordos quando um prato foi colocado bruscamente diante de Lizzie.

Capítulo Quatro



Porta do quarto da Etta Moretti,
de *The Breakfast Club*:

Porquê?

Porque estou a dizer a verdade?

Isso faz de mim uma cabra?

– Queres que leve as *antipasti*?

Etta observava a travessa decorada pelo seu Babbo. Há anos que chegara à conclusão que ele era irrealista. Por que se preocuparia tanto com a colocação de duas pétalas violeta em cima de uma mancha de molho preto, cobertas com um palito de cenoura e três sementes de romã?

– Sim. Diz à louca dessa mulher que não pode comer um hambúrguer.

Por estranho que parecesse, ele sorria. Odiava os cétricos que pediam substituições.

Etta olhou pela janela da cozinha e soltou um gritinho.

– Babbo! É o Rohan Das.

– Eu sei. Lizzie está sentada na sua frente.

– Estão juntos? Ela deve ser estragada com mimos, vivendo com um ator famoso – disse Etta. – Sabes como são essas pessoas. Ele é ainda mais bonito ao vivo. Achas que posso pedir-lhe uma *selfie*?

– Conheces as regras sobre fotografias, Etta, e também se te aplicam.

– Não deveriam. Além disso, aquele casal alemão ali no canto está a tirar... Não, a Signora Pietra caiu sobre eles como a mão de Deus. Apagou-lhes a fotografia.

– Ótimo – comentou o seu Babbo, mas não a ouvia. Estava a empratar, mas, por baixo das pestanas, olhava pela janela e, por conseguinte, Etta também olhou.

Aquela Lizzie era jovem, mas não muito jovem, o que era surpreendente, porque, regra geral, as celebridades do cinema faziam-se acompanhar de adolescentes. Além disso, não era magra. Tinha curvas. Era mais bonita do que vistosa, com maçãs do rosto e olhos normais.

– Gosto do seu vestido leve – elogiou Etta.

Babbo limitou-se a resmungar entre dentes e voltou a ocupar-se do empratamento.

As mamas da mulher adequavam-se a alguém consideravelmente mais alto. Se isso era fixe ou não, dependia se eram compradas e pagas ou apenas naturais.

Aos doze anos, Etta interessava-se pela questão do crescimento dos seios. Os seus não davam sinal, embora houvesse alguns biquinhos protuberantes sob a pele. Poderia questionar a pediatra a esse respeito quando voltassem a Nova Iorque.

Ou a sua melhor amiga, Anna, mas ela reviraria os olhos e dir-lhe-ia que pesquisasse no Google. Tinha a certeza de que coisas nojentas apareceriam como resposta a uma pesquisa dessas. Já se queimara algumas vezes e ainda pensava que poderia ter sido afastada do sexo para o resto da vida.

O Babbo servia-se de pinças para colocar grãos de pimenta vermelha na diagonal.

– Não vais fazer-lhe um hambúrguer?

– Ela está a provocar-me.

– Não podes simplesmente enviar-lhe a mesma comida de sempre que todos os outros recebem.

– A mesma comida de sempre?

– Sabes o que quero dizer – reagiu Etta, endireitando-se. – Eu vou ver como estão as coisas. O que são as *antipasti* esta noite?

– *Rombo arrosto su coulis di cachi, salsa alla liquirizia e pinoli tostati.*

– Pregado assado, numa cama de dióspiro, molho de alcaçuz e pinhões tostados? Em que estavas a pensar?

– Havia erva de alcaçuz selvagem no mercado esta manhã – disse Babbo. – Não te esqueça dos pinhões tostados. Vai lá fora, Etta.

– Não admira que ela queira um hambúrguer – murmurou Etta, certificando-se de que tinha dois pratos equilibrados antes de agarrar o terceiro.

Atravessou a cozinha, acenando com a cabeça a Augusto, que esboçou um trejeito, contente por se ver livre da senhora dos hambúrgueres. *Ele* podia ter caído na armadilha, mas ela não era estúpida. Aquela Lizzie não queria um hambúrguer.

Ainda se veria o que ela queria. Afinal, tinha Rohan Das à sua mesa.

Ele era ainda mais bonito de perto, tanto que Etta teve um irritante acesso de timidez. Pousou os pratos, puxou uma cadeira vaga da mesa ao lado e sentou-se.

– Olá!

Capítulo Cinco



A filha de Dante tinha aquela idade em que as raparigas são magras e compõem um ar cético que encobre o quanto estão a aprender sobre o mundo. O rosto ainda não estava totalmente modelado: o nariz era demasiado grande, embora o lábio inferior pudesse equilibrá-lo dali a uns anos.

– Olá – respondeu Grey, com a voz a deslizar para o sotaque do sul-americano, porque nunca soubera lidar com rapariguinhas. – Sou o Grey, esta é Lizzie e desconfio que sabes quem é Rohan.

– Sei – anuiu ela, com um olhar brilhante para Rohan. – Não que tenha visto a sua série de médico de urgência, pois o meu Babbo não me deixa ver programas que tenham mais de dois mortos por hora.

Rohan esboçou um trejeito.

– Ossos do ofício.

– Deves ser a Etta – interferiu Lizzie, com um sorriso. A filha de Dante era muito parecida com o pai, sobretudo devido ao cabelo revoltado.

Olhar de esguelha.

– O que disse ele sobre mim?

– Que eras linda, educada, uma grande ajuda para ele no restaurante, com um paladar soberbo.

Etta riu-se e de repente parecia muito mais jovem.

– O meu paladar é um desastre! Ele está sempre a dizer-me para fechar os olhos e coloca comidas diferentes na minha boca. Nunca tenho a mais pálida ideia o que são.

– Esse é o meu desafio favorito em *Hell's Kitchen* – confessou Lizzie.

– Viu o episódio em que o meu Babbo foi jurado?

Rohan interveio:

– Querida, importas-te de nos dizer o que temos aqui?

Tinha os olhos fixos no prato. Pouco apetitoso, na opinião de Lizzie, mas bonito.

Etta rebobinou em italiano e depois respondeu:

– Peixe com dióspiro e alcaçuz. Ah! E pinhões.

Rohan emitiu um som agradado e pegou no garfo.

– Sabia do alcaçuz quando encomendou um hambúrguer? – perguntou Etta a Lizzie.

A jovem tinha olhos verdes com um brilho feliz e inteligente. Dante era um bom pai.

Lizzie negou com a cabeça e espetou o garfo no molho preto e viscoso. Rohan comia mais depressa do que alguma vez desde que tinham chegado à ilha, e Grey fazia o que sempre fazia: colocar metodicamente na boca calorias suficientes para viver.

Etta pousou um cotovelo sobre a mesa e apoiou o queixo.

– Então, Rohan, como é ser famoso, tipo estar na revista *People* e assim?

– Significa que posso comer a comida do teu pai.

– Boa resposta. Eu digo-lhe isso. Mas como é realmente?

Rohan fitou-a.

– Nunca se tem privacidade. Há sempre alguém que quer vir sentar-se ao nosso lado.

– Uau! – exclamou Etta, erguendo um dedo.

Grey soltou uma gargalhada.

– O meu Babbo disse-me que viesse fazer-lhes companhia, especialmente à Lizzie porque ela lhe partiu o coração ao pedir hambúrguer.

Lizzie só estivera uma vez num restaurante com estrelas Michelin e, infelizmente, não gostara da comida nessa altura nem agora.

– Não acho nada de errado com hambúrgueres – afirmou, desistindo do molho de alcaçuz e muito mais dos grãos de pimenta que nem sequer estavam moídos. – Sou uma pagã.

Rohan apoderou-se do prato dela.

– Não se pode comer muito quando se quer fazer cinema – dirigiu-se a Etta –, mas o peixe não tem calorias.

– Pensava que era só para as mulheres. Devia ver algumas das mulheres que recebemos aqui, só pele e osso.

– Julgo que não pedem hambúrguer – suspirou Lizzie.

– Não fales ao teu pai sobre esta pagã – pediu Rohan a Etta, picando a comida de Lizzie. – Ele pode não nos deixar voltar. Diz-lhe que cada prato está vazio, porque *adorámos* a sua comida.

– Suponho que isso é uma dica de que quer que lhe vá buscar o próximo prato.

Em vez disso, Etta estendeu a mão e deitou vinho no copo de água não utilizado de Grey.

Lizzie olhou-a de relance.

– Sou italiana, lembra-se? Bebemos vinho desde que nos nascem os dentes. O vosso iate é um daqueles enormes?

– Não temos um iate.

– Que chatice! O Babbo ainda não me deixou visitar um daqueles realmente grandes, nem quando um rapaz da minha idade me convidou.

– Terás muito tempo para visitares iates quando fores mais velha – opinou Lizzie.

Etta pousou o copo com força.

– Concorda com ele!

– Concordo. E não me parece que ele permita que bebas um copo de vinho – referiu Lizzie, afastando-o.

– Estou autorizada a beber *vino-acqua* – replicou Etta, sem dar importância. – As crianças em Itália bebem vinho com água a partir dos dois anos.

– Vais à escola em Elba? – perguntou Gray.

– Não, claro que não. Ando no secundário em Nova Iorque, e quero ir para LaGuardia, mas não sou fantástica na representação, talvez vá para

Beacon em vez disso. Para a faculdade – acrescentou, percebendo que Grey não fazia ideia ao que se referia. Rohan virara as costas porque na mesa ao lado estavam fãs da série *Diagnosis: Unknown*.

– Então tu e os teus pais mudam-se para Nova Iorque no inverno? – perguntou Grey.

Etta olhou de relance para Lizzie baixando os olhos.

– Os meus pais não estão juntos. A minha mãe está em Milão.

Lizzie serviu-se de mais vinho e pegou em mais um pedaço de pão. Etta iniciou uma longa história sobre como a mãe era uma consultora de moda internacional, o que suscitou muitas dúvidas a Lizzie. Passara grande parte da sua infância a inventar histórias sobre o pai e reconheceu o estilo. Atrás do seu ombro, Dante movia-se pela cozinha com total concentração, agitando as mãos.

Parecia usar uma pinça para colocar pétalas de flores. Lizzie quase se sentiu culpada, mas alcaçuz? Com peixe?

Grey estava a fazer demasiadas perguntas sobre a mãe de Etta e Lizzie interveio.

– Querias saber como é ser famoso – disse a Etta. – É assim. – Fez um aceno de cabeça na direção de Rohan, que estava cordialmente a assinar guardanapos a duas mesas de distância.

– O meu Babbo também ficou famoso depois de *Hell's Kitchen*. Mas votou mal.

– Deixa-me adivinhar – ironizou Lizzie secamente. – Atribuiu a melhor classificação a um homem, o que levou a que mais uma mulher fosse expulsa.

– Ele não percebe – comentou Etta. – Obrigó-o a assistir às vezes, só para ele poder ver a rapidez com que a equipa feminina é eliminada, mas não vale a pena. Fica demasiado irritado em relação à cozinha.

Lizzie assentiu com a cabeça.

– Ultimamente, tem sido melhor. A equipa feminina ganha. Alguma vez o teu pai fez...

– O meu Babbo – interrompeu Etta.

– O teu Babbo alguma vez fez bife Wellington, como Gordon Ramsay faz? Tenho curiosidade em saber qual é o sabor.

– Não – respondeu Etta, mas em seguida os olhos brilharam. – Mas faz vieiras constantemente.

Rohan voltou a sentar-se.

– As vieiras do teu pai são fantásticas.

– Se me contasse alguma fofoca, poderia vendê-la a um *website* e ganhar quinhentos dólares – sugeriu Etta.

– Não sei nenhuma – retorquiu Rohan.

– Então não está numa relação com a Lizzie? – Os olhos de Etta eram demasiado inocentes.

– Não estou com ninguém, e não desejo estar – declarou Lizzie firmemente. – Rohan vive em Los Angeles e eu vivo em Nova Iorque. Estou em Elba porque Rohan vai realizar uma nova versão cinematográfica de *Romeu e Julieta*, e eu sou uma professora que leciona Shakespeare.

– Tivemos de fazer um teste sobre isso no ano passado – disse Etta, torcendo o nariz. – Argumentei que a linhagem de Romeu acabou devido a pura idiotice, e consegui um B. Consegue arranjar-me bilhetes para o musical *Hamilton*? – perguntou ela a Rohan. – Participei quatro vezes num sorteio, mas nunca ganhei. Sou, tipo, a única pessoa no mundo que não o viu.

– Não.

Um grito vindo da cozinha fez com que todos se virassem. Dante olhava pela janela, com as mãos nas ancas.

– Etta!

– Tenho de ir – disse, levantando-se de um salto e sorrindo-lhes.

– Acham que se lhe promettesse bilhetes para *Hamilton* podíamos comer aqui todas as noites? – perguntou Rohan, depois de ela se afastar.

– Não – respondeu Lizzie.

Etta não lhes trouxe os *primi piatti*. Foi o empregado de mesa a fazê-lo, fitando Lizzie com uma expressão fechada ao colocar os pratos diante de

cada um.

– Não pode haver alterações ao menu, *signora*.

– Hum! – fez Rohan alegremente, pegando no garfo e na faca.

Lizzie baixou os olhos para o prato e um polvo inteiro devolveu-lhe o olhar. Não, era um polvo menos a cabeça. Ficou em pânico ao ver todas aquelas pernas, nunca se apercebera. O animal estava espalhado sobre o prato branco, com ventosas e tudo.

Era horrível.

– Queres que corte o teu aos bocadinhos? – ofereceu Grey. – Tal como uma mãe pode cortar uma sandes de manteiga de amendoim e geleia?

– Deixa estar – recusou Lizzie dignamente. Quando pensava na comida italiana, não imaginava animais inteiros arrancados ao mar e atirados para um prato.

– Cozinhado na perfeição – sussurrou Rohan. – Nunca comi *polpo* que se derretesse como manteiga sem parecer borracha. Também não tem calorias. Será que ele me deixaria investir neste restaurante? Poderia duplicar as mesas no pátio.

– Não o fará – afirmou Lizzie com segurança.

Cortou um dos tentáculos do polvo e ponderou cortá-lo em bocados mais pequenos. As ventosas eram de um castanho mais escuro do que os tentáculos.

Com uma enxurrada de latidos excitados, *Lulu* saiu a correr pela porta da cozinha e Lizzie pousou o garfo e a faca para lhe pegar.

– Olá, querida – disse ela, enterrando a cara no pelo da cadelinha.

A cadeira extra foi arrastada e, ao erguer o rosto, viu Dante sentado ao lado deles. Sem uma palavra, pegou no prato dela e colocou outro à sua frente. Depois pegou num garfo e numa faca e começou a cortar o polvo em fatias precisas.

Ridiculamente, o seu coração acelerou as batidas. Ele não era bonito, como Grey e Rohan. De forma alguma. Mas ela nunca valorizara a perfeição.

– Sou o Dante. Conheci a Lizzie na praia – apresentou-se a Rohan. – Boa noite. Em seguida, desviou o olhar para Grey, com a sobrancelha levantada.

– Pensei que se chamava Nicola – disse Rohan, parecendo tão encantado por estar sentado com Dante como os leitores da *People* quando o viam a usar roupa interior ou a licra do Capitão Britânia.

– Já havia um *chef* chamado Dante em Nova Iorque, por isso os meus investidores acharam melhor que adotasse um pseudónimo.

Grey pousou o garfo e a faca.

– É um prazer conhecê-lo. Sou Grey Thuston.

Dante não pestanejou, por isso não devia ser um apreciador de literatura de terror.

Lizzie deixou *Lulu* escorregar para o chão e olhou para o prato que ele colocara à sua frente. No meio estava um hambúrguer perfeitamente confeccionado, com batatas fritas crocantes dispostas à sua volta como os raios do Sol.

– Obrigada – agradeceu baixinho. Pegou numa batata frita salgada e levou-a à boca.

– Julguei que nunca fazia substituições – observou Grey, fazendo uma imitação razoável da voz do empregado de mesa, embora com o sotaque arrastado do Sul.

– Estou sempre a fazê-las para a Etta – admitiu Dante que continuava a ocupar-se do seu polvo. Três tentáculos retirados e o quarto prestes a sê-lo.

Lizzie não se permitiu um sorriso.

Capítulo Seis



Na manhã seguinte, Lizzie encontrou Rohan no pátio.

– Hora de *Romeu* – ironizou ela.

Rohan resmungou entre dentes, mas pousou as palavras cruzadas e pegou no seu livro. Estava maltratado, o que era um bom sinal. Ou estivera a lê-lo ou atirara-o ao chão algumas vezes.

– Cheguei ao fim. O *Romeu* não é assim tão interessante. Além disso, percebi que provavelmente serei atacado por encorajar as crianças a suicidarem-se.

Antes que Lizzie pudesse salientar que praticamente todas as pessoas no mundo sabiam o final da peça, a maquilhadora que Rohan conhecera em criança aproximou-se e sentou-se.

– Olá! – cumprimentou ela.

– Ruby! – exclamou Rohan, pousando o livro. – Esta é a minha amiga Lizzie. Lizzie, Ruby, uma velha amiga do tempo em que cresci em Inglaterra.

Ruby tinha um enorme sorriso e vestia uma *T-shirt* de *Harry, The Dirty Dog*.

– Atualmente ando com um jamaicano porque não sou fã do Brexit. Mudámo-nos para o Reino Unido quando eu tinha cinco anos. Ei! Agarrou o homem-mistério. Estava a dizer ao Roh que ninguém em Los Angeles pensa que ele tem uma vida privada.

Lizzie pestanejou, interrogando-se se poderia esclarecer que não agarrara Rohan ou se deveria encobrir a verdade. Não era um pensamento alegre.

– Ela não é minha – interferiu Rohan. – Lizzie é uma professora especializada em Shakespeare que me dá uma ajuda com *Romeu e Julieta*.

– Série ou filme? – perguntou Ruby.

– Filme. Mas até agora a peça não é tão boa como me lembrava.

Ruby respirou fundo.

– Como todos os meus exs.

– Por que não prestavam ou porque tem má memória? – quis saber Lizzie.

– As duas coisas. Não prestavam e aparentemente nunca me lembro disso a tempo de aprender a lição.

– Um pouco antes de nos mudarmos para Los Angeles tinhas aquele gajo sem queixo – recordou Rohan. – Porra! Por que não consigo lembrar-me do nome?

– Shannon – ajudou Ruby.

– Sem queixo? – perguntou Lizzie, abanando a cabeça.

– Sei disso, certo? Sem queixo, e uma péssima cama. Estava tudo debaixo dos meus olhos, mas não, tive de decidir que ele era sensível. Como Taylor Swift com barba e tatuagens.

– Podia tornar Romeu mais másculo fazendo-lhe uma tatuagem tribal – sugeriu Rohan.

– Nem pensar – opôs-se Lizzie.

– Leonardo DiCaprio daria voltas no túmulo se transformasses a sua alma sensível num guerreiro tatuado – disse Ruby. Encolheu os ombros quando Rohan franziu o sobrolho. – O quê? Tive de ver esse filme umas dez vezes no décimo primeiro ano. Nessa altura já tinhas ido embora.

– Leo não está morto – salientou Rohan.

– Devia estar, só por ser tão burro que não rastejou para aquela maldita porta à espera do resgate. Sabem quanto tempo demorou a fazer essa maquilhagem?

Lizzie riu-se.

– É demasiado jovem para ter trabalhado nesse filme!

– Parte do meu exame final do secundário foi maquilhar um aristocrata congelado do *Titanic*, portanto, estou muito convicta.

– Prefere filmes ou pessoas reais? – Lizzie acenou com a mão em direção a um grupo de ocupantes de iates que se encontrava do outro lado

do terraço.

– Na maior parte do tempo ocupo-me com filmes ou televisão, mas gosto de escapar, por isso a minha agência arranja-me trabalho «como isto».

– O que é «isto»? – perguntou Lizzie, curiosa.

– Maquilhagem de beleza – respondeu Ruby. – Um deles arranjou uma namorada Negra, por isso contrataram-me.

– As pessoas do iate já são bonitas por definição.

– Sim, mas querem sempre melhorar.

– Melhorar – repetiu Lizzie. – O que é isso? Tipo, o que me faria?

– Está a dizer-me que nunca se maquilhou? – Ruby parecia totalmente surpreendida. – Que idade tem?

– Trinta e dois – respondeu Lizzie. – As professoras de Shakespeare não fazem esse género de coisas. Exceto, talvez, quando se casam. – Torceu o nariz. – Não, nem mesmo nessa altura.

Ruby inclinou-se para a frente e examinou a pele de Lizzie.

– Sabe a sorte que tem, certo?

Rohan emitiu um grunhido, mas Lizzie ignorou-o e limitou-se a sorrir.

– Claro.

– Toda essa gama de cosméticos *English Rose* adaptados à sua pele, e esse cabelo. – Estreitou os olhos. – Isso é cabelo de quimioterapia.

Lizzie tossiu, surpreendida.

– Ainda a lutar contra isso? – Os olhos de Ruby não demonstravam um mínimo de compaixão. Nem sequer de simpatia.

– Sim, mais ou menos.

– Estamos todos lá, certo? Mais ou menos.

– Também?

– Sou um pântano químico líquido – afirmou Ruby com um nítido toque de orgulho. – Graças ao cancro da mama. Já descobriu as boas notícias sobre isto?

– Quais são?

– Podemos comer todos os *Twinkies* de chocolate que quisermos. Está a ver a minha pele? – Deu uma palmadinha nas maçãs do rosto. – Nem uma rosácea ou uma mancha. Nada disso. Nada, desde a sobrecarga química. – Na verdade, a sua pele era impecável, tinha o brilho das estátuas etruscas de bronze do hotel.

Rohan pousou o jornal.

– Ambas deviam fazer ioga comigo.

– Oh! Nem pensar – recusou Ruby.

Lizzie sorriu.

– Gosto de si.

– É incrivelmente bom para ti, o melhor antioxidante de sempre – argumentou Rohan. – Esta manhã não resultou porque as pessoas estavam à espera na praia, mas os funcionários do hotel dizem que há um sítio no telhado que ninguém conhece.

– Sim. ... *Não* – disse Lizzie.

– Talvez ao final da tarde?

Ruby levantou-se e dirigiu-se a Lizzie:

– Já reparou como os homens simplesmente não se ofendem com um «não» ao contrário das mulheres?

– # *MeToo* – reagiu Lizzie.

– Nem sequer me refiro a isso, mas apenas à falta de drama nos homens e que acaba por originar uma «festa da salsicha». Até mesmo as dos *gays*.

– Céus! – exclamou Rohan. – Já percebi. Nada de saudações ao Sol.

– Minhas senhoras! – exclamou Ruby e afastou-se.

– Ela acabou de descobrir a sua homossexualidade – comentou Lizzie. – Será um problema?

– Ruby é boa pessoa: a mãe dela e a minha saem juntas. Também não quero continuar a manter esse segredo.

– Grey disse que quer casar com ele.

Rohan assentiu com a cabeça.

– Só preciso de o convencer. Ando a pensar nisso. E se usar a luta de espadas para tornar Romeu mais másculo? Talvez com muita coreografia.

Lizzie pensou que parecia aborrecido, mas não se pronunciou.

Rohan estreitou os olhos e acrescentou:

– Ou não. – Sacudiu-se como um cão a sair da água. – Tenho de falar com o meu agente às dez.

– Avise-me quando quiser ter outra discussão sobre a testosterona de Romeu – comentou Lizzie, já de pé, e em seguida deu-lhe um beijo na face. Na linha dos homens poderosos ele não se enquadrava nada mal.

Ele pegou no *Times*, que estava dobrado na página das palavras cruzadas.

– Sabe, há uma aplicação onde pode obter imediatamente um monte dessas – informou ela, observando-o.

– Não é a mesma coisa.

– Por que não?

– Isto é a realidade – contrapôs, erguendo o rosto. – Grey contou-lhe alguma vez onde cresci?

Lizzie levantou um ombro.

– Talvez.

– Sinto-me como se fizesse parte da merda de um trio sem sexo – murmurou ele.

– Tem sexo, e eu não – disse ela, a sorrir.

Rohan inclinou-se para diante e fixou-a com o olhar direto que o tornara famoso.

– Acredito que poderia estar a ter algum, Mistress Delford. Bastaria querer. Provavelmente seguido das melhores panquecas do pequeno-almoço que alguma vez provei.

– E a tua infância? – apressou-se Lizzie a interromper. – A tua mãe tapou com jornal os espaços entre as tábuas da parede para afastar o frio gelado, e aprendeste a ler sozinho com base nas palavras cruzadas?

Riu-se.

- Por vezes questiono-me sobre ti e Grey, e depois percebo.
- Sim?
- Vocabulário. Os meus pais falam hindi em casa e, se quisesse progredir na televisão, tinha de usar palavras inglesas, grandes; por isso fazia diariamente as palavras cruzadas.
- Faz sentido. Vou até à praia.
- Se vires um certo *chef*, podes dizer-lhe que fiquei em êxtase ontem à noite?
- Provavelmente não o verei.
- Podes acrescentar que precisas de uma boa queca.

Lizzie bateu-lhe com o seu chapéu. Depois de Dante comer o polvo na noite anterior voltou para dentro da cozinha e sempre que ela olhara através da janela ele estava a trabalhar. Acenara quando saíram e ele correspondera com um sinal de cabeça, mas fora tudo.

– Vou pensar em reforçar a testosterona nesta maldita peça e tu dizes que ele não vem à tua procura – comentou Rohan com uma risada.

Lizzie afastou-se, descendo até à praia. Talvez devesse apanhar um autocarro para outro lugar da ilha. Ouvira falar de uma praia com areia preta. Não tinha de se contentar com aquela insípida areia branca e crianças homicidas.

Mas não o fez.

Sentou-se e leu *Romeu e Julieta* até ao fim. Rohan ia precisar de ajuda com aquele último discurso de Romeu, embora houvesse uma bonita frase, «oh, meu amor, minha esposa».

Lulu saltou para a espreguiçadeira de Lizzie como se tivesse o direito absoluto de lá estar. Depois de Lizzie ter dito que não a um homem que vendia fatias de coco, a outro que vendia melancia e a uma mulher que vendia arranjos de flores enroscaram-se as duas e adormeceram.

Lizzie acordou a pensar que talvez Dante estivesse lá, mas não estava. Etta apareceu meia hora depois, vestindo apenas a parte de baixo de um biquíni vermelho.

– Esqueci-me da toalha – disse Etta em jeito de saudação e arrastou uma espreguiçadeira que estava debaixo do guarda-sol seguinte.

– Isso está alugado a outra pessoa. Podes usar a minha cadeira.

– Não está ninguém aqui e as espreguiçadeiras são melhores para bronzear. – Deitou-se, com os braços atrás da cabeça. – Caso esteja a questionar, as mulheres italianas não têm de usar os *tops* dos biquínis. De qualquer maneira, não que eu tenha algo a tapar.

– Não estás bronzuada.

– As mulheres russas não se bronzeiam – replicou Etta, despreocupada.

– A minha mãe é uma modelo de Moscovo e mata-me se eu não puser protetor solar diariamente. – Virou a cabeça. – Está a bronzear-se.

– Sim – anuiu Lizzie.

– As suas mamas são verdadeiras?

– Sim.

– Os sutiãs são prisões de mamas – comentou Etta.

– Não, se tiveres os seios como os meus. Se não tivesse começado a usar sutiãs cedo, os meus seios estariam descaídos à volta da minha cintura.

– Ontem à noite disse que vive em Nova Iorque.

Lizzie fitou-a.

– Dou aulas numa universidade de lá.

– Columbia?

– Fordham.

– Não conheço essa. Não sou muito virada para os estudos.

– É cedo para tomares essas decisões – comentou Lizzie, pensando em si própria aos doze anos. Assaltante de lojas dificilmente era uma escolha de vida.

– Não vou ser *chef*, mas posso tornar-me uma escritora famosa, como V. C. Andrews.

– Já leste *Herdeiros do Ódio*? – perguntou Lizzie, incrédula. – Com doze anos?

– Cinco vezes – respondeu Etta de forma presunçosa. – Tenho treze anos. Tipo, quase lá. A maioria dos meus colegas de turma tem treze anos e meio.

Interessante.

Lizzie tentara chamar a atenção através de roubos em lojas, talvez porque a mãe tinha morrido na prisão enquanto cumpria pena por roubo de automóveis. E drogas. Etta interessava-se por livros. Isso sugeria que o pai era um leitor.

– Ainda bem para ti – comentou num tom sério.

– Estou a pensar em ler *Lolita* a seguir.

Lizzie não percebia. Quando pensara ser mãe, imaginava um bebé adorável, não uma criança que exigisse ler sobre pedófilos.

Ainda bem que não era mãe. Definitivamente estragaria tudo.

– Fala nisso ao teu Babbo – observou.

– O meu Babbo *gosta* de si – disse Etta.

Lizzie virou a cabeça e baixou os óculos de sol o suficiente para poder dar uma olhadela a Etta.

– Não te armes em engraçadinha comigo. Isto não é *A Operação Cupido*.

– É um filme antigo, mas já o vi. Se fosse *A Operação Cupido*, teria uma irmã gémea – reagiu Etta. – Está ansiosa por jantar amanhã? O Babbo diz que vem outra vez.

– Claro. – Não era verdade. Sentia sem dúvida aquele interesse inebriante que acompanha uma paixoneta. Mas queria outro polvo? Não. A sopa de peixe que se seguiu estava boa, mas não gostava de retirar cascas da sua comida. Era complicado e Augusto não lhes oferecera os toalhetes com aroma a limão que tinham nos aviões.

Bem, do género dos que recebia ao viajar com Rohan, o que se traduzia em primeira classe.

– *Não* está entusiasmada para o jantar! – Era o tipo de guincho que as crianças soltam quando espreitam as suas meias de Natal.

– Não tenho paladar – confessou Lizzie.

Etta riu baixinho até que decidiu mudar de assunto.

– Babbo diz que está no Bonaparte. Por que não aproveita a praia privada do hotel?

Lizzie encolheu os ombros.

– Descobri o caminho até aqui.

– É já ali em baixo. Onde estão aqueles guarda-sóis cor-de-rosa com franjas.

Havia uma névoa rosada ao longe, como na série *Emerald City*.

– Isto é melhor porque Rohan está aqui.

– Não gosta dele?

– Claro que gosto dele. Mas os fãs não o largam como as pulgas a um cão.

– Não pensei que estivesse com ele – declarou Etta num tom presunçoso. – Pesquisei na net ontem à noite e vi montes de fotos dele com mulheres, mas nenhuma delas era você. Está com o outro gajo?

– Não.

– Nem sequer em segredo?

– Não – respondeu Lizzie.

Etta tinha agora mexericos que podia vender a um *website* – sendo a sexualidade de Rohan um segredo mal guardado –, mas parecia não se aperceber disso.

– A minha mãe gostava muito da série de urgências no hospital em que ele entra. Não perdia um episódio.

– A minha mãe morreu de cancro – comentou Lizzie sem rodeios.

Silêncio.

– Babbo falou-vos da minha mãe, não foi?

– Disse que estava a criar-te.

Lizzie começava a sentir náuseas, por isso dedicou-se a folhear mentalmente a vasta coleção de medicamentos que deixara no quarto de hotel.

– Vou voltar para o meu quarto – disse, soerguendo-se.

– Podes deitar-te na minha espreguiçadeira, se quiseres.

Etta levantou-se de um salto.

– Irritei-a?

Havia ansiedade, mas não medo na sua voz. Prémio de Bom Pai.

– Não – respondeu Lizzie. – Provavelmente bebi demasiado vinho ontem à noite.

– Isso não é verdade – contrariou Etta. – Há um registo atrás da porta da cozinha. A mesa quatro tinha sete jarros, mas a vossa mesa só bebeu um. Verifiquei porque a última coisa que o papá precisa é de outra alcoólica.

Lizzie teve a sensação de que *aquela* pequena informação sobre a mãe de Etta era provavelmente verdadeira.

– Demasiado sol – disse Etta bruscamente. – Acompanho-a de volta. Anda, *Lulu!* – Estalou os dedos.

– Não se pode regressar a pé ao hotel sem um *top* – reagiu Lizzie, sentindo-se desconfortável.

Ante o revirar de olhos de Etta, acrescentou:

– O hotel está cheio de homens. E estás a planear ler *Lolita*. Pensa sobre isso.

– Vou usar a sua toalha – decidiu Etta, enrolando-a por baixo das axilas.

– Fico gorda com isto.

Lizzie dedicou um momento a agradecer ao mundo por não lhe ter dado uma filha.

– Não pareces gorda. E, se parecesses, quem se importa?

– Um dia vou velejar com um desses rapazes ricos – respondeu Etta. – Preciso de ficar magra porque o meu nariz é demasiado grande.

– Não, não é. – Lizzie fitou-a demoradamente. – Os teus pés é que são demasiado grandes.

– A sério?

– Tudo o resto é ótimo. Sempre que achares que estás gorda ou começares a examinar o nariz, verifica o tamanho dos pés e queixa-te

antes disso.

– Isso é esquisito.

– As mulheres parecem ter de odiar alguma parte de si próprias – referiu Lizzie, enfiando as havaianas. – A chave é concentrares-te em algo que não podes mudar com dieta ou cirurgia plástica.

Etta acertou o passo com o dela.

– O que escolheu?

– Os meus joelhos.

Deu um passo adiante e olhou fixamente para os joelhos de Lizzie.

– O que há de errado com eles?

– Não são ossudos. Tenho joelhos carnudos e enrugados, e têm sido assim toda a minha vida, independentemente do meu peso.

Na pior parte das quimioterapias, eles eram igualmente cheios. Muito irritante.

– Sempre que me sinto negativa, concentro-me nos meus joelhos e esqueço o resto. Ajuda a evitar um distúrbio alimentar.

– Não podia cair num desses – disse Etta. – O Babbo matava-me. Penso que ele ainda detesta mais os paus de virar tripas do que americanos que querem hambúrguer. Mas não a si.

Percorreram o resto do caminho até ao hotel em silêncio. Rohan estava sentado debaixo das árvores, rodeado por um grupo de bonitas mulheres.

– Foi por isso que soube que ele não estava consigo – confessou Etta. – Ele podia ter qualquer uma. O meu Babbo também – acrescentou na defensiva.

– Tenho a certeza de que é verdade – concordou Lizzie, sentindo-se totalmente deitada abaixo.

– Virá amanhã, certo? Não se sente assim tão doente?

Sentia, mas ultrapassaria a situação.

– Estarei lá.

– Babbo nunca fez isto antes.

Lizzie ia dirigir-se ao quarto, mas parou, surpreendida.

- Fez o quê?
- Não posso dizer. Prometi.
- Hambúrguer servido a todo o restaurante?
- Não. – Etta esboçou um sorriso malicioso. – Apareça, *okay*?

Escapou-se, levando a toalha de Lizzie.

Lulu ficou para trás, seguindo nos calcanhares de Lizzie enquanto ela entrava no hotel. Quando chegaram ao quarto com ar condicionado, a cama feita de lavado e flores frescas na secretária, iria jurar que *Lulu* também suspirou de prazer.

Lizzie atirou-se para cima da cama. *Lulu* tentou por duas vezes saltar para cima dela, mas caía para trás. No preciso momento em que Lizzie ia forçar os membros a mover-se para poder apanhá-la, *Lulu* conseguiu chegar à cama e emitiu um latido triunfante.

Em seguida adormeceram as duas.

Capítulo Sete



Lizzie dormiu até à hora do jantar e ainda se sentia tão indisposta que Grey lhe trouxe um prato de pasta e água com gás. Voltou a adormecer, acordando de manhã cedo, com a energia misteriosamente restaurada.

Ou talvez misteriosamente não fosse a palavra certa. Nunca dormira muito antes de ter cancro. Agora podia descansar de manhã, à tarde, e adormecer facilmente à noite.

Afastou as cortinas de linho e empurrou para trás as pesadas persianas de madeira. O mar parecia verde-escuro perto da costa e amarelo no horizonte, onde o Sol nascia. Guarda-sóis cor-de-rosa com franjas esvoaçavam à direita, onde a areia fora varrida como um jardim de pedras japonesas.

À esquerda, ficava a praia pública. Os guarda-sóis ainda estavam atados, as cadeiras dobradas. Uma fieira de algas de um cinzento-esverdeado tinha acostado à beira-mar e ali deixada pela maré. Na noite anterior, o ar era inebriante com um perfume a flores, mas agora apresentava-se fresco e limpo, com uma delicada coloração do mar.

Elba era sedutora de manhã cedo. A água parecia renda num voitar de espuma, quando se juntava à areia, e, se sustivesse a respiração, conseguia ouvi-la embater na costa.

Lizzie espreguiçou-se e depois tirou da mala a sua *T-shirt* dos Cure atirando-a para cima da cama. Ali estava ela, nua até à cintura, embora ninguém a visse, a menos que saísse para a varanda. Foi um tanto excessivo, ainda que tenha acabado por sorrir como uma tola. O sol a bater-lhe nos seios parecia a primeira carícia de um amante, hesitante e leve, mas ainda mais deliciosa por ser nova.

Grey devia estar a escrever; levantava-se às quatro da manhã para escrever, onde quer que estivesse. Provavelmente, Rohan não desejaria trabalhar no guião depois do ioga. Podia sair e ir a um mercado ou a um museu. Mas, mesmo em cinco minutos, a luz passara de ouro pálido para uma tonalidade mais profunda.

Obedecendo a uma súbita decisão, vestiu um velho fato de banho azul, enfiou um vestido justo por cima, pegou no seu livro e dirigiu-se à praia. No caminho, comprou um *bombolone*: um *donut* fofo, ainda quente, que lhe deixou os dedos polvilhados com açúcar.

Na praia, colocou o *bombolone* na mesinha redonda presa ao guarda-sol e lutou com a sua espreguiçadeira de madeira até conseguir desdobrá-la. Depois sentou-se, com as pernas cruzadas, e observou como o céu se tornava cor-de-rosa e o Sol se levantava como uma laranja exuberante.

O *bombolone* recheado de creme tinha de ser comido com avidez ou o recheio derramar-se-ia e sujaria tudo. Lizzie lambeu os dedos, gulosa, e observou enquanto as gaivotas pairavam sobre a água e depois mergulhavam, chapinhando antes de poderem levantar voo novamente, ou ficar paradas, emitindo o reflexo do peito branco, sem se verem as patas.

A praia não estava tranquila mesmo àquela hora: as gaivotas faziam-lhe companhia e os italianos começaram a gritar uns com os outros na rua que se situava atrás dela. Um homem recolheu todas as algas marinhas e depois aproximou-se, saudou e abriu o seu guarda-sol. O cheiro do café italiano preto chegava-lhe trazido pela brisa do mar.

O contentamento era uma sensação familiar; ela era uma pessoa razoavelmente otimista, quando não estava a fazer quimioterapia ou a classificar pilhas de testes sobre *Hamlet*.

Isto era felicidade, outra emoção diferente.

Sentou-se muito quieta, deixando-se inundar pela mesma.

Passou a hora seguinte a ler sobre cortesãs e a aceitar o que quer que as pessoas ofereciam para lhe vender: pedaços de coco, fatias de melancia, uma pequena chávena de café que lhe acelerou o coração.

– O que está a fazer? – perguntou Dante, aparecendo por trás dela em vez de ao longo da praia, como nos outros dias.

– Felicitando o meu coração por acelerar ao longo da pista de corrida – respondeu Lizzie. Esboçou-lhe um sorriso, mas, no íntimo, consciente de que o esperava. – E a *Lulu*?

– Ela acorda tarde. – Deixou cair a toalha. – Vou dar um mergulho. Quer vir?

Lizzie abanou a cabeça.

Dante olhou-a, ainda sonolento.

– Pensei que só iria vê-la aqui à tarde.

– Sim, realmente não sou muito de manhãs.

– A evidência demonstra o contrário – retorquiu ele, obviamente divertido. Depois encaminhou-se para o oceano, tapando os olhos com os óculos de proteção. Ela observou enquanto ele avançava através da parte verde-clara e em seguida diretamente para a verde mais escura. Parecia uma floresta, só que ele foi engolido pelo fundo em vez de pisar abetos escuros e desaparecer.

Voltou a pegar no livro, tentando focar-se nas profissionais do sexo que havia há centenas de anos. Em vez disso, pensou na forma como Dante a fitava. Lembrava-se daquele olhar masculino anterior ao cancro.

Quando ele voltou, já mais guarda-sóis estavam desdobrados e as crianças gritavam e corriam para cima e para baixo na areia. Ele pairou sobre ela, colocou as mãos nas costas da cadeira e sacudiu a cabeça como um grande cão.

– Idiota – reagiu ela, limpando salpicos de água salgada das faces.

Dante agachou-se na frente dela.

– A Etta diz que não está com Rohan ou Grey.

– Não.

Era este o momento de anunciar que havia outros impedimentos, por assim dizer? O sorriso dele espelhava um desejo genuíno e ousado. Fez com que todos os seus sentidos ganhassem vida, como se as gaivotas não tivessem grasnado e a praia não cheirasse a protetor solar de coco antes de ele regressar do mar.

– Deve ter notado que a minha filha tem um talento para o dramático – comentou ele.

Lizzie assentiu com a cabeça, fitando os ombros largos, reluzindo com a água do mar. Nesse preciso momento não se lembrava por que desistira do sexo.

– A mãe de Etta era russa; não era modelo, nem assistente de bordo ou o que quer que fosse que a minha filha lhe tenha dito.

– Era? – Lizzie repetiu, ficando alerta.

– Ficou cerca de uma semana após dar à luz antes de se ir embora. Queria casar, mas ela não estava interessada e nunca mais voltou para uma visita. A família enviou-me uma carta há alguns anos a comunicar que ela morreria de falência do fígado. – Expressava-se num tom triste, mas conformado.

Lizzie pensou em respostas. «Conheço a sensação», ia parecer jocoso.

Ele levantou-se.

– Só queria que soubesse porque Etta está entusiasmada com esta noite.

– Percebo – reagiu ela cautelosamente.

– A minha filha adora-a, mas não queria que se sentisse desconfortável.

– Não sentirei – garantiu Lizzie, questionando-se sobre as suas palavras.

– Verá. – O seu sorriso acelerou-lhe o coração. – Até logo à noite.

Lizzie seguiu-o com o olhar, apreciando a forma como os calções de banho lhe marcavam as curvas do traseiro enquanto se afastava. Sentiu um aperto de desejo na boca do estômago. Supostamente, nada disto deveria acontecer. Não fazia parte do seu plano.

Podia ir embora. Podia afastar-se, que era a forma como ela lidava com coisas mais emotivas, ou, pelo menos, foi isso que Gray sempre lhe dissera. Podia fugir, voltar para Nova Iorque, talvez até concordar em discutir aquela nova operação que o seu oncologista, o Dr. Weir, queria que ela tentasse.

Ou podia ficar.

Capítulo Oito



A porta do quarto de Etta Moretti,
de *As Vantagens de Ser Invisível*:

As coisas mudam e
Os amigos partem e
A vida não para
Para ninguém

– Tens de aparar a barba.

– Fi-lo na semana passada.

– Tens de voltar a apará-la – insistiu Etta. – Babbo! Isto é importante.

– Ou Lizzie gosta de mim como sou ou não gosta. Ela viaja com uma estrela de cinema, Etta. Não posso competir com isso.

– Eles não estão juntos. Eu disse-te; e também não está com o outro gajo. O que estás a fazer?

– *Fiori di sambuco fritti*. – Estava a separar flores de sabugueiro, cortando os caules para que as flores pudessem ser mergulhadas em massa antes de serem fritas.

– Não é tão mau como o alcaçuz e o peixe – opinou Etta. – Que mais estás a cozinhar? Oh! Já sei o que devias preparar-lhe.

Ele não ergueu o rosto.

– O quê?

– O bife Wellington de Gordon Ramsay! Ela disse que nunca o comeu.

– Nem pensar.

– Disseste que nunca servirias hambúrguer, e fizeste-o naquela noite.

– O bife Wellington é simples. Um bom hambúrguer não é fácil.

– Ela comeu-o todo – disse Etta. – Então, a tua barba?

Babbo revirou os olhos.

- Disseste ao Ricardo que tem de ser *chef* de cozinha esta noite?
 - Tudo isto é ridículo, e servir-te-á de lição se ela virar as costas e se for embora. Até pode ser casada, Etta. Não lhe perguntei.
 - Ter-me-ia dito. Falámos de todo o tipo de coisas na praia, como é costume entre mulheres.
- Ele desacelerou os movimentos.
- Fui lá durante a tarde, mas ela tinha ido embora.
 - Demasiado sol. No entanto, prometeu vir esta noite. Fiz-lhe uma *playlist*, com Grateful Dead e Bob Dylan, porque nem toda a gente é doida.
 - Não sei se isto é uma boa ideia.
 - Não vejo porque não. Há dois anos que não tens namorada, desde a Rebecca. Lembras-te dela?
 - Claro que me lembro dela. Não digas nada indelicado, porque Rebecca é uma mulher simpática.
 - Aborrecida – salientou Etta. – O jantar costumava ser um tédio. Ela estava sempre a lamentar-se por causa da tua comida. A Lizzie nem sequer gosta!
 - Não há necessidade de pareceres tão encantada. A minha comida paga os teus *cornflakes*.
 - A adulação não encaixa contigo. Tenho a certeza de que a minha mãe não era assim.
 - Não, não era – anuiu ele.
 - Não te lembras, pois não?
 - Claro que me lembro. A tua mãe detestava comida *gourmet*.
- Etta achou que fizera valer o seu ponto de vista e saltou do balcão.
- Vou preparar a tua mesa.
- Babbo suspirou.
- Em *As Duas Gémeas*, a propósito, um filme que Lizzie adora, as gémeas usam uma toalha de mesa de quadrados porque recorda aos pais a

sua lua de mel em Itália. Não temos nada aos quadrados, mas restam algumas velas daquele casamento no mês passado.

– As douradas?

– Piroso, mas engraçado – gritou Etta, atravessando a correr a porta ao fundo da cozinha e depois a despensa até ao jardim onde as ervas cresciam. Augusto cumprira a sua promessa e colocara uma pequena mesa e duas cadeiras mesmo no meio dos azulejos iluminados pelo sol.

Tudo tinha de estar perfeito, porque Lizzie não era uma pessoa sentimental. Via-se à distância. Mas iria achar graça à piroseira. Felizmente, Babbo estava sempre a ser requisitado para organizar casamentos para famosos, longe dos *paparazzi*, e por isso a despensa tinha imensas toalhas de mesa e quinquilharias decorativas.

Quando a mesa ficou posta com uma toalha rosa, pratos rosa, e velas douradas em forma de coração, não lhe agradou. Não tinha graça suficiente.

Teve de pedir ajuda a Augusto. Entre os dois, transportaram um enorme arco de casamento e enfiaram-no mesmo por cima da mesa.

– *Non gli piacerá* – observou Augusto.

Não interessava que Babbo gostasse; era Lizzie que estava em causa. Etta não fez um trabalho tão bom a colocar flores no arco como a organizadora do casamento, mas a jovem tivera quatro ou cinco pessoas para ajudar, e Augusto regressou à cozinha para cortar anchovas.

Mesmo assim, não ficou nada mal. Etta encontrou alguns castiçais e enfiou-os também no arco.

Morram de inveja, Gémeas do *Parent Trap*!

Aquilo era mais fixe.

Quando recuou e examinou o cenário, teve a sensação desagradável de que tudo era uma estupidez. Afinal de contas, eram adultos.

Estava prestes a começar a retirar as flores quando Babbo apareceu vindo do fundo da cozinha e desatou à gargalhada.

– Mal conheço a mulher – salientou ele, após ter abafado o riso.

– Perdi a cabeça – admitiu Etta, esfregando a face no seu ombro. Rodeou-lhe o peito com os braços e ocorreram-lhe pensamentos violentos sobre o que faria se Lizzie o magoasse. Ele não era o homem mais bonito do mundo, mas era o melhor.

Lizzie teria sorte em conquistá-lo.

– Está tudo bem? Não te parece sem graça?

– É uma ternura como tu – reagiu ele. – Mas, Etta, meu amor, sabes que Lizzie virá e irá, como as pessoas em férias de verão sempre fazem?

– Ela vive em Nova Iorque.

Etta sentiu-o absorver o reparo.

– Dá aulas numa universidade. Fordham, não Columbia. Talvez possa ir para lá.

Babbo abraçou-a.

– Querida.

– Já sei, já sei – disse ela, num tom abafado pelo ombro dele. – Não posso andar sempre à procura de uma mãe. Não é maduro.

– Entendo – replicou ele, embalando-a um pouco. – Tenho a certeza de que a Lizzie também entende.

– Não é nada de mais – concluiu Etta, afastando-se e encolhendo os ombros. – Ela gosta do filme e vai achar graça ao arco. Ainda seria melhor se tivesses feito o bife Wellington.

Cerrou os maxilares.

– *Okay*, ela vai contentar-se com as malditas flores fritas.

– O mundo deve ter-te oferecido a mim para controlares o meu ego.

Etta decidiu ignorar o comentário.

– Vou ao cinema com a Lúcia hoje à noite. A mãe vai levar-nos a Portoferraio. Durmo em casa dela.

Babbo suspirou.

Etta esboçou-lhe um sorriso.

– Pus o altifalante no parapeito da janela. A *playlist* está no teu telemóvel em «Lizzie». Não te esqueças de o ligar.

Ela conseguiu evitar uma palmada e fugiu a rir.

Capítulo Nove



Nessa noite, após uma longa sesta, há muito tempo que Lizzie não se sentia tão bem e optou por um vestido branco rendado que mostrava o seu bronzeado. Tinham enquadrado Ruby no seu grupo e desceram a rua em direção ao Príncipe Blu, discutindo porque é que Ruby odiava ioga.

– É perigoso procurar a realização pessoal, equilibrando-se numa perna – disse ela. – Ei, reconheceste este conceito?

– Não – admitiu Rohan.

– Se ele se realizasse por se equilibrar numa perna, não estaria sempre a tentar que o fizéssemos com ele – salientou Lizzie.

– *A Incrível Jessica James* – prosseguiu Ruby. – Memorizei a abertura do filme porque ela é a minha heroína. *Acho que é realmente perigoso procurar a realização pessoal através de relações românticas.* A frase também se adapta ao ioga. Perigoso, meu. Perigoso.

– O ioga tem tudo a ver com realização pessoal – retorquiu Rohan, com a paciência de alguém que explica a Bíblia aos infiéis. – As relações giram em torno do sexo. E amor.

– Não é pessoal se se requer uma audiência – opinou Lizzie, o que não foi inteiramente agradável. Mas a verdade é que ele estava sempre a espicaçá-los para que se lhe juntassem.

– Não se trata de ter uma audiência – contrapôs Rohan. – Trata-se de partilhar. Tentei a minha prática diária, sozinho, mas percebi que gosto de ensinar. Não posso ensinar na praia com todas as pessoas a observar.

– És demasiado famoso – comentou Ruby. – Aposto que foste alvo dos fãs no Sainsbury's.

– Telefona para o hotel – sugeriu. – Eles conseguirão dispersar os curiosos. Fizeram essa promessa.

Lizzie deixou-se ficar para trás e seguiu-os, tentando controlar as borboletas no estômago.

Há dois anos teria saltado para a cama com Dante. Mas agora? Por um lado, tinha cicatrizes. Muitas. E por vezes os medicamentos provocavam-lhe gases.

Era suposto ter deixado de se envolver.

Após romper com Grey, tivera encontros e alguns engates, e mesmo uma relação suficientemente longa para que começasse a referir-se a Ben como o seu parceiro, até que se tornou demasiado séria e ela fugiu, segundo Grey. Na verdade, Ben mudou-se para a Carolina do Norte. Não que ela fosse abdicar de um cargo estável no ensino superior por um homem.

Há seis meses, na véspera de Ano Novo, resolvera que tinha desistido de encontrar um companheiro ou até mesmo de casar de uma noite. Ela e a sua amiga Hannah brindaram com champanhe para celebrar o facto de terem posto os homens de lado. Ainda conseguia ouvir a voz de Hannah no seu ouvido. «Motivo para Celebrar, Número Um: nunca mais ouvirás um homem dizer-te o quanto a ex gostava de sexo oral.»

Brindaram a nunca mais se preocuparem com o que um homem pensava da barriga de uma mulher, ou da forma como os seus seios deslizavam para as axilas, se ela se colocava na posição errada, ou se sabia bem de cima a baixo.

Até a ressaca tivera uma sensação de festa.

Além disso, agora havia que pensar em Etta: Etta, a jovem que estava obviamente a comprar uma mãe para substituir uma mulher russa falecida.

Lizzie afastou esse pensamento, juntamente com o de um bebé adorável de que poderia ter sido mãe se o mundo tivesse sido diferente.

Não admirava que o presidente da câmara quisesse renovar o edifício de Dante; parecia tão arruinado como os foguetes explodidos a 5 de julho. Tão desgastado como uma caravana pertencente a *hippies*? Como...

Não chegou à terceira metáfora, porque a senhora de guarda à entrada do Príncipe Blu disse:

– Chegaram a horas.

– Na outra noite, não sabíamos onde íamos comer – justificou Rohan.

Inclinou-se para diante, como se estivesse prestes a beijar-lhe a mão, mas depois pensou melhor.

– Venham comigo os três – disse a *signora*. – Você, você e você. – Apontou o dedo a Rohan, Ruby e a Grey.

Lizzie ficou sozinha à entrada, sentindo-se irritada. Presumivelmente era a isto a que Etta se referira. Ia comer sozinha com Dante, o que a fazia sentir como se ele tivesse assumido que dormiriam juntos.

«Não dou uma queca por um jantar», disse a si própria. E quase se riu, porque, se o *fizesse*, não seria por um polvo.

Mas talvez para um homem com olhos da cor da água do mar. Água do mar fria, que fica verde-escuro perto das rochas.

A senhora voltou antes que Lizzie pudesse fazer figura de idiota, esboçando mais dois sorrisos quanto aos olhos de Dante.

– Está nas traseiras – indicou sem graciosidade. – Pode atravessar a cozinha ou dar a volta ao edifício.

Lizzie abriu a boca e detetou os olhos presunçosos e arrogantes da mulher. Estava à espera que Lizzie fosse rude. *Queria* que ela fosse mal-educada.

– Que simpático da sua parte, *signora* – disse Lizzie, com um olhar luminoso. Em seguida, deu a volta ao edifício porque de forma alguma passaria pela cozinha. O passeio da vergonha. Talvez Dante engatasse americanas na praia todas as semanas e as desfilasse na frente do pessoal.

Não era justo. Ele não o faria.

Ao dobrar a esquina do edifício teve uma antevisão de uma das cenas mais absurdas, e absurdamente românticas, que já vira.

Sem dúvida obra de Etta.

O raio do arco do casamento tinha flores cor-de-rosa e brancas espetadas em todas as direções. A toalha de mesa e tudo o resto parecia ser cor-de-rosa. Exceto Dante, que estava sentado debaixo do arco a ler um livro à luz que vinha de uma janela para a cozinha. Não tinha a jaleca de *chef*; em vez disso, usava uma velha *T-shirt* cinzenta, que podia ser tão apetecível como o seu traseiro.

Aparara a barba.

O único contra, percebeu Lizzie rapidamente, seria se estivesse a ler Shakespeare.

Caminhou na sua direção o mais silenciosamente que pôde. Quando estava perto de conseguir ver o seu livro... após se ter distraído momentaneamente com as velas mais pirosas que alguma vez tinha visto... ele ergueu o rosto e disse:

– Já leu este?

Segurava *Mort*, um dos seus favoritos do escritor de romances de fantasia Terry Pratchett.

Lizzie sorriu.

– Adoro *Mort*. É uma das minhas séries favoritas.

– Comecei a ler *Unseen Academicals*, mas em vez disso regressei a *Mort*.

– Sim. Devia preferir esse, porque gira em torno da vida universitária, mas era aborrecido. Julgo que nem o acabei, embora o tivesse comprado em capa dura.

Lizzie parou diante da treliça, olhando para cima e em volta, e de novo para ele, com a sobrancelha levantada.

– Etta tem doze anos – comentou Dante. Disse-o da forma correta: sem se desculpar, mas com um toque de orgulho. – Tento não a desencorajar, quando se trata de ninharias. – Acenou com a cabeça para a outra cadeira. – Não quer juntar-se a mim? Embora, se preferir comer na minha frente, podemos juntar os seus amigos. Etta nunca saberá, porque já saiu para passar a noite fora.

Lizzie desatou a rir e afundou-se na cadeira.

– Esforçando-se para que o pai tenha uma noite ousada de excessos sexuais?

– Fez-me uma *playlist*, a que teríamos chamado «uma gravação para queca», quando as cassetes existiam.

– É melhor pô-la a tocar – comentou Lizzie, com uma gargalhada. – Estou ansiosa por ver o que uma miúda de doze anos pensa que

deveríamos estar a ouvir.

– Esperemos que me tenha mimado – desejou ele, pegando no telemóvel. – Deve haver algumas músicas dos Grateful Dead.

– Leonard Cohen? – inquiriu Lizzie, esperançada.

Ele abanou a cabeça.

– Improvável. Mas o tema da canção «Beauty and the Beast»? Quase de certeza, dado o seu sentido de humor.

Um altifalante na janela que dava para uma arrecadação atrás deles explodiu com «The Look of Love».

– Dusty Springfield! – exclamou Lizzie. – Um pouco óbvia, mas, mostrando uma grande variedade musical. Fez um bom trabalho ao educá-la.

Dante era o tipo de homem que parecia naturalmente confiante e tornava-se estranho detetar um *flash* de incerteza nos seus olhos.

– Estamos, porém, a chegar à pior altura. Vai odiar-me porque não tem uma mãe.

– Não, ela vai encontrar muitas outras razões para o odiar – contrapôs Lizzie. – Algures, no íntimo, ela sabe que é feliz/ /infeliz.

Ele serviu o vinho.

– Já agora, a nossa refeição está aqui. – Acenou com a cabeça para uma grande arca frigorífica. – Podemos começar quando tiver fome. Recusei preparar o bife Wellington.

– Não me tinha ocorrido – respondeu Lizzie, bebendo um gole de vinho. O vinho de Elba era mais viciante de cada vez que o provava. A este ritmo, começava a odiar champanhe por ser agressivamente borbulhante e amargo.

– A que se referiu com feliz/infeliz?

Lizzie tentava perceber se alguma vez, em toda a sua vida, tivera uma noite mais romântica do que esta. A resposta foi não. Nem mesmo quando Jake a convencera a perder a virgindade após a conquista de um título na liga de futebol. Tinha-se esmerado, enchendo a cama com pétalas de rosa e colocando o «Crazy in Love», de Beyoncé, em repetição.

Mas foi ridículo.

– Algumas pessoas têm pouca sorte – explicou ela. – Tudo corre mal. Muitas outras são sortudas e levam uma vida bastante boa. Mas depois há os príncipes hemofílicos, que são felizes/ /infelizes.

– O quê?

– Aqueles Romanov hemofílicos condenados a morrer antes de atingirem os vinte. Ricos e nobres, mas com pouco tempo de vida. Felizes/infelizes.

– A minha filha não está condenada – resmungou Dante entre dentes.

– Claro que não! – apressou-se a explicar Lizzie. – O que pretendi dizer é que ela tem pouca sorte em não ter mãe, e sorte em tê-lo como pai, e sabe disso. Inventar histórias sobre a mãe não é um mau sinal. Fiz o mesmo em relação ao meu pai.

– Então a sua mãe era mãe solteira?

Lizzie encolheu os ombros.

– Algo do género.

Ele inclinou-se para o refrigerador. O algodão cinzento e macio salientou as costas musculadas e o desejo envolveu-a como um cobertor favorito perdido no tempo. Endireitou-se com um prato coberto de folha de alumínio e colocou-o entre eles. Ela engoliu em seco porque os olhos verdes faziam o desejo transformar-se em pura luxúria.

Maldita fosse se uma corrente erótica a empurrasse para atividades a que brindara desistir. Por uma boa razão.

– Planeia expandir o meu paladar? – perguntou ela. – Só quero preparar-me.

– Claro que sim.

– Não queria dizer... eu costumava experimentar tudo.

Começou a retirar a folha de alumínio, executando movimentos precisos à volta do prato.

– O que aconteceu?

– A vida – retorquiu ela sem rodeios. – Adoro esta canção! – Não estava a mentir.

Ergueu um dos cantos da boca.

– «Po’Boy» é uma das minhas favoritas. Já que penso em Bob Dylan como a «Segunda Vinda», isso é dizer muito.

– A banda Mumford & Sons não tem o mesmo efeito? Sabe, talvez devesse tocar «Po’Boy» para os meus alunos de Shakespeare – concluiu ela, inclinando a cabeça e escutando as palavras.

Dante retirou a folha de alumínio e revelou não um prato mas uma tábua de madeira coberta de legumes grelhados, fatias de queijo em forma de leque, azeitonas e rolos de *prosciutto*. Nas suas mãos, teria sido uma pilha caótica e incoerente de alimentos.

Nas dele, belas e profundas cores harmonizavam-se como uma daquelas naturezas-mortas da Renascença.

– Isto é *prosciutto* – explicou Dante, apontando. Uma carne vermelha mais escura, mais fina, era *bresaola*. Queijinhos brilhantes eram *mozzarella di bufala*.

– Ignorava que aqui tinham búfalos – disse Lizzie. – O que é esta aqui?
– Era uma carne mais pálida numa cama de pedacinhos verdes semelhantes a esmeraldas.

– *Mortadella* – respondeu Dante, arrancando um pedaço e dando-lho. – Os pobres comem-na em vez de *prosciutto*. Está recheada com pistácio.

Lizzie seguiu a gordurosa e deliciosa mortadela com uma bola de *mozzarella* que tinha um centro cremoso. Solto um gemido involuntário e depois sentiu-se corar.

Os olhos de Dante reluziam.

– Perfeito com carne salgada – elucidou – pegando num rolo de *prosciutto* e encostando-o aos seus lábios. Ela sorriu-lhe porque ambos sabiam exatamente como ia ser a noite.

Que se lixassem todas as decisões que tinha feito na vida antes de conhecer Dante!

Comeria todas as delícias que ele preparara, e depois iriam para a cama na sua casa, pois não queria que ele visse todos os medicamentos que ela espalhara pelo seu quarto.

Dante continuava a tirar coisas milagrosas do refrigerador. Sopa de ervilha fria, a cor da primavera, servida em frascos velhos de compota para que não derramasse. Mais dois frascos foram desenroscados para revelar uma bebida gelada de manjerição e menta, com limão e gelo picado.

– Posso adicionar vodca ou tequila – disse ele, segurando pequenas garrafas.

Lizzie negou com a cabeça. Há uns anos que não fazia sexo com outra pessoa e queria recordar cada momento.

Ouviram «Po’Boy» mais algumas vezes, analisando o verso sobre o tempo e o amor.

– *Sinto-me marcado pelas suas garras* – disse Dante, citando e num tom firme.

– Tempo ou amor?

– Amor. Etta foi um acidente e eu temia o seu nascimento. Depois fui buscá-la. Ela tinha os olhos fechados, mas fez chichi em cima de mim e abriu muito os olhos como se ela própria se tivesse surpreendido.

Lizzie foi atingida por um tal desejo de ter um bebé que, naquele momento, se sentiu realmente tonta.

– Pensei que havia uma boa hipótese de a mãe querer levá-la para a Rússia. Decidi ali mesmo que queria cada minuto com a Etta, mesmo que tivesse de mudar-me para Moscovo. – Esboçou um sorriso irónico. – Etta não gostaria de ser vista como marcando-me com as suas garras. O «amor» soa melhor.

– Tenho a sensação de que poderia convidar-me para a sua casa... a não ser que durma naquela arrecadação?

Dante esboçou um sorriso que lhe aqueceu cada polegada do corpo.

– Vivo ao fundo da estrada.

– Se está marcado pelo amor, eu estou marcada pelo tempo – disse-lhe Lizzie. – Pode reparar mais tarde que fiz uma ou duas cirurgias.

Ele estendeu as mãos e indicou-lhe a origem de cada uma das suas cicatrizes. Cozinhara por toda a Europa e tinha as queimaduras e os cortes para o provar.

Beberam *Vin Santo*, um vinho doce para a sobremesa, com bolachas duras que sabiam a anis. Tinha-as feito com a mesma erva de alcaçuz que usara para o molho de peixe.

– Muito melhor – elogiou Lizzie, a sua terceira bolacha. – Quase tão bom como o alcaçuz vermelho.

Ele respirou fundo e abanou a cabeça, mas fitando-a, encantado.

– Mistress Bedrosian, uma das minhas mães adotivas, costumava deixar-nos na piscina pela manhã com almoço e dinheiro para doces – referiu Lizzie, sem pensar. – Eu comprava sempre alcaçuz vermelho e Grey colares de doces.

Dante não demonstrou qualquer reação visível a esta coisa dos lares de acolhimento.

– Quantos anos tinha nessa altura?

– Treze. Grey e eu tínhamos sido colocados juntos no ano anterior.

– Ele parece ser um indivíduo decente.

– É fantástico. Tivemos aulas de natação com um professor de Química, que acabou por nos dar explicações durante as tardes. Ambos decidimos que iríamos ser professores, para podermos ter os verões livres.

– Grey também é professor?

– Não, é romancista, por isso tem o inverno *e* o verão livres. Escreve romances de terror.

Dante ergueu uma sobrancelha.

– Publicado?

Lizzie assentiu alegremente e pegou em mais uma bolacha.

– Quatro *best-sellers*. É medalha de ouro do *New York Times*. Os leitores adoram-no.

– Também vive em Nova Iorque?

Lizzie abanou a cabeça.

– Ele e Rohan vivem em Los Angeles.

Não fora imaginação dela: o ombro dele descontraiu um pouco. Mr. Dante Moretti era surpreendentemente difícil de ler.

No entanto, quando ela entornou *Vin Santo*, ele pegou-lhe na mão e lambeu o vinho dourado das pontas dos seus dedos. O olhar de ambos encontrou-se e ela sabia que o seu coração batia tão loucamente como o dela, ambos à espera que as palavras se transformassem em beijos, que as roupas se transformassem em corpos nus.

Toda a refeição foi uma sedução. As velas quase se apagaram, transformadas em poças de cera dourada e eles continuavam a falar. O sotaque italiano de Dante atraía-a para o seu primeiro beijo e ao mesmo tempo assustava-a.

– Isto não pode ser nada – obrigou-se a dizer após um último copo de *Vin Santo*. – Verdade, não? Há a Etta.

Dante ficou calado, mas depois replicou:

– Vive em Nova Iorque.

Ela não conseguia fazê-lo, não suportava dizer-lhe. Sem piedade. Foi tão sincera quanto podia suportar.

– Não quero uma relação. Não posso ser mãe para a Etta. Não... posso.

– Percebo.

Lizzie era perita em encolher de ombros ante pensamentos desconfortáveis. Dante fitou-a, de pálpebras descidas, e um italiano dos pés à cabeça. Ela acabou a bebida e depois sorriu-lhe.

– Ponha essa canção mais uma vez?

Ela acompanhou a melodia num sussurro, subindo de tom quando Dylan proferiu com a sua voz gutural «Po'boy». Sim, era a canção indicada para a noite, com o som de *blues*.

– Não percebo a referência a *Otelo* – comentou Dante. – Na canção, Desdémona envenenou Otelo, mas ele não a sufocou, apunhalando-se em seguida?

– É sobre o amor. Toda a canção é sobre o amor que nos envenena e enlouquece. Desdémona estava louca de amor por Otelo e deu-lhe *aquele* vinho envenenado: amor. Basicamente, ela propôs-lhe casamento. Ele enlouqueceu de amor.

– É algo sombrio, mesmo para Dylan. – Dante levantou-se e o coração de Lizzie palpitou. Ele baixou a cabeça, evitando o arco, e estendeu uma mão.

– Se me convidar para dançar, posso morrer de sobrecarga de açúcar – avisou ela, pondo-se em pé.

– Não tinha pensado nisso. Sou um pé de chumbo a dançar. – No entanto, sorriu-lhe e carregou de novo na tecla do telemóvel.

Balançaram para trás e para a frente ao luar ao som de «Po’Boy». Entre um verso e o outro, ele beijou-a pela primeira vez.

– *Estou emocionado com o teu beijo* – sussurrou ele um pouco depois, com voz rouca, citando a promessa silenciosa da canção. – *Não sei mais do que isso.*

A canção mudou e Jo Stafford cantou «You Belong to Me», mas as palavras de Bob Dylan encheram o coração de Lizzie e inundaram-lhe o corpo.

Dante afastou-lhe as madeixas da testa e voltou a beijá-la. Ela rodeou-o com os braços.

– Penso que sabes mais do que isso.

– Talvez.

Caminharam à volta da cozinha e depois atravessaram o pátio. Rohan, Ruby e Grey tinham-se ido embora, mas as mesas estavam cheias.

Dante ignorou todos os que o chamavam. Segurou-lhe a mão e puxou-a através do pátio como se fossem crianças a fugir da escola.

Capítulo Dez



Uma casa grande e tranquila, lençóis de linho branco, janelas abertas.

Sexo... ou fazer amor?... fazer amor nunca era simples. Lizzie continuava gelada, pensamentos pouco sensuais invadiam-na, mas Dante não tinha restrições e num abrir e fechar de olhos ela estava nua, todas as suas cicatrizes secretas banhadas pelo luar.

Dante podia ter sido difícil de ler na praia ou à mesa de jantar, mas, na cama, era o desejo puro e duro: tocando, beijando, lambendo tudo, por todo o lado, tremendo, arfando, rindo.

Deixou de rir.

Passou a murmurar palavras roucas em italiano, a testa contra a dela, os dedos deslizando sobre pele escorregadia.

Lizzie apegou-se a palavras que não conseguia entender e permitiu-se esquecer o corpo que a traíra. Deixou que o desejo a enchesse como a um copo vazio.

O constrangimento ficou esquecido, dando lugar a um desejo lúdico.

– Sabias que o luar não tem cor? – perguntou ela muito mais tarde, virando a cabeça para fixar o rosto de Dante. A luz bastava para ver que ele ainda estava ofegante, a olhar para o teto com um sorriso matreiro. Com um ar satisfeito. Orgulhoso de si mesmo, até.

E bem deveria estar porque, sinceramente? Fazê-la vir não era proeza fácil nos melhores tempos.

Ele tinha-o feito.

Não conseguia compreender bem isso, e continuava às voltas com a memória do prazer como se a mesma pudesse desaparecer e a parte de trás dos joelhos não estivesse suada.

Dante levantou as mãos e esfregou o rosto.

– Luar... O luar não é azul? Azulado?

O quarto de Dante era quadrado com grandes janelas que espalhavam raios de luar à volta.

Lizzie ergueu o braço e ele brilhava.

– Eu podia ser o Surfista Prateado – sugeriu ela.

– Referes-te a um desses tipos com um canal no YouTube?

– Não, ele é um super-herói dos anos sessenta. Todo prateado.

Ele rolou para o lado, apoiou a cabeça e alargou o sorriso.

– Muito bem – comentou ela, dando-lhe uma cotovelada. – Conseguieste ser o Surfista de Prata por esta noite. Foi... espetacular. Não é habitual para mim.

– *Tesorino, mi terrorizzi.* – Pronunciou as palavras num tom casual, talvez pensando que ela não conseguia compreender.

– Eu aterrorizo-te? – Lizzie certificou-se de que o lençol estava enfiado mesmo debaixo da axila. Talvez ele tivesse visto tudo, todas aquelas cicatrizes, mas talvez lhe tivessem escapado algumas. Não havia maneira de se virar de lado e deixar que o ventre descontráisse sem um lençol.

Quando tudo estava em ordem, virou-se de lado e esboçou um sorriso, como se estivesse sempre a fazer este tipo de coisas.

– Sim, é verdade – anuiu Dante. Achou bem ficar por ali porque depois disse: – Não é que falte cor ao luar. Só que não emite luz suficiente para que os nossos olhos captem todo o espectro. Neste momento, o teu cabelo destaca-se na tua cabeça, prateado como a tua pele. – Aproximou-se mais, a sorrir.

O problema de parecer todo prateado foi que uma pequena parte da mente de Lizzie traduziu-o como se parecesse morto, mas afastou a ideia.

– Havia banda desenhada em Itália quando eras criança? Não o Surfista Prateado, obviamente.

– Sim – respondeu, entrelaçando os dedos no seu cabelo.

– Rohan acabou de assinar contrato para fazer outro filme dos *Vingadores*, mas acha que talvez depois o deixem realizar uma série de super-heróis na televisão.

– Netflix?

– Não, no *streaming* da Disney, porque ele trabalha com a Marvel.

– Etta acha irritante que eu não ligue ao sofisticado ator de Hollywood – declarou ele. – Não sou professor de Shakespeare, mas penso que a sua produção de *Romeu e Julieta* me soa a uma péssima ideia.

– Cruel – reagiu Lizzie com uma gargalhada –, uma vez que Rohan está tão interessado em ti.

Ele encolheu os ombros.

– Passemos a um assunto mais interessante: tu. Como és?

Lizzie ergueu uma sobrancelha, pretendendo compor uma sofisticação urbana.

– Estou farta de *cocktails* artesanais, gosto de cachorros-quentes de uma rulote. Gosto de ensinar caloiros e não gosto de discutir.

– Por que não?

– A vida é demasiado curta – respondeu ela, com um encolher de ombros. – Gostas de discutir?

Dante pareceu um tanto surpreendido.

– Sou italiano. Uma boa discussão desanuvia o ambiente. O que lêes além de Pratchett?

– Poemas de músicos – disse ela prontamente, grata por se afastar de uma conversa que soava demasiado a um futuro. Como se estivesse a imaginar os dois a discutir e a fazer as pazes. Dificilmente lhe poderia confessar que a sua resolução de Ano Novo tinha sido colocar ponto final no sexo e na raiva.

E ela enraivecia-se. A sua terapeuta continuava a assinalar que morrer é exasperante. Nunca falaram muito da sua mãe, mas Lizzie também nutria alguma raiva, porque seria uma idiotice não o fazer. Como se já estivesse morta.

Era suposto as mães manterem-se por perto. Toda a narrativa do cancro descrevendo os últimos meses de uma pessoa envolvia pais capazes de amor incondicional, como os do romance de John Green. Que acarinhavam.

Talvez se a mãe não tivesse morrido de cancro estivesse ao lado de Lizzie durante a quimioterapia. Não tinha memórias suficientes para saber. Apenas se lembrava de que a mãe fora presa, supostamente durante cinco anos, mas nunca mais voltara.

Dante fitava-a com esperança de que lhe dissesse algo importante.

– Lê Dylan? Ele é um poeta.

O seu poeta favorito, obviamente.

– Há anos que não o ouvia – confessou ela. – No ano após Grey e eu terminarmos a faculdade, ouvíamos muito Dylan. Não tomávamos tanto banho como eu teria gostado, o que se enquadrava no *ethos*.

– Provavelmente Dylan fumava demasiada erva para tomar banho com frequência.

– Tínhamos a mesma ideologia – retorquiu Lizzie num tom sarcástico. Realmente, era surpreendente que não tivesse tido cancro do pulmão. Não necessitou de perguntar para saber que Dante Moretti não fumara muita erva, se é que fumara alguma. Era um homem que queria pertencer ao momento.

– Além de Dylan, que compositores de canções poetas te agradam?

– Leonard Cohen. Mirabai. Mark Knopfler.

– Fui a um concerto de Leonard Cohen uma vez, mas não sei quem é Knopfler. – As suas sobrancelhas tinham-se unido e Lizzie estendeu a mão para tocar no vinco.

– Knopfler escreveu para os Dire Straits – elucidou ela, inclinando-se para a frente e roçando-lhe os lábios.

– Podias ser a lua, sabes, não o Surfista Prateado.

Ela não disse nada porque... *bonita*? Ele achava-a bonita?

– Consigo sentir a tua ressaca como no *surf*.

Inclinou-se para um beijo e Lizzie deixou acontecer, mas manteve a boca fechada.

– Não posso fazê-lo novamente – sussurrou.

Dante estava em cima do lençol, o que lhe permitia ver a pele italiana bronzeada e uma ereção junto à coxa.

– Não temos de o fazer.

– Este foi o primeiro orgasmo que tive com outra pessoa em dois anos – explodiu Lizzie. – Perdi a cabeça, mas normalmente, não posso fazer isso, e não quero... deixar que penses que isso acontece sempre.

Silêncio. As suas pestanas eram demasiado longas para um homem.

– Podemos tentar novamente em algum momento? – perguntou ele, com um desejo muito gratificante no olhar.

Lizzie não pôde evitá-lo e esboçou um sorriso radioso.

– Embora eu dê montes de trabalho?

Ele passou-lhe um dedo pelo nariz.

– Caramba, Lizzie, nunca ninguém te disse que é o melhor trabalho do mundo? Melhor do que cozinhar, até. Mesmo tentando ser sensato, diria que fazer sexo contigo foi a melhor experiência que tive em anos.

Lizzie tossicou porque que comentário poderia fazer? *O melhor, de sempre?* Embaraçoso, mas acabou por admitir. Depois não acabou a frase, porque ele poderia pensar que tinha de dizer algo mais.

– Quase casei com um homossexual, portanto, o que sei eu?

Ele pestanejou sob o luar.

– Hum!

– Sim.

Ele tocou na borda de uma cicatriz deixada por um cateter.

– Não estavas a brincar em relação às operações.

Lizzie abanou a cabeça, sentindo um nó na garganta num apelo silencioso a que ele não fizesse mais perguntas.

Dante inclinou-se para mais perto e roçou os lábios nos dela.

– Conheces «Mil Beijos Profundos», de Leonard?

– É um poema e também uma canção – respondeu Lizzie, sentindo a felicidade enchê-la como um barco com água. Um barco a naufragar, com toda aquela emoção.

– Consentirás naufragar com mil beijos profundos? – Expressava-se num tom rouco e o sotaque italiano enrolava-se em torno de cada palavra. Lizzie tinha a sensação inquietante de estar a viver um filme.

Ou melhor, ainda, uma das canções de Leonard.

– Somente beijos – acrescentou ele, porque ela devia ter levado demasiado tempo a pensar.

Lizzie rolou de costas e deu-lhe a versão do seu sorriso tortuoso, do seu convite.

Capítulo Onze



Porta do quarto de Etta Moretti,
por Eleanor Roosevelt:

Faça o que sente no seu coração ser certo,
pois será criticado de qualquer maneira.

Na manhã seguinte, Etta entrou na sua casa em bicos de pés, pensando que talvez Lizzie estivesse lá, a beber uma chávena de café, tal como faziam na série *Friends*. Etta planeava mostrar-se incrivelmente fixe.

Diria *ciao* e depois falaria a Lizzie e ao Babbo sobre o filme, como se aquele tipo de coisas acontecesse todos os dias. Não queria assustar Lizzie. Ela parecia um tanto desconfiada. Basicamente, o oposto de *Lulu*.

Mas ninguém respondeu quando ela disse «*ciao!*». A casa estava silenciosa e fria, como se Babbo tivesse ligado o ar condicionado durante toda a noite. Era um sinal, certo? Ele nunca o ligaria para si próprio.

Depois de algum tempo percebeu que ele fora, obviamente, ao mercado. Mesmo depois de um encontro pela primeira vez em anos – pelo menos, tanto quanto sabia – não passaria a manhã sem fazer nada na cozinha.

Dirigiu-se em bicos de pés ao seu quarto e espreitou pela porta, para ver se havia um sinal de que recebera visitas, mas ficou um tanto contente por não ser esse o caso. Se tivesse visto um preservativo ou algo assim, ela poderia ter vomitado.

Parecia que nada acontecera, o que era muito irritante.

– Muito bem – exclamou em voz alta. – Irei até à praia.

O seu Babbo nunca lhe dizia que tomasse duche porque isso era algo que as mães faziam, o que significava que muitas vezes não tomava um só para vincar posição. Mas agora tomou, porque não se importava de irritar o Babbo, mas não a Lizzie. Depois, vestiu o seu biquíni cor de ananás, com a parte de cima também, porque Lizzie provavelmente tinha razão sobre os homens velhos.

Lizzie não estava na praia, o que recordou Etta que *Lulu* não estivera na casa.

Subiu o passadiço e foi até ao restaurante. Nem sombra de *Lulu*. Quando se dirigiu à janela da cozinha e espreitou, o seu Babbo cozinhava massa tricolor, o que o punha sempre de mau humor. Ele era um perfeccionista e queria que todos os ravioli tivessem tiras do mesmo tamanho.

O coração saltou-lhe no peito.

Babbo colocava grandes tiras de massa vermelha, verde e branca no rolo, e estava a sorrir. *A sorrir*.

A sorrir para si próprio.

A ouvir Dusty Springfield, que era a cantora favorita de Etta, não a dele.

De volta à rua, decidiu que um grande detetive não desistiria. Dirigiu-se ao Bonaparte, entrando no pátio como se fosse hóspede.

Um empregado do hotel – um daqueles tipos enviados de Roma para a época de verão – dirigiu-se-lhe, mas recuou imediatamente quando alguém gritou:

– Estamos aqui!

Etta sorriu ao funcionário com o género de indiferença que vira nos rostos das crianças dos iates. Depois rodopiou até junto de Rohan e do outro indivíduo de cujo nome não conseguia lembrar-se, como se andasse sempre com pessoas de Hollywood.

– Olá, miúda – cumprimentou Rohan, ocupado com palavras cruzadas.

– Nettie, certo? – O outro homem tinha um sotaque sulista adorável. Era quase tão bonito como Rohan, só que mais descontraído.

– Etta – corrigiu-o ela. – Desculpe, mas não me lembro do seu nome.

– Grey. Já tomaste o pequeno-almoço?

Na verdade, Etta não tomava o pequeno-almoço no verão, porque o seu Babbo saía sempre para o mercado às cinco da manhã. Ele julgava que ela comia, mas tal não acontecia. Ela não era gorda, mas também não tinha nenhuma intenção de engordar. Abanou a cabeça.

– Tens fome?

– Mais ou menos – respondeu com cautela.

Rohan ergueu uma mão e um momento depois Gabriella, que, por vezes servia de *babysitter*, apareceu e lançou-lhe um olhar intrigado.

– Pequeno-almoço – disse Rohan, com a mesma voz profunda que tinha na televisão. – Para a Nettie.

– Etta – corrigiu ela. – *Pane e marmellata di mirtilli, per favore, e un tea caldo.*

– O que vai o teu pai cozinhar esta noite? – perguntou Rohan, quando Gabriella se afastou.

– Ravioli tricolor – disse Etta. – Também me cheirou a *confit* de pato.

– O que achas que vai pôr no ravioli?

– Talvez língua de cordeiro. Sei que parece nojento, e *é*, mas tem um sabor ótimo. Hoje é terça-feira, o que significa que o pai da minha amiga Lúcia terá estado no mercado. Ele cria cordeiros. A estação já vai adiantada, mas ele guarda todas as línguas para Babbo porque mais ninguém é doido o suficiente para comê-las.

Grey pigarreou.

– Então, Etta, por acaso viste Lizzie recentemente?

– Não! – respondeu Etta, mexendo-se na cadeira. – Fui ao cinema e dormi na casa da minha amiga. Agora não está ninguém em casa.

– Nós não a vimos – comentou Grey.

– É irmão dela? – perguntou Etta, notando que ele tinha um adorável vinco de preocupação na testa.

Rohan respirou fundo e Grey abanou a cabeça.

– A minha cadela, *Lulu*, também está desaparecida.

– Isso é novidade? – inquiriu Grey. – Encontrei a *Lulu* na praia há uns dias, e a terceira pessoa a quem perguntei disse que a tua cadela andava sempre solta, e que devia deixá-la ir. Por isso, deixei.

– Pode ir verificar ao quarto da Lizzie – propôs Etta. – Só para ver se por acaso a *Lulu* está lá. Começo a ficar preocupada.

Pensou em compor uma expressão preocupada, mas Rohan era um ator, e provavelmente não corresponderia ao exigido. No inverno passado, Miss Hallburton comunicou-lhe que a sua audição para Anne Frank era a pior que tinha visto em anos. Não foi simpática, mas talvez precisa.

– Dezasseis, no segundo andar – indicou Grey prontamente.

– Ela não nos disse para nunca a incomodarmos quando estava a descansar? – murmurou Rohan, escrevendo uma palavra no seu *puzzle*.

– Não seremos nós a incomodá-la, mas a Etta – fez notar Grey.

– É isso mesmo! – Etta levantou-se de um salto. – Voltarei para comer a minha *pane*. Não deixem que Gabriella a leve.

Na verdade, ela nunca estivera realmente no interior do Bonaparte. Gabriella tivera a sorte de arranjar emprego, porque o pessoal era todo de Roma. Os próprios tomates eram enviados por barco até o presidente da câmara ter ameaçado um aumento do imposto do hotel em quatro mil por cento.

Ninguém reparou nela, portanto, esgueirou-se para o elevador como Harriet, a Pequena Espia. No segundo andar, bateu à porta do quarto 16 e os ombros doíam-lhe como se fosse uma daquelas raparigas superdireitas que passavam os verões em iates.

– Sim – respondeu Lizzie do interior, com uma voz mais fraca do que na praia.

– Sou eu, a Etta.

– Não me sinto muito bem, Etta. Lamento.

– Posso ser apanhada a qualquer momento – disse Etta. – Não é suposto estar neste hotel. Não é suposto ninguém da cidade aparecer sem ser convidado. Possivelmente achariam que sou...

A porta abriu-se.

Etta engoliu o resto da frase. Lizzie deu meia-volta, regressou à cama e deitou-se de barriga para baixo. Estava vestida com uma *T-shirt* e calções brancos. *Lulu* soergueu-se e latiu.

– Demasiado vinho de Elba? – Etta fechou a porta atrás dela, depois subiu para o outro lado da cama e apoiou-se contra a cabeceira. –

Demasiado peixe? Demasiado do meu Babbo? Porque alguns dias até eu só o aguento em pequenas doses.

– Vou sentir-me melhor à tarde – declarou Lizzie.

Estava virada para o lado contrário e Etta espreitou. O rosto de Lizzie estava um pouco pálido sob o bronzeado.

Lulu subiu para o colo de Etta e exigiu atenção, por isso Etta puxou-lhe as orelhas algumas vezes. Em seguida, *Lulu* deu a volta junto aos pés de Lizzie e enroscou-se contra o seu estômago.

Etta tentava descobrir como trazer à baila o assunto do jantar da noite anterior, mas, antes de descobrir o que dizer, percebeu que Lizzie enrolara um braço à volta do estômago de *Lulu* e fechara os olhos. Adormecera.

Etta esticou os dedos dos pés e examinou a sua pedicure. Tinha de deixar de pintar as unhas de azul. Depois olhou à volta do quarto. Talvez todos os quartos do Bonaparte parecessem pertencer a Downtown Abbey.

As cortinas chegavam ao chão, com uma orla de pequenas abelhas, alusivas a Napoleão. Ela sabia porque sempre que a irmã do seu Babbo vinha passar férias em junho insistia em passar pela casa de Napoleão.

Talvez ela pudesse convencer o Babbo a levar Lizzie a visitar a casa de Napoleão. Tinha um certo receio de que ele voltasse para a cozinha e fingisse que nada acontecera. Especialmente porque parecia como se tivesse envenenado Lizzie na noite anterior.

Havia pedaços de vidro do mar no parapeito da janela; Lizzie devia tê-los apanhado na praia. A praia deles estava apodrecida por esse motivo. Se ela realmente queria vidro do mar, o suficiente para encher uma taça, tinha de ir à praia negra.

O quarto estava calmo, sem um ruído, exceto o ressonar de *Lulu*. Etta escorregou lentamente para baixo, de costas. Não estava realmente a fingir, mas esta era a forma como uma mãe dormiria a sesta com a filha.

A filha teria muitas perguntas importantes sobre períodos e coisas assim, mas a mãe saberia que haveria tempo.

O teto também tinha um desenho de abelhas, o que, na opinião de Etta, lhe proporcionava sucesso. Quando Lizzie acordasse, tencionava perguntar-lhe se não era um pouco idiota ser tão recalcitrante com as

abelhas. Talvez até usasse essa palavra «recalcitrante». Aprendera a palavra com uma das canções antigas do seu Babbo e não tinha bem a certeza do que significava.

No entanto, sentia-se sempre assim.

Capítulo Doze



Lizzie acordou à beira de um ataque de pânico. Estava prestes a sentir... susteve a respiração e dominou-se. Os seus ossos tinham aquela sensação vazia e oca que se seguia a uma dor aguda. Conseguiu imaginar o que o Dr. Weir diria sobre as últimas doze horas.

Fez um sexo ótimo.

Teve o melhor sexo de toda a sua vida.

Deixou um italiano com olhos verdes convencê-la a dormir na sua cama por apenas uma hora ou duas, e *dormiu*, como há muito não lhe acontecia. Tão profundamente que quando acordou já estava duas horas atrasada. Deixara que a dor a ultrapassasse, o que, como todos os doentes com cancro sabem, é a pior coisa que se pode fazer.

Beijara Dante adormecido e deixara um coração desenhado em açúcar sobre a secretária, porque não conseguira encontrar uma caneta ou papel. Uma pequena aldeia em Elba está fria e escura como breu às quatro da manhã. A lanterna do seu *iPhone* balançara e estremeceu-lhe na mão ao longo da rua, mas foram apenas dois quarteirões até fazer um aceno de cabeça ao rececionista da noite do Bonaparte.

Subiu as escadas, certa de que estava a merecê-las, e mesmo assim não conseguia parar de sorrir para si mesma no espelho. Oito péssimas horas mais tarde...

Espreguiçou-se, rolou de costas... paralisou.

Não estava sozinha.

Pela segunda vez em dois dias conseguira dormir com outra pessoa na sua cama, se não contasse a *Lulu*.

Etta dormia de costas, com os braços ao lado do corpo. Lizzie ficou maravilhada. Etta não tinha mãe, mas isso não importava. Estava tão a salvo, tão certa do seu lugar no mundo e das pessoas que a amavam que dormia sem defesas. Estava vestida com um par de calções de ganga e um *top* vermelho de alças. Demasiado adulto para ela.

Não que isso fosse da sua conta.

– Em que está a pensar? – perguntou Etta, sem abrir os olhos.

Lizzie sobressaltou-se.

– Estás acordada?

– Agora estou. Já alguma vez leu *Harriet, the Spy*?

– Claro que sim.

– Bem, Harriet não dormiria com alguém a olhar diretamente para ela, pois não?

– De Harriet só me lembro de que era má e sorrateira e mereceu quando todos descobriram e passaram a odiá-la.

– Ela não se julgava má. Ela não sabia. Não tinha uma mãe que lhe dissesse para não o ser.

– Não tive mãe durante a maior parte da minha vida, e tu também não, e não andamos por aí a espreitar pelas janelas das pessoas e a escrever coisas num livro. – Etta abriu um olho e Lizzie fitou-a intensamente. – A menos que tu andes.

– Eu não. A maioria das pessoas é uma seca. Os livros são melhores.

– Qual é o teu livro favorito, além de *Flowers in the Attic*?

– Harry Potter, óbvio.

– Hermione?

– Sim. Ela é muito recalcitrante.

Lizzie tentou entender o significado que Etta atribuía à palavra.

– Obstinada – elaborou Etta. – Tinha os dentes demasiado grandes, mas encolheu-os para o tamanho perfeito. Então, como foi o jantar com Babbo ontem à noite?

Oh! Deus do céu!

O que era suposto dizer? Devia ter perguntado a Dante. Era a primeira vez que uma criança a interrogava sobre o encontro de uma noite. Caramba, nunca dormira com alguém que já *tivesse* um filho.

– Adorei o arco de flores! – exclamou, tomada de uma súbita recordação.

O rosto de Etta adquiriu um rosado encantador.

– Preocupava-me que pudesse considerar estúpido.

– Era perfeito. E a *playlist* também era ótima. Tinha-me esquecido de quanto gosto de Dusty Springfield. A propósito, queres tomar o pequeno-almoço? Acho que vou pedir umas torradas.

– Sim! – respondeu Etta. – Deixe que eu peço. O meu pequeno-almoço está lá em baixo e eles podem simplesmente trazê-lo cá para cima. A menos que queira juntar-se a Grey e ao Rohan.

– Não! – recusou Lizzie, num tom firme. Grey olharia para ela e saberia imediatamente que falhara o horário da medicação. Permanecera ao seu lado dois meses durante o pior da primeira sessão de quimioterapia, a contar-lhe anedotas enquanto lhe estendia um balde para que ela vomitasse. Rapando-lhe o cabelo. Tudo aquilo que dura cinco minutos no cinema e é horrível na vida real.

Etta pegou no telefone e começou a falar em italiano tão rapidamente que Lizzie não conseguia entender as palavras.

– Só torrada? – quis saber Etta, dando meia-volta.

– E chá.

Mais italiano, mas Lizzie apanhou *chá caldo*.

– Podem fazer o chá com água mineral, por favor? – apressou-se a perguntar.

Etta revirou os olhos, mas falou um pouco mais, antes de se rir e desligar.

– Estão horrorizados com o meu exagero? – quis saber Lizzie.

– Não – garantiu Etta. – Eles usam sempre água mineral porque os britânicos se queixam do sabor da água de Elba no seu chá.

– Assim é diferente.

– Estes medicamentos são todos seus? – Etta franziu o sobrolho ao olhar para a secretária.

Lizzie contraiu-se. Por sua vontade, iria até lá e empurrava-os todos para a sua mala de viagem, mas... demasiado tarde.

– De quem mais poderiam ser? – inquiriu, contrapondo uma pergunta com outra.

– Acho que de ninguém. Não é viciada em drogas, pois não?

– Não. – Etta tinha os olhos do pai, mas de um verde-esmeralda, como o Adriático num dia nublado. – O que queres fazer quando cresceres? – perguntou Lizzie.

– Posso ir ao *reality Project Runway*. Herdei a criatividade do Babbo, mas não quando se trata de comida. Tenho muita paixão da minha mãe. O que recebeu dos seus pais?

– Posso ter herdado a capacidade da minha mãe para roubar carros – respondeu Lizzie. Cruzou as mãos sobre o estômago e depois fitou Etta. – Não a testei. Não me parece que ela fosse assim tão boa nisso. Infelizmente ficou doente e morreu na prisão, por isso não me ensinou.

Etta arregalou os olhos.

– É filha de uma vigarista!

– Soas a um filme dos anos oitenta – comentou Lizzie, sorrindo porque o tom de Etta era o exato.

– Ela não lhe ensinou nada? Nem sequer como fazer uma ligação direta num carro?

– Não me parece que hoje em dia seja possível fazer ligações diretas nos carros. São todos controlados por computador.

Etta revirou os olhos e Lizzie concluiu que as jovens de doze anos não se impressionam ao serem desmotivadas ante a realidade.

– Cresci em lares de acolhimento e não conheci muito bem a minha mãe. Ela já morreu há muito tempo.

– Isso é péssimo! – exclamou Etta.

Lizzie rolou para o lado.

– Nem por isso. Como poderia ter-me tornado professora se a minha mãe me tivesse ensinado a roubar carros? A sorte bafejou-me e acabei com uma mãe adotiva que realmente se preocupava com os trabalhos de casa.

– Sim, mas todos sabem que o sistema de acolhimento está arruinado porque todos são predadores e... o resto.

Lizzie abanou a cabeça.

– Isso não me aconteceu. Grey foi colocado comigo, e depois tudo correu pelo melhor.

Etta estreitou os olhos.

– Nada de mal, como em *Lolita*?

– Felizmente, não.

– Lares de acolhimento, mãe presa, e está doente e tem de tomar medicamentos? Não é justo!

Havia algo tão chocado no seu tom... chocado, mas não particularmente compreensivo que Lizzie soltou uma gargalhada.

– A justiça tem o seu lugar, mas não nas grandes coisas.

– Tudo o que é grande devia ser justo – afirmou Etta, com os lábios traçando uma linha reta. Lizzie conseguia imaginá-la aos dois anos, a aprender que o mundo nem sempre concordava com ela.

– Sim. E não. Se a vida fosse sempre justa, não haveria vitória, e é divertido ganhar.

– O que ganhou?

– Não estou na prisão. Faço algo que adoro. Neste momento, estou numa ilha, hospedada num hotel de quinze estrelas. Estou apaixonada por Elba.

Etta refletiu no assunto, a testa franzida como a do pai, só que a pele se suavizou como água do lago após ser atingida por uma pedra.

– Não vou ser uma alcoólica. Nem ter um bebé e abandoná-lo.

Ouviu-se uma pancada na porta e Etta saltou da cama, atravessou rapidamente o quarto e abriu. Havia um tabuleiro com campânulas abobadadas, mas não eram de aço inoxidável. Na verdade, Lizzie suspeitava que eram de prata.

– Uau! – exclamou Etta um minuto depois, espreitando por baixo de uma campânula. – Sinto-me como Napoleão. Sabe que ele costumava

viver em Elba, certo?

Lizzie assentiu com a cabeça e não se levantou porque a ausência de dor não significa energia. Agora, não tinha nenhuma.

– Podemos comer na cama?

Etta parecia esperançosa.

– Costumas comer à mesa?

– Sim. Os italianos adoram comer. Eu cresci a jantar às quatro, logo após ter voltado da escola, para que Babbo pudesse voltar para o restaurante. Os meus amigos podem jantar a ver as séries *The Office* or *Friends*, mas nós sentamo-nos sempre e temos dois pratos, por vezes três.

– És muito boa a dramatizar – comentou Lizzie. – Anda lá então, traz a torrada, e vamos comer na cama.

– É mais do que torrada – comentou Etta. – Parece que precisa de algo mais nutritivo, por isso pedi muita comida, coisas boas para o caso de não gostar de comer línguas de cordeiro esta noite.

Lizzie ficou orgulhosa por não vomitar. Muito. Mas...

– Estás a brincar, verdade? – perguntou num tom agudo e estridente.

– Isso é um obstáculo, e não vai sair com Babbo novamente? Porque ele estava feliz esta manhã. Deve ter gostado do encontro, apesar de eu pensar que o arco o envergonhou.

– As línguas de cordeiro podem ser um obstáculo – admitiu Lizzie, com firmeza.

– Podia dizer-lhe que se tornou vegetariana.

– Sim.

– Mas, nesse caso, acabaram-se os hambúrgueres. – Etta estendeu-lhe uma grossa fatia de pão coberta de manteiga e mel. Era uma cuidadora, esta miúda de doze anos. Queria assegurar-se de que Lizzie comia, porque amava o seu Babbo.

Em resumo, Etta era a casamenteira de serviço para ela e para o seu pai.

– É verdade – articulou Lizzie com esforço. Devia expulsar Etta do seu quarto nesse preciso momento. Devia insistir em apanhar o avião para

Paris. Ou simplesmente ir para casa porque, sejamos realistas, o *Romeu* de Rohan assemelhava-se a um acidente de carro.

– Se fosse vegetariana – prosseguiu Etta – também não poderia comer empadas de cordeiro. Mas, se comesse uma empada de cordeiro... porque, a sério, são do melhor... tinha de vir de uma ovelha bebé. E ainda há as sobras.

Lizzie soltou um gemido.

– Prefiro não pensar nisso.

– Não é bonito – disse Etta, sorrindo e com os lábios brilhantes de juventude e manteiga. – As orelhinhas de cordeiro são deixadas, as pequenas caudas encaracoladas, os olhinhos meigos e narizes de bebé macios.

– Oh! Por amor de Deus! – exclamou Lizzie. – Narizes de bebés? A sério?

– Provavelmente, algures no mundo, comem-se esses narizes – disse Etta. – Para não desperdiçar comida. E é melhor ter esperança de que o meu Babbo nunca pense nisso, porque arranjará a receita. Ele não suporta desperdiçar comida.

– Ainda assim. *Línguas de cordeiro*? Em duas palavras, odeio restaurantes com estrelas Michelin.

– Ele usa-as nos raviolis e são uma delícia. Ah! Apanhei esse olhar. Nem sequer vai experimentar o ravioli dele, pois não?

– Não – garantiu Lizzie, que ficou bastante surpreendida ao ver que terminara a torrada. Sentia-se muito melhor.

– Então, terá de dar comida à *Lulu* por baixo da mesa. Ele orgulha-se muito da forma como os faz em três cores e pode ficar triste...

– Cala-te, Etta.

Etta sorriu, nada arrependida.

– A *Lulu* adora línguas de cordeiro. – Pousou o seu prato vazio e calculou o peso da campânula de prata. – Acha que eu poderia conseguir quinhentos dólares se derretesse isto?

– Não. Porquê essa ideia fixa dos quinhentos dólares?

– *Hamilton* – respondeu Etta. – É quanto custa o que quero. Disse-me uma colega da minha turma. – Balançou as pernas para fora da cama. – É melhor ir andando. Tenho de cortar legumes durante uma hora diariamente. Seria trabalho infantil nos Estados Unidos, especialmente porque o Babbo não me dá uma mesada.

Lizzie falou sem pensar. As palavras vinham de algum lugar bem fundo dentro dela que já não sabia existir. De uma parte que acreditava em *Hogwarts* e em feitiços que podiam fazer crescer os dentes até ao tamanho certo.

– Quer ajuda para cortar?

– Babbo precisa sempre de ajuda.

Lizzie teve de dar-lha: Etta fez um bom trabalho ao mantê-la a sorrir razoavelmente.

– Então queres ir para o LaGuardia High School? – perguntou Lizzie depois de ter tomado duche e quando se dirigiam à porta com *Lulu* atrás.

– Dantes queria, mas pus de lado a ideia da representação. Acabou.

Encontraram Rohan ao atravessarem o pátio. Ele levantou-se de um salto e disse que também queria cortar legumes. Obviamente, queria mesmo que Dante o deixasse transformar o restaurante numa máquina de fazer dinheiro, o que nunca aconteceria, na opinião de Lizzie.

Mais pessoas significaria aumento de pedidos de batatas fritas de infieis que achavam que o alcaçuz não combinava com peixe, nem línguas de cordeiro eram legais.

O restaurante parecia ainda mais delapidado à luz do dia, sem luzes cintilantes, nem o ambiente de excitação por parte dos iatistas que chegavam para uma refeição que tinham reservado há meses.

Talvez Rohan achasse que fazer amizade com Etta lhe conseguiria mais reservas. Nesse preciso momento ela falava-lhe de uma audição falhada para *Anne Frank* e um dos atores mais famosos dos EUA – prestes a ser um realizador famoso – assentia compreensivamente.

– Tens de escolher os papéis adequados – disse ele enquanto atravessavam o pátio do restaurante. – Anne simplesmente não era a personagem certa para ti.

– *Ya* – concordou Etta. – Ou não presto como atriz! – Não parecia importar-se muito. Empurrou a porta que dava para a cozinha. – Ei, Babbo, olha! Trouxe alguns ajudantes de cozinha, e nem sequer temos de pagar-lhes.

Lizzie sentiu-se desesperadamente insegura. Os dois não tinham falado. Talvez Dante quisesse fingir que a noite passada não acontecera. Afinal, ela dissera que eles não podiam ter uma relação.

Mas ele ergueu apressadamente a cabeça e o olhar não enganou.

– Caramba, rapariga – sussurrou-lhe Rohan ao ouvido. – Deves ser boa na cama.

Ela deu-lhe uma palmada.

– Cala-te. – Dirigiu-se a Dante, tentando parecer casual porque havia mais três pessoas na cozinha, uma delas o empregado tatuado, que a brindou novamente com aquele olhar malicioso. – A sério? Podemos ajudar?

– Sabes lidar com facas? – perguntou Dante com um enorme sorriso.

– Claro! – Sabia cortar pão.

– Não, não sabes. E você, Rohan?

– Zero.

– Vou mostrar ao Rohan como se corta aipo – decidiu Etta. – Ele está a dar-me uma visão valiosa da minha vida futura como atriz. Ensina algo à Lizzie, Babbo.

– Sim, Babbo, ensina-me algo – murmurou Lizzie, olhando para Dante.

Ele pigarreou.

– Alguma vez cortaste filetes de peixe?

Lizzie abanou a cabeça. A mão dele pousara casualmente na sua anca e ela sentiu um arrepio na espinha. Os seus olhos verdes como o mar tinham um anel preto na íris.

– Faço-o no quintal porque é uma tarefa suja e complicado.

– Ah!

– Vamos.

Mal a porta se fechou atrás deles, uniram-se de imediato num abraço silencioso e beijaram-se até que ela começou a rir de pura alegria. Ele afastou-se, depois empurrou-lhe as madeixas para trás da orelha e olhou para trás na direção da porta fechada.

– Ela está curiosa – disse Lizzie, acenando com a cabeça.

Curiosa ou não, Etta não apareceu e eles beijaram-se entre a preparação de cada peixe. A faca de Dante era tão rápida que escamas brilhantes saltavam pelo ar, virando-se, recebendo a luz do sol.

– Pensarei sempre em ti quando me cheirar a peixe cru – afirmou ele uma hora mais tarde.

Lizzie sentiu uma gota de suor frio a escorrer-lhe pela espinha. Teria de lhe dizer.

Em vez disso, aconchegou-se mais e encostou-lhe a face contra o peito. Ele cheirava a suor e a *sushi*.

Rohan enfiou a cabeça pela porta das traseiras.

– Já cortei aipo suficiente para um exército, por isso vou regressar ao hotel.

– Obrigado – agradeceu Dante.

– Será que o aipo vai conquistar uma reserva para hoje à noite? – Rohan esboçou um dos seus sorrisos, idênticos aos que brilhavam numa centena de *outdoors*.

– Rohan adora a tua comida – disse Lizzie a Dante. – Comprou um apartamento em Chelsea porque fica perto do teu restaurante.

– Céus!

– Vou aceitar isso como um sim! – exclamou Rohan. – Bom trabalho, Lizzie. Vejo que estás a aprender muito sobre peixe. – E desapareceu.

– Diz-me que é gozo.

– Não. O Rohan não pode comer muito por ter de manter a aparência, por isso cuida da alimentação. Há anos que não come uma batata frita do McDonald's.

– E tu *comeste*?

– Não precisas de ficar tão horrorizado.

Onde antes havia um balde com peixes brilhantes de escamas iridescentes estava agora uma bandeja de filetes, todos exatamente do mesmo tamanho.

– *Estou* horrorizado – replicou Dante, virando a cabeça e beijando-lhe a testa.

– É melhor ir atrás do Rohan – disse Lizzie. – Talvez possa convencê-lo a discutir a peça. Sinto-me culpada porque ele não tem feito progressos.

– Quero colocar-te naquela mesa e mostrar-te que a noite passada não foi um acidente.

A sua voz era profunda e sensual, mas Lizzie riu-se da ideia de que ela, que mal conseguia relaxar no escuro, alguma vez fosse encantadora à luz do dia. Mas a respiração tornou-se-lhe ofegante quando Dante a atraiu contra ele e se sentiu invadida pelo desejo.

– Quanto mais tempo te resta em Elba?

A pergunta pairava no ar, significando todo o tipo de coisas que não tinham nada a ver com o tempo. Lizzie deixou a verdade infiltrar-se nos ossos. Aquilo não era um encontro de uma noite. Ela não ia fugir.

– Muito tempo. Mais cinco semanas.

Dante assentiu com a cabeça, afastando-se. Colocou o último filete num alinhamento preciso com o que se encontrava por baixo. Uma grossa madeixa caíra-lhe sobre a testa. O rosto era retangular e o maxilar sólido. O nariz era demasiado grande.

– Qual é o teu apelido?

– Delford.

O espaço entre as sobrancelhas de Dante reduziu-se a um centímetro. Ou uma polegada.

– Ele é o tipo *gay* com quem quase casaste, certo?

– «Pensa em *Romeo and Juliet*: jovens e condenados» – respondeu ela, encolhendo os ombros. Ergueu uma mão para proteger os olhos, desejando ter usado o seu chapéu de sol. – Ficámos juntos até já não estarmos apaixonados.

- Depois acabaram? – inquiriu com um grunhido.
- Em dois mil e quinze – respondeu Lizzie. – Levou-nos algum tempo a tornarmo-nos novamente os melhores amigos, mas conseguimos.
- Vocês separaram-se porque ele é *gay*.
- Isso.
- Lizzie Delford, gostaria de foder-te em cada uma das noites que passares nesta ilha.

Dante escolhera a palavra deliberadamente para que ela não pudesse lamentar-se por não querer uma relação. Ela sabia disso, e ainda assim a palavra bateu no chão entre eles. Ele avançou mais um passo, com os olhos atentos. Tinha uma escama brilhante agarrada à face. Parecia uma versão daquelas manchas negras que Maria Antonieta colava nas faces.

Um sinal.

Lizzie tinha a sensação inquietante de que ambos passavam de notas soltas para um acorde musical.

Só de pensar no efeito em Julieta quando Romeu morreu! Não que ela e Dante tivessem treze anos.

- Foder está *okay* – anuiu num tom débil. – Talvez flertar um pouco.

Dante não fez qualquer comentário. Apenas a fitou.

Ele ia entrar na história dela e mudar as coisas mais do que já tinha mudado. Mas era esse o objetivo, certo? Romeu apaixonou-se por Julieta porque ela era tão bonita, mas a história mudou após ela ter proposto casamento.

Um soneto partilhado num baile não era perigoso. Algumas semanas de sexo não era perigoso.

- *Okay* – anuiu ela, sustendo a respiração. As palavras pairavam-lhe na cabeça. *Às vezes fico doente. Estou doente. Estou...*

Nos últimos seis meses, começara a sentir-se como um dente-de-leão soprado, flutuando, perdendo coisas e pessoas. Desfazendo-se dos seus livros. Quando o fim chegasse, não teria nada a dizer exceto «Amo-te» a Grey.

O perigo de livrar-se de um dente-de-leão é óbvio.

Dante deslizou as mãos pelos braços dela.

Fora fácil para Bob Dylan reduzir tudo o que sabia a uma coisa simples, um beijo. Dante começou a beijá-la novamente, e ela afastou esse pensamento, porque algo transbordava daquele beijo, e talvez houvesse conhecimento ali.

Tudo o que sei é isso.

Capítulo Treze



– Posso confiar o resto da preparação ao Augusto – disse Dante por cima do ombro enquanto numa tarde lavava as mãos duas semanas depois daquela primeira noite. – Quero levar-te a um sítio, porque a Etta não vai voltar até ao jantar.

Lizzie não conseguia parar de sorrir, um sorriso cintilante que a fazia sentir-se como se estivesse de novo no secundário. No início, Dante manteve-se fiel a uma rotina estrita na cozinha. Mas agora abandonava o fogão, passando horas na praia com ela, chegando mesmo a regressar do mercado a tempo de tomar o pequeno-almoço no hotel com todos eles, e Etta também.

Aproximavam-se dia a dia, não apenas Lizzie e Dante, mas Rohan, Grey, Ruby e Etta. Comiam, discutiam e apanhavam sol. Ruby ensinava Etta a tricotar e Rohan ensinava a Dante como se faziam as palavras cruzadas do *Times*, e Dante...

Dante ensinava a Lizzie que, se ela esperasse pelo prazer, ele viria. Todas as vezes.

– Vamos a uma nova praia? – perguntou ela.

– Não.

Deviam ser umas quatro da tarde, mas Lizzie não tinha o seu telemóvel, por isso não sabia. Ela *nunca* se esquecia do telemóvel. Tinha uma aplicação especial que lhe recordava a hora dos medicamentos. Tinha também uma aplicação que comunicava diretamente com o médico, e três aplicações que a lembravam de respirar e viver o momento.

A ironia era óbvia. Ela não tinha nenhum problema em viver este momento.

Dante tinha um pequeno calhambeque branco, um *Fiat 600*, informara ele. Lizzie entrou e baixou o vidro da janela porque não havia ar condicionado.

– É velho – acrescentou ele, desnecessariamente.

Dirigiram-se para a estrada que se estendia junto ao mar, que estava do lado de Lizzie. Quando subiram mais, o mar passou de um azul-claro para uma tonalidade mais escura, com mais verde.

– Gostas de filmes da Disney? – indagou ela.

Ele respondeu sem hesitação:

– Nem um bocadinho. – Dante fitou-a. – Demasiado idiotas para perder tempo.

– Eu adoro a Ariel da *Pequena Sereia*. – E cantou a parte sobre o mar.

– Grande voz – elogiou Dante.

Lizzie pestanejou, porque nunca cantava sem pensar primeiro. Na verdade, raramente cantava. O máximo a que se atrevia era cantarolar.

– Obrigada.

Afastaram-se do mar e começaram a subir para as montanhas. O ar mudou quase imediatamente e um cheiro a pinheiro invadiu o carro. Não havia uma grade de proteção do lado dela, apenas uma descida íngreme até uma profunda floresta que se estendia até à pequena faixa de estrada que já haviam escalado, e daí uma descida ainda mais íngreme até ao mar.

Dante tirou a mão direita do volante e aproximou-se dela, mas Lizzie soltou um gritinho e empurrou-a de volta ao volante.

– Estás a brincar? Esta estrada faz-me lembrar uma entrada para o metro: demasiado estreita e íngreme para todo o tráfego.

Ele riu e colocou as duas mãos no volante.

– É na verdade bastante seguro. Vês aquele espelho? – Descreveram outra curva.

Seria indelicado agarrar-se à lateral do carro, não seria? Os carros que não têm ar condicionado definitivamente não têm *airbags*.

– Sim – respondeu ela, sem conseguir disfarçar o medo.

– O espelho indica-me se algo grande aparece, como um autocarro.

– Um autocarro! – Lizzie espreitou novamente para fora do seu lado. – Não há espaço para um autocarro. – Árvores ladeavam a curva da montanha por baixo dela. Era como olhar de um helicóptero... não que

alguma vez tivesse estado num deles... pairando sobre um mar de verde, de jade pálido a abacate e esmeralda vítrea.

– Nós encostaríamos – explicou Dante, acenando com a cabeça para o outro lado da estrada. – Não há muito trânsito durante a tarde. É diferente quando as pessoas voltam do trabalho para casa.

– Há trânsito na hora de ponta *nesta* estrada? Suponho que o teu carro não tem *airbags*.

Era irritante o quanto gostava do seu riso. Gostava? *Adorava*. Adorava o seu riso. Quem discordaria? Era profundo e alegre. Como o de uma criança..., alguma vez ela rira daquela maneira?

Talvez não.

Estavam quase no topo da montanha.

– Já chegámos – indicou Dante, metendo por uma estrada de terra.

– Graças a Deus! Sem encontrar um autocarro – respirou Lizzie, aliviada. – Chegámos, onde?

– A um dos meus lugares preferidos, uma abadia construída em mil e trezentos.

Lizzie saiu devagar. A abadia desmoronara-se há centenas de anos. Árvores tinham crescido à sua volta e no interior. Videiras haviam transformado montões de pedra em criaturas verdes indistintas, como os elefantes e as girafas cuidadosamente moldados por jardineiros britânicos.

Estas seriam baleias ou dinossauros adormecidos.

A floresta elevava-se por todos os lados, o ar era tão fresco e perfumado por pinheiros que se tornava difícil imaginar terem deixado há pouco para trás a costa húmida e arenosa.

Dante passeava pelo lado da abadia, em direção às traseiras. Lizzie ficou onde estava, com relva e ervas daninhas até aos joelhos, «as chamadas renda da rainha Anne em forma de guarda-chuva, uma das favoritas entre borboletas e abelhas», pensou.

Quando ele desapareceu, ela ficou ali sozinha, num silêncio apenas interrompido pelo canto dos pássaros. A abadia quase parecia respirar, adormecida debaixo das árvores. Se alguma vez viesse a acreditar em

Deus, este poderia ser o lugar. Susteve a respiração, mas nenhuma voz silenciosa lhe ofereceu erudição ou profecia.

Ainda assim... havia uma sensação. Talvez devido aos monges que tinham vivido ali, orando, oferecendo bênçãos, cantando.

Seguindo Dante até às traseiras, Lizzie sentiu como se quase pudesse ouvir o eco da música coral de Tallis Canon, embora talvez não tivesse anos suficientes para ser cantada por esses monges. Deu a volta aos restantes pilares e encontrou Dante sentado de costas para uma grande árvore, a comer uma ameixa.

– Este deve ter sido o pátio – concluiu ela, agachando-se e afastando ameixas caídas para se sentar.

– Quando era rapaz li muita ficção científica – comentou Dante, deitando fora o caroço. – Costumava vir de bicicleta até aqui e ler, fingindo viajar pelo tempo e encontrar-me em mil e trezentos ou mil e quatrocentos.

– Subias *de bicicleta* por esta estrada? – surpreendeu-se Lizzie, num tom agudo.

Dante beijou-lhe as costas da mão, com um olhar sorridente.

– Havia menos tráfego nessa altura. Se aparecesse um carro, tinha mais do que tempo suficiente para encostar.

– Com que mais sonhavas? – Ela começou a colher ameixas à sua volta, deitando fora as que haviam sido bicadas pelos pássaros e fazendo uma pilha de fruta roxa escura.

– Fazer sexo – respondeu Dante com simplicidade. – Alguns dias só conseguia pensar nisso, por isso foi ótimo não ter viajado no tempo e chocar os monges.

– Estás a dizer que costumavas *masturbar-te* aqui atrás? – Lizzie começou a rir-se. – Julgava que parecia um lugar abençoado.

– Conseguirias pensar nos restos do meu ADN como oferendas?

– Não! – Lizzie encostou-se ao seu ombro. – Tento imaginar-te em jovem. Como eras?

– Solitário – respondeu Dante, retirando uma ameixa da sua pilha e olhando-a criticamente antes de a morder. – Masturbatório, obviamente. Fascinado por comida, mas reservado a esse respeito.

– Porquê? Os italianos não estão sempre a pensar em comida?

– Claro que sim, mas na minha família outras pessoas preparam a comida.

– Oh! – exclamou Lizzie. – Então és rico? A tua casa é grande, mas julguei que fosse por causa do restaurante.

– Não uma riqueza como os que andam de iate – esclareceu Dante, lambendo os dedos. – A casa pertenceu à minha bisavó. O meu Babbo é professor e a minha mãe é juíza.

– Uau!

Ele encolheu os ombros.

– Costumava passar tempo com a minha avó, aprendendo a cozinhar *polpette*, o que demorava dois dias, massa tricolor, as coisas difíceis. Era filho único, por isso ela dizia sempre que me ensinava, caso a minha mulher se revelasse tão dececionante como a sua filha. A juíza – acrescentou.

– É duro de ouvir.

– Era assim que ela via as coisas. As famílias italianas funcionam porque há uma rotação de mulheres para cuidar da casa.

– Sim, muitas famílias em todo o mundo estão organizadas dessa maneira – replicou Lizzie, elevando a voz.

– Os meus pais pensaram que eu seria um juiz ou talvez um senador. Não um professor, pois o sistema académico em Itália é altamente corrupto..., mas um juiz. Um bom juiz, como a minha mãe. O único problema é que eu não estava minimamente interessado. – Moveu-se, puxando Lizzie sobre a sua perna de modo a que ela ficasse sentada de costas para o seu peito. Rodeou-a com os braços, enfiando o queixo no pescoço dela.

– Trouxeste-me aqui para cumprir algum tipo de fantasia adolescente? – perguntou Lizzie, inclinando a cabeça para trás, analisando-o com um

franzir de sobrancelhas. – A verdade é que sou uma respeitável mulher de trinta anos, e não faço sexo em espaços sagrados. Nem mesmo no chão.

– Nã – respondeu ele afavelmente, beijando-a na testa. – Apenas pensei que gostarias.

Lizzie aconchegou-se contra o seu peito, envolvendo os braços nos dele.

– E os teus pais? – indagou Dante um pouco mais tarde, quando Lizzie estava prestes a adormecer devido ao zumbido das abelhas.

A pergunta despertou-a.

– *Não* eram juízes nem professores.

Dante deixou pender o queixo sobre a cabeça dela.

– Esqueci-me que me disseste que costumavas inventar histórias sobre o teu pai, tal e qual a Etta. E quanto à tua mãe? O que faz ela?

Lizzie abriu a boca... roubo, drogas e morta para começar? Algo do género deve ser mantido longe dos amantes casuais. Mesmo assim, contara a Etta.

– A minha mãe faleceu há muito tempo – disse ela finalmente.

– A tua mãe conhecia o teu pai? Em mais do que no sentido bíblico – acrescentou ele.

– Essa parece ter sido a extensão do seu conhecimento – retorquiu Lizzie. – Toda aquela tranquilidade assemelhava-se a uma droga, uma droga de paz e amor que transformava factos dolorosos em insignificantes. Tu estavas aqui a masturbar-te, pensando em estrelas de cinema – prosseguiu – e eu estava ocupada a fingir que o meu pai apareceria para me levar. Teria especificado um iate, mas penso que não sabia que existiam.

– Lizzie – reagiu Dante, envolvendo-a num abraço mais apertado.

– Grey e eu estivemos juntos em famílias de acolhimento durante anos – continuou ela, elevando a voz para um tom de alegria. O silêncio de Dante era quente e interessado, o que a levou a continuar: – O nome da nossa mãe adotiva era Mistress Bedrosian, uma mulher muito devota. No entanto, um lugar como este tê-la-ia horrorizado.

Dante levantou o queixo.

– Porquê?

– É uma igreja, mas ninguém a cuida – replicou Lizzie. – Não temos muitas coisas velhas na América, e ela adorava coisas velhas. Ela é a razão de eu ser shakespeariana; costumava fazer uma noite de cinema com pipocas sempre que uma das suas peças era transmitida na televisão pública. Se dependesse de Mistress Bedrosian, isto seria vedado, e haveria docentes a vaguear por aí, indicando-te onde costumavam estar as casas de banho medievais, e onde estão agora as modernas. O ingresso custaria pelo menos doze dólares.

– Que sorte a nossa! – exclamou Dante. Moveu-se novamente e deitou-a na cova do seu braço direito, com as pernas sobre as dele. Depois, beijou-a no nariz.

– Como é que uma devoção extraordinária se traduz a nível de acolhimento? – perguntou ele.

– Havia muita oração, mas, basicamente, Deus tinha-lhe dito para salvar as nossas almas, o que significava estarmos limpos e alimentados e ela esforçava-se para garantir que éramos felizes. Preocupava-se se um de nós estava doente, e obrigava todos a fazer os trabalhos de casa.

– Quantos estavam lá?

– As crianças estavam sempre a chegar e a ir embora. O máximo eram catorze, porque houve uma situação crítica com um pai adotivo abusivo.

Dante arrepiou-se.

– Odeio casos desses.

– Tens razão – concordou Lizzie. – Em seguida, inclinou a cabeça e beijou-lhe a barba áspera sob o queixo. – Mas não me aconteceu, nem ao Grey.

– Portanto... devoção – disse Dante, num tom mais profundo, talvez de alívio.

– Muita canção – declarou Lizzie. – Catequese, é claro, e hinos durante toda a tarde de domingo, e pelo menos dois antes do jantar, todas as noites. Em partes.

– Parece rigoroso.

– Era. Penso que pode ser por isso que eu e o Grey... Bem, porque nos tornámos no que fomos. Com diplomas universitários. Cantar, cantar de verdade, requer disciplina, e ambos tínhamos boas vozes, por isso ela obrigava-nos a trabalhá-las.

– É importante aprender a trabalhar – comentou Dante, assentindo com a cabeça.

– *Ela* estava sempre a trabalhar, cuidando dos seus filhos adotivos. E a rezar. Rezar era trabalho para ela, o trabalho de uma vida. Além de cantar. Essas três coisas parecem separadas, mas não eram. Qualquer rapariga que fosse para casa de Mistress Bedrosian era identificada primeiro, antes do nome, pelo facto de ser soprano ou alto. A menos que fosse demasiado baixa, é claro.

– O que és? – quis saber ele, parecendo divertido.

Lizzie sentiu uma sensação de alívio. Ele não tinha pena dela. Ao longo dos anos, desenvolvera uma versão Disney de acolhimento relativa a Mrs. Bedrosian, embora a realidade não estivesse terrivelmente longe.

Afinal, ela e Grey frequentaram a faculdade. Ela *era* professora e Grey *era* um escritor. Graças a Mrs. Bedrosian.

– Sou contratenor – respondeu Lizzie, roçando a língua pelo áspero queixo masculino.

– Uh. Eu não sei o que isso é. Nem o que sou, já agora.

– Sabes algum hino?

Dante abanou a cabeça.

– Fui batizado, mas não confirmado, para grande desaprovação da minha avó. Julgo que ela achou isso mais difícil de perdoar do que a carreira da minha mãe. Os fantasmas dos monges, que decerto andam a vaguear por aqui, e provavelmente se lembram de todo o esperma que derramei no seu pátio, adorariam que cantasses um hino, Lizzie. E eu também adoraria.

– Não canto muito atualmente – disse Lizzie. Um eufemismo. Guardava a voz para si mesma e assim fora durante anos.

– Entendi. – Inclinou a cabeça e uniu a boca dela à sua.

«Dante sentia quando uma pessoa queria mudar de assunto», pensou Lizzie. Era um sinal de profunda bondade.

Mas o pensamento esvaiu-se porque beijar Dante não era uma busca de pensamento, ao contrário de tudo o resto na sua vida.

Exceto talvez cantar.

Ele envolveu-a e, depois de algum tempo, com muitas gargalhadas, um Dante mais jovem e ávido brilhou nos seus olhos. E conseguiu convencer Lizzie a deixar-se adorar numa cama de relva, talvez observada por monges fantasmagóricos.

– Eles ficariam muito felizes por mim – disse ele mais tarde, deitado de costas, ofegante.

Lizzie afundou o olhar nas longínquas árvores, deixando que a felicidade a preenchesse como o prazer que tivera. Deixando-a tomar conta do seu corpo como se as outras coisas que lhe haviam conquistado o corpo não existissem.

– Podia cantar algo para eles – sugeriu. – Nunca mais tive vontade de cantar, mas aqui...

– Quem me dera poder acompanhar-te, mas só consigo Grateful Dead e os Beatles – referiu Dante, colocando um braço atrás da cabeça de uma forma que salientou os seus bastante apetecíveis músculos do braço.

– Não faz mal – respondeu Lizzie. – Cantei muitos solos. – Levantou-se, porque os monges não cantariam deitados, com os hábitos erguidos até à cintura. Sacudiu o vestido de verão. Depois, baixou os olhos para Dante. – Pensei no Tallis Canon quando chegámos.

– Não faço ideia do que isso seja – confessou Dante –, mas adoraria ouvi-lo.

Lizzie respirou fundo pelo nariz e deixou passar o ar pela boca. *Aquecer a voz*, ouviu Mrs. Bedrosian em pensamento. – Devo cantar os quatro versos ou apenas os meus favoritos?

Dante fitou-a, com o olhar inconfundível de pálpebras pesadas de um homem que acabara de ter um orgasmo e já pensava no próximo.

– Todos eles.

– *Louvado sejas, meu Deus, esta noite* – começou suavemente. – *Por todas as bênçãos da luz.* – Olhou para a abadia sonhando ao pôr do Sol, mas viu pelo canto do olho quando Dante se sentou. A sua voz tendia a fazer isso às pessoas.

– *Guarda-me, ó Guarda-me, Rei dos reis, sob o abrigo das tuas asas.* A sua voz era perfeita para uma abadia aberta à chuva e ao sol. Normalmente odiava a forma como ela perturbava o mundo. Mas aqui?

Parecia unir-se ao silêncio, não muito alta, não muito aparatosa.

Cantado o segundo verso, Lizzie franziu o nariz e disse:

– Salto o terceiro verso, porque o odeio. – Respirou fundo com o súbito desejo de que Grey estivesse presente. Era o seu cântico favorito. Evitara cantar com ele durante anos, o que agora lhe parecia egoísta.

– *Louvado seja Deus de quem todas as bênçãos fluem* – cantou, mergulhando num profundo e calmo apelo. – *Louvado seja por todas as criaturas aqui em baixo.*

Agora, Dante estava de pé, as mãos na cabeça, e com aquele olhar surpreendido que algumas pessoas tinham quando ela cantava. Passou para as duas últimas linhas, acordando o velho silêncio, os monges adormecidos e os pássaros sonolentos.

– *Louvado seja o Pai, Filho e o Espírito Santo.*

A sua voz era grande demais para o seu corpo, mas indicada para uma abadia inteira.

Quando a última nota morreu, Dante exclamou:

– Céus! – com tal estupefação que Lizzie desatou a rir.

Ele aproximou-se, rodeou-lhe os braços com as mãos e não disse todas as coisas que as pessoas normalmente diziam quando a ouviam do género: «Por que é professora? Podia ser milionária! Susan Boyle não se lhe pode comparar!»

– Obrigado – disse ele em vez disso, beijando-a. – Obrigado dos monges, da memória de um rapaz atrevido, do adulto que sou agora. Esta foi a canção mais bonita que alguma vez ouvi.

Lizzie soltou uma risada alegre e estridente.

– Foste a um concerto de Leonard Cohen!

– És melhor – elogiou ele, puxando-a para os seus braços.

Não lhe pediu que voltasse a cantar nem lhe disse que estava ansioso para que os seus amigos a ouvissem. Nada disso. Nada do que a teria feito contrair-se.

Em vez disso, beijou-a novamente e disse:

– Hora de ir para casa e cozinhar, minha Lizzie.

Ao descer a montanha, havia canto no seu coração, mas não tinha nada a ver com hinos e tudo a ver com aquelas palavras.

– Minha Lizzie.

Capítulo Catorze



Lizzie passou a manhã seguinte na praia com *Lulu* e voltou a pé para o hotel com um riso silencioso a borbulhar dentro dela. Era normal encontrar-se no meio de um caso tão intenso que parecia acelerar-lhe o sangue nas veias?

No secundário, obviamente.

Mas agora? Uma mulher de trinta e dois anos à beira de algo memorável, ou seja, a morte, que deveria estar a preparar-se para aquele grande salto? Visitando o Peru, aprendendo a meditar para poder respirar em sincronia com o universo, terminando uma grande obra de arte?

Ou até mesmo aprendendo a tricotar?

Ao entrar no pátio, Grey levantou-se e veio na sua direção.

– Onde estiveste?

Lizzie parou mesmo à sua frente e ergueu o rosto. Grey fitava-a com um ar carrancudo. Ele não era um homem carrancudo por natureza. Caracterizava-se por um agradável sentido de humor, com um toque de charme do Sul.

Grey era *encantador*. Mas Lizzie ainda não decidira o quanto Rohan via do verdadeiro Grey, o homem que enfrentava os seus medos – e eram muitos – e lhes dava forma em livros de terror.

– A preguiçar na praia – respondeu, colocando as mãos no peito dele. – Mmm, bonita *T-shirt*. É do *Rohan*?

Grey franziu mais o sobrolho.

– Consideras que uma relação *gay* é uma extensão de uma camarata onde experimentamos as roupas uns dos outros?

Lizzie suspirou e baixou as mãos.

– Vamos sentar-nos, e podes dizer-me qual é o problema.

– Não há nenhum problema. Só queria saber onde te encontravas. Fui à praia do hotel, e não estavas em nenhum sítio. Mantive-me debaixo

daquela árvore, durante duas horas, a tentar descobrir como começar um novo capítulo.

– O que aconteceu ao Rohan?

Grey olhou em volta como se Rohan fosse aparecer e ela também pudesse censurá-lo.

– Não sei, mas está tudo bem.

Obviamente, não estava. Lizzie enfiou a mão no braço de Grey.

– Vamos à procura de Rohan e almoçar por aí?

Grey resmungou entre dentes.

– Não. Céus, não!... – *Não* quanto ao Roh. Provavelmente está lá dentro, a falar ao telemóvel com o agente.

– Muito bem! Vamos lá – afirmou Lizzie, puxando por ele. – Nós os dois. Descobri um grande restaurante no primeiro dia aqui. Bem, na verdade, o Dante indicou-me...

– Nada de Rohan – decidiu Grey, com um sotaque mais espesso e meridional a cada momento –, nem de Dante.

O bom de ter o mesmo melhor amigo durante anos era que Lizzie podia dizer quando ele estava tão tenso como um cabo elétrico vibrando com um vento forte. O mau era que não fazia ideia do motivo, dado que Grey raramente se zangava.

– Vamos lá, então – incitou Lizzie. Dois minutos depois estavam sentados no canto do Fabrizio's.

– Molho à bolonhesa – disse Grey, apontando para o menu em papel que dobrou como um individual.

Lizzie demorou mais tempo e pediu o dobro. Não tinha uma lista de desejos, mas, de alguma forma, improvavelmente, a gula não a abandonara.

– Também vamos comer sobremesa – dirigiu-se a Grey. – Agora, qual é o problema?

Ele agarrou no copo de vinho.

– Gosto desta coisa borbulhante. Podia bebê-lo ao pequeno-almoço. Melhor do que pasta de dentes. Definitivamente melhor do que

champanhe.

– *Grey*. O que se passa?

– Estive a pensar sobre quando fomos colocados em casa da *Mistress Bedrosian*.

– Tu, lindo de morrer. Eu com aparelho dentário, cabelo ondulado e mau feitio.

– Tive tanta sorte em encontrar-te.

Lizzie estendeu o braço e agarrou a mão de Grey porque quando as vozes dos homens se tornam graves precisam de um abraço.

– Estava sobretudo preocupada com o meu aparelho. Não deviam colocar aparelhos dentários nas crianças em famílias de acolhimento. O ortodontista diz-nos que devemos voltar para fazer *check-ups* e depois obter uma nova colocação, e quem sabe se voltaremos a ir a um ortodontista, e, entretanto, os nossos dentes ficam cercados por uma selva de metal.

Grey virou-lhe a mão e examinou a palma. Naquela altura, ele tinha olhado em redor para todas as crianças e em seguida aproximou-se de Lizzie – que ignorara completamente na carrinha todo o caminho – e sibilou:

– Tu és a minha namorada.

O seu sotaque sulista era tão marcado naquele tempo que ela não compreendera as suas palavras, limitando-se a fitá-lo.

– Um dos momentos favoritos da minha vida – disse Lizzie. – Um rapaz lindo aproxima-se, rodeia-me com o braço e de repente sinto-me como a *Ana dos Cabelos Ruivos* e a sua amizade com Gilbert.

– Lembro-te alguém chamado *Gilbert*?

– Anne era uma órfã – explicou Lizzie. – Foi para uma nova escola e todos a tratavam mal, exceto Gilbert, o rapaz mais giro de toda a escola. Subiste para a carrinha, com ares de estrela de *rock* ou algo assim, e depois, quando estávamos na casa de *Mistress Bedrosian*, vieste ter comigo.

– Instinto de sobrevivência. Sabia que te tornarias a pessoa mais importante do mundo para mim.

– Não, não sabias – contrapôs Lizzie, apoiando os cotovelos sobre a mesa. – Eu era a única mulher possível, dado que Jinx tinha nove anos. Tu eras...? – Ela hesitou. Obviamente nessa altura ignorava que era homossexual. Ter-lhe-ia contado anos antes do que o fez.

– Puseram-me num lar coletivo durante umas semanas enquanto tentavam descobrir se o meu pai tinha algum parente. Um rapaz mais velho dissera-me que deveria encontrar uma namorada mal fosse colocado, para ficar a salvo.

– Graças a Deus, então. E o que tem essa história antiga a ver com o teu mau humor?

– Quase não te vi nos últimos três dias – queixou-se, quase num rugido. – Tu tens... – Parou.

– Tens andado a escrever – referiu Lizzie. Mas não era bem isso a que ele se referia. O problema do cancro, morrer dele, é que se passa muito tempo a lidar com o desconforto dos outros. Os seus colegas em Fordham ficaram assustados. Quando a primeira quimioterapia falhou, a sua terapeuta chorara mais do que ela. Grey...

Grey nunca chorara e ela devia ter-se lembrado disso.

– Lamento. Sei que isto é uma merda.

Pratos foram colocados diante de cada um. Lizzie baixou os olhos para o seu *primi piatti*, uma tigela de caldo de galinha dourado com arroz de macarrão a flutuar no topo. Comida simples e perfeita.

Grey tinha um maxilar viril, do género que acompanhava o ADN de Ken e o transformou no que era. Ou no que aparentava. Nesse momento, aquele maxilar masculino estava cerrado.

– Há aquela operação de que já falámos algumas vezes, a *Nanoknife* que utiliza correntes elétricas.

– Oh! – Ela remexeu a comida.

– Agora estás com o Dante, por isso não desistas nem deixes de a fazer, certo? – disse com um brilho de esperança no olhar.

– Não é questão de desistir – objetou ela. – Apenas talvez não a faça... Não há cura, Grey.

– Não há, se pensares assim – ripostou ele.

Não havia outra maneira de pensar, mas ela abafou a ideia.

– É suposto ficares melhor – insistiu ele, num tom ríspido.

– Mas...

– Sei o que eles disseram. Mas, quando estive lá, na sessão de quimioterapia, no outono passado, disseram que não importava o que a tomografia mostrasse por causa dos tratamentos que estás a fazer, e que a nova operação pode resultar.

– O doutor Weir – salientou Lizzie. – O seu otimismo face ao cancro terminal ou é idiota ou estimulante.

– Considerei-o factual – replicou Grey sem rodeios. – Os médicos não desistiram, pois não? – Fez uma pausa. – Tu desististe.

Lizzie desviou o olhar. A água por baixo da janela do restaurante não emanava o verde-turquesa deslumbrante que aparentava de longe, por exemplo, da janela de um avião. Era um pouco lamacenta, com algas marinhas e pedaços de plástico no topo.

Evitar, ou assim disse a sua terapeuta, era a principal característica da personalidade de Lizzie. O desejo de fugir. Não servia de desculpa que tivesse tantas razões para isso, regressando a um familiar sem interesse particular em ser mãe. Antes de vir para Elba, tinha conversado com o Dr. Weir sobre aquela operação. Ele não sabia se iria resultar. Não podia prometer-lhe nada.

– Recusaste – continuou Gary, revelando a desvantagem de ser amigo de alguém que conhecia bem de mais.

– Estás a tentar fazer com que me sinta culpada – acusou Lizzie, desviando os olhos da água para o individual de papel. – Não recusei. Eles só a programaram para depois de esta toma de comprimidos ter acabado. Mas... estou a pensar nisso.

Apenas fizera esta confissão em voz alta à sua terapeuta, e depois sentiu-se culpada por ela ter chorado, usando os *Kleenex* que se

encontravam espalhados pelo seu consultório para uso dos pacientes.

– Sinto-me uma cobarde – admitiu ela. – Mas sou uma cobarde que está a tomar uma decisão que mais ninguém pode tomar. – Fitou-o com um olhar ardente.

Uma das razões por que ela e Grey combinavam tão bem devia-se a que o *seu* principal traço de personalidade – na opinião dela – era que não podia suportar conflitos. Fuga ao conflito. Preferindo afastar-se em vez de erguer a voz.

De qualquer maneira, quem eram estas pessoas perfeitas, as que não eram cobardes, não evitavam conflitos, e não eram...

– Estás a partir-me a porra do coração – confessou Grey, quase num murmúrio. – Não entendes isso, pois não?

Lizzie engoliu em seco. O que poderia dizer? *É a porra da minha vida? Não aguento mais? Estou farta disto? Odeio o cheiro dos lençóis lavados em lixívia hospitalar? Odeio a dor? Odeio o medo?*

– Se te implorasse... – Parou e tossicou. – Se te implorasse, faria alguma diferença?

– Amo-te, mas tu não entendes.

Grey ficou em silêncio e limitou-se a estender o braço para lhe pegar na mão.

Lizzie estava tão zangada que cerrou a mão num punho e só o deixou envolvê-la, como se a sua mão fosse uma amêijoia fechada. – Não achas que preferia ficar aqui contigo? Preferia. *Sem dúvida.*

Mas em seguida as palavras secaram e não conseguia falar, o que a levou a fixar o individual. Um dos cantos enrolou-se. Provavelmente tinham sido guardados num sítio húmido durante muito tempo.

Todo o inverno, em alguma divisão das traseiras.

– És tão boa a evadir-te graciosamente – comentou Grey.

– É uma qualidade útil – disse ela, afastando a mão.

– Lembras-te do fim da nossa relação?

Ela respirou fundo.

– Acabaste mesmo de fazer-me essa pergunta?

– Sim.

– Íamos mudar-nos para Londres para o meu ano de tese – respondeu ela obedientemente. – Tinhas um adiantamento para um livro...

– *Untimely Frost*.

– Estranho, geada prematura é uma frase de *Romeu e Julieta* – notou Lizzie.

– Tu deste-me o título.

Ela esboçou um sorriso.

– A questão é que te disse esta coisa – prosseguiu Grey – que posso ser... que os homens eram... e agiste como se eu tivesse dito que não podia ir jantar na próxima terça-feira. Tivemos uma conversa, e depois partiste para Londres sem mim, e foi *tudo*.

Lizzie fulminou-o com o olhar.

– Queres dizer que desejavas que te tivesse inscrito para um fim de semana em terapia de conversão? O que havia de fazer?

– Chorar – reagiu Grey. – Pensei que ias chorar. Ou talvez tentares falar comigo sobre o assunto.

– Sei que és egoísta – retorquiu Lizzie, desejando que a voz não tremesse. – Mas estás realmente zangado comigo por não chorar na frente do homem que julgava estar prestes a pedir-me em casamento e em vez disso me disse que era *gay*? Entendes até que ponto isso é fodido?

– Será? – Grey inclinou-se para a frente e Lizzie viu, com um choque, que ele estava lívido. Tinha o rosto pálido e um olhar de raiva. – Não queria que chorasses por causa de alguma estranha autogratificação, Lizzie. Queria saber que *era importante* para ti. Que te importavas com o que sentia e quem eu era!

– Vai-te lixar – sussurrou Lizzie com um nó na garganta. – Tu és... tu és... – Empurrou a cadeira para trás.

– Não podes ir-te embora – ordenou Grey. A voz ficou presa e um estranho barulho estrangulado saiu-lhe da garganta. – Não o faças. Não o faças.

Lizzie engoliu em seco e voltou a puxar a cadeira para junto da mesa.

– Já estás a deixar-me, e acabaste de dizer que *escolhes* deixar-me, por isso não te podes ir embora agora – disse Grey, expressando-se num tom áspero e as lágrimas tornaram-lhe os olhos mais azuis.

A raiva fez enrijecer a coluna vertebral de Lizzie porque... Isto era tudo sobre ele? Homens, testosterona, privilégios, tudo isso invadiu-lhe a mente, enquanto via Grey a soluçar sem fazer barulho.

Tratava-se de um truque de adoção que todos aprendiam na sua primeira colocação.

– Ainda não me decidi sobre a operação – repetiu ela. Mas não era essa a questão.

Maldita fosse se pedisse desculpa por morrer. As mulheres desculpavam-se em demasia. Sempre a pedir desculpa por outra pessoa ter ficado doente, por exemplo. As enfermeiras, tocando-lhe suavemente no braço, sussurrando:

– Lamento.

– Eu só... És tão importante para mim – afirmou Grey, engolindo lágrimas, com a voz rouca agora. – És tudo para mim, Lizzie. Se me pedisses, teria ficado contigo e ido para Londres; se precisasses de mim, eu teria...

– Não sejas ridículo, Grey – interrompeu Lizzie. – Não podes ficar com uma namorada, se és *gay*.

– Isso é sexo – contrapôs Grey. – Só sexo. Não tinha tido sexo com ninguém, exceto contigo. Também não o faria. Vias tudo de uma forma tão simplista. Eu não. Queria dizer-te que fiquei surpreendido pelos homens de repente parecerem desejáveis. Mais nada.

– E os imperativos biológicos, etc.? – Lizzie deixou que uma rajada de fúria lhe endireitasse a coluna vertebral. – Pareces estar a ignorar que eu gostaria de ter tido sexo.

– *Fizemos* sexo!

Uma rápida imagem de Dante passou pela mente de Lizzie. Sexo... e sexo. Um pirilampo comparado a um relâmpago?

Uma pausa de silêncio e a boca de Grey desenhou um esboço de sorriso.

– Concluo que Dante é tão bom na cama como é na cozinha.

– Para, Grey. Não é uma competição. Acho que incides tudo sobre ti – acusou Lizzie. – Por que é que em nome de Deus me culparias por romper com um homem que me disse sentir-se atraído por homens?

– Porque não foi um homem qualquer que disse isso. Fui *eu* – reagiu Grey. – Não te teria deixado, se o oposto fosse verdade, Lizzie. No mínimo, ter-te-ia perguntado o que querias fazer.

– *O quê?*

– Fiz-te a confissão e rasgaste a nossa vida ao meio sem me pedires opinião. Sem...

– És um banana.

Grey puxou de um lenço. Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo.

– Acho que sim.

– Por que não disseste tudo isso há anos, cinco minutos antes de eu começar a fazer as malas?

– Porque não querias que o fizesse – justificou Grey.

Lizzie abanou a cabeça.

– Eu? Estás a gozar. Não fui eu a quem o amante acabou de dizer que queria algo que ela não lhe podia dar. Não sou um homem.

– Oh, por favor! – exclamou Grey. – O sexo não importa.

– O amor importa.

– Sim, e eu amei-te e continuo a amar. Amo-te mais do que provavelmente alguma vez amarei o Roh, e suspeito que ele é o meu futuro marido. Não se trata disso.

Lizzie remexeu com a colher. Um horrível e esgotante cansaço abateu-se sobre eles, entre os pratos de requintada comida italiana, entre os grasnados das gaivotas que voavam livremente junto à costa, entre a cacofonia silenciosa de uma família alemã na mesa ao lado.

– Lamento muito ter-te desiludido – disse ela finalmente e depois ergueu o rosto. – E estou tão zangada que peço desculpa por morrer.

– Lizzie, a nossa separação aconteceu muito antes de teres cancro.

Lizzie refletiu um momento. Tinha tendência a esquecer que existira uma altura antes do cancro. A cancerosa Lizzie, a Lizzie do Terceiro Estágio, era, afinal, a única com disponibilidade de olhar para trás.

– O meu ponto de vista é que está tudo a acontecer novamente. Tens sem dúvida a melhor razão para me deixares, e estás a fazê-lo tão educadamente que devia sentir-me grato.

Lizzie esperou, lembrando-se de que não gritava com as pessoas.

– *Queres entrar suavemente nessa boa noite* ou o que quer que diga esse poema. És tu que tem cancro. És tu que vomitavas, tinhas dores e tudo o mais. Eu é que devia estar grato por ter passado algum tempo contigo. Suponho ser isso que eu devo dizer nas tuas cerimónias fúnebres, que adorei o tempo que passei contigo, por muito curto que tivesse sido.

– Por regra evito visualizar o meu memorial – comentou Lizzie. Virou-se e fez sinal à empregada. – Precisamos de mais vinho. – Nenhum tocara na comida, mas o pequeno jarro de espumante estava vazio.

– Deveria estar muito grato por aqueles minutos e, no entanto, estou tão furioso que me apetece esticar o braço por cima da mesa e estrangular-te. Estás a abandonar-me novamente. Abandonando-me antes de teres de partir.

A empregada de mesa apareceu e olhou para as tigelas.

– *Peccato!* – estendeu a mão para as levar.

Lizzie agarrou na sua tigela e puxou-a para mais perto.

– Mais vinho. *Vino, per favore.*

– Pode levar a minha – disse Grey, acenando com a cabeça para a sua sopa.

– Não! – exclamou Lizzie. – Come. Isso tudo.

A empregada de mesa murmurou algo entre dentes sobre os americanos, agarrou no jarro e afastou-se.

– Não me é permitido desperdiçar ante o meu sofrimento, qual uma heroína vitoriana? – Os olhos de Grey enrugaram-se nos cantos.

– Não – reagiu Lizzie, engolindo as lágrimas. Observou Grey a comer a sopa e depois respirou fundo. – Desculpa ter acabado contigo, sem uma palavra sobre o assunto.

O olhar dele suavizou-se e fitou-a.

– Só não... não voltes a fazê-lo, *okay*?

– Correndo o risco de dizer o óbvio...

– Não te afastes como se eu não importasse. Como se não encaixássemos juntos como peças de um *puzzle*. Como se não me tivesses salvado a vida nas famílias de acolhimento. Nunca teria ido para a faculdade, mas gostavas de estudar e querias que te acompanhasse. Ages como se não fosses tudo para mim. Sabes que és. – Fez uma pausa. – Ages como se não fosses importante para mim.

A boca de Lizzie tremia e por esse motivo recolheu um pouco de arroz do fundo da tigela e levou-o à boca. Por um momento, pensou que voltaria a sair e cuspiu deselegantemente no guardanapo. Mas depois as suas papilas gustativas reconheceram caldo de galinha que não tinha nenhuma relação com os cubos de areia que usava em casa.

Pousou a colher de sopa, porque quando se está num clímax, num clímax emocional, não é suposto querer apenas beber sopa e fingir estar noutra sala a ouvir música e a contar uma história no programa *This American Life*.

Sinónimos para fuga, a sua maior habilidade: evasão, estratégia.

– Nunca me ocorreu que quisesses ficar comigo.

– Descobri isso muito rapidamente – replicou ele num tom irritado.

– Há outra mulher que pensas que teria reagido de outra maneira?

– A Lizzie do meu coração?

Lizzie sentiu um aperto no estômago.

– Isso é maldade – pigarreou. – É uma afirmação cruel. Lamento não ser a pessoa que julgaste que era... uma mulher que iria ficar.

Ele pousou a cabeça nas mãos.

– Não quero que sejas essa mulher. Não faz nenhum sentido. Soou-me a que me rejeitavas por ser *gay*. Conte-te um segredo, o meu segredo mais

profundo, e deixaste-me.

– Não te deixei por seres *gay*! Ou seja, deixei, mas, porque me disseste literalmente que eu não era a indicada... – A sua voz esvaiu-se. – Ouve, vais dizer-me que fazer amor comigo era igual a fazer amor com Rohan?

Grey hesitou.

– Não era – contrapôs Lizzie. – Fazes-me sentir como se fosse homofóbica, mas não era. Esquivei-me. Fugi. Sei isso. Não vi nenhuma utilidade na terapia de casais ou em falar sobre o caso. Além disso, detesto o confronto.

Lizzie serviu outro copo de vinho porque o jarro tinha reaparecido quando ela não estava a olhar. Em seguida, serviu mais um pouco também a Grey.

Continuaram sentados a beber espumante, ouvindo os grasnados das gaivotas entre si.

– Amo-te – afirmou Lizzie, passado algum tempo. – Mais do que a qualquer outra pessoa. Tanto quanto o meu coração inadequado consegue. E lamento não ter percebido o que estava em jogo quando me disseste.

– Agora parece um teste – comentou Grey, esboçando um sorriso. – Sou um idiota, como diria Roh.

Lizzie estendeu a mão e entrelaçou os dedos da mão direita nos da esquerda dele.

– Estamos a encaixar as peças do *puzzle*, Grey. Tens razão. E se isso faz com que te sintas melhor... deixei o apartamento nessa noite, lembra-te?

Ele assentiu com a cabeça.

– Não respondias às minhas mensagens.

– Fui para um hotel e chorei a noite toda. E também na maior parte do dia seguinte. Liguei para a receção e pedi um *check-out* tardio, mas comecei a chorar e eles apenas disseram, «Sim, sim», e desligaram-me o telefone na cara. O facto de nunca ter chorado na tua frente... não correspondia à medida do meu desgosto.

Grey apertou os dedos.

– Como podes amar-me quando sou tão idiota?

– És o *meu* idiota. E eu sou a tua. Não sabia... Não queria perturbar a tua alegria.

– Alegria? – exclamou, incrédulo. – *Alegria*, quando significava o teu afastamento?

Lizzie sentiu os alemães da mesa ao lado pararem para olhar. Os alemães não aprendiam inglês no berço?

– Se não o sentiste na altura, sente-lo agora, certo? – disse ela. – Durante todo o tempo em que me contaste, estava dividida entre querer matar-me por ser um cliché do caracas – uma mulher feliz que ignorava o óbvio – e querer que fosses feliz.

– Eu era feliz.

– Mais feliz.

– Achas que a felicidade se mede com quem dormimos. Isso é uma treta.

– Tens noção de quanta gíria inglesa apanhaste com o Rohan?

– Há algumas boas palavras. Fiquei arrasado por não estar suficientemente feliz contigo.

Lizzie soltou uma pequena risada.

– *Okay*, então, também posso ser britânica: fiquei pasmada com a tua declaração. A única maneira de poder continuar a respirar era mantendo a calma. Desprender-me. – Torceu o nariz. – O doutor Weir disse-me que ganhei o prémio de Paciente Mais Calma quando me comunicou que estava no Estágio Três. Senti-me como se o tivesse ouvido de outra sala, a falar de outra pessoa.

Os lábios de Grey voltaram a estremecer e desta vez os soluços explodiram e por isso Lizzie empurrou a cadeira para trás e foi sentar-se no seu colo. Ele tinha um cheiro familiar, a amoras e roupa lavada.

Grey chorava novamente em silêncio e ela agarrou num pacote de *Kleenex* limpos e meteu-lho na mão. Depois, fechou os olhos, encostou-se ao seu peito e fingiu que não estavam rodeados de turistas curiosos. Ou italianos curiosos.

Quando os seus braços enrijeceram e ela o ouviu dizer de uma maneira muito cerrada à empregada que não queriam mais nada, abriu os olhos e disse «*Au contraire*, querido». De qualquer maneira, a empregada de mesa parecia confusa, porque quando Grey estava perturbado, a pronúncia do Sul da Geórgia acentuava-se, e a maioria dos americanos não conseguia entender aquele sotaque, e muito menos uma italiana a tentar compreender uma língua estrangeira.

– Gostaríamos de sobremesa – explicou. – Todas, uma de cada.

A empregada estava menos curiosa do que exasperada, o que era estranhamente reconfortante.

– Ninguém pede todas, *signora*.

– Quantas são?

– Oito. – Começou a enumerá-las. – Tiramisu...

– Todas – repetiu Lizzie, olhando desafiadoramente, com olhos sem lágrimas. A empregada provavelmente não estava a criticar, mas Lizzie sentiu como se não estivesse a cumprir a sua parte na cena dramática, mantendo-se calma, enquanto Grey soluçava. Provavelmente, as pessoas achavam que ela era uma cabra.

– Acho que estou prestes a chorar – disse Grey, com um sotaque mais espesso do que lama de lago.

Lizzie não se mexeu até oito pratos serem colocados na frente deles.

– Temos de comer primeiro o tiramisu – decidiu, levantando-se e dando novamente a volta à mesa, tendo o cuidado de não olhar para ninguém.

– Porquê?

– Sabes o que quer dizer a palavra? *Tira* é um verbo, como puxar ou apanhar, e depois *mi* significa eu, e *su* para cima. Por isso é um... apanha-me. – Deu uma dentada e gratificou o palato com a combinação de café, natas e bolachas na quantidade certa de humidade.

– Estás mais interessada na comida agora, desde que andas a comer um *chef*? Embora odeies a sua comida?

– Não te saís bem no papel de Melhor Amigo Para Sempre – acusou Lizzie, falando no meio de uma segunda dentada porque a sobremesa era

boa demais para esperar. – Não deverias apoiar emocionalmente ou, no mínimo, ser educado em relação ao gajo que ando a *comer*?

Grey comeu dois pedaços tão depressa que Lizzie teve de puxar o prato para mais perto de si.

– Sou péssimo como *gay* – admitiu ele. – Quero estar contigo e quero amar o Roh ao mesmo tempo. Não quero falar sobre sentimentos, e definitivamente não quero fazer figura de parvo a chorar em público.

– Isso não teria funcionado para mim – replicou Lizzie. – Não partilho.

– Não foi essa a minha intenção.

– Devias casar com ele. – Terminou a última dentada de tiramisu. – Amas-me, mas estás apaixonado pelo Rohan.

– Estás a dar-me permissão? – ironizou Grey.

Lizzie ergueu o rosto e olhou-o de frente, porque era uma questão importante.

– Não. Não temos o direito de preferência. Não podes dizer se faço ou não quimioterapia. Não posso dizer que deves deixar o teu amante *sair do armário*, ser ele próprio e casar contigo. Ou seja, posso dizê-lo, mas não depende de mim, e podes *manter-te no armário*, se é isso que queres.

Grey franziu o sobrolho ao olhar para o prato.

– A seguir, *panna cotta* – disse Lizzie. O prato continha um monte cremoso que era liso no topo, como um vulcão coberto de neve que explodiu há um milhão de anos.

– Parece uma mama. – Deu uma dentada. – Nata com uma pitada de laranja. Mmm.

– Podes ficar com essa, se me deixares o *zabaglione*. Olha bem para estes morangos. Eram moranguinhos que espreitavam de uma deliciosa espuma.

– Não gosto de morangos. – Apontou a colher. – Como é possível virar calmamente as costas a uma mama gigante? Ou a qualquer destas coisas? *Elba*? Como podes recusar?

As noites de vômitos, a solidão da visita de uma enfermeira às três da manhã, o cheiro dos malditos lençóis, o raio da dor – tudo lhe passou pela

cabeça, mas conteve-se.

O silêncio falou em seu lugar, porque ele franziu o sobrolho e observou:

– Zabaglione parece sémen.

Lizzie soltou uma gargalhada abafada.

– Espuma?

– Sim, a manteiga do amor – disse e roubou-lhe uma dentada. – Melhor do que *panna* qualquer coisa.

– *Manteiga do amor?*

– Ensopado de ostra? Mel branco? Molho francês?

– Os homens estão sempre à procura de rótulos agradáveis – comentou Lizzie, sorrindo.

Grey riu e entoou em voz baixa:

– *Vê... nós acreditamos... bem, deixa-me explicar as coisas desta forma.*

Lizzie soltou um gritinho.

– Monty Python!

– *Todo o esperma é sagrado* – cantarolou ele num tom baixo e doce, sorrindo-lhe com a inocência de um menino de coro. Tinha uma voz de contralto.

Sem pensar duas vezes, Lizzie adotou o soprano e as suas vozes conjugaram-se facilmente depois de cinco anos na casa de Mrs. Bedrosian, cantando um hino de manhã, aulas depois da escola, um hino antes do jantar, um hino antes de dormir.

– *Todo o esperma é sagrado. Se um espermatozóide é desperdiçado, Deus fica bastante irado.*

– Estão todos a observar-nos – prosseguiu Grey, quase num murmúrio. – Continuamos?

Lizzie sorriu, feliz por estar de costas para a sala.

– *Que os pagãos derramem os seus, sobre o chão poeirento!...*

Grey juntou-se a ela:

– *Deus os fará pagar por cada esperma que não possa ser encontrado!*

– Se isto fosse um filme, a sala ter-se-ia juntado – disse Lizzie, sem se atrever a olhar em volta.

– Queres dizer, se a vida fosse uma versão da *Mamma Mia*? Eles gostaram – replicou Grey. Acenou para alguém atrás dela e baixou os olhos. – Especialmente este pequenino.

Lizzie virou-se e avistou uma criança junto dela e com madeixas caindo-lhe sobre a testa.

– *Encora.*

– Acho que ele quer mais.

Uma italiana aproximou-se.

– Peço desculpa – disse. – Alessandro adorou o vosso canto. Mais uma canção?

O pai da família alemã, sentada na mesa ao lado, esboçou um sorriso com uns dentes brancos e declarou num inglês impecável:

– Nós adoramos Monty Python! Ouviremos tudo o que cantarem, *signore*.

As tardes intermináveis cantando ombro a ombro com uma versão mais jovem e mais magra de Grey passaram pela cabeça de Lizzie como uma exibição de *slides* em avanço rápido. Um efeito secundário do cancro – pelo menos no seu cérebro – parecia ser um hábito irritante de transformar a sua própria vida numa apresentação em *PowerPoint*.

Grey fitou-a. Estava habituado a que se recusasse a cantar com ele, mesmo em privado. Mas Lizzie assentiu com a cabeça e viu que os olhos dele brilhavam.

– Claro que o faremos – dirigiu-se à sala com o seu sorriso encantador. Depois levantou-se e ajudou Lizzie a levantar-se também. – Oh! Deus, nossa ajuda – sussurrou-lhe ao ouvido. – Verso um, depois quatro até ao fim.

– Não o canto há anos – confessou Lizzie, olhando à volta. O restaurante tinha talvez dez mesas, e todas as pessoas os observavam.

Desde que atingira a puberdade, ela percebera que tinha uma voz espetacular. Surpreendia as pessoas. Chamava a atenção. Mas Grey sabia

como domar aquele elevado som e torneá-lo, subjugando a forma como a sua voz vibrava. Só foi necessário o primeiro verso, sobre a tempestade e os anos intermináveis, para que as vozes de ambos se ajustassem novamente.

Na sua mente, podia ouvir Mrs. Bedrosian gritar:

– Cantem com convicção, crianças! Cantem-no com sentido! Com garra!

– Agora o verso quatro – indicou Grey. Atraiu-a contra o seu corpo, sorrindo para a audiência. Agora *era* uma audiência. Os comensais em mesas individuais tinham-se alinhado magicamente, os rostos curiosos, sem pestanejar.

– *As mil idades à tua volta são como o fim da noite antes do pôr do Sol.*

Tinham conseguido: as suas vozes resplandeciam de alegria. Lizzie encostou a cabeça ao ombro de Grey como nenhuma cantora profissional faria. Mas a sua voz era mais do que suficiente para esta pequena divisão.

Ouvia a voz da Mrs. Bedrosian na sua cabeça.

– Calma – diria ela –, controla a voz, e depois faz soar as trombetas no final.

– *O tempo, como uma corrente contínua, leva todos os seus filhos para longe.*

Ela cantava suavemente e alto, para que Grey pudesse elevar o som, tentando não ouvir as palavras, mas ainda assim ouvindo-as.

– *Eles voam esquecidos, como um sonho morre no primeiro dia.*

Ela não queria cantar o último verso. Queria voar como os pássaros, na corrente do tempo, sem reconhecer o lar eterno em que não acreditava. Grey posicionou-se atrás dela, rodeando-lhe o corpo com os braços, como se pudesse ser a sua casa.

Lizzie passou de soprano para contralto, desempenhando o papel de trombeta de Deus e Grey acompanhou-a sem esforço.

– *Oh! Deus, a nossa ajuda em tempos passados, a nossa esperança para os anos vindouros.*

A sua voz tornou-se mais áspera e detetou lágrimas.

– *Sê o nosso guarda enquanto os problemas duram, e sê o nosso lar eterno.*

No segundo de silêncio que se seguiu, mãos fortes bateram palmas. Os olhos de Lizzie voaram para a porta onde Dante se encontrava, olhando-a fixamente.

Quebrado o silêncio, o alemão levantou-se, batendo palmas. A criança de dois anos subiu para uma cadeira, rindo alegremente. A italiana enxugava as lágrimas. As cadeiras arranharam o chão, enquanto os outros comensais se levantavam e batiam palmas.

Dante abriu caminho por entre as mesas, de olhos postos nela.

– Obrigado – agradeceu Grey à sua audiência. – Obrigado.

Eles voltaram a sentar-se. Dante fora retido por uma mesa de italianos de olhos brilhantes.

Lizzie pegou no garfo e virou-o, examinando as sobremesas que tinham deixado. À sua volta, todos falavam. Os clientes da mesa atrás deles haviam decidido, com uma delicada contenção britânica polida, que ela se sairia bem no *The Voice*.

– Simon Cowell – disse alguém, e depois. – Bonito também. Cabelo...

Lizzie ergueu o rosto para Grey.

– Se alguém me incomodar na praia amanhã, deito-te as culpas.

Os olhos de Grey brilhavam; ele adorara as atuações tanto como ela as odiara. Até esse dia, ela apenas pronunciava entre dentes *Feliz Aniversário*, envergonhada pela forma como a sua voz se distinguia e chocava as pessoas, dizendo coisas absurdas.

O dia em que concedeu a si mesma permissão para parar de cantar... um dia após ter acabado com Grey... fora...

Agora, do ponto de vista do Terceiro Estágio, parecia como se tivesse exagerado.

– Obrigado por cantares comigo – agradeceu Grey.

– Lembraste-te que o hino era o meu favorito – recordou Lizzie, erguendo um dos cantos da boca.

– Lembro-me de tudo a teu respeito – garantiu Grey no preciso momento em que Dante se sentava.

– Um desses italianos tem ligação com o canal de televisão Rai Due e gostaria de falar contigo – informou Dante. Lizzie comprimiu os lábios, mas ele continuou a falar. – Recusei, disse que eras uma diva terrível e que não deviam querer nada contigo, porque eras um exemplo de americanos no seu pior.

– Obrigada! – agradeceu Lizzie com um sorriso estampado no rosto.

– Caramba, você é mesmo bom – elogiou Grey.

– E hetero – acrescentou Dante, com uma leve irritação na voz.

– Sim – disse Grey. – Se não fosse, não se aproximaria a menos de três metros dela.

– Que momento de testosterona – observou Lizzie.

Dante encolheu os ombros.

– *A torta della nonna* de Angélica é famosa em toda a ilha. Ela é a mulher de Fabrizio, a propósito. – Pegou num garfo e deu uma enorme dentada no bolo.

– Estou cheia – confessou Lizzie.

Dante empurrou o prato na direção de Grey.

– Experimente. É bom.

– Vejam só isto – riu Lizzie. – Descontração através do açúcar.

Grey fitou-a por baixo das pestanas.

– Acho que vou procurar o Rohan.

– Ele está no pátio do hotel, digerindo o facto de eu não precisar de um sócio de restaurante, nem de querer cozinhar para mais pessoas – declarou Dante num tom mais áspero. – Parece pensar que poderia mudar de ideias se me oferecessem dinheiro suficiente.

– Muito bem – comentou Grey. – Vou tentar explicar-lhe.

Dante fitou-o.

– Diga-lhe que é como ser *gay*.

Grey brindou-o com um olhar desconfiado.

– Não vejo nenhuma semelhança.

A masculinidade estava praticamente a envenenar o ar, mas Lizzie não conseguia pensar em nada que aligeirasse o momento.

– Ser dono do meu restaurante está dentro de mim – afirmou Dante, num tom duro. – Todos nesta sala percebem o que sacrificio devido a um facto incontestável.

Grey inclinou-se sobre a mesa.

– Ouviu atentamente o hino?

– Grey! – exclamou Lizzie com veemência.

Ele não olhou para ela, estava tão furioso que ficou pálido sob o bronzeado.

– Então devia saber que o tempo e a porra daquela corrente são a única coisa que me vão arrancar Lizzie.

– Chega! – exclamou Lizzie, levantando-se. – Estão ambos a agir como idiotas. Não sou nenhum restaurante – dirigiu-se a Dante. – Também não sou tua propriedade – disse a Grey. – Vocês os dois são idiotas.

Afastou-se e as pessoas aplaudiram enquanto avançava por entre as mesas e pensava, com um aperto no estômago, que talvez não pudesse voltar ao Fabrizio's.

Mas a empregada de mesa não esboçou um sorriso. Talvez compreendesse inglês suficiente para se sentir insultada pelo canto sobre o esperma sagrado.

– Paga a conta ou devo entregá-la a ele? – Ela apontou para trás de Lizzie, presumivelmente para Grey.

– A ele – respondeu Lizzie.

– Até amanhã, *signora*.

Capítulo Quinze



Porta do quarto de Etta Moretti,
de Mark Drought, colunista de opinião

Nós, humanos, temos uma visão exagerada do nosso lugar no cosmos. Habitamos um pequeno planeta, que se movimenta à volta de uma estrela comum na periferia de uma galáxia simples – uma de entre os 200 biliões de estrelas da Via Láctea, que por si só é apenas uma entre os 200 biliões de galáxias. No entanto, consideramo-nos a «coroa da criação», como se o objetivo dos 14 biliões de anos de evolução do universo tivesse sido a ascensão da humanidade.

Os adolescentes estão sempre de mau humor. Era praticamente um requisito quando se fazia treze anos que se comesse a fazer beicinho e a peidar-se no quarto com um ar amuado e talvez até suicida. Examinando as borbulhas ao espelho. Não importava.

Sim, por ainda não estar lá.

A verdade é que os adultos se mostravam igualmente propensos ao mau humor. Trinta anos a mais não faziam desaparecer o desgraçado de treze anos.

Sabia do que falava: Babbo estava na cozinha, com um ar irritado em vez de satisfeito. Lizzie atendeu à porta do quarto, mas abanou a cabeça e fechou-a antes que Etta pudesse dizer uma palavra. Grey lia debaixo de uma árvore no pátio. Olhou para cima e Etta quase tropeçou em si mesma.

Ele parecia doente. Tipo, muito doente. Provavelmente bebera demais na noite anterior, como os adultos fazem quando estão de férias.

– Quer gelado? – perguntou ela, cautelosa.

Grey negou com a cabeça.

– Lizzie insistiu em experimentar todas as sobremesas ao almoço – explicou, voltando a mergulhar no livro.

Ninguém precisava dela ou desejava a sua companhia, o que a fez sentir-se banal. E desnecessária, o que também era, exceto para o Babbo.

Grey possivelmente achava-a mimada, mas estava enganado.

Antes de mais, Etta tinha de cortar legumes quando outras raparigas da sua idade iam acampar. Em Itália, os acampamentos para crianças realizavam-se em hotéis de quatro estrelas ou, na pior das hipóteses, em hotéis de três estrelas. Todos tinham telemóvel e ninguém era obrigado a tecer cestos ou aprender a nadar. Comiam gelados e sentavam-se debaixo dos pinheiros, porque os acampamentos eram nas montanhas onde o ar era melhor para as crianças.

Mas Babbo não a deixara voltar a acampar nesse ano. Não se tratava de dinheiro, porque ele tinha muito.

– Quero-te por perto, miúda, dissera em junho, e parecera-lhe tão meigo que Etta não insistiu. Se ele se juntasse com Lizzie, caso se juntasse mesmo, no próximo verão poderia ir para o acampamento, porque ele não estaria sozinho.

Sentou-se no lado oposto do pátio onde estava Grey e observou-o através dos seus óculos de sol. Eram óculos de sol muito fixes: com grandes armações cor de laranja dos anos 60. Florença tinha lojas *vintage*, fantásticas, melhores do que quaisquer outras em Nova Iorque. Um dia as pessoas iriam reparar como ela era fixe, e as coisas maravilhosas que tinha. Entretanto, estava apenas a apurar o seu visual.

As lentes deram um verde-água ao mundo. Talvez fosse por isso que Grey parecia doente. Talvez todas as pessoas nos anos sessenta andassem por aí com o cabelo frisado, a espreitar através de lentes verdes.

– Posso trazer-lhe algo para beber, *signorina*? – Era um dos empregados de mesa de Roma que ignorava que ela não estava alojada no hotel. Não devia ter mais de dezassete anos, embora fosse obviamente muito mais velho comparado com ela.

Antes de Etta poder decidir o que responder, Grey rugiu do outro lado do pátio:

– Quarto sessenta e três.

O empregado de mesa sorriu.

– Um gelado?

Pensou que ela também era americana como Grey. Bem, ela *era* americana.

– Sim – anuiu de uma maneira muito nova-iorquina. – Chocolate, baunilha e... – como se dizia *stracciatella* em inglês? Não era pepitas de chocolate. – *Stracciatella*.

Estreitou um pouco os olhos, porque arrastou os C como um florentino, mas limitou-se a fitá-lo, calma, como uma daquelas raparigas elegantes que passavam todo o seu tempo em hotéis como este.

– Quarto sessenta e três – acrescentou de forma determinada.

Então, ele fez uma vénia e disse:

– *Una minuta*.

Expressava-se num qualquer sotaque romano que condizia com o nariz de falcão.

Ruby saiu do hotel assim que o gelado chegou. Veio servido numa taça cor-de-rosa, como um copo de vinho bojudo, com três bolachas enterradas no gelado que se abriam como a cauda de um pavão. Mais *fragole di bosco*, morangos silvestres.

– Ei, isso é um pudim lindo..., aquilo a que nós, britânicos, chamamos sobremesa – comentou Ruby, aproximando-se. – Também adoro essa *T-shirt*. *Hermione* domina.

Etta sorriu-lhe. A sua *T-shirt* dizia: *Posso ser desleixada, mas sou superinteligente*.

– Outro gelado – pediu Grey, com um aceno de cabeça na direção de Ruby.

– Quarto sessenta e três – respondeu o empregado de mesa, afastando-se rapidamente.

Ruby sentou-se, puxou os óculos de sol para cima e olhou para Grey.

– Parece que ele está furioso – disse para Etta.

Etta comia primeiro todos os morangos.

– Como assim?

– Obviamente irritado. Vamos levar o nosso gelado para a praia e procurar o Rohan.

Etta sentia-se desgostosa, porque ninguém queria estar com ela, mas agora tinha Ruby e um belo gelado, por isso não conseguia parar de sorrir. Quando chegou outra taça de gelado, dirigiram-se ao arco que levava ao caminho que descia a encosta da colina até à praia privada.

Etta já vira a praia do hotel antes. Ninguém podia impedir os italianos de passear por toda a costa, incluindo a parte que pertencia ao hotel Bonaparte.

Na praia privada, os guarda-sóis não eram de palha, mas de uma espécie de plástico com franjas cor-de-rosa que esvoaçavam com o vento. Nada amigos do ambiente, mas realmente bonitos. Cada conjunto de espreguiçadeira e cadeira de praia tinha uma mesa cor-de-rosa, e todas as pessoas bonitas estavam ao ar livre, ocupadas com os telemóveis.

Quando chegaram ao fundo das escadas, um homem fez uma vénia e cumprimentou:

– *Buona sera*, signore.

– *Buona sera* – respondeu Etta. – Viu Mister Das?

– Estou no grupo dele – acrescentou Ruby.

Ele fitou Ruby com as pálpebras semicerradas e sacudiu a cabeça.

– *È di là dal paravento*.

Rohan encontrava-se obviamente atrás de uma tela de privacidade que haviam montado na praia. Havia cinco mulheres à sua frente. O hotel tinha um segurança para afastar qualquer pessoa que tentasse contornar a tela e tirar fotografias.

Aproximaram-se e observaram enquanto as mulheres apoiavam as plantas dos pés direitos descalços contra as coxas esquerdas.

– Olhem para o céu – indicou Rohan, num tom muito profundo e calmo.

– Podem ficar em pose de oração, ou podem levantar os braços para o céu e serem uma árvore. Podem erguer os olhos para o céu ou mesmo fechá-los.

Junto ao seu ombro, Ruby sussurrou algo que não era definitivamente um elogio.

Todos agitaram os braços, enquanto Etta levava a última colher do seu gelado à boca. Rohan parecia uma grande cegonha empoleirada numa perna.

– Sintam a areia – prosseguiu Rohan e Etta descalçou uma havaiana e enrolou os dedos dos pés na areia. – Isto é algo que o meu professor me diz diariamente: «Se a mente de alguém tiver paz, o mundo inteiro parecerá em paz.»

Colocou as mãos numa posição de oração e inclinou a cabeça.

– *Namastê*.

Todas as mulheres chilrearam *namastê* e agruparam-se à sua volta, tagarelando, até que ele disse algo que as fez virarem-se e olhar fixamente. Então, Etta levantou uma mão e acenou, sentindo-se muito bem com os seus óculos laranja, e menos bem com a sua *T-shirt* desbotada.

Nenhuma das mulheres parecia pronta para exclamar *Hermione!* Como fizera Ruby.

Uma das mulheres, a que tinha a mão enfiada no braço de Rohan, usava um deslumbrante fato de banho de uma peça com um decote em V na frente cujo bico lhe chegava ao sexo. Brincos de girassol, muitas pulseiras grossas e um acessório transparente laranja que ondulava atrás dela. E um grande lenço enrolado à volta da cabeça como um turbante.

Era atraente e sofisticada. Nem sequer parecia estúpida. Era demasiado sofisticada para ser estúpida. Mesmo assim, não podia ter mais de dezoito anos. Talvez dezassete.

Etta pousou a taça do gelado numa das mesas cor-de-rosa e lembrou-se que tinha apenas doze anos. Podia encontrar o rapaz equivalente àquela jovem e transformar-se, usando o dinheiro dele, a menos que o seu Babbo começasse finalmente a dar-lhe uma mesada.

Mas, de alguma forma, não conseguia imaginar que alguma vez fosse capaz de usar um turbante sem parecer idiota.

– Vamos – disse Rohan, passando por elas, com os sapatos numa mão.

– Ainda não – recusou Ruby, com um riso abafado. – Estou ocupada a criar raízes.

Etta correu para alcançá-lo. Ele subia as escadas até ao Bonaparte a toda a pressa.

– Espere! – gritou ela. – Ruby ainda está a comer o gelado.

Ele só parou a meio do caminho. Depois, olhou por cima do ombro e Etta imitou-o. Ruby estava a começar a subir as escadas, e as mulheres estavam juntas, a olhar para eles.

– Está a brincar comigo? – quis saber Etta. – Acha que vão persegui-lo pelas escadas para lhe dizerem *namastê* mais vezes? – Agarrou-se ao corrimão. – Uf, falta-me o ar e, se vomitar o meu gelado, a culpa é sua.

– Devias fazer ioga comigo – propôs Rohan, que não estava obviamente sem fôlego. Ergueu os óculos de sol enquanto olhava para a praia. Tinha um tipo de rosto difícil de ler, mas os cantos da sua boca eram apertados, como reposteiros plissados.

– Por que é que ensina ioga se não gosta delas? – perguntou Etta.

Ruby alcançara-os e Rohan baixou os óculos, retomando a subida.

– Gosto de ensinar. E é claro que gosto delas.

– Mesmo daquela com o turbante? – perguntou Etta.

– Aquela que esconde outro organismo no topo da cabeça? – acrescentou Ruby.

– Sim, talvez seja isso – concordou Etta, sorrindo. – Ela é uma extraterrestre e cobre a parte bulbosa da cabeça onde a sua perceção extrassensorial está armazenada. Ou tem outra pessoa lá dentro, como o Voldemort. Talvez o capitão da sua nave espacial ou algo assim. Ele pertence a uma espécie diferente e...

Rohan parou novamente.

– Céus, miúda!

– *Ya, okay* – disse Etta. – Não curte a cena do Voldemort. Já leu Harry Potter?

– Vi o primeiro filme.

Voltaram a mexer-se e Etta podia ver o arco que dava para o *albergo*.

– Isso é ridículo – comentou, tentando não soar ofegante.

Passaram por baixo do arco e encontraram o pátio ainda vazio, à exceção de Grey. Tinha árvores grandes a toda a volta que lhe proporcionavam sombra, mas era barulhento, porque as cigarras cantavam mais alto depois do almoço. A cantoria e o calor ofereciam-lhe aquele tipo de tarde sonhadora que nunca parecia acontecer em Nova Iorque. Em Itália, as tardes assemelhavam-se a poças de água salgada deixadas para trás numa praia de rochas.

– Estou a pensar numa sesta – anunciou Rohan a Grey.

Grey levantou-se.

– Não estou com sono. O que vão fazer? – perguntou a Etta e a Ruby, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Etta quase ficou de queixo caído porque, a sério? Ele queria fazer algo com ela? Bem, com ela e Ruby?

Os sapatos de Grey eram macios e gastos, mas de um vermelho-escuro e provavelmente custavam uma pipa de massa. Usava calças brancas largas, que pareciam fixas, e uma *T-shirt* do Capitão Grã-Bretanha. Parecia super *Gucci* e não alguém que quisesse sair com ela.

– Podíamos ir para a praia negra – sugeriu Etta, falando à medida que caminhava. – Lizzie está a colecionar vidro do mar, e podíamos arranjar-lhe alguns pedaços.

– O que é uma praia negra? – quis saber Rohan.

– A areia é negra. Não há guarda-sóis lá. Também não há turistas.

– Uma praia secreta – definiu Ruby. – Agrada-me.

– Onde é? – perguntou Grey.

– Apanhamos o autocarro ou talvez o Mario possa levar-nos de carro – respondeu Etta. – Ele conseguiu um emprego para o verão a conduzir os hóspedes do hotel para e do *ferry*.

Rohan dirigiu-se ao hotel à procura de Mario.

– Manda um SMS ao teu pai – disse Grey.

- O meu Babbo, não o meu pai. Ele não pode levar-nos. Está a cozinhar.
- É só para ter a certeza de que concorda.
- Posso ir a qualquer lugar, dentro do razoável, desde que esteja em casa às seis. – Etta orgulhava-se disso, porque no ano anterior não podia apanhar o autocarro para lado nenhum.
- De qualquer maneira, tens de pedir ao teu pai. Babbo. Ou lá o que é.
- Porquê?
- Oh, por amor de Deus. Porque és uma criança e eu não... nós, não. És uma rapariguinha e nem acredito que estou a pensar ir a uma praia. Odeio praias.
- Tarde demais. Já disse que iria, a Ruby também vai, e o Rohan.
- Tenho trinta e três anos e sou demasiado crescido para andar a passear na companhia de uma... que idade tens? Dez?
- Dez? Acha que uma criança de dez anos tem liberdade para entrar num autocarro e andar a passear por Elba?
- Não é permitido a jovens de dezassete anos passearem por Los Angeles, portanto, deem-me um desconto.
- Tenho quase treze anos – estendeu-lhe o telemóvel para que ele pudesse ler. – Babbo diz que sim.
- Ele examinou-o.
- Ele saberá que a Lizzie não está aqui?
- Eu escrevi, «com Gray e Ruby».
- Não é assim que soletro o meu nome.
- Ortografia fonética – contrapôs Etta. – A minha geração está avançada. Acabou-se a gramática. Acabou-se a ortografia. De qualquer maneira, Babbo sabe que são vocês.
- Ela acompanhou-o enquanto o pessoal do hotel se esforçava por arranjar um carro com motorista para Rohan, que afinal não foi Mario, mas um tipo num *Mercedes*.
- *Il spiaggia nero* – indicou Etta. – *Vicino Porto Azzurro*.
- Vou deixá-los o mais perto possível – disse-lhe ele.

Expressava-se num romano cerrado. Babbo iria odiá-lo à primeira vista, ou melhor, ao primeiro som. Era assim para os florentinos e romanos. Também para os milaneses.

O romano conduziu-os até meio caminho, à volta da ilha.

– Deviam deixar os telemóveis – disse Etta aos outros, colocando o dela no assento. – Temos de trepar e vão partir o ecrã se caírem.

– Trepar? – repetiu Rohan.

– Por ali – indicou ela com um aceno da mão. De onde estavam, as rochas pretas pareciam macias e redondas, como almofadas pretas.

Grey e Ruby deixaram os telemóveis, mas Rohan manteve o seu.

– Precisa das duas mãos para escalar – avisou Etta.

– Não vou a lado nenhum sem ele – recusou Rohan, enfiando-o tão fundo no bolso que quase puxou as próprias calças para baixo.

– É o seu funeral – disse Etta. – Vá lá.

Para chegar à praia negra tinha de se escalar uma colina de rochas vulcânicas, lisas e arredondadas pelo vento. Rohan atendeu uma chamada, encostado ao carro, por isso, ela, Ruby e Grey partiram sem ele.

Ruby subiu rapidamente, balançando os braços, enquanto Grey seguia trás. Etta conseguia ouvi-lo murmurar para si próprio enquanto caminhavam através das rochas, saltando pequenos rios que enchiam quando a maré subia ou se havia uma tempestade.

Ela chamou-o quando encontrou uma poça de maré com anémona.

– Vê aquela vermelha? – estava pendurada, com todos os tentáculos a flutuar. Espetou-a com uma pedra e ela fechou-se com força.

Grey baixou-se.

– Espere um minuto – pediu Etta. Não tinha decerto cérebro suficiente para ficar fechada por muito tempo e virou-se do avesso, brilhando em tons de vermelho através da água. – Existem algumas amarelas no oceano. Como as margaridas, mas margaridas do mar.

– Poderia usá-las num livro – disse Grey, quase para si próprio.

– Tipo num romance de terror?

– Talvez. – Grey levantou-se. – Essa praia secreta só aparece amanhã, não?

– Vamos vê-la em breve. – Foram atrás de Ruby, trepando pelas rochas e depois seguindo ao longo de um caminho estreito. O ar começou a cheirar bem, como a cozinha do seu Babbo, por causa da erva-doce selvagem e do alecrim. Depois ultrapassaram alguns pedaços grandes, e lá estava ela. – Preta, está a ver?

Grey assentiu com a cabeça.

– Parece uma morte aos pés.

– Essa parte, à beira-mar, é áspera, mas na costa é areia normal, só que preta. De qualquer maneira, o vidro do mar está perto da água. – A praia apresentava-se completamente vazia, só com um iate ancorado na saída. Não era um dos edifícios de casas flutuantes, apenas um barco normal.

– Pelo menos reina a calma – comentou Grey ao descer para a parte plana. Ruby já estava na costa, de cócoras e a recolher a areia preta.

– Nada de cigarras – salientou Etta. Arbustos herbívoros desciam da montanha até à praia, mas não havia árvores onde as cigarras se escondessem. – Sabia que o que ouve são as cigarras macho cantando juntas, tentando fazer com que as fêmeas se aproximem?

Ele não respondeu, mas ela continuou:

– Cada espécie de cigarra tem o seu próprio canto. Acabaram de descobrir uma nova cigarra italiana quando perceberam que tinha um canto diferente dos que foram ouvidos até então. Bem, não é novo, porque tem milhões de anos, mas é novo para nós. Para os cientistas.

Chegaram à costa e Grey passou por Ruby, direto à água, com os seus sapatos vermelhos parecendo uma anémoma desfocada.

– Joga aquele jogo que agrada à Lizzie, aquele em que se apresentam três analogias? – perguntou Etta. – Porque os seus sapatos parecem tipo anémonas.

Grey abanou a cabeça.

– É um escritor – notou Etta. – Não é fácil para si? Que cor chamaria à água aqui? Nada de azul, algo melhor.

Grey olhou para a enseada.

– Azul – respondeu.

– Turquesa – disse Ruby por cima do ombro. Caminhava por onde a espuma da água atingia a costa.

– Índigo – sugeriu Etta.

– Talvez venhas a ser romancista. Falas muito – disse Grey.

Nada de muito simpático. Etta estreitou os olhos nas suas costas e depois replicou:

– Muito bem! Vamos procurar o vidro do mar.

– Eu não. – Grey virou-se novamente para o oceano, protegendo os olhos com as mãos.

– Foi para isso que viemos aqui! Para encontrar um presente para a Lizzie!

– *Tu* vieste aqui para isso.

Etta colocou as mãos nas ancas e fitou-o sem desviar o olhar.

– Qual é o problema entre si e a Lizzie? Pensei que fossem amigos, tipo, os melhores amigos.

Grey estremeceu como se estivesse prestes a fazer qualquer comentário, mas mudou de ideias e disse outra coisa.

– Estás a ouvir isto? Acho que consigo ouvir uma cigarra ou duas. – Inclinou a cabeça.

– Não ouço nada além de o achar estranho.

Ele franziu o sobrolho.

– Sou um adulto. Não deverias ser mais educada?

– Por que está a ser tão estranho em relação a Lizzie?

– Não percebes o que está a acontecer?

– O que quer dizer? – perguntou Etta, desesperada.

– Ela está a apaixonar-se pelo teu pai.

A felicidade pode vir como um murro, como se um adulto lhe tivesse batido nas costas para celebrar, mas exagerasse. Pode abanar os órgãos

internos.

– *Ya* – articulou Etta, apagando o sorriso, mas por pouco tempo. – Eu sei. E então?

Grey empurrou os óculos para cima da testa.

– Isso é um absurdo.

– Não percebo. Devia estar feliz por... por Lizzie. *Estou* feliz pelo Babbo.

– Estou feliz – disse Grey, estreitando os lábios. – Não estou a ter esta conversa contigo. Vou encontrar a porra do vidro do mar, *okay*?

Ele tinha aquele olhar que por vezes o seu Babbo tinha, como se estivesse prestes a abandonar a sala, furioso.

– Ótimo! – exclamou Etta, dirigindo-se ao local onde a areia preta se unia à água. O mar estava claro, azulíssimo, e havia uma pequena ondulação, uma linha de espuma ao longo da praia, como um pedaço de renda.

Ruby encontrava-se mais para o interior, de joelhos.

Etta foi ter com ela.

– O melhor vidro do mar está mesmo à beira-mar.

– Olha para esta areia – disse Ruby, pegando numa mão-cheia e deixando-a escorregar.

– Lizzie gosta de vidro, não de areia.

– Tem um tom pérola – surpreendeu-se Ruby.

Etta acocorou-se.

– É meio brilhante.

– Podia fazer algo com isto – disse Ruby, deixando cair mais um punhado de areia. – Acho que é pedra-pomes, mas nunca vi nada parecido.

– Fazer o quê? Colocá-la numa tigela?

– Um esfoliante – respondeu Ruby. – Ou talvez uma máscara de cabelo. Uma máscara de areia preta cintilante.

– Vou à procura de vidro do mar. – Etta voltou para a beira da água. Não demorou muito tempo a percorrer toda a praia. Pouco depois, regressou

com uma pesada pilha de vidro do mar enrolada na *T-shirt*.

Acenou a Ruby, que cavara uma série de buracos na areia, e continuou a andar.

Rohan estava sentado com Grey mesmo à beira-mar, onde a areia se transformava em rochas.

– Encontrou algum? – perguntou ela a Grey.

– Sim. – Deu umas palmadinhas no chão ao seu lado, e tinha mesmo alguns pedaços.

Etta sentou-se pesadamente e começou a separá-los. Não queria oferecer a Lizzie os que tinham arestas afiadas ou a cor errada. O melhor vidro do mar era turvo, de um verde mais profundo, coberto de gelo.

– Não tenho ciúmes do teu Babbo – começou Grey bruscamente. – Eu amo a Lizzie. Nós crescemos juntos.

Rohan murmurou algo noutra língua.

Etta continuou a classificar o vidro, pondo de lado os pedaços que não prestavam, como se mal estivesse a ouvir. Como se a conversa não fosse importante.

– Não tenho um irmão, mas ele não se importaria se eu me apaixonasse.

– É mais complicado do que isso, miúda.

– Não entendo porquê. É *gay*. A Lizzie não é um homem.

– Sim – concordou Rohan. – És *gay*, e Lizzie não é um homem.

– Por que deitas fora tantos pedaços? – perguntou Grey a Etta, ignorando Rohan.

– Não são perfeitos. – E, ante a sobrancelha levantada, reagiu: – O que foi? Quero que ela goste de todos.

– Estão ambos a dizer «*gay*» como se significasse algo – comentou Grey, voltando a olhar para o mar.

– E significa algo. Significa com quem se deseja ter sexo. A menos que seja pansexual, o que significa que não está limitado na escolha sexual. *O que foi?* – repetiu Etta quando ambos viraram a cabeça e a fitaram. – Tive aulas de saúde tal como toda a gente. E não precisa parecer tão condescendente. Sei tudo a seu respeito.

– Sabes? – perguntou Grey.

Etta apontou-lhe o dedo.

– Não esteja a fazer esse sorriso pretensioso.

– Não estou!

Estava, mas ela deixou passar.

– A minha prima é lésbica e diz que os heterossexuais não têm permissão para falar sobre o assunto porque se leva sempre a mal.

Grey estendeu a mão para os pedaços de vidro do mar perfeitos e deixou-os escorregar por entre os dedos.

– O amor é mais complicado do que com quem se dorme.

Ela pegou num pedaço brilhante de vidro do mar, que tinha uma borda verde brilhante, e atirou-o em direção ao oceano para que rolasse na areia.

– Nós conversámos sobre isso na aula de Inglês. Romeu está apaixonado por Julieta, mas também ama Mercutio, talvez até mais.

Grey murmurou algo que soava como... Romeu do caracas.

– Romeu amava Mercutio mais do que Romeu – repetiu Rohan, lentamente. Estava sentado com as mãos sobre os joelhos e os óculos de sol empurrados para trás, na cabeça. De onde estava sentada, ele não se parecia com uma estrela de cinema: tinha um nariz demasiado grande.

– Amo-te, caramba – disse-lhe Grey.

A tensão era bastante forte, por isso Etta começou a falar por falar.

– Podiam casar-se no restaurante do meu Babbo. Pessoas famosas fazem-no porque não há *paparazzi* nem câmaras fotográficas, mesmo para casamentos. É uma regra.

– Não posso fazer isso, miúda. Itália não permite que os *gays* casem – referiu Grey.

– Não que o fizesses – replicou Rohan.

– Talvez o fizesse.

Olharam um para o outro e Etta estava definitivamente a sentir que desejava estar noutro lugar. Começou a enfiar novamente todo o vidro do mar na sua *T-shirt*.

– Vou ver o que a Ruby está a fazer.

– Não podes trepar com isso por cima das rochas. – Grey também se levantou. Pegou num punhado dos vidros dela e despejou-os no bolso das calças. Eles descaíram e Etta riu.

– Parece um adolescente a tentar roubar chocolates em lojas – comentou.

Rohan continuava a olhar para o mar.

Grey revirou os olhos.

– Teria roubado cigarros, se fosse o caso. – Estendeu uma mão e Rohan agarrou-a e levantou-se.

Ruby voltou, com os bolsos igualmente volumosos, e falou a Grey e a Rohan sobre a areia, a areia negra nacarada.

Regressaram mais depressa do que tinham vindo.

Era sempre assim.

Capítulo Dezasseis



Lizzie voltara a pé do Fabrizio's, sentindo-se atordoada. Grey estava furioso com ela. *Furioso*. Como podia não ter sabido?

– Mas que diabo?

Estava furioso com *ela* porque rompera com ele? Não era o que todas as mulheres do mundo teriam feito? O problema residia em que Grey era infinitamente genial. Exalava um charme sulista, mesmo quando estava zangado. A sua versão de bronca correspondia a um elogio de um taxista de Nova Iorque.

Sentou-se na cama, sentindo-se agoniada. O seu melhor amigo tinha sido... o que quer que fosse, e ela não soubera. Claro que na altura estava ocupada a tentar rastejar para fora de um poço de tristeza e de vergonha.

Na véspera de Ano Novo tinham saído para jantar, o que era importante porque ele estava a escrever o seu primeiro livro, e ela era uma estudante de pós-graduação. Sem dinheiro.

Tivera a certeza absoluta, do fundo do coração, de que ele iria pedi-la em casamento.

Era um passo lógico. Todas as suas amigas pensavam assim. Há anos que estavam juntos, juntos a sério. Era a altura perfeita para tirar um anel do bolso.

Mas em vez disso... Ela nunca se esqueceria da forma como o seu coração batia rapidamente durante toda a refeição, à espera do momento... ele não daria um anel com champanhe, era demasiado banal? À sobremesa? *Dentro* da sobremesa?

Em vez disso, ele pousou o garfo e disse-lhe que se sentia atraído por homens.

E agora estava a culpá-la pela separação? Fora *ele* quem fizera amor com ela de forma tão terna durante anos. Começou a ranger os dentes só de pensar nisso. Fazer amor com Grey não se comparava de forma alguma a fazer amor com Dante. Era inegável.

Mesmo assim, não tinha sido mau. Tinha sido *bom*.

Imagens atravessaram-lhe a mente: Grey sorrindo-lhe, amando-a. Grey sendo terno e doce, fazendo-a sentir-se amada e adorável, até mesmo os seus joelhos.

E como se sentira envergonhada e feia após ele ter dito aquilo ao jantar, embora soubesse que a amava.

Mas Dante? Fazer sexo com Dante era totalmente físico. Era suado, ofegante e *potente*.

Era foder.

Afundou a cabeça nas mãos. Todo o seu corpo estremeceu quando vira raiva nos olhos de Grey. Ele era a sua outra metade, o seu protetor. Durante a quimioterapia, humedecera-lhe a cabeça, persuadira-a a beber caldo de carne e assistira a intermináveis filmes de Bollywood com ela.

Filmes que nem sequer eram em inglês e não tinham legendas. Inventavam histórias sobre o que estava a acontecer.

Ele deixara Rohan em Los Angeles, onde Deus sabe o que poderia ter acontecido ao homem mais *sexy* do mundo, rodeado de gente bonita e predatória. Obviamente nada acontecera porque aqui estavam eles, ainda juntos.

Mas, mesmo assim, algo poderia ter acontecido. Ela poderia ter-lhe partido o coração e em seguida romper também a sua relação.

Era tudo uma porra do caracas.

Fora do seu controlo.

Não havia nada que ela odiasse mais do que perder o controlo. Remontava à sua mãe, sabia disso. Anos de terapia deram-lhe a informação. Quatro lares de acolhimento, com o aviso prévio de trinta dias sempre a pairar sobre a sua cabeça.

Aconteceram coisas. Estivera no seu primeiro lar de acolhimento durante dois anos antes de Mariana engravidar, em seguida ter começado a vomitar o tempo todo e deixar de aguentar ser uma mãe adotiva. Lizzie tinha apenas oito anos quando se mudou para lá, mas aos dez já se tinha enganado a si própria de que estava segura.

Tinha tentado implorar, prometendo ajudar.

Estúpida.

Mariana chorou tanto que ficou doente, o marido irritou-se e a assistente social levou Lizzie e as duas outras crianças no dia seguinte. Sem mesmo esperar trinta dias. Mais tarde, Mariana desejou-a de volta, dissera a assistente social. Sentia-se culpada. Tinha parado de vomitar.

Lizzie afirmou que fugiria se a colocassem de novo naquela casa e acreditaram nela. Não podia controlar muito, mas voltar para Mariana? Não. Desta vez, fora Lizzie a rejeitá-la.

Depois disso, Lizzie fez exatamente o que precisava de ser feito para fazer a próxima mãe adotiva feliz, nem mais, nem menos. Após duas colocações, acabou na casa de Mrs. Bedrosian, o que significou que tinha de aprender a cantar.

A única parte difícil fora quando Mrs. Bedrosian quisera que ela cantasse na igreja. Que Deus a livrasse de fazer um solo.

O preço de fazer negócios, dizia-lhe Grey. *O preço de fazer negócios*, Lizzie-Liz. Mrs. Bedrosian fora o seu primeiro e último lar de acolhimento. Tinham estado juntos até acabarem o secundário.

Um soluço tomava forma na garganta, o que a irritava, e, portanto, virou-se de costas e fitou o teto.

Por que motivo chorava? A pequena Lizzie, segura e protegida, se é que não amada? Grey, não tão pequeno, menos amado, exceto por ela... e aparentemente tinha-o largado, por pensar que *ele* estava a largá-la?

Ele era *gay*.

Como poderia passar-lhe pela cabeça que não se iriam separar?

Mas passara. Nessa tarde, vira nos seus olhos que acreditava que a relação deles iria sobreviver ao seu anúncio. O coração batia-lhe lentamente no peito e sentiu um gosto amargo a surpresa e tristeza.

Não arrependimento, não.

Recusava lamentar o que era obviamente racional.

Grey olhava para Rohan da mesma forma que Dante olhava para a comida. Dante era tão intenso na forma como cheirava, saboreava e

olhava que a deixava faminta, não pela sua comida, mas pelos seus ombros largos, o cheiro, o impulso, a forma assustadora e lúcida como a lascívia e energia erótica se alojavam no seu corpo, pelos orgasmos que ele lhe provocava.

Orgasmos Dante, deveria chamar-lhes. Aqueles para onde a levava com persuasão e domínio. Os que eram vulgares e demoravam tanto tempo. Leonard Cohen diria que gerações de borboletas morreram à sua espera, à espera daquela sensação final, os dedos dos pés enroscados, o êxtase.

Eram dignos de partir o coração de Grey?

Não era uma pergunta justa, porque Grey partira o *seu* coração.

Tinha chorado durante um ano, em cafés, supermercados, uma vez, horivelmente, nas aulas enquanto ensinava *The Winter's Tale* de Shakespeare porque o filho de Hermione morre. Chorara na frente de uma aula de estudantes, porque não teria um filho com Grey.

Nessa altura, não imaginava o que o futuro lhe reservava.

Sem bebés. Nem muitos anos de vida.

Esse pensamento era familiar, um duro terror a que mais ou menos se adaptara. Afastou-o e abriu o seu romance da cortesã para o fechar em seguida. Finalmente, recorreu a contar abelhas napoleónicas no teto até que a dor e a raiva passassem o suficiente para que pudesse dormir.

Mas acordou horas mais tarde, no início da noite, ainda a pensar em Grey.

Ele era objetivamente bonito. Quando cantava sobre esperma sagrado e ria, o seu rosto era demasiado bonito para ser real. A boca era perfeita, com um carnudo lábio inferior e um beicinho no topo, como uma rapariga dos anos 1920 que acabara de descobrir a cor dos lábios.

Mas, quando rosnara com ela por entre dentes no restaurante, os olhos tornaram-se estreitos e duros, e ela detetou linhas à volta deles e na testa. Então já não era bonito, mas um homem cuja namorada e melhor amiga lhe partira o coração (embora pelos motivos certos). Muitas pessoas não eram casadas desde que estivessem juntas.

A questão era que eles se haviam tornado a família um do outro. Os lares de acolhimento estavam cheios de crianças à deriva e os dois

formavam uma união. Portanto, havia muita coisa em jogo quando ele lhe contara a verdade.

Não tinha culpa que ele fosse *gay*. E não tinha culpa de estar a morrer. Não tinha culpa que Grey já parecesse um sobrevivente, e tivesse a síndrome da culpa do sobrevivente, e provavelmente a depressão inerente.

O duro pensamento que se seguia.

Teria culpa se Dante tivesse aquele olhar, aquele olhar de sobrevivente. Se os olhos curiosos e brilhantes de Etta se transformassem em olhos de sobrevivente. Tinha visto muitos desses olhos. Pessoas com esses olhos andavam pelos corredores dos hospitais. O pior era na unidade de pediatria.

Muito bem. Nada de olhos de sobrevivente para Dante, e decerto nem para Etta, o que significava que tinha de partir. Ir embora. Abandonar Elba.

Enroscou-se com esse pensamento, pressionando o estômago contra os joelhos. Não era justo. Não era justo. Toda aquela merda não era justa, mas Elba... ela estava apaixonada por Elba.

Talvez também por Dante.

Queria continuar a ir à praia, e dormir com *Lulu*, a comer *bombolone* ao pequeno-almoço, e jantar no Principe Blu, seguido de sexo com Dante.

Na noite anterior, ele percorrera as suas cicatrizes com um dedo, e, portanto, teria de lhe contar muito em breve. Entretanto, limitara-se a devorar os dias, todas as horas enquanto acordada.

Mesmo assim, não queria que Etta mudasse como um pisco-de-peito-ruivo cujo peito vermelho se desvanecesse.

Talvez estivesse a dar muita importância à sua influência sobre Etta, mas não pensava assim. Lembrava-se de como era procurar uma mãe para substituir aquela que não estava lá.

Cometera esse erro com Mariana, permitindo-se pensar que era amada porque comia cereais todas as manhãs, e porque Mariana lhe cantava canções alegres e lhe lia histórias. O destino mostrara-lhe que Mariana estivera somente a praticar.

A praticar ser uma mãe.

A praticar o amor.

Se ela fosse a mãe de Etta, seria uma coisa temporária. Praticar para nada. Mesmo quando a assistente social fechara a porta do carro para afastar Lizzie de Mariana, ela não tinha acreditado na realidade.

Ainda se lembrava da forma como os seus dedos pareciam agarrados ao vidro.

Mariana não tinha saído de casa, dizendo que era um erro.

Também não havia porta de saída do Terceiro Estágio.

Capítulo Dezassete



Porta do quarto de Etta Moretti,
por Dr. Seuss:

Hoje você é você! Isso é mais verdadeiro do que verdade!

Não há ninguém vivo que seja você além de você!

Grite bem alto: – Tenho sorte por ser o que sou!

Graças a Deus que não sou uma amêijoa nem um presunto,
nem um frasco velho empoeirado de compota de groselha azeda!

Sou o que sou! Isso é uma coisa ótima!

Na manhã seguinte à praia negra, Etta foi logo de manhã ao hotel. Babbo estava no mercado e então ela optou por um vestido de verão, atravessou a arcada e sentou-se sob uma árvore como se pertencesse àquele lugar. Quando um empregado de mesa romano apareceu, ela interpretou isso como um sinal e encomendou o pequeno-almoço.

– Quarto sessenta e três – disse-lhe.

– *Si, signora* – anuiu ele, com uma pequena vénia. *Signora!* A abordagem de quando se tinha dinheiro. Podia ter-se doze anos, e as pessoas pensavam que se era adulto. Ou fingiam que era, porque se tinha dinheiro.

– Ei, olá. – Ruby sentou-se em frente dela.

– Queres tomar o pequeno-almoço? – perguntou Etta. – Posso voltar a chamá-lo.

– Não sabia que estavas hospedada aqui.

– Não estou. Este pequeno-almoço é o presente de Grey.

Ruby tinha uma maneira própria de arquear uma única sobrancelha, o que Etta pretendia copiar.

– Será que ele sabe? Não, não respondas. – Virou-se à procura do empregado.

Ele saiu para o pátio, mas não percebeu que Ruby tinha a mão levantada e regressou à porta. Etta enfiou os indicadores na boca e assobiou. O som repercutiu-se nas paredes de pedra e o empregado deitou a cabeça para fora da porta e dirigiu-se-lhes.

– *Non sai chi è?* – sibilou-lhe ela.

Ele deitou-lhe um olhar romano de lado.

– *È una famosa attrice in America. Può farti licenziare in cinque secondi!* – Ele pareceu bastante assustado e Etta acrescentou para completar: – *Lei possiede il più grande yacht. E tu l’hai ignorata.*

Então o empregado fez uma enorme vénia a Ruby e disse «*signora*» várias vezes.

– O que lhe disseste? – perguntou Ruby depois de o romano se ter ido embora.

– Disse-lhe que eras uma atriz famosa com o maior iate ancorado – respondeu Etta.

O empregado apareceu com uma grande bandeja de doces. Ruby piscou-lhe o olho e adotou o papel de famosa até que Etta começou a rir.

Por fim, ele afastou-se e Ruby deu uma dentada num brioche e suspirou.

– Penso que este é um dos melhores pastéis que já comi.

– Tem recheio vermelho? – Etta examinou-o de perto. – São ótimos. A Signora Antonella fá-los com ginjas do seu quintal. Babbo acha que ela usa demasiado açúcar, mas está errado.

Ruby deu a última dentada e depois lambeu os dedos.

– O teu Babbo é doido. Isto é viciante.

– Se gostas do cheiro, ela também faz outras coisas. Velas e outras do género.

– Adoro o cheiro – disse Ruby. – Antonella tem uma loja?

– Não, mas conheces aquelas lojinhas no caminho para a praia, a praia pública? Todas elas vendem os seus óleos essenciais. Óleos de Elba.

– Preciso de um pouco de óleo de Elba – disse Ruby, terminando o seu brioche. – E perfume de ginja.

Rohan saiu do escuro do hotel e dirigiu-se-lhes. Vestia um fato de linho amarelo-claro com um colete. Teria ficado ridículo em quase toda a gente, mas assentava-lhe como uma luva.

– Olá, meninas – cumprimentou ele, sentando-se.

– Tens de comer um – disse Ruby, empurrando o último brioche na sua direção. – Uma senhora fá-los com recheio de ginjas do seu quintal.

Rohan deu uma dentada e depois acabou tudo com mais duas dentadas.

Pediram mais brioche e chá.

– Tenho de ir embora hoje – disse Ruby, franzindo o nariz. – Vim despedir-me.

– Porquê? Trabalho para fazer? – perguntou Rohan.

– A rapariga francesa que estava a maquilhar ontem e que dançava em iates saiu com um suíço pouco depois do almoço.

– Caramba! – exclamou Rohan, servindo chá. – Tens condições para ir para casa?

– Claro, está tudo definido no contrato da agência. O meu agente disse que posso trabalhar com Ava DuVernay, se voltar imediatamente.

– Ela fez *A Wrinkle in Time* – disse Etta, arregalando os olhos. Rohan era uma celebridade, mas, sinceramente, as suas cenas eram demasiado antigas para ela. Mas Ava DuVernay? *Fixe*.

– Gostaste do filme?

– Não era mau – respondeu, com cautela. – Exceto em algumas partes, caso se tivesse lido o livro. A maquilhagem estava ótima. Sabes como conseguiram joias para colar no rosto de Oprah?

– Cola para efeitos especiais – esclareceu Ruby. – Primeiro, desenham-se os pontos para obter a forma desejada. Em seguida, usa-se esta cola a que se chama *spirit gum*.

– Estavas lá?

– Sim – anuiu Ruby. – Um amigo meu, Derrick, estava encarregado do visual de Oprah, mas ocupei-me do elenco.

– Que fixe! – exclamou Etta.

– Não pareces muito entusiasmada – notou Rohan.

Ruby encolheu os ombros.

– Tenho de entrar como assistente em vez de artista, porque sou de última hora. Montes de braços e pernas.

– Devias ser a principal, não a assistente – reagiu Rohan. – Maquilhadora principal – disse ele a Etta. – Planeiam a maquilhagem para um filme.

Etta olhava para um e outro, lamentando não ter um velho amigo. Ruby e Rohan tinham sido amigos desde sempre, assim como Lizzie e Grey. Talvez não fosse tarde demais.

– Talvez daqui a uns anos – replicou Ruby. – De qualquer forma, começo a interrogar-me como criar alguns produtos próprios. Ontem encontrei esta areia, areia preta nacarada, e gostaria de criar uma máscara facial ou lama.

– Não podes simplesmente ficar aqui e fazer lama facial? – perguntou Etta, desejosa de que assim fosse.

– Num mundo perfeito – respondeu Ruby.

– Vou contratar-te – decidiu Rohan.

– Para quê? – surpreendeu-se ela, franzindo o sobrolho.

Ele pousou a chávena de chá.

– A maquilhagem da Lizzie?

Etta soltou um gritinho.

– Lizzie não usa maquilhagem!

– Poderia usar – contrapôs Rohan. – Vá lá, Ruby, informa a tua agência de que vais ficar comigo e eles cobrarão ao meu pessoal.

– Lizzie não é alguém que queira usar maquilhagem – disse Ruby. – Também não precisa. E eu não aceito caridade, nem mesmo de velhos amigos. – Estendeu a mão e deu-lhe uma palmada no ombro. – Idiota.

– Não é caridade. Ouve, por que não podes ser a maquilhadora principal de *Romeu e Julieta* – sugeriu Rohan, com os olhos brilhantes. – Podes planejar a maquilhagem.

– Nem conheces o meu trabalho – disse Ruby entre dentes.
– Conheço-te a *ti* – retorquiu Rohan.
– Mas não nos vemos há anos.
– Não importa. A minha primeira oportunidade de realizar... – disse Rohan. – É tudo, Ruby. Preciso de pessoas em quem possa confiar.

Ruby não parecia convencida.

– Podia meter a pata na poça.
– Não o farás. A menos que queiras voltar para Los Angeles e espalhar base em pernas e braços.

Ruby estreitou os olhos e Etta decidiu ajudar.

– Julieta adoraria ter joias coladas no rosto. Brilhantes!
– Não é uma ficção científica – assinalou Rohan.
– Sim, mas ela tem treze anos, certo? Por que não? No Instagram as raparigas colam joias e brilhos por todo o rosto. Podes praticar em mim! – Etta virou-se para Ruby. – Oh! por favor, por favor, planeia a maquilhagem de Julieta e usa-a em mim. Por favor!

– Fico contente por te embelezar, Etta, mas a maquilhagem é *séria*. Pode fazer ou destruir uma produção. Tem de crescer a partir da ideia e do guião tal como o realizador a vê.

Às vezes Etta precisava de se lembrar que ainda não era uma adolescente, e esta era uma dessas ocasiões. Não podia disparar para fora da sala – ou do terraço – sem parecer um bebé.

Mas, realmente? Era uma porra.

– Percebi – disse ela. – Bem, é melhor ir cortar alguns vegetais ou algo assim. Babbo provavelmente já voltou do mercado. Já viram a Lizzie esta manhã?

Ela sabia que Lizzie não passara a noite na sua casa pela primeira vez em algumas semanas. Caso pudesse definir-se «passar a noite» como entrar em casa em bicos de pés, de mão dada com Babbo, e esgueirar-se cautelosamente até ao terceiro andar por algumas horas antes de regressar ao hotel.

Não que Etta estivesse a interpretar *Harriet, The Spy*, ou outra coisa, porque não estava. Mas as escadas rangiam.

Na noite anterior, as escadas não tinham rangido debaixo dos pés de duas pessoas, apenas de uma.

– Não a vi – disse Rohan. – Podes fazer algo com uma embelezada Julieta. Romeu diz que ela brilha como uma joia à noite.

– *Como uma bela joia na orelha de um etíope* – citou Ruby. – Lembro-me disso por ser a única etíope na minha turma do décimo primeiro ano.

– Isso é no secundário? – perguntou Etta.

– Em Inglaterra – confirmou Ruby, acenando com a cabeça. – Vê só, a minha mãe veio das Caraíbas, por isso eu não sou realmente etíope.

– Tentei que Babbo me mandasse para Inglaterra para o colégio interno – referiu Etta, com uma sensação de nostalgia ao pensar nisso. – Sabes, por causa de Harry Potter.

– Estive num colégio interno durante um ano – interferiu Rohan. – Todos me chamavam salsicha porque era gordo. O colégio interno pertence mais a *O Senhor das Moscas*, de W. Golding, do que a Harry Potter. Estou a ter uma ideia – acrescentou mais para ele mesmo pelo que Etta podia ver. – Joias, homoerotismo, rapazes, *bullying*... rapazes mortos.

Etta tentava manter-se calma, mas não podia deixar de sentir-se emocionada por estar sentada, desenvolvendo e debatendo ideias ao lado de um ator famoso sobre o seu filme. Ninguém na sua turma acreditaria nela, mesmo que fizesse uma *selfie*.

– Estão todos mortos no túmulo no final – lembrou Ruby. – Na verdade, posso fazer algumas maquilhagens perversas de mortos. É a minha área.

– Lindo quando morto – afirmou Rohan, sonhando. – Talvez adornado com joias. Para o casamento e para a morte. Isso seria ótimo, com a iluminação certa.

– Mercutio pode arrasar com algumas joias – disse Ruby.

Lizzie diria que aquela ideia era uma palhaçada. Etta tinha a certeza.

– Precisaria de luz incandescente – prosseguiu Rohan –, talvez holofotes.

– O que é isso? – quis saber Etta.

– A iluminação de palco usada em *music halls*, basicamente cal viva queimada. Se Romeu gosta de se enfeitar com joias, toda a luta faz mais sentido. Não quero que o enredo surja da discussão dos seus pais. Preciso de algo mais vital. Algo por que as crianças realmente lutem e morram.

Etta achou que parecia uma loucura. Romeu com joias?

– Em todo o mundo há crianças que morrem nas batalhas entre os pais – disse Ruby.

Etta tentava reprimir um sorriso, porque esta era a conversa mais interessante da sua vida. Olhou em volta com cuidado, memorizando tudo. Caso se tornasse uma romancista, precisava de se lembrar dos detalhes.

O ar estava abafado e calmo sob as árvores. O empregado romano apareceu finalmente com mais chá. Ela ainda podia sentir o cheiro de um brioche amanteigado embora todos tivessem sido comidos, um cheiro a chá inglês, e o cheiro a coco do protetor solar sob uma árvore vizinha.

Cigarras cantavam e ela pensou que talvez devesse tentar distinguir diferentes canções. Seria fixe dizer, anos mais tarde, que catorze tipos diferentes de cigarras lhes tinham feito uma serenata.

Mas parecia-lhe um grande coro, todos a cantar a mesma música.

Capítulo Dezoito



Após decidir deixar Elba, Lizzie escondeu-se no seu quarto alegando uma dor de cabeça e alimentando uma dor no coração. Depois, para piorar tudo, dormiu até tarde e perdeu o pequeno-almoço.

De qualquer maneira, os *ferries* funcionavam o dia todo e podia comer algo no barco. Tirou a mala para fora e dedicou-se a colocar tudo o que trouxera no interior, dobrando tudo rapidamente, mesmo do avesso.

Mas descobriu que não podia simplesmente entrar no *ferry* e chorar até terra firme, chorar até aos Estados Unidos da América e depois tomar montes de *Xanax*, o suficiente para superar as férias.

Porquê: Grey.

O sobrevivente Grey trancou a porta do seu quarto e fitou-a como se nunca tivesse ouvido falar do Sul, e não soubesse que as pessoas do Sul eram supostamente muito doces.

Parecia uma sarça ardente, ela tinha tanta hipótese de ignorá-lo como Moisés. Moisés fora o tal apanhado de surpresa por uma sarça ardente?

– Cala-te – ordenou Grey quando ela o interrogou. Depois, entrou no quarto, pegou na mala dela e atirou-a para o outro lado do quarto. A mala abriu-se e as roupas mal dobradas espalharam-se por todo o lado.

Lizzie recuou e sentou-se na cama.

– Eu não queria fugir de *ti*.

– Mais desculpas? – indignou-se Grey.

Parecia feroz e devastado. As duas palavras eram estranhamente semelhantes. Se ela fosse uma linguista melhor até poderia saber se tinham a mesma etimologia.

– Não és tu – admitiu ela, descobrindo que o soluço que lhe pressionara o peito durante toda a noite se dissolvia em lágrimas. Uma deslizou-lhe pelo rosto.

– É Dante. Não percebes, Grey?

– Não.

Mas havia algo na sua voz. Ele percebia. Talvez não o desejasse, mas percebia. Lizzie sentou-se e aguardou, enxugando as lágrimas do queixo.

– Não quero que me odeie, como tu me odeias.

Ele riu-se.

– Também me amas – afirmou Lizzie, cansada. – É complicado, não é? Mas olho para ti, Grey, ontem ao almoço fitei os teus olhos e soube... – Um forte soluço estrangulou-lhe as palavras por um minuto, mas ele esperou. – Sei que sempre me amarás, mesmo quando me odeias. Ou me odiavas. Vais odiar-me porque te deixarei.

Grey parou e respirou fundo antes de se sentar ao lado dela. A cama inclinou-se na sua direção.

– Odeio o facto de estares a ponderar não fazer essa operação. Não te odeio.

– Não entendes.

– Não. – Virou-se com os olhos de sobrevivente cravados nos dela. – Nunca te odiarei, Lizzie, então para que serve dizeres-me? Nunca te faria isso. – Voltou a levantar-se e dirigiu-se à janela.

Ela encolheu os ombros e tentou chorar baixinho.

– Nunca – repetiu ele passado algum tempo.

É fácil ter certezas quando ainda não se enfrentou uma situação. Como quando Lizzie estava ansiosa por se casar com Grey. A escolha era clara até deixar de o ser.

Teria dito o mesmo se Grey estivesse doente, e falava a sério: *Nunca te deixarei. Irei segurar para sempre este balde cheio de vomitado. Irei fazer-te uma canja de galinha orgânica. Amar-te-ei, mesmo quando não conseguires falar, não tiveres cabelo e cheirares horrivelmente mesmo depois de um duche.*

Ela diria isso agora.

Mas ele não estava doente. Ela estava. Ele queria que ela lutasse, mas isso parecia tão impossível. O médico tinha-lhe dito a verdade: não havia cura para o seu cancro. Poderia resistir, mas a que custo?

– Ainda não decidi. Estou com medo – confessou ela, a voz trémula algures nas entranhas.

– Também eu. – Não se aproximou, não a rodeou com um braço, não a puxou para perto, não desistiu da sua raiva.

Silêncio.

– Se tens medo da morte, há algum motivo para correres para ela?

– Correr em direção à morte é melhor do que fugir. – Ela respirou fundo estremeando. Então viu o seu rosto novamente.

Cinco minutos depois, continuavam sentados em silêncio, mas ela estava ao lado dele, aconchegada, com as lágrimas dele a cair na sua nuca.

– É o Dante – disse ela, fungando. – E a Etta também. Não quero magoá-los.

– Gosto dele – admitiu Grey. – É boa pessoa. Sólido.

Lizzie fungou novamente.

– Eu sei.

– Anda cá. – Grey estendeu a mão e tirou um lenço de papel da sua mesa de cabeceira. – Porra, sinto-me como se tivesse sido atropelado por um tanque.

– Também eu. Odeio chorar.

– Não voltes para Nova Iorque, Lizzie.

Ela fungou, mas a decisão já estava tomada, entre uma lágrima e outra.

– *Okay*.

Ele embalava-a, ambos sem palavras. Depois de algum tempo, ele admitiu:

– Disse ao Roh que iríamos com ele para um iate esta noite, mas não temos de ir, se quiseres ficar na cama.

– Quem está no iate? – perguntou Lizzie, assoando-se. – Não pensei que algo pudesse afastar o Rohan para longe do Príncipe Blu.

– Um dos tipos das finanças, o tipo que apoia filmes. Não ouvi com muita atenção. Algo a ver com *Romeu e Julieta*. Ele queria levar Ruby para falar sobre maquilhagem com brilhos e a ti sobre Shakespeare. Dante

também, se pudermos afastá-lo da cozinha, e Etta, porque ela lhe disse que nunca esteve num iate.

– Rohan quer sempre ter pessoas à sua volta?

– Não. Não és *qualquer pessoa*, Lizzie. Não, para ele.

Lizzie pensou em contestar, mas o que sabia realmente? Talvez Rohan gostasse dela, mas era difícil dizer com todo o seu encanto.

– Não é fácil ser indiano, em Hollywood – acrescentou Grey. – Eles fazem de Roh um símbolo sexual na *People*, mas ele nunca consegue o papel principal. O Capitão Britânico nunca fica com a rapariga. Por isso, gosta de ter amigos por perto.

– *Okay* – concordou Lizzie, atirando um lenço de papel para o caixote do lixo e falhando. – Vou ao iate e finjo que ele tem um plano coerente.

– Na noite passada, ele passou algumas horas a estudar a peça e a riscar coisas. Ou a acrescentar palavras. Mas, obviamente, se tiver um Shakespeare debaixo de asa, isso fá-lo parecer mais credível. Vou mandar vir comida, *okay*?

– Não me apetece ir à praia.

– Encontramo-nos lá em baixo mais tarde, se te apetecer ir ao iate. Caso Dante não te atraia para a cozinha.

No final da tarde, Lizzie acordou com uma pancada forte. Quando abriu a porta, não era Etta, que ela quase esperava, nem Dante, que ela esperava secretamente. Ruby sorriu-lhe do corredor escuro.

– *Make-up express* – anunciou jovialmente.

Lizzie levou rapidamente as mãos ao cabelo, sem dúvida achatado pela sesta.

– Eu não...

– Eu sei. Mas apanhou-me na mesma. Rohan contratou-me como maquilhadora principal para *Romeu*, o que é um grande passo em frente, caso se interrogue. Estou a fazer maquilhagem sentindo-me culpada, porque nem uma maquilhadora principal consegue um quarto de hotel chique. Vou passar-lhe pó no nariz ou algo assim...

– Pó? – Lizzie fitou-a. – Não uso pó! Parece algo dos anos cinquenta.

Mas recuou, porque entendeu. Afinal, supostamente ela estava a gerar novas ideias sobre Shakespeare, mas, na verdade, mantinha-se deitada num quarto de hotel caro que Rohan pagava.

Ruby passou por ela e entrou no quarto, transportando uma caixa quadrada, semelhante a um antigo guarda-joias.

– Batom, em vez de pó.

Lizzie mordeu o lábio, invadida por pensamentos desagradáveis.

Ruby deu meia-volta, com um canto da boca levantado. – Se não sugerir um delineador labial?

– Delineador? De pestanas?

– Delineador labial. Não sabe o que é?

– Tenho estado demasiado doente para me importar com a porcaria da maquilhagem – declarou Lizzie sem rodeios.

– Sim, e nunca estive demasiado doente para me maquilhar. Tudo fica mais fácil com um novo batom. Praticamente hipotequei a minha alma aos produtos da *Sephora* durante a quimioterapia.

– Não... não discuta comigo – pediu Lizzie, fechando a porta antes de ela se aproximar e sentar na cama. – Por favor. Já tive a minha dose nos últimos tempos.

– Não se importa com a maquilhagem porque nunca precisou – disse Ruby. – Entre no duche, e vou experimentar em si o meu primeiro produto caseiro. A Lama de Ruby. Fi-lo esta tarde. Por favor...

– Preparou-o sem ajuda? – Lizzie não gostava de máscaras faciais nos seus melhores momentos, mas os olhos de Ruby brilhavam. O seu coração cedeu.

– Da praia negra – explicou Ruby, acenando com a cabeça. – Excelente para a pele sujeita à quimio. Já a experimentei cinco vezes. Em seguida, vou encontrar-lhe algo para usar e passar um pouco de batom sem delineador.

Lizzie suspirou.

– Disse à Etta para aparecer porque ela quer brilhos colados no rosto – anunciou Ruby. – Olhou para a secretária de Lizzie, que estava coberta

com frascos de comprimidos. – Tenho de esconder tudo isto. – Abriu a gaveta e colocou-os em cima das cuecas da Lizzie.

Lizzie deu por si a rir.

– Alguém já lhe disse que não?

– Não desde que passei pela quimioterapia – respondeu Ruby. – A propósito, há aí uma lição. Eu deixei de ouvir «não».

No chuveiro, Lizzie encostou-se à parede e ouviu Ruby a cantar sozinha... conscientemente. Fora do tom.

Lizzie ouvia muitas vezes «não».

Ruby cantava sobre sentir-se bem, elevando a voz sombria de Nina Simone a um lugar diferente: mais jovem, mais brilhante.

– *Peixe no mar...*

Os peixes saberiam como alguém se sentia? Importar-se-iam?

Lizzie pensou em juntar-se, mas então Ruby ouviria a sua voz. Escutou outro verso, pensando em dizer não.

Uma criança adotada nunca pode dizer não. Mas um adulto pode, e provavelmente estava na hora de ela entender isso.

– *Libélula sob o sol* – cantou, acompanhando Ruby, arrastando as palavras da forma que Mrs. Bedrosian gostava. Mrs. Bedrosian era uma Episcopaliana, mas adorava uma boa música gospel. Lizzie recostou-se aos azulejos brancos e deixou que a água quente atingisse todas as cicatrizes, respirou fundo e soltou a voz.

Ruby ficou em silêncio, provavelmente chocada, por isso Lizzie cantou o último verso sozinha. Mas Nina nunca parava com meras palavras e Lizzie podia lembrar a sua voz experiente e cansada.

– *Mmma...* – cantou, baixando a voz, Nina na mente, soprando como uma trombeta, terminando com *Siiiinto-me bem*.

O que aconteceu quando a cortina foi puxada para trás. Lizzie soltou um gritinho e tapou os seios com as mãos. Ruby desligou a água.

– Você! – exclamou. – Conseguiu isso? Às escondidas de todos? – Acenou com a mão. – *Isto?*

Lizzie agarrou a cortina do chuveiro e puxou-a sobre o corpo.

– Sim.

– Eu mataria para poder cantar assim.

Lizzie passou por ela e agarrou uma toalha.

– Isso faz com que as pessoas nos olhem de forma diferente.

– Sou negra – contrapôs Ruby. – Não pode dizer-me nada sobre ser olhada de forma diferente. *Okay*, venha aqui, deite-se de barriga para cima.

Cobrira as almofadas com toalhas. Lizzie deitou-se, mantendo a toalha enrolada em volta do corpo. A noite aproximava-se. Pela porta aberta para a varanda, o céu denotava um azul-violeta. Algures entre a pervinca e a lavanda. Uma cor suave.

Ruby voltou com uma tigela na mão e tocou no cotovelo de Lizzie para que se movesse e ela pudesse sentar-se na beira da cama.

– Vê?

Lizzie espreitou para dentro da tigela.

– Parece lama.

– Lama nacarada – esclareceu Ruby. – Brilhante. Estou a pensar que, se algum dia tiver a minha própria linha de maquilhagem, tudo será nacarado, assim. Vou puxar-lhe o cabelo para trás, sim?

Lizzie fechou os olhos e Ruby passou os dedos pela sua face esquerda e depois, mais rapidamente, pela testa, descendo pela cana do nariz. Lizzie evitara sempre tratamentos faciais devido à intimidade: uma mulher a respirar-nos na cara, examinando a nossa pele. Mas o toque de Ruby escorregou como uma carícia sobre a outra face, de novo para a testa, circundando o queixo.

– Alguma vez brincou com lama quando era criança? – perguntou Ruby.
– É uma daquelas coisas que supostamente fazemos, como sentarmo-nos no colo de um homem desconhecido, porque ele colocou uma roupa de veludo vermelho e uma barba falsa. Soa bem, mas na realidade é uma treta.

– Não – disse Lizzie. – Cresci na cidade. Cresceu?

– A lama está a secar mais depressa do que gostaria. Vou adicionar um pouco mais de óleo. – Ruby pegou em algo. – Não havia muita lama para brincar em Brighton, pelo menos não no sítio onde Roh e eu crescemos. Pense em jardins de flores organizados.

– Sentia-se feliz? – inquiriu Lizzie.

– Sem dúvida. Tenho uma ótima mãe. Embora ela não quisesse que me tornasse maquilhadora. Ou mudasse para a América. Isso foi o pior.

– O que quer que faça?

– Dirigir um jornal, como ela o faz, seria bom – respondeu Ruby. – Liderar uma congregação de oração. Ser vice-presidente de alguma coisa. Algo em grande. Mas tive cancro depois de terminar o ensino secundário, antes de poder entrar na universidade. Então, em vez disso, fui fazer um curso de maquilhagem.

– Ela não gostou? – perguntou Lizzie. Sentia-se afundada na cama, prostrada de prazer. Agora, os dedos de Ruby massajavam-lhe o pescoço.

– Uma tragédia – confessou Ruby. – Sou filha única e ela tinha grandes planos que não incluíam polir os vaidosos para torná-los ainda mais vaidosos. É uma citação referente à maquilhagem. Sempre gostei da transformação que a maquilhagem faz a uma pessoa. Ela não entende.

– Esta lama é tão boa – elogiou Lizzie, percebendo que parecia um tanto embriagada. – Voltará para o Reino Unido algum dia?

– Talvez. – Os dedos de Ruby abrandaram. – Aborreço-me, sabe? É por isso que estou aqui. No início, ofereceram-me um lugar de artista em vez de assistente num filme da DuVernay, mas as filmagens eram em Los Angeles e eu queria fugir. A minha mãe odeia que eu ande por aí aos saltos. Sempre num avião, diz ela.

– Entendo – retorquiu Lizzie. – O cancro é muito mais do que o diagnóstico.

Os dedos de Ruby voltaram, cobertos de mais lama fresca.

– Sim.

– Você... parece-me que não tem um parceiro?

– Não. Não é o meu estilo. Gostaria de ser mãe um dia, por isso talvez tenha de baixar os meus padrões. Embora o esperma da *internet* também fosse bom.

– Não parece muito segura.

– Cancro – disse Ruby. – Só sei o que não quero: ficar num lugar, ter uma grande carreira, ficar presa a responsabilidades. Os bebés são uma enorme responsabilidade.

– Eu costumava pensar que teria um filho – admitiu Lizzie. – Um daqueles bebés dos anúncios de pneus que parecem rir o dia todo. Seria a melhor mãe de sempre.

– Lamento – disse Ruby. – Mas não vai morrer. Sabe isso, certo?

– Não, eu *vou* morrer – disse Lizzie. – Mais cedo ou mais tarde. Quase acrescentou «desculpe», mas conteve-se. Nada de pedir desculpas.

Nesta altura, as pessoas emocionavam-se ou começavam a falar-lhe de uma droga milagrosa sobre que tinham lido. Seguiu-se uma pausa e Ruby afirmou:

– Acho que vamos todos, certo? Apontando o óbvio aqui: pode não ter um bebé, mas parece ter uma menina de doze anos.

– Devia tê-la dado à luz aos vinte anos – replicou Lizzie. – Poderia ter-me ocupado de um bebé, mas Etta vai ser uma adolescente no próximo ano! Não me parece que possa fazê-lo.

– Entendo. – As mãos de Ruby voltaram a abrandar, iniciando pequenos movimentos giratórios.

– Então, sempre foi capaz de cantar assim?

Lizzie assentiu com a cabeça e a lama secou-lhe no pescoço.

– Isto sabe muito bem, mas posso lavá-la em breve?

– Claro – anuiu Ruby. O colchão deu de si quando ela se levantou. – Vá verificar os seus poros inexistentes.

– Obrigada – agradeceu Lizzie. Abriu os olhos, balançou as pernas para fora da cama e esperou um momento até que a sua cabeça parasse de girar.

Ruby voltou a sair da casa de banho, secando as mãos.

– Preciso de uma bebida – murmurou, abrindo o minibar de Lizzie. – Vamos beber um pouco de vinho. Na varanda. Conheci uma versão *branca* do reportório de Ella Fitzgerald e preciso de uma bebida.

Lizzie levantou-se. Não achava que Ruby precisasse de uma bebida por causa da sua voz. Era toda aquela coisa da morte.

– Dava-lhe um beijo de agradecimento, mas estou a descamar como um lagarto.

Lavado o rosto, olhou para o espelho e depois voltou a sair.

– Estou mil vezes melhor – disse a Ruby. – Nem um poro à vista.

– Vou fazer uma fortuna com o Brilho da Ruby. Ou a Esfoliação e o Brilho.

– Aposto que a sua mãe preferiria o cargo de diretora executiva ao de vice-presidente – concluiu Lizzie.

Foi até à varanda enrolada na toalha, sentou-se, ergueu as pernas e rodeou-as com os braços. O Sol estava quase a desaparecer e a superfície do mar brilhava.

À direita, a cidade espalhava-se pela colina, edifícios amarelos e laranja empilhavam-se uns sobre os outros como se estivessem a deslizar para o mar.

Gaivotas voavam de um lado para o outro, parecendo seguir os passos de uma valsa estonteante. Era demasiado vertiginosa a forma como voavam para mera pesca.

Ruby saiu, segurando duas taças de vinho branco, e sentou-se, estendendo uma a Lizzie.

– Deixei a porta entreaberta para Etta.

O Sol assentava na orla do mar, marcando um espaço entre o oceano azul-escuro e o céu violeta. E então, sem qualquer despedida, porque acontecia diariamente, desapareceu.

Todo aquele fogo e beleza extintos. Ou, dito de outra forma: o canto, o ensino, o amor, a leitura... desaparecidos.

Por que diabo parecia tão pessoal? Grey chorara quando Douglas Adams morrera, e novamente por Terry Pratchett. Nina Simone morreu,

Aretha também. John Lennon, Prince... Por amor de Deus, Shakespeare não andava a vaguear pelo mundo como um zombie ou o que quer que fosse.

Pessoas, pessoas normais, morriam a cada hora, a cada minuto. Mrs. Bedrosian, a mãe de Etta, por exemplo. A sua própria mãe.

– Não é assim tão mau, morrer – afirmou Lizzie, pousando o seu vinho intacto. – Não que se esteja a morrer após vencer o cancro.

– Não se vence o medo – contrapôs Ruby.

– Pode ver-se mais além – disse Lizzie. – Não sou especialista. Estou a tentar concentrar-me em como seria assustador ser mãe de uma adolescente.

– Eu era terrível aos catorze anos – referiu Ruby. – Quer água em vez daquele vinho?

– Seria ótimo – suspirou Lizzie.

– Precisa de tomar algum desses medicamentos antes que Etta apareça? Eu atirei-os para a gaveta, por isso não custa retirá-los.

– Zofran – respondeu Lizzie. – Obrigada.

Quando Ruby voltou, sentaram-se a observar dois funcionários do hotel a acender uma fila de tochas ao longo da praia que emitiam um brilho dourado ao entardecer.

– Sente o cheiro? – perguntou Ruby.

– Perfume?

– Orquídeas brancas – disse Ruby. – Vê aquelas caixinhas presas às tochas?

Lizzie semicerrou os olhos.

– Enchem-nas de orquídeas brancas todas as noites e o calor das tochas faz com que o ar do hotel cheire a flores durante toda a noite.

– Amassadas na caixa?

– Não há necessidade de obscurecer a situação – disse Ruby. – Pode ser que as envolvam em papel humedecido.

– Prefiro o oceano. – Lizzie respirou fundo. – Também existe ali, salgado e real.

Ela e Ruby ficaram sentadas durante algum tempo sentindo o cheiro do ar e em silêncio.

Etta irrompeu pelo quarto, sem bater.

– Não está vestida! Vista-se – gritou, atirando algo para cima da cama.

– Ela é um pequeno Napoleão – definiu Ruby. – Um Napoleão mais pequeno. – Não virou a cabeça e limitou-se a beber um gole de vinho e a fitar o mar escuro.

Etta correu para a varanda, rodopiando e esticando os braços.

– Estão a ver isto?

Tinha vestida uma *T-shirt* branca com um colete de linho por cima, *leggings* e botas militares pretas.

– Esse não é o casaco de Rohan? – perguntou Lizzie, reconhecendo o fato amarelo.

Ruby ergueu uma sobrancelha.

– Reconhece o conteúdo do armário dele? É um tanto estranho.

– *Era* do Rohan – explicou Etta. – Ele tirou-o no restaurante e encontrei-o.

– Ele provavelmente vai reconhecer a sua própria roupa. Não é meu e reconheci-o – salientou Lizzie.

– Não, não – contrariou Etta. – O pessoal do iate de Rohan é mais simpático do que a maioria. Eles largam a roupa por todo o lado e não dão pela falta. Não pode simplesmente ficar aí sentada a beber vinho. Temos lugares para ir! Iates para visitar!

Lizzie soltou um gemido, mas levantou-se e foi para dentro. Abriu o roupeiro e espreitou para o interior, esperando que algo maravilhoso e digno de um iate aparecesse. Não foi o caso. A única coisa boa era que o pessoal do hotel levava a sua roupa todas as manhãs e devolvia-a lavada e passada a ferro.

Retirou o vestido branco de um cabide e dirigiu-se à casa de banho.

– Não se esqueça da roupa interior! – gritou Ruby atrás dela.

– *Ya* – gritou Etta. – Ponha um sutiã ou as suas mamas estarão nos joelhos quando chegar a casa!

Lizzie fechou a porta e deixou a toalha cair no chão. Com as mãos nas ancas, completamente nua, olhou para o espelho que cobria toda a parede à sua frente.

– Caramba, miúda! – exclamou Ruby do outro lado da porta da casa de banho. – Isso é negativo. Os seios de Lizzie são bonitos, e ela não precisa de uma comparação com um par de meias até aos joelhos, *okay*?

– Seios? – repetiu Etta à gargalhada. – Isso é o que as avós chamam às mamas.

O cabelo de Lizzie secava, formando uma massa encaracolada. O rosto estava ótimo, graças à lama de Ruby. As cicatrizes pareciam sombras de tatuagens, como se tivesse tido padrões de pontinhos e mais desenhos misteriosos traçados no seu corpo antes de perder a coragem e mandá-los remover com *laser*.

Ficaram apenas os contornos prateados.

Se fizesse a operação e o próximo tratamento, se não desistisse, um dia haveria a operação que remove parte do cólon, porque, segundo o que via no grupo de apoio, era o que acontecia. Depois teria um saco de qualquer tipo que se transformava num cinto secreto que usaria por baixo da roupa.

A sensação de que nunca, jamais permitiria que Dante a visse a colocar esse cinto era tão acentuada que teve a impressão de ficar com febre ante o pensamento.

Como não levou sutiã para a casa de banho, limitou-se a enfiar o vestido branco pela cabeça. Caiu com um sussurro de pregas macias. Sem sutiã, os seios eram macios e cheios, muito italianos.

Tinham bom aspeto.

Por que raio havia de preocupar-se em ter seios até aos joelhos? Não havia tempo para isso. Mais valia exhibir o que tinha.

De volta à sala, Etta estava sentada numa cadeira posicionada à luz do candeeiro da secretária e Ruby ocupava-se a colocar-lhe pontinhos na

testa.

– O que é que se passa? – indagou Lizzie, dirigindo-se à gaveta da secretária de onde tirou umas cuecas. Uma tanga de cor vermelha viva, mais exatamente.

– Ruby está a pôr-me bonita – respondeu Etta.

– Tu és bonita – disse Lizzie.

– Sim, não bonita tipo familiar, mas do mundo real.

– Disparate! – interferiu Ruby. – Estou sempre a lidar com rostos. Tu não és bonita como uma modelo, mas vais impressionar ainda mais as pessoas.

– Como é que vai ser a maquilhagem? – quis saber Lizzie, sentando-se.

– Com brilhos?

– Só alguns. Estou a proporcionar-lhe a imagem de uma adolescente que não consegue evitar ser tão boa.

Ruby pousou um pincel fino e pegou num frasco pequeno.

– Parece perfeito – concordou Lizzie, deixando-se cair para trás e fitando o teto.

– Está demasiado cansada para ir? – perguntou Ruby.

– Não. – Mas não se levantou. Deixar que o corpo repousasse sobre a superfície da terra enquanto contava até dez era uma das suas coisas favoritas.

– *Okay*. Então estou quase a acabar e é a próxima.

Lizzie gemeu.

– Não estou pronta para uma cena de Cinderela. Li esses livros. De repente, os meus olhos ficarão subtilmente sombreados, vou parecer um aspirante a príncipe... e seja o que for.

– Na verdade, vou pôr-lhe batom a combinar com a sua roupa interior e dar o dia por terminado. Como diz Etta, temos um iate à espera.

– Acha que é vulgar usar cuecas vermelhas com este vestido? Consegue vê-las?

– As raparigas têm de ser vulgares para quebrar a pátina do patriarcado
– reagiu Ruby firmemente. – Não tenho a certeza de quem disse isso, mas é verdade.

– Fixe – apoiou Etta. – Vamos, Lizzie! – No momento em que Ruby fechava a embalagem do batom, Etta dançava à frente da porta, e depois desceu as escadas antes delas.

Capítulo Dezanove



Quando Lizzie, Etta e Ruby desceram as escadas encontraram os três homens à espera no pátio juntamente com um indivíduo bem-parecido que usava uma *T-shirt* de riscas azuis e brancas. Dante levantou-se e veio ao encontro deles, dando um beijo na testa de Etta e depois um na boca de Lizzie.

O estranho revelou-se como pertencendo ao iate.

– *Lei c'há veramente 'na bella famià, signo* – disse ele a Dante.

Lizzie nunca tinha pertencido a uma bela família e adorou, especialmente a parte em que Dante lhe agradeceu sem esclarecer nada.

Desceram as escadas até à doca privada do hotel, com Etta na frente, seguida de Lizzie, Dante e restantes, um a um.

– É como se fosse magia! – gritou Etta porque de cada vez que pousava o pé no chão acendiam-se três degraus na sua frente.

– Sensores de pressão – explicou Rohan, num tom como se o chão brilhasse sempre que o pisava.

– *Reggiti alla ringhiera* – ordenou Dante.

Etta agarrou o corrimão e eles seguiram-na para baixo. A pouca distância, um iate pairava sobre a superfície da água escura como uma cidade branca iluminada. Uma grande porta aberta espalhava luz na linha de água.

Uma pequena lancha a motor esperava para os levar até ao iate. Etta e Ruby sentaram-se na frente, em seguida, Grey ao lado de Rohan, cujos polegares piscavam sobre o ecrã iluminado do seu *iPhone*. Depois Lizzie, rodeada pelo braço de Dante.

– O Augusto está a gerir a cozinha esta noite? – perguntou ela. – De que consta a ementa?

– Salmonete com aipo e molho de alcaparras.

– Por que cheiras a alecrim?

– Entrada – romã cozinhada em sidra com alecrim e limão. – Roçou-lhe o cabelo com o nariz. – Sem sucesso. Tive de acrescentar chicória até o prato ficar tão bonito que as pessoas não reclamassem.

Ela riu-se.

– Nem todos os pratos que o grande Dante cria são perfeitos?

No escuro, uma das suas mãos rodeou-lhe o seio esquerdo.

– Ora, fode-me – sussurrou-lhe ao ouvido.

– Ao contrário – disse Lizzie recatadamente e depois desatou a rir.

– Babbo, *hai visto quanto è bella l'acqua intorno allo yacht?* – gritou Etta da proa.

– *Si* – respondeu Dante, deslizando a mão até à cintura de Lizzie.

– Ela disse que a água era linda? – perguntou Lizzie, intrigada com as palavras.

– Onde as luzes azuis encontram a água – respondeu Dante. – Então de quem é este iate, e por que vamos visitá-lo?

– O homem a quem pertence este iate pode financiar *Romeo*.

– Interessante. Este homem é o quê? Um traficante de armas?

– Não me parece que os traficantes de armas se interessem por Shakespeare.

– Odeio homens com iates – declarou Grey mal-humorado. – Especialmente os imbecis, convencidos de que precisam de ter cinco convés para alojar a sua comitiva.

– Sam não é um imbecil – assegurou Rohan, desligando o telemóvel no preciso momento em que se aproximaram da luz azul que se espalhava à volta do iate. – Esperem até o conhecerem. No iate só dormem doze.

– Doze? E a equipa?

– Sem contar com o pessoal.

Dante deu uma cotovelada a Lizzie.

– Para de rir.

Após descerem da lancha, um homem com ar jovial conduziu-os a uma sala enorme na proa do navio, equipada com sofás numa área e uma mesa

de conferências na outra. Havia apenas um homem na sala, a falar ao telefone, mas desligou quando eles entraram.

Samuel Stark tinha a cabeça rapada e um queixo pontiagudo. A primeira parecia agressivamente masculina, e o segundo ligeiramente feminino, pelo que, na balança, Lizzie achava provável que ele não estivesse a ficar careca, mas somente a afirmar a sua masculinidade com uma máquina de barbear e um iate grandioso.

Mesmo assim, tinha um bonito sorriso. Apertou a mão de todos eles, até mesmo de Etta, e em seguida apresentou-os ao seu tio Joseph, que vagueava, magro e desganhado, vestindo uma camisa cor-de-rosa estampada, enfiada numas calças de *tweed* antigas, sem se importar com o calor do verão.

– Joseph Nester Stark – disse, acenando-lhes com um copo em vez de lhes apertar as mãos. – Poeta de profissão.

Etta sentou-se ao lado de Lizzie e examinou o que a rodeava com os olhos brilhantes. Dois membros do pessoal, usando listas azuis, apareceram e começaram a oferecer mojitos a todos, incluindo Etta, antes da intervenção de Dante.

Lizzie aceitou um copo de licor gelado coberto com folhas verdes, mas supostamente não podia beber álcool e pousou-o numa mesa.

– Acha que podemos explorar o iate? – sussurrou Etta.

– Preciso de estar aqui para falar de *Romeo* – respondeu Lizzie no mesmo tom. Grey estava sentado na frente dela, a conversar com o poeta, que tinha lido um dos seus romances.

– O novo livro não está a resultar – admitiu Grey. – Experimentei bolor e enxames de moscas.

– Muito bíblico – comentou Joseph, sem parecer excessivamente impressionado.

– Agora estou a experimentar anémonas.

– Como as vermelhas que lhe mostrei? – perguntou Etta.

Ele abanou a cabeça.

– Podia mudar o livro para um submarino. – Contorceu os lábios. – Sei que é disparatado.

– Podia ser um tanto exótico – comentou Lizzie diplomaticamente, a veterana de um milhão de conversas deste tipo.

– O bolor, entendo – replicou Joseph. – A anêmona teria de ser do tamanho de Nova Jérnia e engolir a Estátua da Liberdade, e mesmo assim penso que não resultaria. Tem uma vibração sexual que soa mais como aquele filme do início de Woody Allen. Ou *Barbarella*.

– Um pouco feminista – interferiu Ruby.

– Penso que as coisas mais assustadoras são os pais – opinou Etta. Como a «outra mãe» com olhos de botão naquele livro da curiosa *Coraline*. Houve um momento de silêncio e ela acrescentou rapidamente: – Não que o meu Babbo seja assustador, porque não é.

– Huh! – exclamou Grey.

Lizzie conhecia aquele olhar. Ele precisava de se afastar para pensar.

– Sam – disse ela, inclinando-se para a frente. – Acha que Grey poderia levar Etta a explorar o seu belo iate? Ela tem estado tão entusiasmada por vê-lo.

– Sem dúvida – anuiu Sam e voltou imediatamente à conversa com Rohan. Nenhum deles tocara nas suas bebidas; estavam imersos numa profunda discussão sobre um filme que sofrera uma viragem radical – fosse lá o que fosse – e tinha sido comprado pela Universal.

– Eu acompanho-vos – disse Joseph, levantando-se. – Não tenho nada a comentar sobre Shakespeare.

– Nem eu – replicou Ruby, pondo-se em pé de um salto.

Ao seu lado, Lizzie podia sentir a avaliação de risco de Dante. Devia ser uma reação automática da parentalidade. Confiava em Grey e Ruby, portanto, aproximou-se de Lizzie enquanto o pequeno grupo se dirigia para o convés, Etta seguia na frente.

– Li sobre um iate que tinha um pomar de marijuana – disse Lizzie, sem saber se deveria ter sugerido a excursão.

– Etta vai pensar que é um jardim de ervas – replicou Dante, e depois para Sam: – Isto é Cabo Uno? Gosto do toque de baunilha.

Sam parecia surpreendido.

– A maioria das pessoas não consegue distinguir as tequilas.

– Dante é o *chef* e proprietário do Príncipe Blu – disse Rohan despreocupadamente.

Os olhos de Sam iluminaram-se e, como veio a verificar-se, tinha uma reserva para a noite seguinte. Na verdade, há meses que a fizera. Estava a visitar esta parte de Elba por um motivo, e não era Rohan.

O que se seguiu foi o tipo de conversa em que Lizzie tinha participado antes nas reuniões do departamento inglês, onde as apostas eram baixas, mas as negociações intermináveis.

Sam acabou por se revelar um técnico que frequentara o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, mas desistiu passado um ano e fazia aplicações – ou algo parecido – e agora vivia em San Francisco. Também tinha lido os livros de Grey.

– Não sabia que o *Untimely Frost* tinha sido escolhido para filme! – interferiu Lizzie um pouco mais tarde.

– Praticamente todos os livros que Grey escreveu – disse Rohan com orgulho. – Tenho a sensação de que este vai ser feito porque...

Entrou num monólogo sobre os custos de reposição e tratamento de imagem. Sam contrapôs, falando sobre um acordo de prioridade que tinha corrido mal num filme que ele estava a financiar. Rohan começou a falar elipticamente sobre o novo filme de *Os Vingadores* que de súbito parecia estar prestes a entrar em produção.

Dante pousou o seu mojito, puxou-a para perto e disse ao ouvido de Lizzie:

– Achas que me trouxeram aqui de propósito?

– Na verdade, acho que não. Ficarias aborrecido? – respondeu no mesmo tom.

– Não se aqui estiveres.

Uma espécie de relação antiga e silenciosa estava agora a formar-se entre eles. Lizzie achava que quase conseguia vê-la. Uma situação feita de necessidades simples. E uma paixão complexa que se tinha infiltrado muito abaixo da sua pele.

Aproximou-se um pouco mais, sem atender a indignidades.

Rohan mudou de forma harmoniosa para Shakespeare, que era «obviamente dinheiro em caixa e capital cultural».

Lizzie endireitou-se, dado ser esse o motivo por que Rohan estava a pagar o seu luxuoso quarto de hotel.

– É tudo sobre Romeu – disse Rohan, fixando os olhos em Sam. – Claro que Timothée Chalamet funcionaria, mas preferia encontrar alguém novo. Talvez acabado de se formar em LaGuardia. Um desconhecido.

Sam franziu o sobrolho.

– Devo dizer-lhe que tenho procurado ideias que surjam do ponto de vista de uma mulher.

– A Disney está realmente interessada na ideia de um *Romeu* que considerasse a masculinidade na América – reclamou Rohan.

No entanto, a energia estava a esgotar-se na conversa e Lizzie sabia porquê: Rohan não conseguia encontrar o *seu* Romeu na peça real.

– E se pensasse na peça como sendo sobre Julieta? – perguntou ela.

Sam sobressaltou-se, como se se tivesse esquecido de que ela estava ali.

– Sou professora universitária especializada em Shakespeare – disse ela, com um enorme sorriso. – Sabia que a cena da varanda causou um enorme escândalo na década de mil quinhentos e noventa? Nos anos seguintes, as heroínas londrinas iam para as varandas para anunciar que queriam sexo. Com palavras explícitas.

– Julieta fez isso? – perguntou Sam, parecendo aturdido.

– Não só. Ela propôs casamento – assinalou Lizzie.

– A sério?

A pergunta veio de Rohan, então talvez ela devesse ter-se certificado se ele estava a compreender a língua.

– Julieta pergunta a Romeu se ele planeia casar com ela e então diz que mandará um criado à casa dele de manhã para saber a hora e a data. Nem sequer permite que seja ele a enviar um criado.

– Hum! – exclamou Sam, parecendo impressionado.

– No caso de achar que ele se encontrava interessado, deixe-me lembrar que Romeu estava apaixonado por Rosalinda cinco minutos antes. E, Rohan, tu próprio disseste que ele tinha uma deficiência de pré-adolescente quando se tratava de testosterona.

Rohan franziu o sobrolho, mas mostrava-se bem-humorado.

– Por isso, vês a peça como sendo sobre sexo, não sobre amor?

– Não, amor *e* sexo, e sobretudo do ponto de vista de uma mulher – reagiu ela, sentindo o sorriso silencioso de Dante perto dela, porque tinham voltado à música de Dylan, «Po’Boy».

– Agrada-me – expressou Sam de forma decidida.

– Também há Mercutio – disse Rohan. – Não sei se alguém já realçou como teria sido a vida de Romeu sem ele.

Sam estremeceu.

– Isso não é excessivo?

– O elenco será a chave – afirmou Rohan, recuperando de imediato.

Um estrépito de vozes fez com que todos virassem a cabeça. Um dos membros da equipa de Sam abriu a grande porta de vidro que dava para o convés. Outro homem careca, a cabeça bronzeada com a cor de uma trufa de chocolate, entrou, dizendo:

– Pensem nas fibras das árvores de eucalipto.

Acenou e chamou:

– Sam. Um minuto!

Como se a porta aberta fosse um portal para outra dimensão, um afluxo de pessoas seguiu o homem até à sala, raparigas – *mulheres* – tão altas que os pescoços se assemelhavam aos dos cisnes: mulheres belas e atraentes com sotaques exóticos e vestidos justos. Uma mulher ruiva ostentava um corpete e uma saia feita de camadas de tule em tom pastel. Um francês com uma camisa de linho branca, fumando, emanava uma tal confiança

que Lizzie imaginou que lhe brilhava em torno da cabeça como uma auréola.

Sam levantou-se e foi cumprimentá-los. Quatro ou cinco pessoas rodopiaram à sua volta como uma rocha num riacho, enquanto as outras se espalharam pela sala, tirando *selfies*, agarradas aos telemóveis. Ao darem pela presença de Rohan, firme como um rochedo, um remoinho de pessoas cercou-o como a uma segunda rocha.

Através das grandes janelas de vidro, ela viu mais pessoas a atravessar o convés; deviam ter acabado de sair de um barco. A rapariga da frente usava um macacão curto metalizado que brilhava e a tornava parecida com Joana d’Arc, tendo um pequeno exército de homens na sua peugada.

– Acho que devo procurar a Etta – disse Dante, levantando-se. – Gostarias de vir?

Ela deu um salto.

– Não sabia que ia haver uma festa.

– Espero que haja sempre uma festa – replicou Dante. Pegou-lhe na mão e dirigiram-se a Sam, interrompendo uma conversa com uma mulher que usava uma gabardina cor-de-rosa transparente cintada sobre um biquíni preto.

Sam virou-se para eles com um sorriso encantador. Ergueu a voz e chamou:

– Judith?

Uma voz atravessou o ar, com o tom certo para se fazer ouvir acima do ruído das conversas.

– Sim, Sam?

– Onde podemos encontrar a filha de Dante?

Uma pausa de um segundo, e então:

– No cinema.

Lizzie franziu o sobrolho. Será que o barco...?

Claro que o barco devia ter câmaras por todo o lado. Supostamente para proteção contra roubo. A privacidade não devia estar em causa. Afinal, era o mundo de Sam.

– Judith é uma pessoa real ou inteligência artificial? – perguntou Lizzie.
– Sou uma pessoa real – respondeu a voz vinda de um altifalante no teto.

– Peço desculpa por sugerir o contrário.

– Se tivesse uma IA, esperaria ter uma que fosse tão eficiente como Judith – disse Sam. – Pode chegar-se ao cinema através das cozinhas – indicou a Dante. – O meu *chef* é um grande admirador seu. Vou levá-lo a jantar amanhã.

Lâmpadas adornadas com cestos de gerânios brancos estavam fixadas às paredes do iate. Dante parou debaixo de uma lâmpada e manchas de luz refletidas por pétalas brancas davam-lhe uma sobreposição rendilhada à pele.

– Sam não parece ser um comedor aventureiro.

– Não sejas crítico.

– Ele vai querer um café com leite após a refeição de amanhã. Se lhe oferecesse um menu completo, iria pedir sopa e depois massa. Até poderia pôr parmesão no *spaghetti al mare*.

– Talvez não seja entendido em comida italiana – contrapôs Lizzie. – Mas aposto que não pedirá batatas fritas como eu fiz, portanto, sê compreensivo.

– Etta quer que eu ponha um hambúrguer Lizzie na ementa. Fizeste-me perder pelo menos uma estrela Michelin.

– Sou a tua musa – brincou Lizzie, rindo. – A famosa prostituta do *chef*.

– Parceira – corrigiu-a de improviso, mas com um olhar sério.

Que reação poderia ter?

– Se fosses uma galdéria, não terias tanta classe – acrescentou ele, divertido. – Pelo menos, nos pés.

Lizzie baixou os olhos para as suas sandálias *Gucci* com riscas cor de morango. – Preferes mulheres com saltos de dez centímetros?

– Nem pensar. Só tive um relacionamento na última década – respondeu, encolhendo os ombros. – Exceto Etta e dois restaurantes.

Nunca deixei de trabalhar muito tempo. Ou talvez estivesse apenas à tua espera.

Atrás do seu ombro, quatro membros da equipa irromperam de uma porta, todos carregando bandejas cheias de mojitos. Entraram na festa, espalhando-se como nadadores sincronizados.

– Se fosse candidatar-me à posição de meretriz de um *chef* – disse Lizzie, virando-se para Dante –, as minhas sandálias seriam inegociáveis. Só quero que saibas isso.

– Já ganhaste – anunciou Dante, com voz profunda e feliz.

Oh, céus, devia contar-lhe a verdade!

Tinha de lhe contar.

Lizzie afastou-se alguns passos e encostou-se ao corrimão. A água era negra, exceto à volta do iate, onde as luzes azul-cobalto se espalhavam pela água em linhas retas como *lasers*.

Um barco aproximava-se velozmente pela água escura na sua direção, saído de um iate que era ainda maior do que o deles.

– Como é que eles sabem vir aqui? – perguntou Lizzie. À volta deles, iates estavam dispostos no mar como enormes pássaros flutuando durante o sono.

– Instagram. Conheces aqueles apitos para chamada de patos que os caçadores usam para assustar os pássaros?

Lizzie abanou a cabeça.

– Eles grasnam – prosseguiu Dante. – O Instagram grasna, e eles vão atrás. É por isso que não permitimos fotos nos meus restaurantes. Os *influencers* atraídos por uma foto não aceitam um «não». Aqui em Elba amontoam-se no pátio e tiram fotografias, embora não tenham feito reserva e nem estarem a comer connosco.

Ele colocou-se atrás dela, rodeando-a com os braços e agarrando-se ao corrimão.

– Sabes nadar?

– Nem por isso.

– O que queres dizer?

– Tenho medo da água, mas, nesta viagem, percorri três vezes o oceano. Tenho orgulho em mim.

– Posso ensinar-te a nadar?

Lizzie virou-se e colocou o braço à volta do pescoço de Dante.

– És mesmo um alfa protetor.

Dante uniu as sobrancelhas escuras.

– O que significa isso?

– Alfa. Homem com testosterona.

– Uma definição que se enquadra na metade da população – sublinhou Dante.

– Com *montes* de testosterona – emendou Lizzie. – Gastas essa energia a cuidar dos outros. Ensinando-os a nadar. A cozinhar para eles.

Ele esboçou um sorriso.

– Será que acabei de ser castrado? Tenho quase a certeza de que é melhor andar por aí montado num garanhão preto, brandindo uma lança.

– Não, isto é muito melhor – contrariou ela, puxando a sua cabeça ao encontro dela.

Beijaram-se até haver uma explosão de música na sala que haviam deixado. Atrás de Dante, Lizzie viu duas mulheres a dançar juntas, entrelaçadas como hera, de pele brilhante e batom vermelho. Estavam a rir.

– Tenho de encontrar a Etta.

Ouviu a voz rouca de Dante com um arrepio de prazer estonteante. Queria apertar-lhe os braços e prendê-lo, mas largou-o.

– Filha – resmungou entre dentes, sacudindo-se. – A filha de doze anos num iate, possivelmente num matagal de marijuana abaixo do convés. – Permites-me dizer – interferiu Lizzie, pegando-lhe na mão – que estás totalmente errado se pensas que Etta não reconheceria uma folha de marijuana?

Dante franziu o sobrolho.

– Ela não tem idade suficiente, e não é legal em Nova Iorque.

– Vi uma máquina de venda automática em Roma a vender brinquedos sexuais e marijuana. O meu palpite seria que Etta ainda não comprou, mas não subestimaria a sua curiosidade.

Atravessaram a porta emoldurada de luz azul de onde os empregados tinham surgido, desceram algumas escadas e seguiram por um corredor largo forrado com fotografias a preto e branco de pessoas sorridentes. Sam tinha uma grande família. Muitas irmãs, todas com o mesmo queixo pontiagudo, mas com cabelos crespos.

Ele também aparecia em várias fotos com um braço em volta de uma mulher extraordinariamente bonita – uma mulher diferente em cada fotografia.

– Devo ter-me enganado sobre a forma como Sam estava a olhar para Rohan – comentou Lizzie, quando chegaram ao fim da linha de fotografias.

Dante encolheu os ombros.

– Hoje em dia ninguém se incomoda com rótulos. Pode ser que o Sam goste de Rohan, mas teria de eliminar o Grey. – Estendeu a mão e puxou um dos caracóis de Lizzie. – Grey adoraria eliminar-me.

– Grey não pode ter tudo o que quer – retorquiu Lizzie.

Passaram por uma sala onde uma mulher tirava lençóis brancos de uma grande secadora e duas outras engomavam. O cheiro a verbena e linho aquecido vinha da porta.

– Lençóis engomados – disse Lizzie quando estavam suficientemente longe para não serem ouvidos. – Tal como num hotel.

– A minha mãe tem os seus lençóis engomados.

– Suponho que os juízes não têm muito tempo para se ocupar da roupa – comentou Lizzie.

– Não – concordou ele com um sorriso distorcido. – Etta adora o facto de a roupa de cama da avó estar guardada em conjuntos, atados com fitas coloridas, mas recuso-me a pagar a alguém para fazer isso.

Atravessaram mais portas fechadas e Lizzie teria adorado espreitar o interior. Um barulho surgiu de uma, inconfundivelmente o som de uma

máquina de pesos a bater no chão e a ser içada de novo para cima.

Outra porta aberta.

– Cabeleireiro – indicou Dante, obsequioso, no seu ombro.

– Estava a pensar no consultório do dentista.

– Podia imaginar-se como tal. A maioria dos grandes iates tem salões, com marquesas para massagem... ali, vês? Aposto que aquela parede se desdobra para que uma pessoa possa ser massajada ao ar livre. Estamos mesmo por cima do nível do mar.

– Pendurado no lado de um iate? Uma pessoa pode cair para a água – comentou Lizzie, constrangida e fascinada.

– Uma boa razão para aprender a nadar.

– Duvido que num futuro próximo me ofereçam uma massagem ao nível do mar. – Seguiram em frente, passando por mais portas fechadas. Por fim, chegaram a um bom indicativo: *Cozinhas*.

– *Andiamo* – disse Dante, abrindo a porta.

As cozinhas eram enormes, com pelo menos dez pessoas ocupadas, que olharam e acenaram com a cabeça, movendo as mãos.

– O *chef* está aqui? – inquiriu Dante.

Aparentemente, estava a dormir a sesta antes do início do serviço de jantar.

– Por favor, diga-lhe que terei o maior prazer em recebê-lo amanhã no Príncipe Blu.

Houve uma onda de excitação quando todos se aproximaram para lhe apertar a mão. Dante e Lizzie foram conduzidos por uma outra porta, depois de chamarem Judith para se assegurarem de que Ruby e Etta ainda estavam no cinema.

– Passeiem pela biblioteca – explicou um dos subchefes. – E acrescentou com um sorriso: – Há uma secção de livros de receitas, e o seu livro pode ser encontrado lá, Chef Moretti.

– Escreveste um livro? – perguntou Lizzie, quando foram conduzidos por outro corredor.

Dante encolheu os ombros.

– Por assim dizer. Uma mulher simpática observou-me na cozinha durante cerca de um mês, e depois o projeto chegou pelo correio.

– Aquela cozinha é tão *grande* – comentou Lizzie.

– Três fornos a vapor, fritadeiras, dois grelhadores de placa, salamandra...

– Salamandra? – repetiu ela.

– Um grande forno de torradeira. Um dos meus primeiros trabalhos como *chef* de cozinha foi num superiate. Cozinávamos como loucos, dia e noite.

– Foi divertido?

Ele assentiu com a cabeça.

– Sim. O iate era propriedade de um bilionário russo. Ele não se importava com o que eu cozinhava, desde que fosse interessante. Ocasionalmente, mandava-me de helicóptero comprar algo que pretendia... um robalo quando tudo o que tínhamos era garoupa ou mirtilos selvagens dos Apeninos, as montanhas fora de Florença. – Dante tinha um ar de saudade nostálgica. – Desenvolvi-lhe algumas receitas de pratos assinados. Aprendi a cozinhar sozinho.

A biblioteca foi a primeira sala que Lizzie vira no iate onde gostaria de passar algum tempo. As paredes eram vermelhas, como um carro de bombeiros, entre as estantes que formavam ângulos retos e criavam pequenos recantos para cadeiras estofadas. Viu uma prateleira com obras de Agatha Christie e três estantes de Harlequin Presents, alguns para jovens adultos.

Portas duplas no extremo davam para uma sala sombria de onde lhe chegou uma voz rugindo:

– A polícia está na mira. Dois dos nossos colegas perderam a vida hoje no cumprimento do de...

O som foi cortado e a imagem congelou assim que Lizzie e Dante chegaram à porta.

– Este foi o meu primeiro cadáver, mais como artista do que como assistente – informou Ruby.

Dante entrou com as mãos nos bolsos. Lizzie ficou à porta.

O cinema do iate – um cinema, a sério – fora projetado em filas de cadeiras redondas de veludo do tamanho de piscinas infantis. Ruby, Etta e Grey estavam sentados no meio da sala. Grey olhava fixamente para o ecrã sem expressão, o que significava que refletia sobre o seu manuscrito, ignorando tudo à sua volta.

– Veem aquilo? – Ruby continuou a agitar o comando na mão. Uma missanga vermelha saltou sobre o ecrã e parou na face do homem morto. – Usei a maquilhagem *Aquacolor* à base de água. Também a usam em agências funerárias.

– Babbo! – exclamou Etta. – Isto é tão fixe. A Ruby está a mostrar-me os seus cadáveres!

Dante foi sentar-se ao seu lado.

Ruby acenou para Lizzie.

– Vê aquela tatuagem a aparecer debaixo da sua camisa? – perguntou, virando-se para Etta. – A minha primeira tatuagem com tinta.

Ruby carregou novamente na tecla do *play* e outra imagem apareceu no ecrã. Lizzie recuou da ombreira da porta, consciente de que estava a tremer.

Não havia *Aquacolor* no seu futuro, céus!

Ela já tinha pago a cremação.

Capítulo Vinte



Lizzie caminhou em frente sem conseguir ouvir nada, depois virou para uma estante de livros e fixou-a com um olhar vazio até a sensação de insegurança lhe passar e o coração deixar de palpitar contra as costelas.

Pronta para voltar a enfrentar o mundo, reparou em três estantes junto ao ombro direito. Formavam um pequeno recanto contendo um sofá lilás, uma cadeira... e Joseph, o poeta.

Estava recostado no canto do sofá, de olhos fechados e um livro aberto sobre os joelhos. À primeira impressão Lizzie pensou que estivesse a dormir.

Mas depois percebeu que tinha o punho cerrado e estava com falta de ar. A pele tornara-se roxa sob os olhos e as faces denotavam uma cor doentia.

Lizzie ficou paralisada e depois inclinou-se para diante.

– Joseph!

Agarrou-lhe a mão e ele fitou-a com os olhos semicerrados.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela e depois lembrou-se: – Judith! – Quando nenhuma voz lhe chegou do teto, gritou: – Judith!

– Aqui não – sibilou Joseph.

– Vou buscar ajuda – disse Lizzie, dando-lhe palmadinhas na mão. – Acalme-se, *okay*? Eu voltarei...

– Não faça isso.

Ela largou-lhe a mão e dispôs-se a correr.

– O que está a dizer? Tenho de pedir ajuda – gritou. – Precisa de um médico.

– Não. Habitual.

Ele teria querido dizer que aquilo era normal? Voltou a fechar os olhos e bateu com o punho no peito.

– Tenho de ir buscar ajuda – insistiu Lizzie, com voz trémula. – Está a ter um ataque cardíaco. A morrer, talvez. – A mente vagueou à volta da

palavra e sentiu que começava a hiperventilar, como se inspirar mais ar facilitasse a respiração do homem.

Os olhos de Joseph abriram.

– Melhorando... melhor. – Estendeu o braço na sua direção e dedos surpreendentemente fortes enroscaram-se na mão dela e puxaram.

Melhorando?

Melhorando. Ele queria dizer *a recuperar*.

Sentindo os joelhos a ceder, Lizzie afundou-se ao lado dele no sofá. Ele não arfava tanto como até então. Mesmo assim, se os seus dedos se soltassem dos dela, correria para a porta. Se a respiração interrompesse ou parasse, ou se...

Em vez disso, a cor voltou-lhe às faces. Por fim, largou-lhe a mão e endireitou-se nas almofadas.

– Isso não foi *bom* – articulou Lizzie, com a voz ainda a tremer. – Vou pedir à Judith que arranje um médico. Estou certa de que têm um hospital em Elba.

– Não – recusou Joseph. De olhos fechados, mas pronunciando a palavra.

– Acho que teve um ataque cardíaco, Joseph.

– Importa-se de puxar esse cordão? – Apontou para um cordão de veludo roxo em que ela não tinha reparado.

Lizzie precipitou-se para diante e puxou-o.

– Preciso de um *cocktail* – disse Joseph, com voz ainda fraca. – Este foi duro.

– Como assim? Não pode beber!

– Fibrilação auricular permanente – disse ele.

– Não há medicamentos para isso?

Ele respirou fundo.

– Tomo alguns. Mas o meu coração está afetado. Rígido... dizem eles. Endurecido pela vida, digo eu. – Expressava-se num tom sarcástico e começou a esfregar o peito.

Lizzie fitou-o longamente. Magro, o cabelo revoltado, velho, mas não assim tanto.

– Não é para isso que usam *pacemakers*?

– Às vezes.

– Por que é que Judith não atendeu quando chamei?

– Ordenei a Sam que desligasse o sistema de áudio da biblioteca. E se eu quiser fazer sexo selvagem aqui?

Lizzie não achava que fosse o tipo de pergunta que precisasse de ser respondida, pelo menos não por ela.

– Passa muito tempo aqui? – perguntou, pigarreando e olhando em volta. Livros por todo o lado.

– Passo a maior parte dos dias aqui – respondeu ele. – Quero amigos à minha volta. Livros.

– Quando morrer, quer dizer – comentou Lizzie sem rodeios.

– E em vida.

Ela recostou-se no sofá e tentou acalmar-se.

Joseph não estava morto, não desta vez. Respirou fundo.

– Será que a própria Judith responderá a essa campainha?

– Não, provavelmente o mordomo, Walnut.

– Mas não vai dizer a Walnut ou a Sam o que acabou de acontecer.

– Nem você – acrescentou Joseph, fitando-a. – O meu sobrinho preocupa-se.

– Eu não...

– Não será cúmplice, se é o que a preocupa. Ele foi incapaz de convencer-me a colocar um *pacemaker*, e ninguém no hospital de Elba... se existir... seria capaz de o fazer.

– Ah! – exclamou Lizzie.

Não lhe dizia respeito.

Era a sua vida e a sua morte, mesmo que a ironia fosse flagrantemente óbvia. Procurou algo para dizer:

– Há uma festa a decorrer lá em cima.

– É habitual – disse Joseph, recuperando o fôlego. – Infelizmente, os meus dias de dançarino acabaram.

– Então, Walnut é um mordomo tal como num romance de Trollope? – inquiriu Lizzie, em busca de um tema de conversa.

– Ficarà terrivelmente dececionada se ele não for um inglês idoso e leal de uniforme? O primeiro nome de Walnut é Buddy; é de Rhode Island e usa a farda azul-marinho semelhante ao da marinha francesa como os restantes.

Joseph voltara a endireitar-se e não parecia muito diferente do que lá em cima. Os círculos roxos sob os olhos não tinham desaparecido, mas deixara de friccionar o peito.

– Aceitarei qualquer tipo de mordomo – disse ela. – O que está a ler?

– Um velho amigo. – Virou-se para ela. – James Wright.

– Não conheço... oh, espere, talvez conheça? Um poema sobre estar deitado numa rede.

Ele mexeu as grossas sobrancelhas.

– Deitado numa rede na propriedade de William Duffy. Creio que é a primeira pessoa que encontrei em cerca de cinco anos de vida ininterrupta neste iate que conhece um único poema de Wright, e muito menos este poema específico. Um dos seus melhores.

– Não conheço bem a obra dele – confessou Lizzie. – Lembro-me vagamente desse poema do secundário.

– Deve ter sido um bom programa – elogiou Joseph. – Não me diga onde, porque não quero julgá-la. Passei tanto tempo nos departamentos de inglês que desenvolvi aversões virulentas a qualquer um deles.

– Também não gosta de professores? – perguntou Lizzie. – Eu ensino Shakespeare.

– Os shakespearianos são melhores do que a maioria porque não ensinam escrita criativa. Suponho que se dê bem com todos. Tem um nariz empinado, o que deve ser muito útil nas reuniões de departamento.

Lizzie quase se riu, mas ainda estava muito assustada. Sentia um nó no estômago.

– O que tem o meu nariz a ver com isso?

– O meu nariz não ajudava quando eu queria parecer sério – explicou Joseph. – Nunca tinha a certeza se queria *ser* sério, o que não ajudou. Costumava desejar ser tão lúgubre quanto Wright na poesia, mas não tinha jeito nenhum para isso.

– Os seus melhores poemas eram alegres? – Isso fê-la sorrir. – Gatinhos, arco-íris, reuniões de departamento felizes?

– As últimas envolveriam uma realidade alternativa – replicou Joseph. – Costumava divergir loucamente entre a alegria e a tristeza; na verdade, mal conseguia manter as duas separadas na minha mente. Depois da morte da minha filha, parei de escrever.

Lizzie conteve-se para não dizer que sentia muito, porque ele olhava-a severamente, indicando que não o fizesse.

– Em que se ocupam os poetas quando não estão a escrever? – perguntou em vez disso.

– Ensinam – respondeu Joseph. – Infelizmente, o contacto próximo com os estudantes leva a mais bloqueios de escrita. Ou morremos antes do tempo, como Wright, ou duramos para sempre, cada vez mais obscenos, ansiosos, feios, cabeludos.

– Não pare – pediu Lizzie quando ele ficou sem fôlego. – Estou a aprender tanto.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Tem algo a aprender? Uma mulher bonita como você de cuecas vermelhas?

Ela estremeceu.

– Não se trata de assédio – clarificou ele de imediato. – É uma mera observação. Sou apenas um velho machista, e digo-lhe isto para que não precise de se preocupar.

Como feminista, deveria ter saído rapidamente da sala. Mas gostava de Joseph. E ele quase tinha morrido.

– Você é a borboleta de bronze de Wright, um presente requintado para o mundo – afirmou ele. – *Sobre a minha cabeça, vejo uma borboleta de bronze, adormecida no tronco preto e sinos de vacas seguem-se na distância da tarde.* Não palavra por palavra, mas é essa a essência.

– Acha que os poetas são mais observadores do que as pessoas normais? – indagou ela.

Ele hesitou.

– Se espera que mais ninguém tenha notado a sua roupa interior, verme-ia obrigado a mentir porque suspeito que todos os homens no iate o fizeram. Bem, a maioria dos homens.

Lizzie pensou no assunto e encolheu os ombros.

– Estou a aprender a não mentir – disse Joseph. – Um projeto a que cheguei tarde na vida, mas que ainda vale a pena realizar.

As palavras saíram antes que ela as planeasse.

– Estou a aprender a morrer. Porque estou no terceiro estágio do cancro. Estou a decidir como me despedir... bem, isso ou se devo continuar a lutar contra o inevitável. – Forçou um sorriso. – Não contar parece uma mentira, mas não é simples.

Ele fitou-a em silêncio por um momento, com um olhar suave.

– Talvez tenha percebido que também eu aceitei esse desafio em específico. Mas você tem que idade? Perto dos trinta? – Fez uma pausa e, em seguida, concisamente: – Isso é péssimo.

– No começo dos trinta. Que assunto depressivo para conversa. – Deu por si a sorrir, porque era bom falar com alguém que era objetivo sobre o assunto. As lágrimas do seu terapeuta tinham-na afastado durante dias. A secretária do departamento – com quem sinceramente apenas falava para se queixar da fotocopiadora – desatara a soluçar ao saber da notícia.

– Há muito para conversar – prosseguiu Joseph. – Uma shakespeariana moribunda deveria ser mais fluente no tema do que os restantes. Tanta sabedoria armadilhada no pentâmetro iâmbico como moscas no âmbar.

– Lizzie? – chamou Dante do outro lado da sala.

– Ele ignora o meu diagnóstico – disse ela a Joseph.

Ele assentiu com a cabeça.

– Não considera o sigilo exaustivo?

Em vez de responder, levantou-se, espreitou em torno da estante e acenou a Dante. Ele sentou-se ao lado de Lizzie, seguido por Walnut, que se afastou com um ar carrancudo para ir buscar mojitos.

– Walnut desaprova-o na generalidade ou apenas desaprova a bebida? – perguntou Lizzie a Joseph.

– A mim, não. Especializei-me em mordomos irritantes. Então, o que estava a ver? – inquiriu Joseph a Dante. – A certa altura ouvi disparos.

– Ruby explicava como usa maquilhagem para criar pessoas mortas.

Os olhos de Joseph cruzaram-se por um momento com os de Lizzie.

– Um tópico profundamente desinteressante – comentou. E acrescentou para Lizzie: – Um italiano é uma boa escolha. Muito menos propenso à depressão do que os poetas do Minnesota.

– É um poeta do Minnesota? – quis saber Dante e Lizzie notou com um prazer secreto que ele parecia imperturbável com a ideia de ser «a sua escolha». Na verdade, colocou um braço na parte traseira do sofá como se estivesse a reivindicá-la.

– Temos estado a discutir James Wright. – Joseph deu uma pequena palmada no seu livro. – Um poeta do Minnesota com um carinho pela vida agrícola. Encontrei a sua Lizzie num verso: *Sobre a minha cabeça, vejo uma borboleta de bronze, adormecida no tronco preto e sinos de vacas seguem-se na distância da tarde.*

– Não havia um verso sobre sinos de vaca que brilham como pedras douradas? – perguntou Lizzie, recuperando a imagem de alguma parte esquecida do seu cérebro.

– Não. Wright diz que os excrementos dos cavalos brilham como pedras douradas. Idealizado, mas é esse o ponto de vista dele, imagino. O fim é o meu favorito: *Um falcão-galinha flutua procurando um lar.* – Joseph fez uma pausa e levantou um dedo. – Último verso: *Desperdicei a minha vida.*

– Como poderia ele queixar-se de desperdiçar a sua vida quando tinha escrito algo tão bonito? – contrapôs Lizzie um tanto irritada.

Ela não tinha desperdiçado a sua vida, mas surgiu-lhe o pensamento repentino de que talvez a tivesse passado a «procurar um lar». Então, não era uma borboleta, mas um falcão-galinha. Esboçou um sorriso. Quem gostaria de ser uma borboleta? Bonita, de vida curta.

No seu íntimo, fazia sentido ter passado a vida flutuando à procura de um lar. Esse verso resumia os seus trinta e dois anos.

– De idealista a grandioso – comentou Dante.

– É a definição dos poetas – reagiu Joseph com um encolher de ombros. – Deus sabe que o sou. Dê uma espreitadela. Wright era, na verdade, o oposto de grandioso. Pródigo apenas no seu elogio aos excrementos dos cavalos.

Estendeu o livro a Dante, que o abriu com uma expressão razoável de interesse.

Walnut apareceu com mojitos.

– Estes poemas são sombrios – opinou Dante quando Walnut saiu. – Aqui está um sobre a carcaça de um corvo. – Passou a outra página.

– Wright era bom a falar sobre coisas difíceis – disse Joseph. – O que precisamos da poesia, o que *exigimos*, é uma maneira de falar sobre o impossível.

Dante anuiu com a cabeça e Lizzie sentiu uma onda de ternura por causa do respeito e interesse que o seu rosto espelhava.

– Acho que não quero ser uma borboleta de bronze – declarou ela. – Não vivem apenas um dia?

Joseph sorriu-lhe, embora ninguém que soubesse do seu cancro sorrisse se ela mencionasse a morte.

– Acho que não – disse Dante. – As borboletas-monarcas migram pelos Estados Unidos. Não poderiam fazê-lo em vinte e quatro horas.

– Você não quer ser uma borboleta – comentou Joseph, cuspiendo um pedaço fibroso de folha de hortelã. – Eu recuso-me a ser um pedaço ardente de excremento de cavalo, embora aos setenta e três anos passe uma boa parte do tempo a sentir-me lixo.

– Talvez Wright estivesse a falar de auréolas metafóricas – sugeriu Lizzie. – Ouro ardente, como santos nas igrejas medievais.

– Auréolas de merda? Um comentário sobre os luteranos? Não. Jim não era desse género.

– Conheceu-o mesmo? – interessou-se Lizzie.

– Disse-lhe que o conheci. Não muito bem, mas conheci. – Traçou um círculo com o dedo. – Esta é a alcova da poesia.

– Não desperdicei a minha vida – afirmou Lizzie num tom firme. – Embora não tenha escrito poesia sobre excrementos de cavalo sagrados.

– Nem todos podemos ser génios. – Joseph pousou o copo. – Demorei muito tempo a aprender que só podemos usar o que temos. Ninguém me deu redes onde me deitar. Quando a merda foi expelida para fora de mim, não consegui traduzi-la por palavras.

– James Wright conseguiu? – perguntou Dante.

– Sim. Mas alguns de nós passamos a vida a dar voltas, à procura de um lar.

– Muito bem – elogiou Lizzie.

– Sim, eu tenho um toque poético. – E a voz de Joseph soou tão irritada que ela riu à gargalhada.

– Estávamos a interrogar-nos sobre onde estaria! – exclamou Etta, contornando a esquina da estante, seguida por Ruby. – Grey voltou lá para cima para sair com o Roh.

– Senta-te aqui – disse Dante, movendo-se para a ponta do sofá.

– Vive neste iate a tempo inteiro, Mister Stark? – perguntou Etta, sentando-se e encostando a anca contra a perna de Lizzie. – Também cabes aqui, Ruby.

– Estou bem – respondeu Ruby que andava a bisbilhotar os livros de poesia.

– Não vivo no iate – esclareceu Joseph. – Entro e saio.

– Achei que não – disse Etta, satisfeita.

– Por que não? Não pareço dono de um iate?

– Não, a menos que tenha jurado não usar o cabeleireiro.

– Etta – interferiu o pai, no tom de advertência dos pais de todo o mundo.

– Desculpa – pediu Etta, sem parecer lamentar minimamente. – Ele tem um ar de Einstein.

– Já experimentei rastas mas precisaria do meu próprio cabeleireiro – disse Ruby. – Voltou e sentou-se no chão.

– Um iate é, segundo a lenda, uma clareira do diabo onde nada floresce – afirmou Joseph, piscando o olho a Etta. – Só os tolos se incomodam com o seu cabelo. – Pegou no mojito intocado de Lizzie. – Presumo que não esteja interessada em envenenar-se a si própria.

– Tento não o fazer.

Ergueu-o e bebeu qualquer que fosse o líquido que se movia à volta das folhas de hortelã amontoadas no copo.

– As senhoras não são nossas passageiras habituais. Não me importo de vos dizer. O dinheiro do meu sobrinho é um chamamento para acasalamento a mulheres desinteressantes.

O comentário levou Lizzie a perceber que, se esperassem muito tempo no andar de baixo, poderiam ter de ficar para jantar. Descruzou as pernas e levantou-se.

Dante também se endireitou, com uma rapidez indicativa de que tinha sido ensinado a levantar-se sempre que uma senhora o fazia. A juíza devia ter sido feroz. *Lençóis engomados*, recordou-se Lizzie. *Atados com fitas*.

– Hora de ir para casa – disse Lizzie quando Ruby a olhou de sobrolho franzido.

– Eu quero ficar para jantar – opôs-se Etta. – O subchefe disse que faria hambúrgueres com batatas fritas. – Olhou de lado para o pai. – Ele tem *cachorros-quentes*.

Dante abanou a cabeça.

– Já visitaste um grande iate. Chega de emoção para um dia.

– Podemos comer no Bonaparte? Aposto que lá têm cachorros-quentes – insistiu Etta.

Joseph não se levantou, mas esticou-se devagar como uma régua dobrável.

– Ficar no Bonaparte? Sempre quis alugar um quarto lá um dia.

– Por que ficaria num hotel quando pode ficar num iate? – perguntou Etta.

– Poderia encontrar uma mulher – respondeu Joseph, surpreendentemente.

– Se tivesse a sua idade, talvez casasse consigo – ofereceu Etta generosamente.

– Aprecio isso, miúda. Perdoa-me por dizer que, se tivesses a minha idade, estarias um tanto acima das minhas possibilidades, dadas as joias que colaste na cara. Acho que não poderia permitir-me esse luxo.

– Não usaria tantas joias se tivesse noventa e cinco anos – salientou Etta.

– Sou um jovem de setenta e três anos – argumentou Joseph. – Vamos subir.

– Subir as escadas? – perguntou Lizzie, franzindo o sobrolho.

– Não. Há um elevador – respondeu Joseph.

– Devia ter-nos dito – replicou Ruby. – Parecia muito cansado no caminho para baixo.

– O exercício faz-me bem – contrapôs Joseph sem olhar para Lizzie.

De volta ao andar de cima, Etta arregalou os olhos, porque a festa recomeçara.

– É divertido assistir – disse-lhe Joseph. – Vamos lá para cima. – Apontou para um pequeno convés elevado.

– Só uns minutos e depois regressamos a casa – decidiu Dante. Joseph conduziu-os por uma porta protegida por impressões digitais que levava a uma escada em caracol, equipada com um banco móvel.

Joseph sentou-se e sorriu a Etta.

– Observa isto, miúda. – Pressionando um botão fez com que subisse e desse a curva e Etta correu atrás dele.

No andar de cima, o convés dava para a festa e, do outro lado, dois sofás estavam enfiados sob uma cobertura. Etta foi diretamente para o corrimão e todos a seguiram.

Joseph acendeu um cigarro. O fumo contrapôs-se à água salgada do oceano e fez com que o barco cheirasse à infância de Lizzie. Mrs. Bedrosian fumava e, embora isso a afetasse num contralto, nunca parou.

– Eu gosto desta canção! – exclamou Etta.

Joseph inclinou a cabeça para ouvir a letra.

– De que se queixa ele?

– De estar no limiar da pobreza e prestes a ter um colapso – respondeu Lizzie.

– Também eu. A minha conta bancária está a zeros.

– O meu Babbo quase não me dá mesada – queixou-se Etta. – Já tentou vender a sua poesia?

Dante puxou uma madeixa de cabelo de Etta.

– Joseph pode não estar preparado para o teu tipo particular de sinceridade, *carina*.

– Sou demasiado para algumas pessoas. Pessoas superficiais – dirigiu-se Etta a Joseph, manifestamente não ofendido.

Ele riu à gargalhada.

– Miúda, eu sou o gladiador original quando se trata de dominar as pessoas. Adivinha quantas mulheres tive?

– Cinco – respondeu Etta.

– Quatro. Esta é a minha hora favorita do dia. O ar ainda mantém o calor, mas há uma promessa *de la dolce vita*.

– Nada de falar de sexo – ordenou Ruby, apertando-lhe o ombro. – Etta tem apenas doze anos.

– Os jovens de doze anos sabem tudo – reagiu Joseph como se fosse especialista em adolescentes. – *La dolce vita* é o momento antes do jantar quando está suficientemente fresco para abrir as persianas. Então, no que és boa? – perguntou a Etta.

– Não em muita coisa – respondeu ela.

– Já gosto mais de ti. Não suporto pessoas realizadas.

– Mas serei realizada – disse Etta, apoiando os cotovelos no corrimão para segurar o queixo. – Como o Babbo. Mas ainda não sei bem em que me concentrar.

– Eu planeei ser brilhante em alguma coisa – anunciou Joseph, agitando o cigarro e dando a sensação de que um pirilampo se movia à volta da sua cabeça. – Isso não aconteceu.

Dante puxou Lizzie de lado e beijou-a na boca.

– Talvez não se tenha esforçado o bastante – sugeriu Etta. – A minha avó acha que eu poderia ser juíza se me esforçasse mais na escola.

– Deus do céu, não! – exclamou Joseph, obviamente chocado.

Dante recuou mais alguns passos.

– Olho para ti – sussurrou – e quero atirar-te para uma cama. *Dolce vita*, de facto.

– É por causa das minhas cuecas vermelhas? – perguntou Lizzie, incapaz de deixar de sorrir. Rodeou-lhe o pescoço com os braços.

– Sim. Quando esclareceste Rohan sobre Romeu, isso deixou-me num frenesim.

– Frenesim? – repetiu Lizzie, sorrindo porque nada do que alguma vez fizera deixara alguém num frenesim. Bem, desde que não cantasse. Mas Dante não estava a falar da sua voz.

Ele afastou-se novamente, longe o suficiente para que o ribombar da voz do poeta se perdesse com a música e o ruído de pés dançantes.

– Uma excitação do caracas – confessou em voz baixa, com os polegares a desenhar pequenos círculos no seu rosto. – Doía-me tudo da cabeça aos pés. Queria pegar em ti e levar-te comigo. Uma parte primitiva do meu cérebro continuava a insistir em como teríamos de nos afastar o suficiente para não sermos vistos, e então poderia puxar-te o vestido e ter-te contra a parede deste maldito barco. – Deslizou os lábios pelo pescoço dela. – És extravagante – murmurou. – Estou tão grato pela tua roupa

interior vermelha. E que tenhas ido à praia pública, pois assim a *Lulu* encontrou-te.

A vida é uma coisa estranha. É possível ser feliz num momento e, no entanto, estar aterrorizado, correr em círculos mentais, gritando. Lizzie sorriu de tal forma que os cantos da boca lhe doíam e, mesmo assim, o seu coração batia com a força do pânico.

– Não quero apaixonar-me por ti – disse ela, as palavras escapando facilmente. Menos fáceis foram as palavras que calou: *Não quero magoarte. Não quero partir-te o coração quando me for embora.*

– Demasiado tarde para mim – reagiu Dante, com naturalidade, cobrindo-lhe a clavícula de beijos. – E não, não foi porque cantaste para mim.

Lizzie pestanejou, porque esse tinha sido o seu primeiro pensamento.

– Jantar sob o arco florido – disse ele, beijando-a entre palavras. – A tua alegria de viver, o teu gosto contagiante por sopa de ervilhas.

O céu atrás da sua cabeça era de um vermelho-púrpura. Morcegos – ou gaivotas – voavam em círculos, mergulhando selvaticamente e voltando ao de cima.

Ele beijou-a.

– Etta tem Dr. Seuss citado na porta do quarto. A tua essência, embora diferindo um tanto de Seuss – sussurrou.

Ela podia dizer-lhe. Tinha de lhe dizer.

Dante endireitou-se.

– Tenho um sentimento paternal incómodo. Aquele velho poeta não te assediou, pois não?

– Não. – Ela hesitou. – No entanto, mencionou a minha roupa interior.

– C’um caraças. – Dante pegou na mão de Lizzie.

Mas, quando voltaram para o pé dos outros, Joseph estava encostado ao corrimão, dando uma palestra sobre os horrores do sistema judicial.

– A raiva é uma explicação, mas nunca uma desculpa – disse ele, balançando o cigarro. – Sente-se num tribunal durante tempo suficiente e

ouvirá as pessoas a dizerem que estavam de facto enraivecidas, como se isso pudesse satisfazer os deuses.

– Onde é que os deuses entram nisso? – perguntou Ruby.

– Sabia que não havia um conceito de castigo até a arquitetura ter surgido? – inquiriu Joseph. – Exceto o que vinha dos deuses, é claro.

– Porquê? – quis saber Etta.

– Até que as pessoas pudessem construir um edifício de raiz com quatro paredes era impossível trancar as pessoas, certo? Então, eles contavam histórias sobre como os deuses surgiriam juntamente com um raio. Pensa nisso antes de te tornares juíza, miúda. Não queres ser responsável por prender alguém.

– Acho que não me importaria – contestou Etta. – Se fosse uma pessoa das cavernas, meteria um mau numa caverna e colocaria uma pedra à frente dela. O que é que as paredes têm a ver com isso?

– Deixarias que morressem à fome, não é verdade? – perguntou Joseph.

– Não! – exclamou Etta e virou-se: – Babbo, precisas de defender a avó por ser juíza.

Dante abanou a cabeça.

– Há muito que deixei de fazê-lo, *Topolino*.

– *Topolino*? – repetiu Ruby. – Coisinha, certo? Chapelinho? Sapinho?

– Ratinho! – exclamou Etta.

– Aviso de dez minutos – disse Dante a Etta.

– Acha que poderia tirar algumas fotos? Tipo porque ninguém lá em casa acreditaria nisto? – perguntou Etta.

– Claro – anuiu Joseph e olhou para Lizzie. – Vêm sentar-se comigo? – Lizzie e Ruby seguiram Joseph pelo convés até aos sofás. – Observem – convidou ele, quando se sentaram. Pressionou algo e paredes de vidro rosa ergueram-se do chão até à cobertura.

Ruby ergueu uma sobrancelha.

– Estamos presos aqui dentro?

– A porta é ali – indicou Joseph, apontando com a ponta acesa do cigarro. – O meu sobrinho pode ter intermináveis conversas telefônicas sem que as pessoas importantes saibam que ele está a descansar no Mediterrâneo. À prova de som.

A música passara a vibrar sob os seus pés.

Permaneceram sentados em silêncio durante uns minutos. Ao luar, a água assemelhava-se a uma paisagem alienígena sombreada de cinzento.

– Ele não é o seu marido nem ela é sua filha – declarou Joseph, finalmente.

– Surpresa! – exclamou Ruby.

– Apenas um romance de verão – replicou Lizzie.

Ele fungou.

– Não me parece.

– Tenho aquele problema de que lhe falei – reagiu ela.

– Morte? A morte é um problema que *todos* nós temos.

– Contou-lhe? Menina, precisa dizer a Dante antes de contar a homens estranhos em iates – comentou Ruby.

– Saiu-me mesmo agora – explicou Lizzie. – Estávamos a conversar sobre mentir, e comecei a sentir como se estivesse a mentir a Dante por não lhe contar.

– Então, diga-lhe – aconselhou Ruby. – Mas apenas que está doente. Não há necessidade de falar sobre a morte. Só acaba quando acabar.

– No meu caso – disse Joseph – a pertinência da questão surgiu numa centena de pequenas maneiras. – Então, olhando para a Lizzie, acrescentou: – E de grandes maneiras também.

– E continua a fumar? – indagou Lizzie, sem erguer a voz.

– Gosto da representação da morte da entidade Grim Reaper. Admiro-o, e por que raio não havia de fazê-lo? – Uma faísca vermelha voou-lhe do cigarro que se apagou.

– Gostaria de viver até aos setenta e três anos – disse Lizzie e, sem o pretender, a voz falhou-lhe. – Desculpe. Ainda estou às voltas com a

questão.

– Também eu – replicou Joseph. – Também eu.

O ombro de Ruby roçou o de Lizzie. Nenhuma delas afirmou lamentar, o que foi um presente tão grande que Lizzie sentiu uma onda de afeto.

– Vamos falar de outra coisa – decidiu.

– O presidente? – propôs Joseph. – É sempre um tópico animado.

– Não.

– O estado do mundo em geral?

– Não.

– Já discutimos literatura.

– Vamos falar sobre a voz da Lizzie – afirmou Ruby, trocando de lugar e sentando-se de frente para Lizzie.

– Não gosto de cantar em público – contrapôs Lizzie.

– Nem eu – interveio Joseph.

– Sim, mas provavelmente a sua voz assemelha-se a uma sirene de nevoeiro – replicou Ruby. – Ela parece-se com Etta James.

– Já deixei de cantar há algum tempo – confessou Lizzie.

– Por causa do cancro? – perguntou Ruby.

– Antes disso.

– Em que dia? – quis saber Joseph.

– O que quer dizer?

– Em que dia é que parou de cantar? Houve um momento em que pensou: «Que se lixe, estou farta de música?»

– Fiquei com o coração partido, e senti-me demasiado enraivecida e triste para cantar. – Olhou de relance para Joseph. – Tal como no seu caso parou de escrever poesia, exceto, obviamente, que é pior perder um filho. Decorrido algum tempo, percebi que ninguém me tinha pedido para cantar «Ave Maria» no seu casamento. Ninguém tinha mencionado *American Idol* há muito tempo; em vez disso, conversávamos sobre o *Top Chef*.

– *Também* sabe cozinhar? – surpreendeu-se Ruby, abrindo os braços. – Mais uma prova da injustiça do universo!

- Oh, o universo é sem dúvida injusto – resmungou Joseph.
- Não sei cozinhar – insurgiu-se Lizzie. – Nem sequer gosto da comida de Dante.
- Ele é um *chef*, não é? – perguntou Joseph. – Falhou-me essa parte.
- Veio para agradar ao seu sobrinho – explicou Lizzie.
- É típico – comentou Joseph. – As pessoas estão sempre a tentar agradar ao Sam. É a razão por que passo os verões com ele: preciso voltar a moldar-lhe o ego, depois de nove meses de bajulação e mulheres maravilhosas.
- Poderia fazer o mesmo por Rohan – disse Ruby. – Conheço-o desde que tinha acne e três pelos no queixo a que chamava pera.
- Não reconheci o nome no início, mas não tenho televisão – confessou Joseph.
- Não lhe diga isso – aconselhou Ruby.
- Por que não? Não preciso de nada dele. Não quero ser seu amigo.
- Não é por sua causa – esclareceu Ruby. – Estou sempre perto de atores. Ele está a tentar agarrar-se a essa visão de si mesmo como o grande artista, certo? Disse-me que Shakespeare estava no seu ADN. – Ergueu a mão na direção de Lizzie. – Não precisa de dizê-lo.
- Lizzie manteve-se calada.
- No fundo, ele teme que as pessoas só gostem dele por ser famoso. Se alguém não souber que ele é famoso, podem questionar... se, bem, se Shakespeare está no seu ADN.
- Então? – Joseph acendeu outro cigarro com o que ainda mantinha aceso entre os lábios, atirando-o depois para o chão e pisando-o para o apagar.
- Apanhe-o – disse Lizzie.
- Céus! Não vamos estar por perto um do outro quando o mundo for soterrado por um enorme tsunami de lixo – reagiu Joseph.
- Eu, por exemplo, estou a tentar deixar uma marca de luz – argumentou Lizzie, baixando-se para apanhar o cigarro. – Nas pessoas e nas coisas. – E colocou o cigarro em cima da mesa.

Ruby abanou a cabeça.

– É demasiado tarde para isso.

– É o que a leva a fingir que Dante é um romance de verão? – indagou Joseph.

– Sim, escutemos alguma sabedoria do banco de dados do velho branco – opinou Ruby.

– Tenho mais anos do que vocês as duas juntas – concluiu Joseph. – O que quero dizer é que uma vez que um patinho marque uma vassoura como identificação, acabou. Nenhum pássaro com penas servirá para o cuidar.

– Está a referir-se a Etta? – filosofou Lizzie.

– Sim – anuiu Joseph. – A vassoura não pode avisar os patinhos, caso seja esse o seu raciocínio.

– Eu sou um pau de vassoura? – comentou Lizzie, olhando para o peito. – Disse-lhe que era um mau poeta. Mas sei que, se há alguém para amar, o coração insiste em fazê-lo. A minha filha partiu há muitos anos, mas continuo a amá-la. O meu coração não vai desistir dela. Não vou desistir – afirmou Lizzie, embora ainda não tivesse tomado uma decisão quanto ao tratamento.

– Porque tem tantas pessoas para amar – disse Joseph.

Capítulo Vinte e Um



Na porta do quarto de Etta Moretti,
de *Peter Pan*:

«Não me esquecerás, pois não?

«Eu? Esquecer? Nunca.»

Etta acordou com uma sensação terrível que demorou alguns minutos a entender.

Nem pensara no ensaio que deveria reescrever naquele verão: o seu ensaio de biologia, a melhor coisa que tinha escrito durante todo o ano. Estava no seu portfólio para o secundário, e tinha de estar concluído até à altura de regressar a casa.

O que aconteceria dentro de algumas semanas.

A menos, é claro, que tentasse inscrever-se na LaGuardia e nesse caso teria de fazer uma audição, visto que Beacon Hills implicava uma entrevista e um portfólio.

Manteve-se deitada na cama durante algum tempo a escutar o silêncio. Podia, sem dúvida, pedir ajuda a Lizzie relativamente ao ensaio.

Mas isso não respondia à pergunta: desejaria ela frequentar a LaGuardia e acabar por ser atriz e trabalhar com pessoas como Rohan? Ele era fixe. Um pouco assustador quando gritava ao telefone, mas, na generalidade, decente.

Ou podia ser uma romancista, como Grey.

No entanto, desconfiava que os escritores não ganhavam muito dinheiro. Bastava olhar para aquele velho poeta do iate.

Se tentasse a LaGuardia, precisaria de ter um tópico para audição e escusado seria dizer que Miss Hallburton não a ajudaria. No fundo, Etta suspeitava que não era má a representar. Poderia fazê-lo, se tentasse.

Rohan tinha razão: Anne Frank não era o papel indicado. Se a deixassem fazer de Hermione, poderia ser ótima.

Endireitou-se na cama.

Ou Julieta, obviamente.

Sorriu para a parede. Poderia convencer Rohan a ajudá-la, depois faria um teste para o filme, seria a melhor Julieta de sempre e ganharia um Óscar.

Saltou da cama e os pés descalços escorregaram um pouco sobre o lajedo frio. Vestiu-se e correu pelas escadas, gritando por Babbo! Mas obviamente ele não estava. A Signora Pietra estava na cozinha, a engomar camisas. Quando não estava a gerir o restaurante do Babbo, fazia tudo o resto.

Brindou Etta com um olhar de desagrado.

– *Lui è al mercato.*

– *Vado al Bonaparte a cercare Lulu* – gritou Etta. Voltou a subir as escadas, abriu o roupeiro, pegou na mochila com o ensaio lá dentro e bateu com a porta, fingindo não ouvir a *signora* a resmungar.

Quando chegou ao hotel, encontravam-se todos sentados no pátio. Rohan estava ocupado com as palavras cruzadas. Grey escutava Lizzie em silêncio; fazia isso muitas vezes. Depois daquele dia em que foram à praia negra, Etta ficou com a sensação de que ele estava apaixonado por Rohan e tudo o mais, mas talvez ainda amasse Lizzie.

Ruby viu-a e acenou e Lizzie sorriu-lhe. *Lulu* saltou do colo de Ruby, correu para tocar com a pata na coxa de Etta, em seguida, voltou a correr para debaixo da cadeira de Lizzie.

Etta aproximou-se lentamente, porque não tinham ocorrido assim tantas vezes na vida em que ela *pertencesse*. Mas ela pertencia àquela mesa do outro lado do pátio.

Tinha pensado que iria encontrar um grupo no ensino secundário, como acontecia às jovens nos romances. Desajustadas que acabariam por se apaixonar ou raparigas más que tinham de aprender a ser simpáticas. Sinceramente, não se importava.

Mas, em vez disso, tinha passado pelos dois anos do secundário e quase ninguém lhe prestava atenção. Podia passar um dia inteiro sem que uma colega lhe dirigisse a palavra fora da sala de aula. Esperara que o clube de

teatro a presenteasse com um grupo de amigos, mas isso, obviamente, não resultou.

Quando entrou em desespero, pensou em juntar-se ao clube de culinária extracurricular, mas isso seria totalmente inútil.

Então abrandou a caminhada rumo ao grupo mais fixe. Lizzie era *isso*. Caracóis brancos, grandes mamas, a forma como ria.

O riso de Lizzie era mais profundo do que o da maioria das pessoas, muito mais profundo do que a risada de Etta.

– Ei, olá! – chamou-a Ruby, puxando a cadeira ao seu lado.

Ruby era tudo isso também. Nessa manhã, apanhara no alto da cabeça caracóis que descaíam em todas as direções. Tipo uma anémona, mas não vermelha.

Grey levantou o queixo para o empregado e disse:

– Pequeno-almoço – apontando para Etta. Rohan estava ao telemóvel, mas fez-lhe um aceno de cabeça.

Etta sentou-se e sorriu a todos. Naquele dia ia rir à gargalhada, por mais parva que a sua voz soasse. Não teria importância, porque ela pertencia aqui, a esta mesa, com um ator famoso.

Lizzie inclinou-se e beijou-a na face.

– Olá, querida.

O empregado apareceu e pousou uma bandeja com brioche e sumo de laranja fresco.

– Romeu só quer escrever poesia, mas Julieta só quer casar com ele – disse Lizzie a Rohan depois de ele ter pousado o telemóvel. – Ele poetiza a sua dor e angústia porque não pode dizer nada sobre Rosalinda. Não a conhecia e não lhe interessava conhecê-la. Fala sobre *ele*, não sobre ela.

– Entendo. Mas não posso dirigir um rapaz piegas.

– Romeu é virgem – acrescentou Lizzie.

– Não li nada a esse respeito – disse Rohan, mal-humorado.

– Julieta menciona um *par de virgens de aço*, quando fala sobre a sua noite de núpcias.

Etta também não se lembrava de ter lido aquilo, mas a sua professora de Inglês teria, sem dúvida, ignorado toda esta coisa da virgindade. Os rapazes perderiam a cabeça com comentários nojentos.

– Queres uma *frittata*, Etta? – perguntou Lizzie. – Eles prepararam-me uma omelete enorme.

Etta disse que sim, embora não quisesse, porque, ei: vibrações de mãe.

– Devíamos ter questionado aquele poeta sobre Romeu – lamentou Rohan. – O tio de Sam. Mas o iate partiu esta manhã.

– Joseph fumava demasiado – interferiu Ruby. – Estou a chegar ao meu aniversário de cinco anos de cancro, e não planeio voltar a ter cancro por causa de ser fumadora passiva.

– Tiveste cancro? – perguntou Etta. – Ruby parecia tão saudável. – De que tipo? A minha mãe teve cancro do fígado. – Decidira há muito tempo que era melhor do que dizer cirrose. As pessoas ficavam sempre tristes ao saberem, como se ela se importasse que a mãe tivesse morrido por causa da bebida.

Bem, ela importava-se, mas não tanto assim.

– Da mama, ainda que, fica a saber, as pessoas geralmente não gostem de ser questionadas a esse respeito.

– A tua mãe morreu de cancro, Etta? – perguntou Grey, parecendo chocado.

Etta gostou que assim fosse. Apesar disso, não seria justo fazer um grande alarido.

– Não a conheci – respondeu, encolhendo os ombros.

– Etta – disse Lizzie.

Etta fitou-a.

– *Okay*, não propriamente cancro. Cirrose. Ela bebia demais.

Grey acenou com a cabeça.

– A minha também, E.

E?

Era fixe.

– A sua mãe também tinha cirrose? – quis saber Etta.

– Ela morreu quando eu tinha seis anos – respondeu Grey. – É melhor ir até lá acima. Tenho de escrever algumas páginas.

– A minha mãe está viva e bem viva – disse Ruby depois de Grey ter saído. – De vez em quando sai com a mãe do Rohan. Dirige o jornal *Brighton e Hove*. Reza por mim.

– Por causa do cancro? – inquiriu Etta.

– O seu maior medo – provável que aconteça – é que lhe dê um pontapé sem ser salva primeiro. Julgou que o cancro faria isso. Continuou à espera que Jesus me desse uma pancada na cabeça e me acolhesse nos seus braços, mas isso nunca aconteceu.

Lizzie começou a rir e Etta acompanhou-a. O empregado romano apareceu com *frittatas* e fitou-as de olhos arregalados, mas Etta riu-se ainda mais. Nem sequer se importou que os seus risinhos soassem altos e tontos.

Quando todos pararam de rir e começaram a comer, Etta lembrou-se do seu ensaio e tirou-o da mochila. Alisou-o em cima da mesa.

– Preciso de ajuda.

– Posso ajudar – ofereceu-se Lizzie, pegando no trabalho. – Há anos que ensino os caloiros.

– Este tem de ser extraordinário para me permitir entrar em Beacon Hills – afirmou Etta. – A não ser que pense que poderia fazer um monólogo de *Romeu e Julieta* e entrar na LaGuardia.

– Tens jeito para representar? – indagou Ruby.

– Sim – disse Etta, porque, no fundo, era provavelmente verdade. – A minha professora de representação não pensava assim, mas ela era muito má, e Rohan disse que talvez Anne Frank não fosse um bom papel para mim.

Rohan estava de novo ao telemóvel, mas assentiu com a cabeça.

– Podes candidatar-te a LaGuardia e trabalhar neste ensaio? – perguntou Lizzie...

– Acha que sou má atriz? – perguntou Etta.

– Não faço ideia – respondeu Lizzie. – Estendeu o braço e deu uma pancadinha no nariz de Etta, exatamente como o seu Babbo. – Queres representar algo para nós?

– Não saberia o que representar – arguiu Etta. – Nunca entrei numa peça de teatro.

– Por que havias de saber? – perguntou Ruby. – Trabalho com atores o tempo inteiro e a maioria são zeros à esquerda. Para não ser mazinha.

– Rohan é um ator – apontou Etta.

– Este não é um mau ensaio – comentou Lizzie, erguendo o rosto. – Gosto do parágrafo introdutório. Hábitos de acasalamento de pássaros são interessantes. Queres ser cientista?

– Nã. – Etta abanou a cabeça. – Mas o meu orientador escolar disse que este era o meu melhor trabalho.

– Escreveste algum trabalho para a aula de Inglês? – perguntou Lizzie. – Para além do de Shakespeare que teve um B.

– *Ya*, sobre *Siddhartha*. Afirmei que Hesse era um porco sexista e o livro era aborrecido, e o meu professor deu-me um D. Uma total injustiça, só porque ele acha que *Siddhartha* é o melhor romance de sempre.

– Vou ter de te ensinar a arte de ter um A – prometeu Lizzie.

Etta adorou isso porque... futuro.

Vibrações de mãe.

O chá chegou e mais torradas.

Lizzie tinha virado uma página.

– Ignorava que os pássaros não podiam cantar enquanto voavam. – Ergueu o rosto. – Suponho que os falcões-galinha nunca cantam.

– O que tem uma coisa a ver com outra? – indagou Ruby. – Eu era boa a inglês, mas biologia? – respirou fundo.

– Reprovei em todos os testes de biologia – disse Etta, optando pela sinceridade, como deve ser. – Mas aquele trabalho era bom e tinha oito notas de rodapé, então consegui *okay* no final. Acho que me deu um B na aula ou algo assim.

– Como é que escolheste o tópico? – quis saber Lizzie.

– Tínhamos de escolher entre hábitos de acasalamento de pássaros, ursos polares ou aranhas viúvas negras – respondeu Etta. – Todos os rapazes escolheram, obviamente, as aranhas.

– Gosto desta parte de os flamingos ficarem cor-de-rosa porque comem camarão – observou Lizzie. Passava sem dúvida os olhos pelo texto porque ninguém lia tão depressa. – O teu professor deu-te alguma sugestão sobre como rever?

– Quer dizer, tipo comentários? Não.

– Acho que podias aproveitar mais a musicalidade – sugeriu Lizzie, pousando o ensaio. – Faz disso o centro do argumento. Tens canções de acasalamento, depois penas cor-de-rosa e há este grande bocado sobre o pássaro que criou uma gruta e a decorou com estrume.

– Uh! – exclamou Ruby.

– Acredites ou não, Joseph e eu falámos, ontem, de um poema sobre esterco – referiu Lizzie. – Descrevia excrementos de cavalo a brilhar ao sol como pedras douradas.

Ruby resmungou entre dentes, que era praticamente o que Etta também estava a pensar. Não admira que Joseph não tivesse dinheiro se esse fosse o tipo de poema de que gostava.

– Vi o pássaro num documentário sobre a natureza – comentou Etta. – Ele achava que o esterco preto era lindo, por isso usou-o para decorar a sua gruta, tentando arranjar uma companheira. Mas depois ele germinou, o pássaro irritou-se e começou a arrancar os rebentos, mas a companheira não esperou por ele. Foi ter com um pássaro que tinha decorado a sua gruta com flores.

– Talvez seja esse o meu problema – murmurou Ruby. – Estou a atirar esterco aos rapazes e eles querem flores.

– Ao contrário – arguiu Lizzie, sorrindo-lhe. – Estás a encontrar tipos que decoram os seus ninhos com esterco.

– Não brincas – pediu Ruby. – Preciso de um tipo com uma casa como a do Dante. Disseram-me no hotel que é a maior da aldeia.

– O meu Babbo não comprou a nossa casa – explicou Etta. – Era da minha bisavó, e por isso é tão grande. – Lizzie parecia um pouco desconfortável e Etta acrescentou: – O nosso apartamento em Nova Iorque tem um tamanho normal.

Lizzie pegou no ensaio.

– Por que não leio isto com calma mais tarde, Etta, e então podemos falar sobre o assunto?

– Posso fazer melhor – garantiu Etta, sentindo-se um pouco nervosa. – Espero que seja muito mau. Talvez devesse...

– É fantástico – interrompeu Lizzie. – Adoro o pássaro rejeitado e as aves canoras que nunca cantam enquanto voam. – Enfiou-o debaixo do braço e levantou-se. – Querem ir à praia, a do hotel para podermos levar o Rohan?

– Sim!

Ruby também se levantou.

– Parece-me boa ideia.

Etta pegou na mochila.

– Esqueci-me do meu fato de banho.

– Ótimo, porque quero ver o palácio de Dante – disse Ruby. – Mostrame o arco florido que o teu Babbo balançou em frente de Lizzie. Tenho a sensação de que não é fácil agradar-lhe.

– Queres ir à praia? – perguntou Lizzie a Rohan, que ainda falava ao telemóvel.

Ele assentiu com a cabeça e desligou a chamada, o que foi um pouco surpreendente. Lizzie aproximou-se e enfiou o braço no dele.

– Vamos pisgar alguns guarda-sóis cor-de-rosa. – O seu riso acompanhou Etta e Ruby até à rua.

– Sentes-te uma jovem com sorte? – perguntou Ruby. – Porque o és.

– Claro – respondeu Etta. – Não havia nada pior do que quando as pessoas perguntavam se se sentia com sorte.

Ruby deu-lhe uma cotovelada.

– Escuta.

– *Ya?*

– A nostalgia é subestimada como uma emoção. Acho que este verão vai ser isso para ti, e é *okay*.

Etta respondeu, para ser educada:

– Nostalgia é quando se sente a falta de alguma coisa, certo?

– É como um desejo por algo que aconteceu antes.

– É suposto viveres o momento – reagiu Etta, sentindo um pouco de pena de Ruby.

– Sim, é o que as crianças fazem – concordou Ruby. – Mas os adultos não. E tu estás prestes a ser uma adulta.

Etta conteve um sorriso porque *era* praticamente uma adulta, embora Babbo não se apercebesse disso a maior parte do tempo.

– Quando se é uma criança, ou pelo menos quando eu era criança, o tempo não era uma coisa – prosseguiu Ruby. – Não era um agrupado de momentos que se seguiam uns aos outros e nunca mais paravam de se mover. Tinha-se um dia e depois outro dia, mas os meus verões transformaram-se numa confusão entre a natação e o campo de ténis. A minha mãe joga ténis lindamente.

– Fixe – aprovou Etta. Ela, por exemplo, sabia sempre quando o verão acabava e as aulas começavam.

– Mas depois acontecem coisas – disse Ruby. – Transformam-se nas maneiras como medimos o tempo.

– Como voltar para a escola – disse Etta. – A propósito, esta é a nossa casa.

– Merda! – exclamou Ruby. – Isto é uma espécie de sonho febril. Tipo ter sonhado com uma casa em Elba e aqui está ela.

Etta olhou para a sua casa, tentando vê-la como um sonho. Tinha as portas abertas, com arcos e o chão ladrilhado. A brisa do mar entrava, e às vezes uma gaivota também.

– Acabei de me lembrar que deixei o meu fato de banho no chão, e a Signora Pietra pode tê-lo levado.

Entraram pelas portas largas de acesso à sala de estar e subiram as escadas de mármore que davam a volta no primeiro andar, ou no segundo, como lhe chamavam na América. O quarto de Etta ficava no extremo da casa.

Ruby foi até metade do caminho e depois parou, olhando por cima do corrimão que se estendia ao longo da sala de estar.

– Só um minuto! – gritou Etta, correndo para o seu quarto. Claro que o fato de banho já tinha desaparecido. Abriu a gaveta de cima da cómoda e começou a vasculhar, à procura do seu antigo fato de banho inteiro, mas já não o via há algum tempo. O biquíni vermelho estava lá, mas Lizzie não gostava quando ela não usava um *top*.

– E! – exclamou Ruby um minuto depois, da entrada da porta. – Estás a desarrumar tudo.

– Não consigo encontrar um fato de banho – respondeu Etta, num tom mais alto, enquanto remexia outra gaveta. – Não posso ir sem um fato de banho.

– Aqui está um! – exclamou Ruby, pegando no que ela costumava usar há dois anos.

– Isso ficou transparente – respondeu Etta, sentindo-se à beira das lágrimas. Estava a perder tempo de praia com Lizzie. Pegou num monte de roupa e voltou a enfiá-la na gaveta.

– Este era teu? – quis saber Ruby.

Etta olhou para cima. Ruby tinha na mão um fato de banho às riscas laranja coberto de ananases brilhantes.

– Sim, quando eu tinha uns sete anos.

– Guardaste-o?

– Era o meu favorito!

– Sim, estou a ver – disse Ruby. – Estes ananases são ótimos.

Etta lembrou-se subitamente que o seu velho fato de banho inteiro estava pendurado no varão do chuveiro, e entrou na casa de banho. Fixe! Despiu os calções e a roupa interior.

No quarto dela, Ruby disse:

– Caramba! É como uma infância inteira num só quarto.

– Não é assim tão mau – contrariou Etta, saltando da casa de banho com uma havaiana calçada, enquanto desapertava as alças sobre os ombros. – As minhas coisas de bebé estão no sótão.

– Lembras-te do que falávamos há pouco? Sobre o tempo?

– *Ya?* – Etta não estava minimamente interessada e cada pedaço dela queria correr até à praia e cair na espreguiçadeira ao lado de Lizzie.

– Lizzie está lá – observou Ruby – e, mesmo que andemos devagar, continuará lá.

– *Okay!* – disse Etta. – Descobriu a outra havaiana e enfiou-a no pé.

– Estou a tentar dizer que o tempo não é um rio, está bem? Este dia, esta semana, este verão, estarão todos lá para ti quando os quiseres, tal como os ananases ainda estão aqui. Podes decidir que estás melhor sem este dia, mas nunca penses que desapareceu.

– Acho que sim – concordou Etta.

– Posso escovar-te o cabelo? Temos tempo e há um grande nó de um lado que está a deixar-me louca.

Etta apertou os lábios. Não se lembrava de ter penteado o cabelo.

– Poderia simplesmente saltar para o oceano – sugeriu.

– Lembras-te daquela rapariga na praia que estava a esconder uma forma de vida debaixo do turbante? – perguntou Ruby. Pegou na escova de Etta e agitou-a.

– Não é assim tão mau – protestou Etta. – Só que tenho... tenho cabelo italiano, sabes? É muito abundante.

– Sim, sim – disse Ruby. – Isto só vai demorar alguns minutos. Vou fazer uma trança rabo de peixe, que é muito melhor do que um turbante.

Etta hesitou.

– Muito caro, próprio de iate – acrescentou Ruby.

– Oh, está bem – concordou Etta, deixando-se cair na cadeira em frente à sua secretária.

Ruby deu a volta por trás dela e começou a escovar de baixo para cima.

- Tens aqui um emaranhado ou dois, miúda.
 - Eu escovo-o, na maioria das vezes.
 - Então tens de candidatar-te ao secundário em Nova Iorque? – perguntou Ruby.
 - Alguns deles. Talvez todos. Eras boa aluna?
 - Não – confessou Ruby alegremente. – Não é o meu forte. Costumava dizer que me especializava em dececionar a minha mãe. Agora acho que era só porque ela e eu somos muito diferentes.
- Etta arrancou algumas das bolinhas de algodão penduradas no seu fato de banho. Tudo o que lhe vinha à cabeça sobre a mãe era uma mentira.
- Lizzie não tem idade certa para ser minha mãe. Tipo, as mães dos meus amigos são mais velhas.
 - A maternidade é um estado de espírito – argumentou Ruby, dividindo o cabelo de Etta em diversas partes. – Não que isso me passe pela cabeça. A minha cena é mais de irmã mais velha.
 - Tu... costumavas ir a Nova Iorque?
 - Sempre – disse Ruby. – Pronto! Não dá para veres, mas o teu cabelo está ótimo.
- Etta não tinha qualquer interesse em olhar. Levantou-se de um salto.
- Podemos ir agora?
 - *Ya*, claro.
- Deu meia-volta e abraçou Ruby sem pensar duas vezes.
- Isto é por eu ser tão boa com o cabelo? – perguntou Ruby, devolvendo-lhe o abraço. – Ou uma boa irmã mais velha?
 - O que quer que seja. És a Ruby.

Capítulo Vinte e Dois



Lizzie fizera muitas amizades ao longo dos anos. Tinha amigas no trabalho com quem coscuvilhava e ocasionalmente discutia. Manteve-se em contacto com três irmãs adotivas através do facebook, embora, agora que pensava nisso, não abrisse a app há meses.

Ruby inserira-se na vida de Lizzie como se tivesse feito um *Pedido de Amizade*. Corria alvoroçada de um lado para o outro, dizendo coisas que as pessoas tinham medo de dizer, transformando o cancro numa piada, embora isso ainda fosse um segredo para Dante e Etta.

Grey acalmara-se, embora ocasionalmente ainda denotasse uma expressão preocupada. Etta tinha aparecido todas as manhãs para tomar o pequeno-almoço. Rohan interessou-a na resolução das palavras cruzadas do *Times*.

E então havia Dante.

Ele tinha-se tornado o seu sol, o centro em torno do qual tudo o mais circulava. Tratava-se de um poema? Ela sentia-se como se *esta* paixão fosse fruto de poesia, porque as suas emoções eram demasiado intensas para palavras comuns.

Amo-te.

Se pudesse dizer o que sentia por ele – se pudesse expressá-lo em palavras – seria uma canção, por isso cantava-o.

O que a levava a cantar a toda a hora.

– Alegrementemente, como uma cotovia – elogiou Dante da cama, depois de uma segunda sessão de sexo.

Lizzie franziu-lhe o nariz, mas estava – pela primeira vez na sua vida – a cantar com a mesma aplicação com que tinha trabalhado no estudo do pretérito mais-que-perfeito na faculdade.

Todas as lições que Mrs. Bedrosian lhe ensinara tinham voltado. Mrs. Bedrosian fora uma cantora de ópera antes de descobrir Deus e, embora

Lizzie não se interessasse por ópera, sabia colocar a mão no diafragma e sentir o estremecer do canto lírico.

Tinha um sabor a vida.

Verificou que, enquanto cantava podia ignorar a dor, pelo menos uma certa quantidade. Deixou de fazer sextas tão prolongadas à tarde.

Oh, não se iludiu, achando que poderia cantar até obter a remissão, como os pacientes desesperados que falavam de oração, herbalistas mexicanos e misteriosas injeções.

A canção era uma forma de oração, dirigida não aos céus, mas ao mundo.

Sentou-se no parapeito da janela de Dante, voltada para a *piazza* e cantou.

As canções que sabia de cor eram principalmente hinos episcopais. *Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos fluem*, cantou ela nesse momento. Sempre que cantava, na *piazza*, ou pelo menos foi o que lhe disseram, a cidade parava para ouvir. Os turistas calavam-se, os empregados encostavam-se à parede.

Mesmo assim, deixou de cantar o tempo suficiente para dizer a Dante que os orgasmos estavam incluídos nas bênçãos. Depois sorriu e colocou as pontas dos dedos no diafragma, sentindo o fluxo da vida a percorrê-la.

– *Louvado seja Ele, ó exército celestial; Louvado seja Pai, Filho e Espírito Santo.*

Dante colocou os braços atrás da cabeça e ela aproveitou esse momento para lhe admirar o peito. Era bonito. Musculado, forte. Com alguns pelos.

– Preferias que eu estivesse depilada? – perguntou, descendo do parapeito porque a música a tinha cansado.

Ou talvez todo o sexo a tivesse cansado.

Aconchegou-se ao lado dele, com a cabeça no seu ombro.

– Não – respondeu ele, num tom sonolento, mas quente. – Um sexo depilado não é propriamente...

Ela adormeceu com esse pensamento, caindo subitamente na escuridão como o cancro a tinha ensinado a fazer. Quando acordou horas depois,

Dante tinha ido para o restaurante. Deixara um coração de açúcar, que as formigas tinham descoberto.

Eram formigas castanhas minúsculas e os seus corpos apressados pareciam mostrar alegria juntamente com um fervor metódico. Lizzie afundou-se numa cadeira e observou enquanto elas organizavam uma linha de montagem que descia ao longo de uma perna da mesa. Levariam o dia todo para transportar o açúcar.

Ainda não estavam a desmontar o coração. Tinham começado na extremidade mais distante, que era um Saara de açúcar granulado longe do centro do coração.

Dante era pródigo, em açúcar e amor.

Ela tomou duche na casa dele, tendo aprendido que entrar a dançar no Bonaparte com o cabelo despenteado correspondia a ser gozada por Ruby, aplaudida por Rohan (que agora acalentava a esperança de que a sua extraordinária perícia na cama convenceria Dante a abrir um restaurante em Los Angeles) e recebida em silêncio por Grey.

Naquela noite, depois de todos se sentarem à mesa em frente à janela da cozinha no Principe Blu, Dante saiu para cumprimentá-los. Quando a mesa ao lado descobriu que ele era o famoso *chef* e começou a bater palmas, ergueu Lizzie, dobrou-a nos braços e deu-lhe um longo beijo com sabor a...

– Comida marroquina – disse ela, quando ele a pousou no chão, e ainda com os joelhos a tremer. – Especiarias com um pouco de algas.

– Tamboril com espargos brancos – disse Dante a Rohan, despenteando o cabelo de Etta.

– E os *primi piatti*? – quis saber Rohan, com um leve estremecimento.

– *Gnocchi di latte cagliato con cozze e coniglio* – respondeu Dante.

– *Gnocchi* feitos de leite coalhado, molho de mexilhões e coelho – riu. – Para os pagãos à mesa, *gnocchi di patate burro e salvia*. *Gnocchi* simples com manteiga de salva.

As tábuas de madeira que cobriam o pátio estavam castigadas pelo tempo, pintadas de azul-marinho em algum momento do passado, mas

agora usadas e mais perto da cor do leite desnatado. Cigarras cantavam atrás da cozinha, gastando toda a sua curta vida a cantar.

Um grande grupo estava a chegar, escutando as advertências da Signora Pietra. Eram todos italianos, com roupa de linho branco e joias simples.

– Membros da família Missoni – esclareceu Rohan, acenando a um deles.

– *Salvia* é salva – disse Etta a Ruby. – Mas debes comer o prato principal, porque o coelho do Babbo é fenomenal.

– Não me posso juntar a vocês imediatamente – anunciou Dante, com a mão à volta do pescoço de Lizzie. – A maior parte do restaurante está reservada pelo iate Missoni.

– Eu poderia ajudar – ofereceu-se Rohan timidamente. Na verdade, tinha ido para a cozinha todas as manhãs, picando aipo enquanto amadurecia a ideia de abrir um Principe Blu em Los Angeles.

– Cuidado – avisou Grey, com o seu sotaque característico. – Ele vai implantar o nosso *take out* quando regressarmos a Nova Iorque.

Dante assentiu com a cabeça.

– Claro, dava-nos jeito uma mãozinha.

– Babbo, tu nunca deixas as pessoas entrarem na tua cozinha! – exclamou Etta alegremente.

– As pessoas mudam – justificou num tom rouco e jovial.

O calor dos seus dedos parecia uma marca permanente na pele de Lizzie, uma tatuagem partilhada por amantes sem tinta nem dor. Deitou a cabeça para trás para ver: Dante sorria à filha, um sorriso matreiro e aberto.

Rohan saiu a correr, parecendo feliz, parando numa mesa para assinar autógrafos e numa outra para cumprimentar, antes de desaparecer na cozinha. Em seguida, tornou-se apenas uma das pessoas a mover-se rapidamente, a fama escondida num casaco branco e num chapéu branco.

– Achas que ele vai abrir o seu próprio restaurante? – perguntou Lizzie a Grey.

– Não, mas acho que um dos super-heróis da série da Disney que ele está a fazer vai ser um *chef*.

– Cozinhando nas horas vagas, quando não está a trepar edifícios altos?

Grey anuiu com a cabeça.

– Parece que não deixaria muito tempo para os tachos.

Lizzie voltou-se para Ruby e Etta.

– Acho que não tens idade suficiente para o ver – dizia Ruby.

– Do que estão a falar? – quis saber Lizzie.

– *Chama-me pelo Teu Nome* – respondeu Etta. – É o meu filme favorito, mas a Ruby diz que eu não devia ler o livro porque tem demasiadas cenas de sexo.

– O filme é lindo – interferiu Grey. – Mas o livro é sobre o tipo de desejo que causa borboletas na barriga. Uma sensação que vai atingir-te por volta dos dezassete anos, ou talvez antes, porque as raparigas são mais inteligentes do que os rapazes.

– Posso ler sobre o desejo – contestou Etta com firmeza. – Não é nada por aí além.

– O livro é intenso – continuou Grey –, ridículo, às vezes, mas poderoso. É sobre corpos masculinos que são quase os instrumentos permutáveis que tocam a mesma melodia.

– Acho que é sobre crueldade e domínio – comentou Lizzie, inclinando-se para a frente. – Mas Oliver, o mais velho... Desde o início, é apenas um homem simpático... adepto do «mais tarde». Fazendo uma pausa a caminho de outro lugar.

– Elio tenta segurá-lo possuindo o seu corpo – replicou Grey, bebendo um trago de vinho Elba. – Não funciona, nunca funciona. No final, o sexo é apenas um caminho rumo a outra coisa. É, obviamente, um caminho infernal.

– Isso parece algo inteligente – resmungou Etta entre dentes –, mas não acho que realmente o seja.

Lizzie desatou a rir.

– Ela apanhou-te, Grey.

– Na minha perspetiva, o sexo é bom, mas o que importa é o caminho.

Dusty Springfield escapava-se lentamente pela janela aberta.

– Não tem nada a ver com o facto de Elio e Oliver serem os dois homens – acrescentou Grey.

A Signora Pietra estava do outro lado do pátio, mas viu um dos Missoni a acender um cigarro. Moveu-se rapidamente por entre as mesas como um pequeno tornado.

O comensal ofensivo levantou-se e estendeu-lhe o seu cigarro.

Ela estreitou os olhos até que parecessem pequenas passas e arrancou-lho da mão. A língua italiana estalou no ar como um chicote, com todas as mesas do restaurante a presenciarem, surpreendidas. O homem pegou na mão dela, a que não segurava o cigarro, e beijou-a.

Ela afastou-se com uma última reprimenda, segurando o cigarro no ar com desprezo.

– Ela estava a chamar-lhe anormal? – perguntou Lizzie a Etta.

– Sim, é a sua palavra favorita – confirmou Etta. – *Cavolo* é como dizer *ferk*, idiota em alemão. Não é tão mau como *cazzo*.

– Tenho quase a certeza que ela também lhe chamou isso.

Augusto saiu da cozinha e pousou com força um prato grande de *gnocchi* e um prato pequeno na frente de Lizzie. O prato grande cheirava maravilhosamente, com coelho e mexilhões harmonizando-se com um leve travo amargo.

Mas Lizzie sorriu para o seu prato, que continha um pequeno monte de *gnocchi* perfeitos e assentes numa poça de manteiga tostada com algumas folhas de salva já um pouco murchas. Assemelhava-se a uma canção sem trompete de fundo.

Dante queixava-se que ela só gostava da comida que se servia às crianças. Canja de galinha descorada com uma pequena quantidade de massa minúscula que parecia arroz. Esparguete com manteiga – exceto que a manteiga era uma versão rica em gordura que ela nunca tinha provado antes. Polvilhado com sal rosa do Himalaia.

Por que é que ela não desejaria essa comida?

Esta era a comida feita com o amor mais impetuoso de todos.
Feito por pessoas que nunca diriam «mais tarde» àqueles que amavam.

Capítulo Vinte e Três



Na semana seguinte, Lizzie teve muitos orgasmos e sentiu-se cegamente agradecida por cada um deles. Rohan andava numa roda-viva, recusando-se a falar sobre *Romeu*. Acrescentara outra aula de ioga à sua agenda, ensinando-a no momento em que o Sol se estava a pôr.

Não largava o restaurante de Dante, aparecendo todas as manhãs para cortar, tendo passado do aipo ao tomate. À noite, prestava uma minuciosa atenção a cada dentada. Uma noite, disse que gostaria de ir ao mercado e então na manhã seguinte Lizzie, Dante e Etta foram ao hotel ter com Rohan.

Etta correu para o *Fiat* e atirou-se para o banco de trás, mas Rohan parou bruscamente.

– Este modelo é muito antigo – afirmou, com um olhar atento. – Tem cintos de segurança?

Etta deitou a cabeça para fora da janela.

– Quero que Babbo compre um *Maserati*.

– Este é um ótimo carro – argumentou Dante. – Não me lembro do último acidente de que ouvi falar em Elba. Talvez há três anos.

O maxilar de Rohan enrijeceu.

– O meu contrato diz que não posso fazer paraquedismo ou escalada na montanha. Isso inclui este carro.

– Podemos arranjar um carro do hotel – sugeriu Lizzie, enfiando o braço no de Dante.

Etta gritou de alegria, enquanto saía para fora do *Fiat*.

– Ar condicionado!

Quando se dirigiram de volta ao pátio, Ruby estava sentada debaixo das árvores, a ler um livro e a beber chá. Etta entrou com Dante e Rohan e Lizzie aproximou-se para dizer bom-dia.

– Algum interesse numa ida ao mercado? – perguntou. – Rohan quer ver a tendência de diretamente da quinta para a mesa, segundo o estilo italiano. – Empoleirou-se no braço da cadeira de Ruby. Estava cansada, mas não de uma forma doentia. Apenas como quando duas pessoas dormem juntas e, sempre que se enrolam de noite, acordam somente o bastante para fazer amor de novo.

Ruby abanou a cabeça.

– Estou a ler esta peça patética sobre adolescentes patéticos. – Bateu com o dedo no exemplar gasto de *Romeu e Julieta*. – Cheguei até ao baile. Concordo com Rohan que Julieta precisaria de algumas joias.

Lizzie deu uma palmadinha na cara de Ruby.

– A peça «patética» sobreviveu a quatrocentos anos de má representação e trajes horríveis, e ainda tem algo a dizer.

Ruby sorriu.

– Não me é permitido criticar o grande S?

– «Patético» é uma crítica sem substância – reagiu Lizzie.

– A professora entrou em cena! – exclamou Ruby.

Dante e Rohan voltaram a sair do hotel, seguidos por um empregado romano com as chaves de um dos carros pretos. Parecia que o mercado estava num lugar diferente todos os dias e nesse dia encontrava-se apenas a algumas aldeias de distância.

A estrada subia até estarem muito acima do mar. A crista das ondas capturava a luz e brilhava como pedaços de gelo flutuando sobre a água azul. Quando o carro começou novamente a descer, uma cidade cresceu em torno da estrada, hotéis agarrados às colinas como lapas, cada um com o seu próprio conjunto de guarda-sóis.

A estrada estava cheia de carros estacionados ao acaso dos dois lados. O carro preto avançou lentamente até chegar a uma barricada.

Lizzie desceu e o ar estava tão quente que lhe custou respirar depois do frio do carro. Etta seguiu-a, saltando como uma criança de cinco anos. Não tinha escovado o cabelo que lhe caía sobre os ombros.

– Vamos lá – gritou e agarrou a mão de Lizzie.

Dante assistiu e um sorriso brilhou-lhe nos olhos antes de se virar e afastar com Rohan. Lizzie e Etta seguiram até todos atravessarem um arco estreito e emergirem numa praça cheia de gente.

Lizzie tinha imaginado um mercado a partir de um filme francês, cada tenda exibindo uma brilhante pirâmide de maçãs, gerida por um agricultor de rosto corado, ar sério e um bigode encerado, tremendo de paixão gastronómica.

Em vez disso, o mercado era composto por filas de toldos de lona branca, com longas mesas por baixo, e pessoas de todas as nacionalidades a venderem tudo, desde rádios a roupa interior. Lizzie parou numa tenda que vendia cortinas. Longos panos transparentes polvilhados com flores bordadas pendurados no teto dos toldos e enfunados por uma ligeira brisa.

– Nonna nunca as compraria – disse Etta, vendo o que Lizzie examinava.

– Por que não?

Ela soltou a mão de Lizzie e pegou no tecido.

– Feito à máquina. Não de algodão nem de linho. – A sua voz não era desdenhosa, mas simplesmente factual.

– Mas é tão bonito.

Etta largou-o e abanou a cabeça. Aparentemente no mundo da juíza não existiam tecidos inconsequentes.

– Deviam ser de linho, com flores brancas-em-branco, se é que existem.

Lizzie lembrou-se mesmo a tempo de que já não estava interessada em bens, nem mesmo em livros de Pratchett. Essa decisão parecia ter sido tomada numa outra altura da vida.

Depois de sapatos e malas, «A maior parte *made in China*», segundo indicou Etta, chegaram junto a mesas de comida cheias de caixas de plástico a transbordar de legumes desorganizados. Não estavam arrançados para efeitos visuais.

Feijões verdes amontoavam-se, parecendo finos dedos verdes. Seguiam-se pilhas de limas. Testículos, se Lizzie tivesse de escolher uma parte do

corpo. Verdes.

As embalagens de framboesas não tinham o aspeto carnudo característico da fruta do Westside Market. Eram de tamanhos diferentes, grumosas, mas com um cheiro tentador a pimento.

As framboesas americanas tinham cheiro?

– Não toque! – guinchou Etta, puxando para trás a mão de Lizzie um segundo antes de ela agarrar uma framboesa. – O Signore Berti vai gritar se tocar na fruta diante do Babbo, porque ele quer vender a sua ao restaurante. Uma questão de gabarolice.

– Pensei que...

– Está a ver? – apontou para Dante que se encontrava na outra ponta da banca. O homem atrás da mesa estava a escolher cuidadosamente um tomate, que lhe entregou. Dante comeu-o como uma maçã, acenando com a cabeça.

– Ele está a gostar – disse Etta. – Então, o Signore Berti vai deixar hoje caixotes de tomate no restaurante mais tarde.

O Signore Berti também estava a dar um tomate a Rohan.

– Babbo vai ficar aqui uma eternidade – avisou Etta. – Tem de examinar os queijos e ver as salsichas que estão mais adiante. O vendedor do mel está aqui hoje e aquele tipo com bigode grande geralmente tem cogumelos. Só se encontram trufas até dezembro, mas ele guarda as boas para Babbo. Mais abaixo está o tipo do queijo de cabra e que vende o queijo *capra* de que Babbo realmente gosta. Depois, o peixe está lá em baixo e o pai do meu amigo que cria ovelhas. Lembra-se das línguas dos cordeiros?

– Esqueci-me disso. – Talvez ela devesse voltar, tomar por conta o carro preto e o motorista e regressar ao hotel para dormir uma sesta.

– Congela os tomates, não é? – perguntou Etta, sorrindo-lhe.

– Às vezes – anuiu Lizzie cautelosamente.

– Nunca diga isso ao Babbo. Vamos lá. – Etta puxou-a rapidamente entre duas tendas até um café onde se sentaram debaixo de uma lona e comeram iogurte italiano. – Marca *Yomo* – explicou Etta, agitando a colher. – Leite italiano. É o melhor. É por isso que o gelado é bom.

Lizzie e Etta falaram sobre os hábitos de acasalamento dos pássaros durante algum tempo até Rohan aparecer. Estava relativamente disfarçado, com um chapéu e óculos escuros. Mesmo assim, as pessoas continuavam a fixá-lo, tentando perceber se conheciam aquele queixo.

– Foi ótimo durante meia hora – disse-lhes ele. – Mas Dante está a ter uma conversa interminável sobre lulas e não conseguia entender nada do que eles diziam.

– Vou ver quanto tempo ele vai demorar – ofereceu-se Etta, dando um salto. – Podíamos aproveitar o carro e ir para casa, e ele ainda estará na tenda do peixe quando vierem buscá-lo.

Um empregado trouxe um café curto e espesso a Rohan.

– *Grazie* – agradeceu Rohan, com um sotaque razoável ao ouvido de Lizzie. Pôs o café de lado, estremeceu e olhou para Lizzie. – O *London Times* está a ligar para me entrevistar esta manhã, e não sei o que dizer.

Lizzie pestanejou.

– O *London Times*? E estás aqui, no mercado?

– Se a entrevista não estiver a correr bem, direi que não posso ouvi-los por causa dos vendedores de peixe e depois desligo.

– É suposto falares sobre *Romeu*?

Rohan assentiu com a cabeça.

– O meu pessoal das relações públicas enviou algo sobre Julieta como o coração da peça e aparentemente tornou-se viral. Pensei que tinha algumas semanas para configurar tudo, mas pediram-me que falasse agora, e a Disney quer manter a emoção.

– O que é que o *Times* espera ouvir?

– Como darei um toque pessoal à peça – explicou. – Precisa de movimento, de uma grande banda sonora e de fazer chorar.

– Tens a última parte acabada. O final, lembraste?

– Sim, mas sabes: a construção da masculinidade. É o meu desempenho, embora o filme seja sobre Julieta.

– É por isso que posas todos os anos em roupa interior para a *People*? – perguntou-lhe Lizzie com um súbito interesse.

Rohan pestanejou.

– Não. Essa é só uma dessas coisas que aconteceram. É uma chatice, mas se desistir... – A voz sumiu-se.

Obviamente, não era fácil ter quarenta anos e viver em Hollywood. De acordo com Grey, Rohan seria destruído se a *People* não telefonasse meses antes da edição *Beautiful* para começar a preparar a sessão fotográfica.

– Preciso de ajuda – disse Rohan.

Lizzie afastou a embalagem de iogurte vazio para o lado.

– *Okay* – concordou.

– O que vou dizer além de que Julieta propõe casamento?

– Vais falar sobre o que as personagens pensam sobre a morte. Mercutio ri-se da morte, Julieta teme-a, Romeu escolhe-a. Aí está a tua masculinidade não tóxica.

– Oh! – exclamou Rohan, percebendo.

– Caramba, és o máximo, Lizzie.

– Como é que os jovens encaram a vida? O que significa desperdiçar a vida, por exemplo? Uma vida é desperdiçada se for curta?

As palavras estavam a organizar-se na sua cabeça, saindo sem que as pensasse de forma consciente.

Rohan tinha aquele olhar que os estudantes às vezes demonstram, excitados e assustados ao mesmo tempo.

– Não sei como fazer isso numa produção.

– A morte é um grande tema de conversa. A repórter vai agarrá-lo e ficar interessada. Questiona-a apenas sobre o que *ela* pensa sobre o amor e a morte.

– O que significa desperdiçar uma vida? – perguntou Rohan. Em seguida, virou-se e fixou-a, estreitando os olhos. – Não estás a pensar que desperdiçaste a tua, pois não?

Lizzie negou com a cabeça.

– Não. Julieta também não desperdiçou a dela, nem Romeu ou mesmo Mercutio o fizeram. Se alguém lhes dissesse: só podes amar durante dois dias, meio dia, o espaço de um poema, e depois morres, eles teriam aceitado.

Rohan olhou para ela e depois empurrou a aba do chapéu para trás, arriscando-se a ser reconhecido.

Lizzie inclinou-se para a frente.

– Ele não está apaixonado por mim, Rohan.

– O quê?

– Grey. Não está apaixonado por mim. Ele ama-me e eu estou a morrer. Ele está apaixonado por ti.

– Oh, céus! – exclamou Rohan. – Esta é a cena em que a moribunda me diz para cuidar do homem que ama?

Ela deu-lhe uma cotovelada.

– Cala-te. Estou a dizer-te algo importante.

– Eu sei isso. Porque te parece que estou com ele?

– Bem, ele é o Grey. Lindo e inteligente.

– O mundo está cheio de homens bonitos. Mas como Grey? Dedicado até à medula dos ossos e encantador? Disse ao meu agente que deixaria de manter segredo.

– Isso é de valor – elogiou Lizzie.

– Só que Grey se recusa e sendo assim pouco importa.

– Ele está a tentar proteger a tua carreira – sugeriu Lizzie, sentindo-se embaraçada.

Rohan resmungou entre dentes.

– Preferia tê-lo a estar na lista de pessoas bonitas, mas ele não me vai ouvir. Além disso, acho que os fãs adorariam um Capitão Britânico *gay*. Não que a equipa não seja *gay* como o caraças.

O telemóvel tocou e ele virou-o para cima.

– *The London Times* – indicou, tocando nas teclas. – Grey disse que estavas a pensar em não fazer qualquer operação que pode fazer a

diferença.

Lizzie baixou os olhos para a mesa de metal riscada.

– Não tenho a certeza absoluta, mas acho que vou fazê-la.

– Olha para mim.

«A voz de Rohan era tão bonita como a dela», pensou ela vagamente.

– Tens de lutar, Lizzie. Não podes fazer isso ao Grey.

– É a mim que o cancro afeta e não a ele – balbuciou com um esboço de sorriso.

– Se o cancro te levar, também o afeta. Mas, se não lutares contra ele, Lizzie, estás a dizer que não vale a pena lutares por ele. Dante e Etta são determinantes para ti. Mas vale a pena lutar pelo Grey.

Ela ficou imóvel.

– Eu estou...

– Percebo. Ele também é meu. Mas podes destruí-lo, Lizzie.

– Tenho medo.

Rohan pegou-lhe na mão.

– És a pessoa mais corajosa que conheço.

– Não me conheces muito bem – contestou com um leve sorriso.

– Desististe de Grey. Precipitaste-te para a vida depois de Grey. Não posso... Não consigo imaginar. Não estou a fazer de Grey, Jesus Cristo ou algo do género. Só estou a dizer que para ti e para mim, para nós dois, ele é tudo isso.

Lizzie respirou fundo.

– Sim – disse ela, expelindo o ar. – É mesmo.

– Tu também és.

Parecia que estavam ali sentados há uma hora, de mãos dadas, sem olharem um para o outro. Então alguém se aproximou, depois de ganhar coragem, e perguntou se ele era *realmente* Rohan Das.

Ele admitiu que era.

*Um falcão-galinha flutua procurando um lar.
Eu desperdicei a minha vida.*

Capítulo Vinte e Quatro



Na manhã seguinte, Lizzie vestiu o fato de banho, desceu até à praia pública e espalhou o seu pequeno reino debaixo do guarda-sol.

Estava a ler *Men at Arms* de Pratchett porque ela e Dante tinham decidido reler a série policial e ele arrumara na mochila o primeiro, *Guards! Guards!*

Lulu chegou primeiro, seguida por Etta, que começou a extrair a Lizzie a primeira fase da sua vida. Não tinha sido um bom momento, visto que Mrs. Bedrosian era carinhosa, mas desorganizada.

– Podia ter sido pior – comentou Etta.

– Sim – anuiu Lizzie. – Poderia ter sido muito pior.

– Na verdade, as duas temos muita sorte – disse Etta. Continuava a tentar solidificar o que quer que fosse que estava a acontecer entre Dante e Lizzie. E Lizzie continuava a tentar afastá-la, parecendo desinteressada e nada maternal.

– O que acha do meu cabelo esta manhã? Esqueci-me de usar amaciador – quis saber Etta.

«Não te mostres maternal», disse Lizzie a si mesma.

– Tem alguma semelhança com uma sebe – respondeu com sinceridade. Depois passaram a hora seguinte a fazer comparações.

– O nariz de Grey parece uma ponta de flecha – começou Lizzie.

– É como o nariz de David. A estátua, está a ver? – contribuiu Etta.

– Mais uma. Precisamos de três.

– Não consigo pensar em nada.

– O nariz de Grey é como...

– O problema é que o nariz dele não me interessa – admitiu Etta.

– É um nariz bonito – contrapôs Lizzie, defendendo-o.

– Acho que não devia ter andado com ele.

– Por que não?

– Porque ele era *gay*, obviamente.

– Naquela altura não era. A vida é mais complicada do que isso, Etta.

– As pessoas dizem sempre coisas desse género. Eu não vejo nada de complicado em estar com um rapaz em vez de uma rapariga. Ou morrer porque se bebeu demasiada vodca.

Afastou-se e Lizzie não a prendeu porque uma mãe tentaria fazer algo quanto ao tom acre na voz de Etta. Uma espectadora como ela calar-se-ia ou faria uma expressão que lembrava piedade. Uma mãe alcoólatra era difícil de superar.

Algo se desfraldou no seu coração quando Dante apareceu a vaguear pela praia mais tarde. Ela contou-lhe a verdade.

– Etta está a remoer sobre a mãe.

– Notei esta manhã quando me perguntou se alguma vez bebi *Bloody Marys* ao pequeno-almoço. A mãe dela e eu aliciávamo-nos um ao outro com vodca – confessou Dante, arranjando lugar na espreguiçadeira para se deitar ao seu lado e beijá-la. Depois de algum tempo continuou onde tinha parado. – Os *chefs* geralmente bebem demasiado. Tive de parar porque Etta precisava de leite morno à noite e de um Babbo que não estivesse de ressaca.

Ele levantou-se de um salto.

– Não há espaço suficiente aqui. – Deixou cair a toalha na areia aos pés dela e deitou-se com os braços atrás da cabeça, não tendo a menor ideia de que ela gostaria de acariciá-lo sob a sombra do seu chapéu. – Como Etta, tu estás acima da vodca. E começa a classificar-te acima do restaurante. – Dante expressava-se num tom enérgico e casual.

Lizzie perdeu o fôlego e não disse nada.

Lulu suspirou e instalou-se sobre a barriga de Lizzie, antes que ela adormecesse. Dante também passou pelo sono, a respiração tornou-se regular e as rugas entre as sobrancelhas alisaram-se até parecer jovem, como um homem sem um restaurante ou uma filha.

O sol incidiu sobre o seu rosto e Lizzie levantou-se e andou às voltas com o guarda-sol até lhe tapar a face. Em seguida deitou-se e observou-o mais um pouco.

Quando informara o Dr. Weir que ia deixar o país e estava a pensar em não fazer mais tratamentos depois da quimio atual ter falhado, o médico pensou obviamente que ela estava a tentar uma medicina alternativa desesperada, tripas de cavalo no México ou no Tibete.

Mas não. Ela estivera apenas a tentar decidir se devia estar preparada para a morte, tal como Shakespeare o afirmou.

«Morte» era uma palavra maravilhosamente calma. Significava que ela não tinha de desenvolver a autoestima e enfrentar os seus demónios. Tinha reciclado todos os seus livros, até os Pratchett. Reduzira os seus pertences à escala mínima.

Livrar-se do resíduo dos ossos? Surpreendentemente difícil.

Lizzie inscrevera-se finalmente na Sociedade de Cremação e pagou um extra para que deitassem as suas cinzas na Igreja Episcopal ao fundo da rua do seu apartamento para o Jardim da Memória da igreja.

A sacerdotisa era uma mulher com os pés metidos para dentro chamada Sally Dempsey. Pareceu surpreendida, mas depois de Lizzie ter explicado que não queria as suas cinzas espalhadas na floresta nacional por causa de resíduos de mercúrio, e achava que o Jardim da Memória teria de ser declarado a dada altura como terra envenenada e ser limpo, Mrs. Dempsey rendeu-se. Ou talvez devesse ser reverenda Dempsey? Sally?

– É episcopaliana? – perguntara Mrs. Dempsey num tom esperançoso.

– Sou uma shakespeareana – respondera Lizzie, esboçando um sorriso com um toque de alegria. Aquele que reservava para momentos em que queria levar a sua avante.

– Uma shakespeareana pode ser exatamente o que precisamos no Jardim da Memória – reagiu Sally, com benevolência. As pessoas bondosas têm poucas defesas contra as histórias tristes. – Ultimamente, só tem havido idosos irascíveis.

– Pretendo ser um fantasma muito reconfortante. Adoraria que rezasse por mim – acrescentou Lizzie, sem rodeios.

Sally divisara o seu íntimo, mas assentiu com a cabeça.

Seria bom ter pequenos fragmentos da Lizzie flutuando no Jardim da Memória de Sally.

Só que agora ela estava a perder aquela sensação de se ter desfeito de tudo. A vida tamborilava-lhe nas veias com uma velocidade imparável de cada vez que olhava para os músculos de Dante. Mãos com cicatrizes. Pestanas surpreendentemente espessas. Olhos bonitos.

Estava lixada.

A música de Bob Dylan não lhe saía do pensamento. *Tudo o que sei é que estou muito feliz pelo teu beijo. Não sei mais do que isso.*

Dante acordou como a sua filha, sem abrir os olhos. Lizzie não conseguia imaginar isso. Ela acordava sempre sobressaltada e as pálpebras abriam-se rapidamente.

Calculou que ele já estava acordado há um bom minuto, antes de as pestanas se erguerem e a fitar.

– Sentes o cheiro do mar?

Lizzie assentiu com a cabeça.

Ele levantou-se e inclinou-se sobre a sua espreguiçadeira.

– Posso levar-te para o teu quarto e possuir-te? Porque cheiras melhor do que o mar, toda suada. Não usas protetor solar, pois não?

Lizzie abanou a cabeça.

– Nunca?

– Não.

– Porque... – Abriu a boca, fechou-a, e depois sentou-se com força na borda da sua espreguiçadeira.

Ela vigiava-o enquanto tudo lhe passava pela cabeça: que não iria ter filhos, que tinha cicatrizes, que Grey às vezes parecia como se tivesse estado a chorar...

Afinal, não precisou de fazer o discurso que tinha planeado. Ele descobriu tudo sozinho. Depois de um momento observando-o a fitar a

areia aos pés de ambos, ela estendeu o braço e cobriu a mão direita dele com a sua esquerda.

Lizzie estava muito segura de que as mulheres moribundas nos filmes estavam sempre a agarrar a mão de alguém e parecendo comovidas. Lizzie não se sentia comovida. Sentia-se quente e suada e como se as rugas fossem aparecer naquele momento no seu rosto porque não estava a usar protetor solar.

– Era ao que te referias com sortudo/azarado? – inquiriu ele uns bons cinco minutos depois. – Sobre Etta.

– Sim. – A vergonha pressionava-lhe as pálpebras. Não devia ter dormido com ele. Não devia ter feito a sesta com Etta. Não devia...

Dante não usou uma expressão bombástica. Não que ela quisesse que demonstrasse pena. Odiaria isso. Ou angústia, que seria penoso. Raiva, ansiedade, forte desejo de ajudar – cada emoção era pior que a anterior, francamente.

Eram todas péssimas.

Dante empurrou-a um pouco, deitou-se nas costas dela e puxou-a contra o seu estômago.

Momento romântico, informou-a o cérebro de Lizzie. Para de pensar no suor e na comichão que tens na perna. Sentia-se como uma estatueta do catálogo da Precious Moments que não conseguia descobrir como ser preciosa.

Por vezes, o silêncio assemelha-se à eternidade, talvez especialmente quando não se tem uma eternidade.

Sentia-se estranhamente vazia, porque agora outra pessoa – talvez a pessoa mais importante, Dante – sabia que ela não ficaria no mundo por muito mais tempo. E isso fê-la sentir-se como se estivesse a desmoronar-se.

– Também és sortudo/azarado – replicou ela um pouco mais tarde. Baixou-se para coçar a perna porque não aguentava a comichão por mais tempo, mesmo estando no meio do momento mais romântico da sua vida.

– Tenho apenas sorte – reagiu Dante. A voz falhou-lhe e estava mais italiana do que nunca.

O som afluorou a sua nuca como um beijo.

Capítulo Vinte e Cinco



A porta do quarto de Etta Moretti, de *Pinterest*:

ADOLESCENTES

Cansado de seres pressionado pelos teus pais?

AJE AGORA!!!

Sai de casa, arranja um emprego.

Paga do teu bolso

RÁPIDO,

Enquanto ainda sabes tudo!!

O ensino secundário era muito importante em Nova Iorque. Todos eram obrigados a candidatar-se, tal como para a faculdade. Tinha de se entrar, mesmo que só se quisesse dobrar a esquina de casa. No entanto, Etta estava esperançosa: LaGuardia era difícil, mas, como jantava todas as noites com um ator famoso, achava que para ela deveria ser fácil.

Nessa noite Babbo cozinhou até Lizzie, Grey e Rohan aparecerem. Depois sentou-se ao lado de Lizzie durante toda a refeição, deixando Ricardo encarregado da cozinha.

Não se mexeu, nem mesmo quando apareceu um grande grupo do iate com pessoas da realeza. Eles tiveram de se contentar com a cozinha de Ricardo, não que o soubessem. Também não reconheceram Rohan, porque ele tinha um chapéu enterrado até às orelhas.

Etta teve de ficar de olho no seu Babbo para ter a certeza de que não começava a aborrecer ninguém a falar de comida. Não achava que Lizzie o largasse se Grey e Rohan se aborrecessem..., mas quem sabia?

Quando Babbo começava a falar de comida, Etta interrompia e fazia com que Rohan falasse sobre o seu filme, porque o homem era um grande conversador. Se fosse *sua* filha, dizia-lhe para se beliscar sempre que dissesse: «Disney pensa.» Disney não era uma pessoa.

Como nesse momento, em que não parava de falar sobre Romeu. Uma seca.

Ela estava sentada ao lado de Lizzie – sentava-se *sempre* ao lado de Lizzie, porque não era estúpida. Se o Babbo estragasse as coisas, de qualquer maneira manter-se-ia em contacto com Lizzie. Iria para Fordham se fosse preciso.

Talvez Lizzie lhe desse a chave do seu gabinete e ela pudesse ir lá no intervalo das aulas e relaxar. Ou piratear o computador de Lizzie e melhorar as suas notas, porque uma rapariga devia ter ambição.

Lizzie estava a debater com Rohan sobre se era importante que Romeu fosse virgem. Se tivesse tido coragem, Etta afirmaria que as virgens são como todas as outras pessoas, exceto que se escapavam a situações embaraçosas.

Deu uma cotovelada nas costas de Lizzie até que ela olhou para trás, de sobrolho erguido. Um olhar oportuno porque Lizzie tinha um feixe de caracóis brancos e loiros e sobrancelhas escuras.

– Rohan é um cão de água, um daqueles caros que não cabem em apartamentos de Nova Iorque – sussurrou Etta.

Lizzie fixou-o do outro lado da mesa e abanou a cabeça.

– Demasiado peludo. – Aguardou um segundo e Rohan continuou a monologar sobre sexo dos adolescentes. Depois, segredou: – Ele é um Ken: sem pelos no corpo, e tenho a certeza de que Ken pensa que tem sempre razão.

Rohan parecia estar a decidir que a virgindade adolescente podia vender.

– A virgindade é apenas um estado de espírito – pronunciou Etta.

O pai estava a segurar a mão de Lizzie debaixo da mesa, de olhar perdido no vazio, mas despertou subitamente para a vida.

A fim de evitar que ele pudesse dizer qualquer coisa embaraçosa, ela acrescentou rapidamente:

– O problema é que Romeu não está interessado em sexo, mas Julieta *está*. Supostamente, os rapazes americanos não são assim.

– Isso mesmo – anuiu Lizzie.

Etta sentiu que este era o momento que devia ser salientado, e então inclinou-se para a frente e estendeu a mão por cima de Lizzie para dar uma cotovelada no seu Babbo.

– Ouviste isso? Mistress Gardish disse que eu não prestei atenção nas aulas, mas uma *professora de Shakespeare* não concorda!

– Pelo que ouvi, continuaste a sair das aulas, a ir à casa de banho e a não sair até a campainha tocar – replicou o seu Babbo.

– O que pretendes ao dizer que Romeu não está interessado em dormir com Julieta? – perguntou Rohan, voltando-se para Etta. – É a maior história de amor alguma vez já contada. Há a impressionante cena da varanda. Ele não quer ir embora quando o Sol nasce, lembras-te?

Do outro lado de Lizzie, Babbo murmurou algo. Etta podia ver que ele tinha uma mão na coxa de Lizzie. Fazia tanta força que o bronzeado dourado de Lizzie se esvaiu, deixando marcas brancas à volta dos seus dedos.

Lizzie roçou a cabeça no ombro dele como um gato de estimação faria, se Babbo tivesse um gato de estimação. Os dedos dele relaxaram e Etta respirou fundo.

O que raio tinha sido aquilo?

– Romeu tem falta de desejo sexual e Julieta tem um vincado desejo sexual – disse Rohan.

– Deixa-te de treta patriarcal – disse Ruby, apontando para Rohan.

Etta olhou à volta e viu Grey a roubar camarão do prato de Ruby, porque ela estava a discutir com Rohan e não se apercebeu. O seu Babbo estava a beijar o nariz de Lizzie e a sussurrar-lhe. Etta gostou mesmo do sorriso encantado de Lizzie.

Era quase como ter uma família.

Não: *era* uma família.

Algo inchou no seu peito, talvez de alegria, porque finalmente crescera o suficiente para receber aquilo por que tinha rezado quando Nonna a levou à igreja. Parecia que o mundo se tornara maior, depois de haver forçado desejos.

A sobremesa ainda não tinha chegado, mas Babbo ajudou Lizzie a levantar-se.

– Chega de Shakespeare. Vamos dar um passeio na praia.

Ela viu-os partir. Na arcada, Lizzie virou-se e enviou um beijo a Etta.

Aquele verão era de loucos.

Ruby apertou-lhe a mão.

– Lembras-te daquele teu fato de banho antigo?

– És tão estranha – reagiu Etta.

– *Ya*, eu sei. Mas esta noite está coberta de ananases brilhantes, não achas?

Etta esboçou um sorriso.

– *Ya, ya*. Totalmente.

Capítulo Vinte e Seis



Todo o terceiro estágio do cancro tinha uma maneira de distanciar a vida que era boa e má. Naquele momento, por exemplo, Lizzie estava a passear numa praia à noite com um italiano que era realmente bom na cama e que gostava dela.

Não: que a amava.

Ele tinha dito que a amava, que estava apaixonado por ela. Dissera-o mais do que uma vez.

E, no entanto, ela sentia-se como se estivesse a contar uma história sobre a sua vida em vez de vivê-la. Como se no momento em que o médico pronunciou a palavra «cancro» ela comesse a narrar uma versão ficcionada da sua própria vida.

A autêntica Lizzie tinha desaparecido, substituída por esta que lixara toda a sorte até ao momento em que uma cadelinha fofinha saltara para cima dela e a lambeu.

Durante dois anos, ela assumira o papel da corajosa e azarada Lizzie, e talvez por isso não conseguisse voltar a ser Lizzie antes-do-cancro, uma professora de Shakespeare que passava a maior parte do tempo a ler e a conviver com os amigos.

Tinha sido, sem dúvida, uma vida de meia-tigela. Nada de salvar vidas ou lutar pelo ambiente.

Apenas fazendo o que queria, a maior parte das vezes com a justificação de que uma infância lixada significava que podia dar a si mesmo um intervalo de ser Madre Teresa.

Às vezes, como agora, sentia uma saudade tão desesperada da pré-cancerosa Lizzie que o seu estômago se revirava. Lizzie 1.0 teria ficado em êxtase por caminhar na praia. Talvez estivesse a planear mandar uma mensagem a Grey e vangloriar-se disso..., mas estaria *lá*. Adorando cada momento. Agarrando-se, provavelmente, ao braço de Dante.

Arrastando-o pela areia, talvez. Poderiam fazer amor, com os dedos dos pés na rebentação das ondas, como naquele antigo filme a preto e branco.

Exceto que a água do mar estava fria quando embateu contra os seus pés.

Pelo seu lado, Dante parecia totalmente feliz em passear pela praia, as mãos enfiadas em calças de linho folgadas. Estendeu o braço e deslizou a mão pela dobra do seu cotovelo, ao longo do musculoso antebraço, os dedos roçando uma cicatriz e por fim envolvendo-lhe o pulso e soltando-lhe a mão.

– Em que estás a pensar? – quis saber.

– Na minha filha – respondeu ele. – Às vezes, Etta é insuportável. – Olhou-a de relance e depois fitou o mar. – Mal-humorada, sarcástica, temperamental. Foi chamada aos gabinetes dos diretores em todas as escolas em que a coloquei e nem sequer é uma adolescente.

– Imagino que culpe o seu sangue russo – comentou Lizzie, divertida.

– Na verdade, diz-me que a culpa é minha. A minha mãe tem uma propensão para gritar.

– Etta não quer culpar a mãe – apercebeu-se Lizzie. – Isso só mostra como ela é generosa, Dante. Tu estás presente e estás vivo. Podes aguentar.

A mão dele apertou a dela por um segundo, depois deixou-a pender e enfiou-a no bolso.

Céus, ela tinha de parar de analisar a sua vida a partir do exterior. E se o belo italiano quisesse voltar a andar com as mãos nos bolsos? Talvez fosse um sinal de dor secreta.

Descobriu que, afinal, não era, porque um pouco mais adiante na praia, quando Lizzie tinha deixado de pensar nas mãos de Dante – com mais intensidade do que se possa pensar, porque adorava mãos grandes e marcadas – ele parou e tirou as mãos dos bolsos.

O que tinha na mão direita refletia a luz da Lua.

Ela deixou escapar um suspiro abafado.

Dante fitava-a, com um olhar caloroso. O mais caloroso dos olhares.

– Por favor, casa comigo.

Lizzie sentiu a pulsação nos ouvidos.

– Eu... – Não fazia ideia do que dizer. Era como se ele se tivesse esquecido de alguma forma que ela vivia num planeta diferente. O planeta dos moribundos.

– Amo-te. Estou apaixonado por ti.

Lizzie finalmente conseguiu dizer algo.

– Estou *doente*.

– Uma das coisas que mais gosto em ti é que tens duas vozes. – Tinha agarrado a mão esquerda dela e com o polegar esfregava-lhe a palma da mão. – Há a voz chocada e indignada que não ouço com muita frequência. E depois há o *contralto aveludado* que fala de Shakespeare e Bob Dylan.

– Não posso – sussurrou Lizzie.

Ele continuou:

– Adoro a forma como estás a contar minutos e a deixá-los ir. Vives furiosamente, mais do que alguém que conheço.

Não era verdade. Ela era uma cobarde, a flutuar acima do mundo, a circular, a desperdiçar a sua vida. Lágrimas começaram a queimar-lhe a garganta.

Dante leu-lhe os olhos e o riso borbulhou do seu íntimo, como vinho de Elba.

– Não sabes o que és. Escondes o que és. Mas todos se acotovelam para estar perto de ti, Lizzie. Não só a Etta. Ruby. Grey. Rohan.

Esboçou um sorriso.

– Eu. Sobretudo eu.

– Não sou... – Começou Lizzie e parou. Estava a soluçar e tinha essa consciência. – Estou a morrer, Dante. A morrer. Não podes casar comigo. Não devia ter deixado que me amasses. – Sentiu um nó na garganta e um aperto no coração. – Não devia ter dito «olá» a Etta. Especialmente Etta. Nem a ti. – Parou com um suspiro.

– Pensei que ias *dizer* isso – disse Dante, quase casualmente e ainda a sorrir.

– *Estou* a dizer – replicou Lizzie, tentando invocar o orgulho ofendido. Ele estava a desconsiderar um sentimento genuíno, que a angustiava noite após noite.

Dante tirou o telemóvel do bolso, enfurecendo-a. Deslizou a tela do ecrã de forma desajeitada, sem se aperceber que ela resmungava entre dentes e então a música começou a tocar, um pouco metálica.

Era demasiado, mas deixou-o colocar o telemóvel no bolso e rodaram juntos ao som da voz rouca de Bob Dylan, um pouco abafada pela camisa de linho de Dante.

– Sou como Desdémona naquela canção de Dylan, não vês? Dei-te vinho envenenado e bebeste-o – disse-lhe ela.

Dante abanou a cabeça, mesmo com a face rígida por cima da cabeça dela. Lizzie percebeu que ele tinha planeado que a noite terminasse com um casal a girar, como aquele menino da canção, sob as estrelas que brilhavam tanto.

Engoliu em seco e enxugou uma lágrima, obrigando-se a não chorar.

– Não suportaria ser vinho envenenado – disse ela, tentando novamente.
– Por ti, por Etta. Se... eu casasse ou não, se nos víssemos em Nova Iorque, se estivéssemos juntos, não seria sempre verão.

– Não, não seria.

– Deste-me tanto. – Caramba, a voz tremia-lhe. – Nunca fui tão feliz. Nunca. Até... até cantei. Canto todos os dias. Para ti.

Olhou para cima e não detetou um vislumbre de sorriso sequer.

– Daria tudo para acordar contigo, dormir contigo, dar-te mil beijos e mais.

– Então fá-lo. – Mantinha a mão direita enrolada com força à volta do anel que ainda segurava.

– Não me resta tempo.

Dante fez um movimento brusco, incisivo.

– Podemos discutir os meandros do tempo mais tarde, Lizzie. Neste momento, quero o tempo que tens. Por favor. *Por favor.*

– Não posso proteger-te – reagiu Lizzie, com os olhos cheios de lágrimas. – Não fazes ideia. A tua vida é tão maravilhosa, e a morte é como... A morte é fedorenta, é horrível, mortificante, dolorosa. É noite após noite, e a dor não desaparece. Não entendes, Dante? Por favor, não podes deixar-me ter-te, a Etta e a este verão como uma memória perfeita? Por mim?

– Por ti? – Os olhos dele estavam demasiado escuros para que pudesse lê-los.

– Por mim. – Ela assentiu com a cabeça. Porque... porque, se nos separarmos agora, tenho isto, esta perfeição na minha mente. É o teu sorriso, e o riso da Etta. São todos aqueles orgasmos, o pôr do Sol e o vinho de Elba. É o vidro do mar. Até Grey a gritar comigo. É perfeito. Mas, se aceitar esse anel, a memória perfeita virar-se-á para as visitas dos médicos, comprimidos, medo, cheiros. Etta a chorar e talvez tu também. Já vi pessoas nas alas de quimioterapia: maridos, filhos e amigos.

Lágrimas escorriam pelo queixo de Lizzie, mas ela continuava a fitá-lo, desejando que ele virasse as costas ou se afastasse, ou melhor, a envolvesse nos braços e dissesse que compreendia.

– Seria insuportável arrastar a Etta para tudo isso – sussurrou ela, com voz trémula. – Ela merece muito melhor. Sei que és protetor, mas não podes cuidar de mim neste percurso. Não podes. Não é a atitude certa a tomar, porque algum dia não restará nada além de cuidar.

O silêncio estabeleceu-se entre os dois e ela apenas conseguia ouvir a água embatendo contra as pedras da costa.

Quando Dante tomou finalmente a palavra, a sua voz era tão suave que ela quase a confundiu com o mar.

– Não.

Lizzie serviu-se do vestido para enxugar as lágrimas.

– Lamento muito – declarou ela. – A decisão é minha, e o não é *meu*. Não podes recusar ouvir-me. É a minha morte e, se decidir não o fazer na companhia de um *chef* italiano e da sua filha de doze anos, assim o farei.

Os olhos dele passaram por ela, ao longo da praia, e então disse:

– Posso?

– Podes o quê? – quis saber Lizzie.

Dante deu um passo e depois levantou-a. Ele recuou um passo porque – adivinhem só – não era um oficial da marinha, e este não era um filme antigo, e ela pesava mais do que qualquer mulher moribunda tinha o direito de pesar.

Mas Lizzie manteve-se em silêncio porque ele tinha o direito de encenar o seu próprio filme, e caminhou com firmeza pela encosta da praia, virou-se e sentou-se. Alguém tinha abandonado uma cadeira de praia, uma daquelas frágeis feitas de tecido às riscas e desdobráveis.

Rançou, mas não quebrou com o peso deles.

Lizzie enrolou as pernas e aninhou o rosto contra o peito dele.

– Achas então que está na hora da despedida? – perguntou ele um pouco mais tarde, quando o batimento cardíaco dela abrandou, e o seu mundo se limitara ao grande corpo quente que a envolveu quase como uma concha.

– Quase – sussurrou ela.

– O meu coração nunca se vai despedir – assegurou ele. – Não de ti.

– Mas assim terá de ser.

– O meu continuará a amar-te nessa noite. – Expressava-se num tom firme e beijava-lhe o cabelo. – Ainda tenho estradas que ficaram por percorrer, minha Lizzie. Promessas a cumprir. E tu também.

– As tuas promessas são com Etta.

– É melhor ter tido uma mãe por uma semana, um mês, o tempo que nos puderes dar – ou nunca a ter tido?

Lizzie engoliu em seco porque seria grosseiro sugerir que ele encontrasse uma mulher melhor para amar, uma ao longo de anos em vez de meses, e décadas em vez de anos. Alguém que pudesse escolher o vestido de noiva para Etta e embalar-lhe o bebé no dia em que nascesse.

Se havia uma coisa que aprendera na vida era que a ânsia não faz com que as coisas se tornem realidade.

Talvez isso se devesse ao facto de ela não ter sabido como ansiar Dante e Etta. Tinha passado o tempo a ansiar uma mãe que se importasse com ela ou um pai que existisse.

Nunca ansiara uma família aleatória. Tinha desejado tanto ter uma filha, e o mundo dera-lhe Etta, e não havia melhor filha imaginável.

– O meu amor vai para onde fores – disse Dante. – Etta já te ama. Nunca pensaste que o amor de Grey por ti iria desaparecer? Quando ficasses doente ou quando morresses?

Ela abanou a cabeça.

– Tentei deixá-lo.

Dante emitiu um pequeno som, como um risinho, mas que não o era.

– Existem nós que não podem ser desatados, e o amor fá-los.

– Não *quero*...

– Eu sei. – A sua voz era tão calma como o mar. – Eu sei, eu sei. Mas o teu amor é algo para te regozijares, quer eu e Etta o tenhamos durante cinco minutos ou cinquenta anos.

– Vou chorar de novo. – A voz tremeu-lhe e ela suspirou. – É tão horrível. Tu não...

– Lembro-me do que disseste. Mortificante, fedorenta, horrível em todos os sentidos. Eu colocaria tudo isso no prato da balança contra uma coisa.

Ela fungou.

– Amor?

– Não o amor, embora seja uma parte. *Tu*, Lizzie. Tudo isso de um lado da balança, tu do outro e eu escolher-te-ia a ti e a todos os anos que tiveres. Sempre.

Lizzie mudou de posição para poder rodear-lhe o pescoço com o braço direito e beijá-lo na nuca, onde o seu pulso batia.

– Obrigada por não dizeres que podes ser atropelado por um táxi amanhã. Normalmente as pessoas tentam convencer-me de que podem morrer a qualquer momento.

– Esqueci-me disso – disse ele, com uma gargalhada. – Posso...

Lizzie tapou-lhe a boca com a mão.

– Não!

Ele mordiscou-lhe um dos dedos e ela afastou a mão.

– Por favor, casa comigo, Lizzie. Por favor, dá-me o tempo que te resta. Sei como sou egoísta. Entendo que te prendo quando estavas a desfazer-te dos teus livros. Entendo. Mas, por favor... por favor, não te desfaças de mim.

O tempo esvaiu-se enquanto se deitavam juntos. Lizzie podia ouvir o coração de Dante batendo junto ao seu ouvido. Nunca fora muito boa a mudar de ideias. Tinha amado Grey e continuou a amar Grey, mesmo quando ele... mesmo com tudo o que acontecera.

Aceitar o anel de Dante significava a operação, por um lado. Além de mais tratamentos experimentais a que Grey queria que ela se submetesse.

– Passei tanto tempo a visualizar a minha morte – disse ela, tentando explicar. – Para que não tivesse medo, e não fosse um fardo. Sabia que Grey iria chorar, mas...

– A dor é um dom – afirmou Dante calmamente. – A dor significa que viveste de alma e coração. O sofrimento é um dom.

– Mas a esperança não – contrapôs Lizzie, tentando explicar aquilo de uma maneira diferente. – Vejo-o no rosto das pessoas quando visitam as alas. Não queria que ninguém *tivesse esperança*, porque é corrosivo quando falha.

– Foi por isso que pensaste em não fazer aquela operação? – Num movimento súbito, acrescentou: – Sim, o Grey contou-me. Encontrou-se comigo esta tarde, e basicamente disse-me que eu tinha uma razão para viver, e que era dar-te uma razão para viveres.

– Foi o anel? – Ela sentou-se, soltando-se. – É por isso que tu...

Dante puxou-a novamente contra si.

– Ando com o anel há dias. Antes de te perguntar sobre o protetor solar, antes de Grey mencionar a operação. Sabia que iria tirar o anel do cofre depois da segunda vez que te vi na praia, quando foste ao restaurante.

– Cozinhas-te para mim – disse ela, ouvindo a admiração na sua própria voz.

– Depois de teres cantado para mim, para mim e para os monges, tirei-o do cofre, mas já estava apaixonado por ti.

Um sorriso chegou-lhe do coração. Ela *tinha* cantado para ele. Pássaros não conseguiam cantar em voo, um falcão-galinha não cantava, mas ela tinha parado de circular, deixara de procurar uma casa, sentara-se num galho e enchera o ar com música.

Então, já *tinha* sabido, nessa altura.

Virou-se, colocou os joelhos de cada lado das pernas de Dante e limpou as últimas lágrimas.

– Suponho que ainda não seja a hora da despedida – declarou com voz trémula. – Mas gostaria que tu... Gostaria de despedir-me de ti quando chegar a hora.

Ele inclinou-se para a frente e transformou as palavras em pequenos beijos.

– Posso colocar este anel no teu dedo, Lizzie? Posso levar-te para casa comigo, ou ir para tua casa, se quiseres? – Ela conseguia ouvi-lo suster a respiração.

Ergueu a mão esquerda com um enorme sorriso e Dante Moretti colocou-lhe o anel no dedo.

Já tinha havido lágrimas suficientes para a noite.

No entanto, estava enganada.

Afinal, se duas pessoas fizerem amor sob as estrelas, e uma delas está a tentar transformar cada beijo numa ligação que não pode ser desfeita, essa pessoa pode, para sua surpresa, encontrar lágrimas no seu rosto.

Mais tarde, Lizzie puxou Dante até aos seus pés e arrastou-o para onde a areia estava amontoada e a água fora arrastada enquanto a maré ia baixando.

– Dança comigo novamente.

As lágrimas deixavam trilhos brilhantes no rosto dele que o luar capturou.

– Dylan? – Ele manteve a mão na cintura dela e procurou o telemóvel.
Ela abanou a cabeça.

– Eu vou cantar.

Dante pousou as mãos em concha no rosto dela.

– Não quero que alguma vez sintas que tens de cantar para mim.

Ela riu-se.

– Apetece-me cantar para ti. Sinto-me como se pudesse cantar e o mundo... quem se importa com o mundo? Tenho-te a ti e à Etta. Tenho uma família.

O sorriso dele vacilou, mas existia.

Então, Dante puxou-a com força contra ele. O absurdo parecia adequado, por isso optou por Edward Lear. Oscilaram para a frente e para trás, e ela sentia o sémen a descer pela perna, porque o mundo está sempre connosco, certo?

*

E de mãos dadas, na beira da areia,

Eles dançaram à luz da Lua.

Capítulo Vinte e Sete



A porta do quarto,
de Etta Moretti, de J. K. Rowling:

Erised stra ehru oyt ube cafru oyt on wohsi.

Não mostro o teu rosto, mas o desejo do teu coração.

Quando Etta acordou de manhã, desceu as escadas a pensar que iria até ao Bonaparte tomar o pequeno-almoço com todos. Mas espreitou para a cozinha pelo canto do olho – sabendo que o seu Babbo estaria no mercado – e viu...

Lizzie.

Lizzie, sentada com as mãos à volta de uma caneca, a sorrir como se estivesse à espera que Etta descesse as escadas. *Lulu* também estava lá, deitada na almofada desbotada no canto.

A sensação era estranha.

Se ela estivesse a escrever um romance sobre uma rapariga sem mãe seria um novo capítulo. Mas talvez não. Como era, afinal, o sorriso de uma mãe? Lizzie mostrava um sorriso maternal?

Parecia um sorriso de Lizzie: rugas em torno dos olhos causadas pelo riso, bronzeado que não é suposto ter, sem maquilhagem.

– Estás a fazer um sorriso maternal? – explodiu ela, deixando-se cair num banquinho em frente de Lizzie.

Lizzie pestanejou.

– Porque esse é o anel de diamantes da condessa – disse Etta num tom estridente, incapaz de conter um sorriso tão grande que provavelmente ameaçava os cuidados com a dentição.

Lizzie fitou o rosto de Etta daquela maneira a que os romancistas chamam... *perscrutar*, mas ela baixou os olhos para o anel.

– Ele não te contou? – perguntou Etta, revirando os olhos. – Ele é tão... de qualquer maneira, esse anel pertencia à condessa, a minha bisavó. Ela

era muito rica, ativa e essas cenas, mas obviamente nunca a conheci, porque sou ilegítima.

O sorriso desvaneceu-se da boca de Lizzie e os olhos estreitaram-se.

– A condessa recusou conhecer-te? – parecia disposta a atirar o anel para o chão.

– Oh, não! – apressou-se Etta a clarificar. – Não dessa maneira. Pelo menos, acho que não. Babbo estava provavelmente à espera de que eu pudesse falar para me levar junto dela, a fim de me permitir encantá-la, mas ela morreu antes de poder fazer a minha magia. O que consegui – acrescentou ela com perspicácia – junto à minha avó, que também não ficou muito feliz com a minha existência, mas que agora gosta muito de mim.

– Entendo – comentou Lizzie. – Quando estava numa casa de acolhimento, havia crianças que sabiam como levar as pessoas a amá-las. Pessoalmente, não era o meu estilo. – Aquele era sem dúvida um olhar de mãe. – Já me tens a mim, Etta.

Etta refletiu um instante e depois exclamou:

– *Okay*.

Estava a sentir uma terrível lavagem de autoconsciência. Era óbvio que Lizzie amava o seu Babbo, mas também estava a receber Etta. Etta olhou por baixo das pestanas através da mesa, que estava marcada com um milhão de cortes de faca, porque Babbo achava que as tábuas de corte eram apenas para carne. Lizzie estava a passar um palito por cima das marcas.

– Vou tentar ser uma adolescente decente – comentou ela. – Mas não posso prometer nada. Às vezes sinto-me muito mal-humorada, e tenho apenas doze anos. Arranjo muitos problemas nas aulas. Não tenho o meu período e a minha amiga Annabel disse que isso a tornou bipolar e que é um símbolo de tudo o que está de errado em ser mulher.

O riso de Lizzie...

O riso de Lizzie era tudo. Fazia uma pessoa sentir-se em paz com o mundo. O seu rosto iluminava-se, ficava enrugado, mas do tipo bom.

Tinha uma voz profunda, mas o riso era aveludado e alegre. Seria bom rir com ela, mas Etta ainda sentia um nó no estômago e estava nervosa.

– A tua amiga tem razão – replicou Lizzie, quando parou de rir.

– Sobre ser bipolar ou ser um símbolo?

– Sobre os períodos serem infernais. Uma vez, Mistress Bedrosian mandou-me para um acampamento bíblico num autocarro e vestida com umas calças de ganga brancas. Veio-me o período, mas não contei a nenhum dos orientadores. Sentei-me na parte de trás do autocarro e tive de passar junto dos miúdos ao longo de todo o corredor até ao altar.

– Caramba! – exclamou Etta, a tremer. De súbito, sentiu-se tímida, por isso passou o dedo por cima de alguns cortes. – Acho que isto significa que vais viver connosco?

– Ainda não falámos sobre esse assunto – respondeu Lizzie. – Não te importavas?

– Não – disse Etta, sem erguer o rosto.

Lizzie estendeu o braço e pegou na mão de Etta. Ela tinha uma grande mão para uma pessoa que não era muito alta. Seria definitivamente mais alta do que ela. – Sei que não vou compensar-te por não teres uma mãe.

Etta mexeu os ombros, olhando para as mãos unidas das duas.

– Tudo bem.

– Para mim, não – contestou Lizzie. – Nunca estive tudo bem, e tive boas mães adotivas.

– Nada de me mandares para o acampamento bíblico, seja qual for a cor das minhas calças – afirmou Etta. – O sorriso de Lizzie fê-la baixar a cabeça e olhar novamente para as mãos.

Quem diria que aquilo seria tão embaraçoso? Tinha planeado aquele momento desde a primeira vez que Lizzie olhou para a comida de Babbo e torceu o nariz.

– Talvez devêssemos estabelecer algumas regras básicas para madrastra – disse Lizzie. – Porque, se estiveres de acordo, e falo mesmo a sério, Etta, vou ser tua madrastra. Número um: nenhum acampamento bíblico.

Lizzie fitava-a com afeto. Etta podia senti-lo, como a proteção que Harry Potter tivera quando bebé, só que não, isso era...

Afastou o pensamento.

– Acho que sabes isso, porque fiz o mesmo que se vê no filme *Parent Trap*, mas vou ajudar – disse ela. – Sei que Babbo fica irritante, mas posso dar uma ajuda.

As gargalhadas de Lizzie encheram a cozinha.

– Acho que vou aceitar a tua oferta.

– Ele é um fanático por lavar a louça antes de dormir – comentou Etta. – Pode enervar-se com coisas estúpidas, não tipo notas, porque disso percebo eu. Mas querendo que use um casaco lá fora quando está quente! Tem sempre a certeza de que vou apanhar uma *frescata*.

– Uma constipação?

A mão de Lizzie ainda segurava a dela, o que, na opinião de Etta, estava a tornar-se um pouco embaraçoso, mas não conseguia afastá-la.

– Pensei que talvez pudéssemos fazer algo juntas esta manhã – sugeriu Lizzie, tão envergonhada como Etta se sentia.

E talvez um pouco desesperada?

Claro, Lizzie nunca tinha sido mãe.

– Genial! – Que idiotice. Parecia uma croma a ser convidada no seu primeiro encontro. Pigarreou. – O que gostarias de fazer?

Lizzie mordeu o lábio inferior.

– Ir até ao mar?

Etta não conseguiu esconder alguma decepção. Não deveria haver mais cerimónia no primeiro dia que uma mãe e uma filha passavam juntas? Ou talvez tudo isto fosse muito mais natural. Como se ela fosse a madrasta porreira que fumava erva...

Não, Lizzie não era assim.

Naquele momento, parecia aterrorizada.

– Já fizeste algumas coisas de mãe – afirmou Etta. – Lembras-te? – Disseste-me para ter atenção às boas maneiras. Conseguiste!

Lizzie não parecia mais calma.

– *Okay*, regra número dois – prosseguiu Etta. – Primeiro, vou tirar a minha mão, certo? Começo a sentir-me como se estivéssemos a protagonizar um filme da Hallmark, um daqueles tristes.

Etta não teria visto se não estivesse a fitá-la do outro lado da mesa, mas os olhos de Lizzie estreitaram-se e parecia doente.

– Não me importo de segurar na tua mão! – exclamou Etta. Estendeu o braço e voltou a agarrar-lhe a mão. – Também não me importo de dar as mãos em público. Não é como se fosses uma madrasta malvada.

– Espero que não – replicou Lizzie. – Não sei, porém... – Os seus olhos voltaram a brilhar e Etta soltou um suspiro. – Nunca tive uma mãe, nem uma madrasta. Parece-me que nenhuma de nós faz a mínima ideia de como é suposto comportarmo-nos. Talvez isto seja território cinematográfico.

– Regra número dois – anunciou Etta. – Sem recolher obrigatório.

Lizzie riu.

– Tenta novamente, Etta. Está fora de causa e sabes disso.

– Podias estar do meu lado – argumentou Etta. – Podias ser a voz da razão na casa, e eu preciso de uma. Babbo tem ideias ridiculamente antiquadas, mais do que apenas não poder sair sem vestir um casaco.

– Ir à praia sem o *top* do fato de banho?

– Ele não sabia – admitiu Etta.

– O teu Babbo vai ter de estabelecer as regras, Etta.

– Não, trata-me por E. Eu gosto.

Lizzie sorriu-lhe.

– E. O teu Babbo é o teu Babbo e ele está no comando.

– Uma vez casados, vão partilhá-lo.

– Não te partilharemos.

O coração de Etta afundou-se como uma rocha.

– Não foi isso o que quis dizer – apressou-se Lizzie a explicar. – Quero metade de ti, E. Mas a questão da segurança? Não posso sobrepor-me ao

teu Babbo.

– E se ele estiver a ser ridículo? Tipo, ele diz: «Vais sair com essa roupa?» Eu devia poder usar o que quiser, o que as outras crianças usam.

– Exibindo o sutiã ou mostrando as mamas?

– Eu não tenho mamas – salientou Etta, retirando a mão da de Lizzie para poder levantar a *Tshirt*. – Ou sutiã. Não perguntei, mas se o fizesse, sei o que ele diria. Tenho uma *T-shirt* branca que ficaria ótima com um sutiã vermelho por baixo. Tipo, eles têm um sutiã na Urban Outfitters que é vermelho, com cruzeiros na frente. Ele não o compraria.

– Oh, meu Deus, suponho que Dante tem ido às compras contigo?

– Claro que sim! Quem mais o faria?

Lizzie aclarou a garganta.

– A namorada dele?

– Não quero que te sintas como um unicórnio – retorquiu Etta –, mas és. Consigo ver o teu chifre brilhante daqui. Há anos que ele não tem namorada. Podes levar-me a comprar sutiãs vermelhos, por isso essa é a regra número dois. Compras de coisas dessas.

– Concordo – anuiu Lizzie. – Mas o que acontecerá quando o teu Babbo diz «Vais sair com essa roupa»?

– Tu ignora-lo e respondes que a comprámos no dia anterior e é fantástica.

Ela negou com a cabeça.

– Não. Há sutiãs nos expositores. Tenho alguns, mas não vou comprá-los para uma criança de doze anos.

– Tu comprarias um para ti e não para mim? Percebes!

– Infelizmente, os Urban Outfitters não fazem sutiãs para o meu número.

Etta franziu a testa. As mamas volumosas de Lizzie tinham alguns inconvenientes.

– Não tens idade suficiente – disse Lizzie.

– E quando *eu* tiver idade suficiente?

Uma expressão estranha surgiu no rosto de Lizzie, mas ela assentiu com a cabeça.

– Se for fazer compras contigo quando tiveres idade suficiente, então compro-te um sutiã vermelho. E, se por acaso não estiver presente... No dia em que souberes que acharia que já tinhas idade suficiente, então compras esse sutiã vermelho e usa-lo.

Claro que não queria ir às compras com muita frequência. Era uma professora.

– Não vou chatear-te com idas às compras – garantiu Etta. – É que vejo mães a toda a hora acompanhadas por raparigas da minha idade.

– Eu sei – respondeu Lizzie. E Etta acreditou que assim era. – Mantendo-se no provador ou fora da cortina. As filhas a ser desagradáveis ou caprichosas porque não sabem o que têm.

– *Ya* – concordou Etta. – Estivemos em Paris no ano passado, e havia uma mãe no provador ao meu lado. A filha estava a experimentar roupa... talvez uma saia.

– Falas francês?

– Não, mas é muito parecido com o italiano. De qualquer forma, a mãe não parava de dizer *Ooo, la-la!* Assim mesmo, como num filme. *Ooo, la-la, Marie. Ooo, la-la.*

Lizzie riu e Etta sentiu-se como se nunca tivesse sido tão feliz.

– Talvez ela estivesse a experimentar um sutiã vermelho? – sugeriu Lizzie.

– Uma saia, um vestido ou algo do género, porque a mãe disse que era tão curto que lhe chegava às sobrancelhas.

– Posso fazer isso – disse Lizzie e parecia muito feliz. – Qual é a Regra Número Três?

– Se alguma vez arranjar um namorado, tens de impedir o Babbo de me envergonhar.

Os olhos de Lizzie sorriram, mesmo que a boca não o fizesse.

– Oh? E como é que eu faria isso, Miss E?

– Basta pará-lo – ordenou Etta. – Ele vai fazer as perguntas erradas, e provavelmente usar um daqueles pulôveres que odeio porque o fazem parecer um reformado.

– Ele parece muito elegante para um *chef* – observou Lizzie.

Etta suspirou. Lizzie usava um vestido muito bonito, mas qualquer pessoa veria que o adquirira num mercado por trinta euros e o comprara sem experimentar. Talvez um mercado francês, porque vendia todos aqueles vestidos de linho na rua. Mas mesmo assim.

Sofisticada, ela não era.

– Eu sei – disse Lizzie simpaticamente. – *Sou* professora. De Shakespeare, ainda assim. Nem sequer estou a ensinar cultura *pop*. Se indicares o pulôver mais desadequado, talvez possa fazer algo a esse respeito.

– Tem mais que um. São de caxemira. Compra-os numa loja em Firenze que tem cerca de um milhão de anos, e eles sabem da condessa, e chamavam-lhe sempre Cavalier Moretti.

Lizzie parecia surpreendida.

– Cavaleiro?

– Sim, isso. É embaraçoso. Os pulôveres são feíssimos... têm o tamanho errado, decote em V e cores horríveis. Duram uma eternidade e, portanto, nunca os deita fora. Nem queiras saber quantos pulôveres castanhos tem.

– Castanho não é uma boa cor – concordou Lizzie acenando a cabeça. – Regra Número Três: nunca comprar um pulôver castanho de presente de aniversário de Dante.

– *E* cortar com a tesoura os que estão no roupeiro – sugeriu Etta. – Podias fazê-lo durante uma discussão e escapares impune, o que é impensável no meu caso.

– Nunca cortaria a roupa de Dante! Nem a tua – acrescentou Lizzie, parecendo chocada.

Etta abanou a cabeça, compondo uma expressão adequada de pena.

– Nunca discutiste com o Babbo, pois não?

– Ainda não.

– Ele não é mau, mas *grita*. – De repente, sentiu-se preocupada. – Isso não é uma quebra de acordo, pois não? Porque é italiano. Está no ADN dele. Não fala a sério, não da maneira como um americano faria.

– Eu sobrevivo a isso – garantiu Lizzie, muito relaxada.

O coração de Etta deixou de bater com força.

– Mas não vou cortar nenhuma peça de roupa num ataque de raiva ou mediante uma fúria simulada – acrescentou Lizzie – e, se Dante analisar as minhas roupas, vai arrepender-se muito, mesmo muito.

– Não o fará – afirmou Etta. – Nunca o faria. Na verdade, ele não grita assim tanto. Está a ficar velho, sabes?

Depois pestanejou, desejando engolir as palavras.

– Não é um quebrar de acordo – assegurou Lizzie, sorrindo e com os cotovelos apoiados sobre a mesa. – Preciso de um café. Queres ir ao Bonaparte?

Etta sacudiu a cabeça.

– Eles estão todos lá. Grey, Rohan, Ruby.

Lizzie perguntou, com muito cuidado:

– Não gostas deles, Etta?

– Gosto – respondeu Etta. – Só que hoje é o *primeiro* dia. Então, talvez... e se fôssemos visitar a *villa* de Napoleão? Só nós as duas.

– Adoraria. – Mas olhava Etta fixamente, como se pudesse perscrutar-lhe a mente. «Um olhar de mãe», pensou Etta orgulhosamente. Há alguém que está a olhar-*me* assim. – Alguém te disse algo de que não gostaste?

– Tom de mãe – reagiu Etta, deixando escapar um tom deliciado. – Não foi a primeira vez, porque também o fizeste no iate, e foi aí que soube que tinhas decidido casar com Babbo.

Lizzie ficou boquiaberta, como se lê nos livros, mas nunca se vê pessoalmente.

– *O quê?*

– Falaste-me como mãe – disse Etta, dando uma pancada na mesa. – Soube-o no momento! Babbo tinha-te enfeitado, quanto mais não fosse com a comida.

Desatou a rir ante a expressão horrorizada de Lizzie.

– De qualquer maneira – prosseguiu Etta, recuperando o fôlego –, gosto de Rohan. Ele acha que eu podia ser atriz se conseguisse o papel certo, e que devia ir para LaGuardia. Grey também é simpático, talvez um pouco ressentido porque o meu Babbo te roubou.

As sobrancelhas de Lizzie uniram-se.

– Grey gosta de Dante.

– Vai viver com isso – respondeu Etta. – Ruby, adora-te. Esta é a tua família, eu percebo. – Ela parou.

– A tua família também – replicou Lizzie.

Etta deixou que a frase a penetrasse, enquanto Lizzie continuava a falar.

– Grey e Rohan vivem a maior parte do tempo em Los Angeles, mas têm um apartamento a um quarteirão do restaurante e Rohan vai ocupar-se lá com o *Romeu*. Ruby vem a Nova Iorque para criar a maquilhagem para o novo filme de Rohan.

– Uma família – sussurrou Etta.

Lizzie tinha um olhar estranho no rosto, quase como se estivesse sozinha, o que não fazia sentido. Mas depois inclinou-se e apertou a mão de Etta.

– Família.

Capítulo Vinte e Oito



Lizzie e Etta chegaram à *villa* de Napoleão em grande estilo, transportadas numa das limusinas pretas do hotel, conduzida por um romano chamado Mauro.

Lizzie não parava de pensar em como era bom ser conduzida por um homem que não dizia nada e não esperava uma gorjeta.

– Podia habituar-me a isto – admitiu Etta, saindo do carro.

– Habituar-te a quê? – perguntou Lizzie.

– Um carro com ar condicionado – respondeu Etta. – Conheces o carro do Babbo. Tem uns cem anos, e ele diz que, se funciona, para quê comprar outro? Tentei falar-lhe em coisas como *airbags*. – Deu uma olhadela manhosa a Lizzie. – A *ti* ouvia-te.

Lizzie levantou uma sobrancelha.

– Achas que sou do género de lutar por um carro novo?

Etta fitou-a de relance.

– Um *Toyota Prius* de baixo consumo e fácil condução?

– Um vestido de verão não significa *Prius* – respondeu Lizzie.

– Talvez não um vestido de verão – anuiu Etta –, mas não usas batom.

– Em Nova Iorque não tenho carro, e gosto assim. – Começaram a descer uma estrada empoeirada ladeada por árvores altas e quiosques de *souvenirs* e Lizzie caminhava devagar porque precisava de contar a verdade a Etta. Tinha de dizer-lhe que o olhar de mãe possuía um tempo limite.

Talvez as más notícias devessem ser reveladas na presença do pai de Etta. Ela não era uma mãe de verdade. Desconhecia a maneira certa de dar más notícias a uma criança. O que quer que isso fosse.

Provavelmente alguém tinha postado conselhos na internet. Ou talvez Dante devesse contar a Etta em privado. Era o seu verdadeiro pai.

Ao olhar para Etta, caminhando ao seu lado, balançando os braços, Lizzie foi dominada por uma ansiedade tão forte que a sentia na zona lombar. Em cada célula.

Faria qualquer coisa por ti, pronunciou em silêncio.

Etta começou a cantarolar desafinadamente. Lizzie conseguiu reconhecer Dusty, mas foi difícil.

– Se eu fosse mesmo tua filha, teria a tua voz e poderia estar no teatro musical – comentou Etta.

Lizzie sentiu um baque no coração.

– Tu és mesmo minha filha. – Foi um comentário precipitado, estúpido e otimista. Também não era verdade. Exceto que era um pouco verdade ou, na maior parte verdade, ou talvez até totalmente verdade.

O sorriso de Etta desvaneceu e em seguida pôs-se a saltitar.

– A casa é logo ali em cima – disse ela mais alto do que precisava.

Lizzie sabia que tinha dito alguma coisa errada ou a coisa certa no momento errado. As árvores formavam uma abertura e havia uma casa. Uma mansão, na verdade, com jardins formais.

– Feia, não é? – observou Etta com satisfação, tal como uma nova-iorquina concorda que o metro é horrível, cheio de ratos e sempre a avariar.

– É surpreendentemente pequena – disse Lizzie. – Afinal, ele tinha sido um imperador.

– Ele tinha outra casa, em Portoferraio. Este era o seu ninho de amor. Para os verões, sabes?

– Marie Louise? – perguntou Lizzie, insegura. – Josephine?

– Não faço ideia – respondeu Etta, nada interessada. – Anda por aqui. – Subiram por um caminho sombrio e chegaram ao outro lado do edifício.

A *villa* era incrivelmente pequena: oito quartos no total.

– Não consigo entender o quão trivial esta casa deve ter parecido a Napoleão – observou Lizzie quando chegaram ao seu quarto.

– A cama dele é minúscula – referiu Etta. – Vês? – Era uma cama de trenó, forrada com lençóis azuis. Deixou-se cair no chão, ao lado dela. – Sou praticamente mais alta do que o imperador de toda a França, e tenho apenas doze anos.

– Pensa que ele viveu no castelo de Fontainebleau – retorquiu Lizzie.

– É onde se encontra a Sala dos Espelhos, certo?

– Não, a Sala dos Espelhos está em Versailles. – Lizzie lembrava-se sobretudo de andar à deriva com Grey num barco diante do palácio, fingindo ser uma aristocrata pedrada. Mas achava que as paredes tinham sido forradas com papel de seda. Aqui as paredes eram pintadas com cortinas verde-claras que nem sequer tentavam enganar os olhos.

Assemelhava-se aos armazéns Sears de decoração de paredes.

Etta começou novamente a saltitar. Atravessaram todas as pequenas divisões e ela observou abelhas em cada uma delas.

– Ele ainda era um imperador – indicou um inglês com um sotaque estridente de classe média alta à mulher. – Era o imperador de Elba, é tudo.

– Tens de ver a casa de banho – comentou Etta.

Por cima da banheira em pedra estava uma sorridente mulher nua.

Visitantes passeavam pelo terraço, tirando fotos da paisagem.

– Tens fome? – perguntou Lizzie.

– Já comia – disse Etta com uma expressão animada. – Sei onde podemos ir! – Desceu o caminho aos pulos, acenando loucamente a Mauro, que estava encostado ao carro com uma cara irritada e mal-humorada.

Meia hora depois encontravam-se sentadas numa pequena *trattoria* nas montanhas. Havia uma pequena janela com fios de contas de plástico à porta para afastar as moscas.

– A comida é boa – garantiu Etta, enquanto Lizzie decidiu não esfregar a toalha de mesa de plástico para ver se não se descascaria sob o seu dedo.

– A Signora Maria é famosa, não à maneira do Babbo, mas em Elba, com

os italianos. Ela é realmente muito velha, tipo cem anos, e Babbo vem sempre aqui na primeira noite em que estamos em Elba.

– A Signora Maria vai ao seu restaurante?

– É demasiado velha – hesitou Etta. – Além disso, provavelmente não iria gostar da comida dele.

– Há alguma ementa? – perguntou Lizzie. Um homem com ar taciturno pousara sobre a mesa vinho e água de Elba, e um cesto de pão, e regressara à cozinha.

– Não. Comemos o que a Signora Maria cozinha. É como o restaurante de Elba do Babbo, mas está um passo à frente porque não presta atenção aos vegetarianos, às alergias, nada disso. Não é má, mas falta-lhe energia.

O primeiro prato chegou.

Nele estava uma flor amarela, bem frita. Lizzie comeu a dela em duas dentadas e Etta numa. Lizzie conseguiu evitar um gemido de prazer.

– Incrível.

– Não é mesmo? Agora temos de esperar enquanto ela faz o próximo prato. Não tem um ajudante de cozinha, nem nada. Agora, pensa – continuou Etta alegremente: – Um dia podemos ir juntas às compras de vestidos de formatura! Se alguém me convidar, quero dizer.

Lizzie sentiu um aperto no coração. Era tão injusto.

– Também vestidos de noiva. Já viste a procura do vestido perfeito de noiva no programa *Say Yes to the Dress*? Uma vez, quando estava doente, assisti a duas séries, e depois obriguei o Babbo a prometer encontrar uma mulher antes de eu precisar de um vestido de noiva. Eu tinha sete anos – explicou com um sorriso enorme.

Lizzie não podia ficar ali sentada e permitir que aquela conversa acontecesse. Não podia fingir, porque era como uma mentira. Lizzie não se lembrava de muito sobre a sua mãe, mas lembrava-se das mentiras. Ela mentia tão facilmente e tantas vezes que Lizzie tinha prometido a si mesma que nem sequer contaria histórias aos seus filhos.

Etta era dela. Sentia-o no mais fundo dos seus ossos. Não podia empurrar a tarefa desagradável para Dante ou esperar que ele assumisse e acalmasse os sentimentos de todos.

Não podia fugir.

Forçou-se a dar o passo em frente.

– Etta, estou doente.

Etta virou a cabeça.

– Lembras-te de todos aqueles medicamentos na minha secretária? Tenho cancro, maligno. Já passei por quimioterapia uma vez, e não resultou tão bem como deveria. Agora iniciei um novo ciclo e estou melhor, mas...

Etta fixou-a como se lhe pudesse ler o olhar e, mais do que tudo no mundo, Lizzie desejou retirar as palavras. Mas ninguém alguma vez dissera «Estou a brincar» sobre algo assim. Não tinha graça.

Teria ela compreendido?

– Posso estar a morrer – continuou Lizzie, mastigando as palavras como se fossem o mais amargo fel no sentido bíblico do termo. – Não, agora, mas... – Conteve a respiração.

Seguiu-se uma longa pausa, tão longa que Lizzie teve de recuperar novamente o fôlego. Uma mosca conseguiu atravessar os fios desgastados das contas de plástico. Zumbia à volta da sala.

– Lamento – sussurrou finalmente Lizzie. – Não tencionava apaixonar-me pelo teu pai. Por ti.

– Babbo – emendou Etta. – Não pai.

Lizzie baixou a cabeça, incapaz de encarar aqueles olhos claros por mais tempo sem chorar.

A mosca continuou a zumbir. Lizzie sentia a cabeça às voltas. Habitualmente, jovens daquela idade não pensavam antes de falar. Tinham reações instintivas.

E se Etta quisesse que ela se fosse embora? Dissesse que não queria que Dante passasse pela sua morte? Dissesse que não era justo, Lizzie não lhe bastava, não era...

Quase se levantou, mas não conseguia antecipar o que Etta queria dizer. Se quisesse proteger o seu Babbo, tinha esse direito. Lizzie não podia minorizá-lo.

Engolir em seco ajudou. Cravar as unhas na coxa ajudou. Sem choro. Não haveria choro porque era ela a adulta.

Etta respirou fundo e Lizzie ergueu involuntariamente o rosto.

– Quanto tempo? – sussurrou Etta.

Lizzie gritou no seu íntimo. Qual era a resposta certa? Não passaria no teste se apenas lhe restassem seis meses? Porque ela não sabia. Não perguntara de propósito.

E até agora... neste verão, o último ciclo de quimioterapia parecia estar a impedir o avanço. A dor não tinha piorado. Talvez estivesse melhor.

– Não sei – acabou por responder. – Meses sem dúvida, mas talvez alguns anos. Há uma nova operação que posso tentar. Que *vou* tentar. E mais quimioterapia depois disso. Vou lutar, Etta. Prometo.

Etta empurrou a cadeira para trás. Lizzie observou, esperando que o desespero não transparecesse no seu rosto, memorizando o queixo pontiagudo de Etta e a cara inteligente e peculiar. Ela levantou-se, deu a volta à mesa e parou ao lado de Lizzie.

Surpreendida, Lizzie olhou-a fixamente.

– Chega a cadeira para trás – disse Etta, sem parecer zangada.

Ela obedeceu.

Sem uma palavra, Etta aninhou o corpo esguio no colo de Lizzie, rodeando-lhe o pescoço com um braço e apoiando a cabeça no seu ombro.

Os braços de Lizzie envolveram-na como se sempre tivessem acolhido o mesmo ser. Como se o seu abraço tivesse começado quando ela era recém-nascida e aumentado em bebé. O cabelo de Etta não estava perfeitamente penteado na parte de trás. Ela cheirava a suor feminino, sal marinho e pasta de dentes.

Aquele não era o momento para sentir como se lhe faltasse o fôlego. Sem saber como conseguiu expelir o ar. Etta não disse nada e Lizzie também não. O tempo passou. Através da porta aberta para a cozinha, ela ouviu ruídos silenciosos, como se os ratos estivessem a preparar a sua refeição. Outra mosca ultrapassou a cortina da porta, voou em torno da mesa, reparou no pão e parou para almoçar.

Lizzie teve a sensação de que o peso de Etta estava a segurá-la à terra. Devia ser assim que as mães se sentiam. Tinha estado na ala de oncologia uma vez, uma semana depois de um internamento, quando a sua colega de quarto recusou morfina e não conseguiu dormir toda a noite.

A mulher queria ver as filhas mais uma vez. Então Lizzie ficou acordada e acompanhou-a, enquanto ela transpirava e tremia, lutando contra a dor, lutando contra o sono. Lutando contra a morte.

Nessa altura, Lizzie jurou ser diferente quando chegasse a sua vez, desistir, pedir mais analgésicos em vez de menos.

Mas agora compreendia.

A colega de quarto não morreu nessa noite. Estava acordada quando o marido trouxe as crianças até ao quarto pela mão, largando-as para que pudessem correr e subir para a cama dela. As miúdas tinham experiência com camas de hospital. Rastejaram em torno de fios e de tubos para se aninharem ao lado de um corpo que ainda estava quente.

Por fim, Etta endireitou-se e mudou de posição para ficar mesmo em cima das pernas de Lizzie. Era mais pesada do que parecia.

– Acho que devíamos cantar alguma coisa – disse ela, surpreendentemente.

– Devíamos fazer o quê?

– É a primeira vez que sou abraçada por uma mãe e a tua primeira vez a abraçar...

Fez uma pausa.

– Não, nunca tive uma filha – conseguiu articular Lizzie.

– És um pouco jovem para me teres, quero dizer, uma jovem de doze anos – comentou Etta. – Devíamos compensar tudo o que perdemos. – Tinha os olhos secos, uma expressão quase alegre. Mas era como se o ar lhe saísse à força dos pulmões para constituir palavras.

– Porquê cantar? – perguntou Lizzie, apertando-a novamente nos braços porque lhe era permitido. Aparentemente não estava a ser posta de lado por ter a ousadia de estar a morrer. Por ser o vinho envenenado que derrubaria Otelo.

– Adoras cantar – disse Etta. – Vou tentar não desafinar.

Um soluço formou-se no peito de Lizzie, mas não podia chorar quando uma menina de doze anos se mostrava tão corajosa.

– O que gostarias de cantar?

Etta esboçou um sorriso hesitante.

– Isto vai parecer estúpido.

Lizzie abanou a cabeça.

– A canção de embalar «Rock-a-bye Baby»? – A cara de Etta contraiu-se e Lizzie percebeu que Etta era tão boa – talvez até melhor – do que ela a ocultar emoções.

Lizzie puxou-a novamente contra o peito e afastou o queixo de junto do cabelo de Etta apenas o suficiente para cantar.

– *Balance o bebé no cimo da árvore. Quando o vento sopra o berço também balança.*

Atrás delas, a cozinha ficou em silêncio. Quando cantava, o seu ouvido apurava-se. Os sons dos ratos a preparar uma refeição pararam.

– *Quando o galho se partir, o berço vai cair. O bebé vai cair e o berço também.*

– Não é uma canção muito alegre, agora que a ouço bem – observou Etta com voz rouca.

– Alguém me disse mais dois versos e há uns anos inventei outros para rimar – disse Lizzie. – Na altura em que Mistress Bedrosian, uma das minhas mães adotivas, tinha acolhido crianças pequenas. – Tinha intenção de algum dia a cantar para um filho seu.

E agora assim era.

– *A mamã vai agarrar-te, abraçar-te e pôr-te novamente a brincar nas árvores.* – A sua voz fortaleceu-se e o amor ecoava em cada palavra.

Etta emitiu um som que podia ter sido uma risada. Lizzie percebeu que as pessoas tinham saído da cozinha e estavam de pé encostadas à parede, mas não se deixou perturbar.

Na verdade, não a incomodou.

As suas próprias rimas, as que tinha escrito eram:

– *Quando o Sol se puser e as aves vierem em busca dos ninhos.* – Cantava, abraçando fortemente Etta. – *Volta para casa, para quem te dá mais carinho.* – Cantou o verso duas vezes porque era o mais importante de todos. – *Quando o Sol se puser e as aves vierem em busca dos ninhos, volta para casa, para quem te dá mais carinho.*

Etta respirou fundo, tremendo, e sentaram-se até o empregado aparecer, com o mesmo ar sombrio, e pousar os pratos de massa diante de cada uma das cadeiras, com uma torrente incompreensível de palavras italianas.

Lizzie acenou-lhe com a cabeça e sorriu. Ele afastou-se, regressando à cozinha. A mosca levantara voo, como por respeito à sua chegada, mas pousou novamente.

– Tudo bem – colmatou Etta, pondo-se de pé e dando a volta à mesa. Em seguida, sentou-se e disse, desdobrando o guardanapo: – Não vou agradecer-te, porque os bebés nunca o fazem.

Lizzie riu.

– Devia acrescentar que *eles* te agradecem, na cozinha, e também que isto é molho de javali selvagem de um animal abatido pelo filho do açougueiro.

O molho de javali era salgado e de certa forma feroz, como se um pouco do animal selvagem tivesse sido acrescentado ao molho.

– Ele era um comilão de bolota – acrescentou Etta.

– Como sabes?

– Está no molho. Não sentes um sabor amadeirado, um pouco doce?

Lizzie deu outra dentada. O sabor explodiu na sua boca, mas o que significava «amadeirado», quando se tratava de um sabor?

– Não acho que o teu paladar seja tão mau como dizes.

– Não quero que o Babbo pense que posso ir para a escola de culinária – admitiu Etta, enfiando a massa na boca e falando sem parar.

Lizzie pensou nas boas maneiras à mesa e rejeitou a ideia. Pedira Etta de empréstimo, mas Dante estava a criá-la.

Pelo menos, Etta estava a usar o guardanapo.

Mas em seguida verificou que Etta usava o guardanapo para limpar as lágrimas que lhe deslizavam pela cara e caíam salgadas no prato. Lizzie levantou-se e acabaram por comer juntas, com Etta no colo de Lizzie.

As pernas de Lizzie ficaram dormentes, mas comeu metade de um prato e Etta comeu um prato e meio.

No final da refeição, apareceu a *signora*. Era velha, estava a ficar careca, unindo o cabelo no alto da cabeça como um fio de seda esbranquiçada. Falava tão depressa que Lizzie não teve hipótese de perceber.

– Ela gostaria que cantasses alguma coisa – traduziu Etta, levantando-se. – Posso dizer-lhe que não.

– Com muito gosto – respondeu Lizzie, levantando-se e fazendo uma pequena vénia à *signora*. – Tem preferência?

– Não, porque tudo o que ela poderia querer seria em italiano – referiu Etta.

– As orações não precisam de uma língua – argumentou Lizzie, citando Mrs. Bedrosian. – Esta está em latim.

Cantou a *Ave Maria*.

Tal como Mrs. Bedrosian teria feito, a Signora Maria chorou.

No entanto, Etta animou-se.

– O teu canto é um pouco deprimente – acusou com uma risada.

Lizzie deu-lhe uma palmada na nádega quando afastaram os fios de plástico encardidos e saíram para o sol. Mauro estava encostado ao carro, ocupado com o telemóvel.

Capítulo Vinte e Nove



Nessa noite, Lizzie desceu as escadas e entrou no pátio, sentindo-se bastante constrangida. Não vira Grey ou Rohan durante todo o dia; o iate voltara e eles tinham saído para negociar com Sam. Ao que parecia, ele ia ser o principal financiador e a Disney a distribuidora.

Grey não tinha visto o seu anel. O que é que se usava com um anel daquele tamanho? Por fim, decidiu-se pelo vestido de linho framboesa que usara na primeira noite.

Rohan não se via em parte alguma, mas Grey estava a beber um copo de vinho e a ler um livro. Ela aproximou-se e sentou-se. Ele ergueu o rosto, sorriu e fechou o livro.

Suficientemente bom.

Ela disse:

– Vou casar-me, Grey.

Sem rodeios e direita ao assunto.

Verificou, surpreendida, a alegria que se espelhou no seu rosto. Grey era normalmente tão reservado que a felicidade era fácil de identificar.

– Porra, aquele homem é o *máximo* – disse ele, com o seu sotaque grosso como lama.

– Concluo que não te importas.

– Tenho estado a suar como um lagostim numa panela à espera que ele desse o primeiro passo. – Inclinou-se para a frente e pegou-lhe na mão. – Ótimo. – Depois ergueu o rosto. – Tenho uma consulta para ti na próxima semana, quando chegarmos a casa.

– O quê?

– Com o chefe da imunoterapia no Memorial Sloan Kettering Cancer. Ele está a fazer testes sobre o carcinoma hipercalcémico de pequenas células do ovário, Lizzie, e está a ser bem-sucedido com uma combinação de operação e quimioterapia.

Quando ela ficou em silêncio, ele acrescentou:

– É o teu tipo de cancro.

– Eu sei!

Grey parecia incrivelmente feliz, vitorioso mesmo. Lizzie semicerrou os olhos.

– Por que estás assim?

– Assim como?

– Como se estivesses orgulhoso de um feito! – respondeu ela. – Há quanto tempo tens essa consulta marcada?

– Desde que li o artigo no *Times* sobre o surpreendente sucesso da imunoterapia.

– Antes de Elba. – Lizzie entrelaçou os dedos nos dele e apertou-os. – Já sabias que estava a pensar em não fazer a operação nem mais quimioterapia?

– Da última vez que te visitei, não havia detergente no lava-louça e encolheste os ombros. Doaste os teus livros. Eu estava a rezar.

Grey falava a sério.

Ruby apareceu e admirou o anel.

– Talvez Dante possa apresentar-me a um *chef*. Todos os que conheci gastavam mais do que tinham.

Rohan afastou alguns fãs e deixou-se cair numa cadeira. Soltou um grito, disse que o anel valia alguns milhões e que Halle Berry tinha usado um igual nos Óscares no ano anterior, o que levou Lizzie a engolir em seco.

– Por que estamos a esquecer todas essas coisas que precisam de ser ditas? – perguntou Ruby. – Não devemos estar tristes num momento feliz, mas tens mais do que aquele anel para contar.

– Toda a gente sabe tudo – replicou Lizzie, sentindo-se feliz. – Etta também. Até conversei sobre o tratamento com Dante.

– Há aquela operação em que te *assam* na quimioterapia – disse Ruby, dando a entender que já haviam discutido o assunto nas costas de Lizzie.

Antes, Lizzie não se teria contido. Mas agora?

Aquilo era o que a família fazia. Elaboravam planos, ameaçavam e preocupavam-se.

O empregado romano apareceu com uma bandeja de vinho Elba.

– A nossa última noite – disse Ruby. – Não posso acreditar.

– Nem eu – juntou-se-lhe Rohan.

– Dante disse que podias cozinhar com ele? – perguntou Ruby.

Rohan assentiu com a cabeça.

– Sim. Aparentemente metade da aldeia estará lá e Augusto e os outros estarão nas mesas. Dante e eu vamos cozinhar.

– Antes tu que eu – apoiou Ruby alegremente. – Gosto de um mundo onde são os homens a cozinhar.

Lizzie alheou-se um pouco, olhando em silêncio para o anel e pensando em mudar-se para um apartamento com Dante. Em viver com ele. O quarto de Etta seria uma desarrumação. Estaria condenada se comesse a fazer muitas tarefas domésticas, como era hábito das mulheres casadas.

– Nunca cozinhei para Dante – declarou ela, interferindo na conversa.

– E isso é ótimo – comentou Grey. – Queremos que ele chegue ao altar com os intestinos em bom estado.

Lizzie fez-lhe uma careta.

– Está na hora de irmos ao restaurante.

– Precisamos de champanhe esta noite. Isto é importante – decidiu Grey, num tom de felicidade. – Lizzie veio a Elba, apaixonou-se e agora pôs de lado a auréola.

– Havia mais do que isso – protestou Lizzie.

– Sim, o pénis italiano mágico – interferiu Rohan, com um enorme sorriso. – Todos devíamos ter um por perto, pronto a impedir-nos de decidir morrer e de outros erros como esse.

Lizzie gemeu e Ruby estendeu o braço e beliscou-a.

– Dante deve ser muito bom na cama, considerando que estás a aceitar uma quase-adolescente. Ignoro como eras aos treze anos, mas eu era um

terror.

– As crianças adolescentes dos lares de acolhimento ou passam-se ou tornam-se melhores – disse Grey. – Lizzie queria ser amada.

– Não. O que queria era passar despercebida – corrigiu ela. – Mesmo quando era adolescente.

– Os adolescentes familiarizam-se com o seu corpo – interveio Rohan. – O sexo muda isso para melhor.

Ruby terminou a bebida.

– Vou dar-te um exemplo. As minhas mamas eram apenas acessórios incómodos até Caleb Connor Williams me convencer do contrário.

O telemóvel de Lizzie vibrou na anca e ela virou-o.

– Etta quer saber onde estamos.

Rohan levantou-se e arrastou Grey.

– Outra razão para champanhe. Adivinhem o quê? – disse ele, com voz pouco formal. – A *People* vai pôr-me na capa e não é porque sou bonito.

– Fantástico! – exclamou Ruby.

– Por causa do *Romeu*? – inquiriu Lizzie.

Rohan pôs o braço à volta de Grey, ali mesmo no hotel, onde qualquer um podia vê-los.

– Porque estou apaixonado por um homem, é por isso.

– Bravo! – aplaudiu Lizzie.

O sorriso de Rohan espalhou-se pelo rosto.

– Aquele homem disse finalmente que eu podia contar ao mundo. Não és só tu que vais casar, Lizzie.

No meio de abraços e *hurrahs*, Lizzie percebeu algo. Joseph tinha razão. Teria de continuar a viver, não por causa de sexo, mas por causa de todo o amor que a agarrava à terra, a Elba, às pessoas. Às suas pessoas.

– Vamos andando – disse Ruby um pouco depois. – Aquele mágico pénis italiano vai sentir-se sozinho, na qualidade de *chef* famoso, mas sem ninguém para beijar.

Capítulo Trinta



O último jantar do verão foi um ritual tão importante como ter a sua primeira refeição em Elba cozinhada pela velha Maria no cimo da montanha.

Dante fechou o restaurante a qualquer turista dos iates e preparou ele o jantar para todos os colaboradores, como a Signora Pietra, Augusto e todos os que eram importantes. Carlo, cuja *mozzarella* tinha sempre a quantidade certa. Orazio, que todas as manhãs saía no seu *peschereccio* e guardava as melhores anchovas para o Principe Blu, enviando as restantes para o mercado. Vera, que cozia um pão caseiro com crosta melhor do que qualquer outro que Dante poderia encontrar em Nova Iorque, e atribuía tudo ao cuspe, o que ele esperava ser uma brincadeira.

– *Leccaculo!* – estalou pelo pátio, o uivo de um marido furioso. Vera era sem dúvida infiel ao marido. No dia anterior, prestara aparentemente um serviço pessoal a um americano que entrara na sua padaria. Pior: ele tinha vindo de um iate.

– *Basta!* – gritou Dante. – *Quest’anno c’è qui la mia famiglia.*

– *Cagacazzo!* – gritou Vera, não para Dante, mas para o marido, que estava sentado numa outra mesa.

O pátio estava cheio de populares de Elba, que andavam de mesa em mesa para bisbilhotar. A prima de Marina, de 93 anos, tinha caído e fraturado a anca. O filho mandou-a, sozinha, para o hospital numa ambulância. Porquê? Porque estava a dar o seu programa, e ela já lá estivera antes. Não desconhecia o caminho.

Esse tipo de coisas.

Era sempre tudo igual, ano após ano. E ainda assim esse ano foi diferente.

A sua família tinha aumentado. Alguém a cozinhar com ele. Rohan também não era mau. Dante tinha de ficar de olho nele, mas o famoso ator

aprendera a fazer *gnocchi* nessa tarde e, mesmo que nem todos tivessem o tamanho certo, eram bons.

Naquela noite estavam a comer «a comida de Lizzie».

As refeições que ela adorava eram simples. *A salsa rosa* de que a avó gostava, feita com tomate, alho e pouco mais. Coelho cozido com pele tostada e pedacinhos de manjerição.

Ele pagara aos empregados de Fabrizio para distribuírem a comida em grandes bandejas. Nada de empratamento.

Etta estava sentada ao lado de Lizzie, com uma mão na sua cadeira. Ele tinha a sensação de que em breve poderia encontrar a sua filha agarrada à fralda da camisa de Lizzie, como uma criança num centro comercial.

Lizzie não se importaria.

Não, iria importar-se. Adoraria. Via isso sempre que ela inclinava a cabeça para Etta.

Rohan limpou a cara com o antebraço, tal como Dante lhe ensinara, esboçou um sorriso aberto com um piscar de olhos e saiu para o crepúsculo.

O céu, o ar, era daquele azul puro que em dez minutos se transformaria em cobalto, mas que sustinha a respiração, mantendo a luz em reserva. Dante ficou junto à janela, observando quando Rohan entrou no pátio.

Fieiras de luzes tremeluziam sob a brisa do mar. Rohan acenou enquanto as pessoas aplaudiam; a mulher de Orazio tinha dito a Dante, em privado, que o seu filho lhe tinha comprado um DVD com a série do ator.

– Não é tão boa como o *Serviço de Urgência* – opinou. – Mas é boa.

Para onde quer que olhasse, Dante continuava a virar-se para Lizzie. Ela tinha o cabelo solto e as luzes faziam com que parecesse manteiga, manteiga com sabor a primavera.

Se ao menos lheoubessem todas as Lizzie que poderiam ter sido, desde esta Lizzie até uma mulher tão velha como a Signora Pietra, com as suas respostas tortas sendo traduzidas para inglês em benefício de Grey.

Por um momento, agarrou o balcão e deixou a dor rasgar-lhe as entranhas. Depois endireitou-se, respirou fundo e saiu. Só um estúpido

choraria um momento quando ainda estava a vivê-lo.

Como todos os homens, às vezes era estúpido, mas nem sempre.

Ia junto de cada mesa e agradecia a todos. O verão fora um sucesso; o restaurante prosperara. Não tinham culpa que ele já não se importasse. Brindaram-no vezes sem conta por ter encontrado uma mulher, uma ave canora, *una professore!*

– Boa demais para ti! – gritou o seu fabricante de queijo. – Vou levá-la!
– A mulher inclinou-se e deu-lhe uma palmada no ombro.

– Tu? – brincou o irmão dele. – Ela nunca te aceitaria. És como um limoeiro que nunca amadurece, apenas com carocinhos pendurados onde deveria haver sumo doce.

Dante seguiu caminho. Deu a volta ao pátio e finalmente sentou-se ao lado de Lizzie. Ela agarrou-lhe a mão.

– Acho que vais ter problemas com uma Julieta demasiado ardente – disse ela a Rohan.

– Isso torna-a real – comentou Etta do outro lado de Lizzie. – As raparigas estão muito mais interessadas em rapazes do que os rapazes em raparigas.

Isso fez com que Dante ficasse um pouco enjoado. Etta interessava-se obviamente por rapazes. A ideia fê-lo sentir-se como uma velha oliveira de casca rugosa.

Mas depois baixou os olhos para a mão de Lizzie segurando a sua e teve uma ereção. Naquele verão, fora atormentado por elas, passados todos aqueles anos depois da adolescência.

– Discordo – interferiu Grey. – Pensa no teu favorito, Elio de *Chama-me Pelo Teu Nome*, Etta. Aquele rapaz não consegue desviar a cabeça das partes íntimas de alguém mais do que um ou dois minutos.

– Elio é velho – replicou Etta num tom mais ou menos paciente. – *Velho*. Elio tem *dezassete* anos.

– Apanha essa – disse Dante a Grey, que estava à sua direita.

– Romeu tinha apenas treze anos – disse a filha. – Esta nova filha, aquela que o professor de Inglês desvalorizara, estava a dissecar

Shakespeare com confiança. – Catorze no máximo – prosseguiu Etta. – Tem quase a minha idade.

Dante puxou a mão de Lizzie e falou-lhe discretamente:

– Transformaste a minha filha numa erudita.

Lizzie sorriu-lhe e roçou as madeixas de um louro-claro contra o seu ombro.

– Mais como crítica.

Ruby voltou da casa de banho e afundou-se no assento ao lado de Etta.

– Qual o tema da conversa?

– Shakespeare.

– O costume – disse Ruby, a sorrir.

– Pensa no artigo de biologia de Etta, aquele que fala sobre aves canoras – continuou Grey, inclinando-se para a frente. – As aves não cantam no voo. Pousam num ramo e enchem o ar à sua volta, tal como um pavão abre a cauda de penas para atrair uma companheira. Pensa na varanda. É Julieta.

Dante sussurrou ao ouvido de Lizzie:

– Foi o que me fizeste?

– Sim – anuiu Grey, ao ouvir casualmente e agitou o copo de vinho. – A ave canora americana aparece aqui, canta alguns compassos e atrai o melhor *chef* de Itália.

– Dante entrou no restaurante quando Grey e eu estávamos a cantar Monty Python, sobre esperma sagrado – comentou Lizzie, rindo.

– Quero ouvir isso! – exclamou Ruby.

– *Ya* – juntou-se-lhe Etta, intervindo na conversa.

Dante pensava que ela ignorava quem era Monty Python, mas teria de aceitar que sabia o que era esperma. Mas não pessoalmente. Ainda não.

– Então a canção do esperma era uma chamada de acasalamento – disse Dante, beijando a orelha de Lizzie. – Que subtilidade.

Até Grey riu e Rohan quase berrava.

– Não fazia ideia de que estavas a espreitar na porta – reagiu Lizzie, impetuosa e feliz. – Além disso, a primeira coisa que me ouviste cantar foi um hino, lembras-te?

– Nunca esquecerei – respondeu Dante.

– Um brinde! – decidiu Ruby. – A todas as mulheres que elogiaram os homens, levando-os a pensar que o seu esperma estava santificado!

Dante ergueu o copo com todos os outros, notando que as suas gargalhadas eram contagiantes. De todas as mesas chegavam-lhe risos, mais do que se lembrava de outros anos. O marido de Vera aproximara-se dela e inclinara-se sobre o seu ombro.

Corria o boato de que os dotes de Vera no sexo oral eram tão incríveis como o seu pão.

– Um brinde a Julieta, no balcão, a cantar poesia – sugeriu Grey.

– Pedindo Romeu em casamento! – gritou Etta.

Dante olhou para o copo da filha. Supostamente ela devia beber apenas *vino-acqua*, mas o conteúdo parecia vinho de Elba sem água adicionada.

– Ela só bebeu um copo – murmurou Lizzie. – Dante puxou a cadeira para ficar mais perto e encostar-se ao corpo dela.

– Sim, ela está naquela varanda como uma ave canora num galho – comentou Rohan. – Enche o ar de poesia. *O que é que há, pois, num nome? Aquilo a que chamamos rosa, mesmo com outro nome*, etc. Romeu não pode controlar-se. Não tem hipótese. – Esvaziou o copo.

– Julieta pegou em toda aquela poesia etérea de Romeu e inseriu-a numa canção sobre o desejo – disse Lizzie.

– Indo diretamente ao fundo da questão: esperma sagrado – interferiu Ruby, à gargalhada.

– Se queres uma Julieta de treze anos – anunciou Etta –, estou disponível. Tenho todas as qualificações. Ainda não sou uma grande atriz, mas poderias ensinar-me a sê-lo. Terei exatamente treze anos quando estiveres a fazer o *casting*.

Dante ficou rígido, mas Lizzie tocou-lhe na perna.

Rohan pousou o livro.

– Disse-te que nunca contrato membros da minha família, miúda.

Dante observou que a filha absorvia não a rejeição, mas a palavra.

Família.

A minha família.

Rohan continuava a falar, alheio. Provavelmente tinha irmãos e irmãs, as demais pessoas que Dante, Lizzie e Grey não haviam tido até àquele verão.

– Tenho um sobrinho que está a sair-se muito bem numa série da Netflix, mas não o contrataria. Isso já foi feito, mas não deveria ter sido, se é que me entendes.

Etta não se pronunciou, mas Dante viu os seus lábios a formarem a palavra «família».

– A minha filha está tão feliz – murmurou ao ouvido de Lizzie. – Por tua causa.

Ela abanou a cabeça e roçou as madeixas suaves no rosto masculino.

– Desconhecia o quanto o coração pode expandir-se.

Dante rodeou-a com mais força e inclinou-se para encher os dois copos.

Grandes travessas de carne estavam a ser colocadas em cada mesa. Dante não perdia nada de vista, mas pagara uma pequena fortuna a Fabrizio para fechar as portas do seu restaurante e ajudá-lo. Fabrizio estava no canto e um dos seus empregados passava por entre as mesas, enchendo novamente os jarros de vinho.

Ruby apontou para Dante.

– Por falar em aves canoras, Lizzie contou-me tudo sobre *ti*, que lhe deste um hambúrguer e batatas fritas, o melhor que alguma vez tinha comido. A cantar, idiota. Estavas a cantar com toda a alma.

Dante assentiu com a cabeça.

– Julgo que agora entendo realmente essa peça – disse Rohan, voltando a guardar o bloco de notas no bolso do colete. – Basicamente, é tudo sobre linguagem e sexo.

– Tipo sexo por mensagem – replicou Etta.

– És *ótima* – dirigiu-se Rohan a Etta antes de tirar novamente o bloco de notas do bolso.

Os olhos de Etta pareciam pirilampos, brilhando com uma luz interior que nada tinha a ver com o pátio.

– Viste aquilo? – sussurrou Lizzie.

Dante acenou com a cabeça.

– Mistress Bedrosian fez o mesmo por mim – confessou Lizzie. – O que Rohan acabou de fazer por Etta.

– Mas paraste de cantar.

– Não me sentia bem. Segura. Mas agora...

– Agora, sim.

Engraçado como eram diferentes as ideias de «segurança» das pessoas. Para Dante, Lizzie encontrava-se à beira de um precipício e os seus braços estavam a segurá-la para que o vento não pudesse levá-la. Mas, para ela, os braços dele significavam que podia cantar.

– Vamos cantar para ti esta noite – disse-lhe ele ao ouvido. – Só quero que saibas que a ideia não foi minha. Sou péssimo a cantar, mas a minha filha é ainda pior.

Lizzie endireitou-se e ele deixou pender as mãos.

Aquele momento, ao ver a cara dela, compensou o crescente embaraço que sentia com a ideia.

– Só quando os outros saírem – acrescentou, indicando as mesas. Em seguida hesitou: – Podem pedir-te que cantes.

Ela encolheu os ombros, feliz.

– Foi Grey a elaborar o plano. Ele tem um fantástico *contra-tenor-alto* e adora um concerto.

– No entanto, é um romancista?

– É bom com as palavras. Mas detestou quando parei de cantar. Cantar unia-nos quando éramos crianças.

Dante envolveu-a novamente nos braços e observou-a por cima da sua cabeça, enquanto Rohan escrevia mais coisas no seu bloco e Grey deixou

escapar um palavrão, esquecendo a presença de Etta. Ruby deu-lhe uma palmada, Grey puxou-lhe uma madeixa e ela bateu-lhe novamente.

Depois de grandes travessas de tiramisu serem colocadas nas mesas, uma espécie de zumbido de antecipação varreu o pátio.

– O momento? – perguntou Grey a Lizzie.

Dante largou-a com relutância. Compartilhar nunca tinha sido o seu forte.

Grey e Lizzie aproximaram-se da grande janela e os empregados de Fabrizio saíram a correr pela porta lateral e eles sentaram-se.

Lizzie fitou-o com uma expressão feliz e então ela e Grey lançaram-se ao «Po’Boy», de Dylan. Quase nenhum italiano entenderia as palavras, mas eles não se importaram. O sotaque sulista de Grey acentuou-se. Perfeito para a canção, com o seu toque de *beatnik jazz* e raízes de menestréis.

Dante nunca pensava muito em Deus, embora ultimamente rezasse e soubesse que o futuro lhe reservava mais orações. Para ele, a voz de Lizzie era a prova da existência de Deus.

Etta enroscou-se no assento vazio entre eles e aconchegou-se no ombro de Dante. Lizzie e Grey cantaram alguns hinos. Cantaram Monty Python quando Ruby pediu. Uma canção de Taylor Swift sobre Romeu e Julieta que levou Rohan a escrever novamente no seu bloco de notas.

Por fim, Lizzie soprou beijos e Grey disse que aquela seria a última canção.

O pátio estava completamente silencioso. Lizzie abriu a boca e cantou sozinha os primeiros dois versos:

– *Glória a ti, meu Deus, esta noite, por todas as bênçãos da luz.*

Grey juntou-se, profundo e calmo, com os dois versos seguintes.

– *Mantém-me, oh, mantém-me, Rei dos reis, Sob as tuas asas todo-poderosas.*

Os dois versos seriam seguidos pelo terceiro, o verso que Lizzie sempre saltava, aquele que ela tinha dito odiar. Dante investigara-o depois de

terem estado na abadia, tentando descobrir porque é que ela o saltava, mas, naquela altura, não tinha feito sentido para ele.

Desta vez, ela não saltou. Grey rodeou-lhe um ombro com o braço e ela olhou diretamente para Dante. E cantou.

Que a minha alma em ti repouse

E com um doce adormecer minhas pálpebras fechem

Desfrute eu do sono que me deixe cheia de vigor

Para servir a Ti, meu Deus, quando eu acordar.

Capítulo Trinta e Um



Os habitantes de Elba começaram a sair por volta da meia-noite, gritando sobre o próximo verão. Dois cavalheiros de idade beijaram a mão de Lizzie. Um disse num inglês macarrónico que queria viver até ao próximo verão para que pudesse ouvi-la cantar.

Ela reprimiu palavras que ele não desejava ouvir.

Aquela traidora, a esperança, havia-se infiltrado na sua pele e ela nada podia fazer a esse respeito. Portanto, sorriu e prometeu voltar.

As velas redondas de coluna estavam a descair para o lado e a pingar. Insetos dançavam nas pequenas luzes acima das suas cabeças.

– Queres dar um passeio? – Grey estendeu a mão.

Lizzie fitou-o de soslaio.

– Chega de falar da operação. Vou fazê-la. Irei à consulta.

Dante levantou-se.

– Vou pagar ao Fabrizzo e certificar-me de que a minha cozinha está intacta.

Ela e Grey atravessaram o arco do pátio e viraram à esquerda em direção à aldeia.

– Tenho sido um idiota – afirmou Grey. – Continuei a pensar que se eu... Se as coisas tivessem sido diferentes, lutarias mais. Por mim.

– Oh, Grey! – exclamou ela, parando e rodeando-lhe a cintura com os braços. – Não estava a lutar por ti.

Ele assentou o queixo sobre o seu cabelo.

– Eu sei. Mas continuo a pensar em como o poeta Joseph falava sobre um falcão-galinha a voar em círculo, à procura de casa. Não construí um lar para ti.

Lizzie fortaleceu o abraço num sinal de protesto silencioso.

– Só por causa do estado em que se encontram as coisas – venceu ele. – Não me culpo. Estou apenas a falar.

– Amo-te – segredou Lizzie. – Amo-te tanto.

– Também te amo tanto – disse ele, a voz rouca no silêncio da noite.

– Vou lutar – prometeu Lizzie. – Vou fazer tudo. Tudo. Quimioterapia com calor e tudo o mais. E se... se não resultar, não será porque não tentei ficar aqui, Grey. Garanto. Chega de enfrentar o risco.

– Soube isso mal te ouvi recomeçares a cantar – confessou ele e desta vez vacilou. – Estava tão zangado que me descontrolei, mas não era justo.

– Desta vez em Elba é o melhor presente que alguém já me deu – garantiu Lizzie, levantando a cabeça e beijando-o no queixo. – Tu e Rohan deram-me isto, Grey. Deste-me o que eu mais queria no mundo, e nunca o esquecerei. Não, se viver mais cinquenta anos.

O abraço dele intensificou-se e ela detetou o brilho de lágrimas nos seus olhos, por isso escondeu a cara no peito dele. Mas desta vez não sentiu culpa. Apenas amor.

Lizzie tinha aprendido muito sobre o amor nas últimas semanas. Não era passivo. Era um impulso para desfrutar o que tinha no momento.

O momento tinha uma fragilidade estranha e delicada. Mantiveram-se juntos até que o silêncio foi interrompido por uma risada no interior do pátio.

– Vou casar-me com Rohan – disse Grey – porque confundi amor com estar apaixonado.

Lizzie sorriu.

– Oh, e aquele poeta, Joseph? Ele pediu-me que te cumprimentasse, acrescentando que te verá na estreia do filme do Roh.

De volta ao interior, encontraram Dante a servir pequenos copos de licor cor de açafrão.

– Para a coragem – disse ele, debruçando-se sobre ela.

Por um momento, Lizzie pensou que ele se dirigia ao seu desejo de evitar arrastadeiras e sofrimento, mas não. Ela esquecera-se do concerto que ele tinha prometido.

– Eles vão casar debaixo do arco! – gritou Etta a Ruby.

Foi a gota de água.

Lizzie tinha de viver pelo menos mais doze meses e casar nas traseiras do restaurante. Deixou os planos fluir pelo pátio, falar sobre o arco e muito mais. Planos para o casamento de Rohan e Grey também, que poderia acontecer em Paris e seria certamente escandalosamente elegante.

– O que é isto? – perguntou, erguendo o copo.

– *Mortella* – respondeu Dante. – O licor característico de Elba.

Ela bebeu um gole cautelosamente, tendo decidido que Limoncello era álcool puro com uma rodela de limão por cima. – Sabe a erva.

– Hortelã – disse Ruby, franzindo o nariz. – E outras coisas.

– Funcho – esclareceu Dante, sentando-se ao seu lado. – Mas o sabor principal é mirtilo.

– O que é mirtilo?

– Um arbusto com bagas pretas – explicou Rohan que pegara no telemóvel e estava a ler sobre o licor em vez de bebê-lo.

Tão forte como algo que uma freira medieval pudesse ter destilado da beterraba e do alecrim com a esperança de curar doenças, a *Mortella* escorregou pela garganta de Lizzie e queimou-lhe o estômago.

– Aprendi, em Elba, a cozinhar com todas as partes do animal – disse Dante. – A *Mortella* é assim. Já ninguém no mundo faz nada com mirtilo. Mas nós aqui, na ilha, usamo-lo.

– A flor dos deuses, sagrada para Afrodite – leu Rohan em voz alta, num tom de voz divertido. – Considerado um símbolo de amor. – Ergueu o rosto. – E de imortalidade.

Os olhos de Dante encheram-se de certezas, inclinou-se e beijou Lizzie na boca.

– Escolho o amor em vez da imortalidade – segredou. – Em todas as ocasiões.

Lizzie devolveu-lhe o beijo, saboreando a convicção na sua voz.

– Abdicaria da imortalidade em todas as ocasiões para ir para casa contigo.

Por um momento, não despregaram o olhar e depois Dante estremeceu e voltou-se para os outros.

– Está na hora.

Lizzie sorriu.

– Esperei a noite toda por isto.

Ruby engoliu o resto da *Mortella*.

– Não é tão bom como brande, mas serve.

Dante, Rohan, Grey, Ruby e Etta levantaram-se.

– Todos? – Lizzie ficou boquiaberta. Tinha pensado que seriam apenas Dante e Etta.

– Cantas para nós – replicou Ruby – e por isso pensámos em cantar para ti.

– A qualidade de algumas das nossas vozes deixa muito a desejar – acrescentou Rohan.

Grey sorria tão amplamente que quase não o reconheceu, preso entre Etta e Rohan. Talvez a sua voz pudesse levar os dois às notas certas.

Lizzie começou a rir tanto que quase não conseguia respirar. Eles estavam tão *queridos*, juntos, olhando alugueres entre tontos e embriagados, embora Grey estivesse sóbrio, claro. E Dante também.

– *Okay*, pessoal, lembrem-se dos nossos ensaios – disse Grey.

– Até ensaiaram! – exclamou Lizzie.

– É um concerto dos Beatles – elucidou Grey, fazendo um sorriso pesaroso. – Era a única música que tínhamos em comum.

– Não é verdade! – contrapôs Etta. – Toda a gente conhecia o *Baby*, de Justin Bieber, até mesmo Grey.

– Uma vergonha! – murmurou Grey. – *Okay*, levantem-se, pessoal.

Nunca ninguém tinha cantado para Lizzie; geralmente as pessoas pediam-lhe para cantar, se conhecessem a sua voz. Uma vez até lhe pediram que cantasse os Parabéns *a solo* no seu próprio aniversário.

– Cada um de nós teve de escolher uma canção – disse Dante, parecendo muito envergonhado. – Depois discutimos e acabámos por ficar com três.

– *Ya*, porque o Grey queria aquele totalmente fora da caixa «Paperback Writer» – gritou Etta e depois esquivou-se quando ele ia puxar-lhe o cabelo.

– Primeiro, a minha escolha – decidiu Ruby.

Ela assentiu com a mão. Eles cantaram «Something in the Way She Moves». Ruby balançou o corpo ao som da música e Rohan falhou todas as notas altas.

– Perfeito! – elogiou Lizzie no final, rindo e aplaudindo.

– Dante escolheu a próxima – disse Ruby. – Todos queremos que saibas que pensamos que está um exagero...

– Irritantemente melosa – comentou Rohan.

– Mas nós dissemos que ele podia pedir-te para dançares em vez de cantar – concluiu Etta, radiante.

Dante caminhava na direção dela, parecendo feliz.

– Ouvi-te a resmungar – sussurrou. – Não cantas mal!

– Mentira – contrapôs ele. – Tens de dançar comigo, porque isso dispensou-me de cantar esta. A propósito, foi ideia de Etta.

Dançaram à volta do pátio ao som de uma má interpretação de «And I Love Her» com *Lulu* a correr junto aos seus pés.

– Muitas discussões sobre a terceira – esclareceu Grey. – Havia os que queriam outra canção de amor, e uma pessoa optou por «Norwegian Wood».

– Puro génio! – interferiu Ruby.

– Mas acabámos por escolher «In My Life». Vá lá, Dante, precisamos de ti aqui atrás.

Lizzie acompanhou-o, de mão dada, por isso acabaram todos a cantar juntos.

Nos anos seguintes à sua primeira viagem a Elba, sempre que Lizzie pensava na ilha, na sua mente brilhava uma fotografia, embora ninguém tivesse pegado numa máquina fotográfica naquela noite.

Uma família, cantando sobre lugares de que se lembrariam, sobre amigos e amantes, e memórias que perdem o seu significado.

E as que não perdem.

Epílogo



ETTA

Lizzie queria algumas das suas cinzas no jardim de oração episcopal em Nova Iorque «para que possas visitar-me, se quiseres, E.» Queria o resto no mar onde as águas tocavam a costa de Elba.

Uma parte de Etta nunca quis voltar à ilha, embora tivesse passado lá a maior parte da sua infância. Suspeitava que Lizzie adivinhara como se sentiria e que tinha sido essa uma das razões por que Lizzie queria que as suas cinzas fossem transportadas para lá.

– Levada para casa – disse ela.

Então, todos voltaram no verão em que ela morreu, cinco anos após a sua primeira visita à ilha. Etta e Dante, Rohan e Grey e os seus dois filhos, Ruby e o seu parceiro, Elijah, e o bebé de ambos. Também Sally, a sacerdotisa episcopal, pois ela e Lizzie haviam-se tornado tão boas amigas no ano anterior.

Espalharam as cinzas de Lizzie no mar, precisamente quando o céu escureceu, no momento a que Lizzie chamava *la dolce vita*.

A doce vida.

Depois foram para o restaurante. Tinham arrastado as cadeiras do restaurante das traseiras e instalaram-se no jardim das ervas.

Etta e Ruby haviam passado a tarde a entrelaçar flores de murta branca destinadas ao arco do casamento. Aos doze anos, tinha feito um trabalho bastante confuso. Mas agora havia uma ajudante e ela e Ruby haviam acrescentado cada vez mais murta até o arco parecer uma nuvem branca fofinha.

– Lizzie teria rido – disse ela a Ruby, quando terminaram.

– Lizzie ria por tudo e por nada – respondeu Ruby, pestanejando para conter as lágrimas.

Sally foi a primeira pessoa a levantar-se e a ficar debaixo do arco. Tinha cabelos brancos espetados e olhos bonitos. Puxara o vestido preto e viam-

se os tornozelos nus bem como as sandálias *Birkenstock*. Falou sobre a alegria que Lizzie trouxera à igreja ao cantar, referindo mesmo que as pessoas a quem faltava um Deus o encontravam na voz de Lizzie.

– A característica da sua voz – salientou Sally – é que afastava o medo e a preocupação. – Todos ouviam... o ar, a luz, até mesmo os vitrais a ouviam cantar porque ela cantava com a alma. O seu canto dizia às pessoas que a raiva e o ódio não são tão grandes como o amor de Deus. – Depois, esboçou um sorriso irónico e acrescentou: – Embora Lizzie não acreditasse em Deus. Uma das últimas coisas que me disse foi que, quando tivesse saído deste invólucro mortal... penso que é Shakespeare... não acalentava qualquer expectativa de encontrar um homem branco corado de espinhos, mas que, se tal acontecesse, o saudaria da minha parte.

Todos tinham concordado em cantar uma canção para Lizzie, porque ela adorava que lhe cantassem. Mesmo nos últimos meses, quando mal conseguia falar, ainda sorria se alguém cantasse para ela.

Sally passou as mãos pelo cabelo para o alisar e cantou alguns versos do hino anglicano «All Things Bright and Beautiful» numa voz rouca que evitava as notas altas.

Ruby foi a próxima a levantar-se. Usava um vestido de linho cor de laranja e um batom escarlate que devia ter contrastado, mas não foi o caso. Parecia que estava vestida para jantar no Príncipe Blu, só que há alguns anos Babbo tinha-se fartado das placas, vendera o Príncipe e abriu o Lizzie's, que tinha os melhores hambúrgueres e batatas fritas de Nova Iorque, mas nunca recebeu uma estrela Michelin e também nunca a quisera.

– Lizzie era tudo – disse Ruby. – Em seguida, parou e todos perceberam que estava a chorar.

– Vocês sabiam, ou talvez não, que eu não estava realmente a sair-me bem quando apareci em Elba. Mas isto não é sobre mim. É apenas para dizer que Lizzie me ensinou que a vida é mais do que maquilhagem, que na verdade é melhor sem ela. – Fez uma pausa e prosseguiu: – Mas, Lizzie, tens de me perdoar, porque eu não conseguiria fazer isto sem batom. Depois de ter tido cancro, disse a mim mesma que estava bem.

Lizzie sempre se definiu como uma ave que andara às voltas, à procura de casa, lembrem-se?

Etta assentiu com a cabeça e em seguida olhou para o lado e viu que uma lágrima escorria pela cara do seu Babbo; então, envolveu a mão na dele e segurou-a com força.

– Eu não estava – disse Ruby. – Estava apenas a andar de um lugar para outro, convencendo-me de que não tinha medo. Sendo corajosa. Ignorando a ideia de «casa». Então Lizzie apareceu, apaixonando-se frente ao cancro e à morte, agarrando-se à vida com tudo o que tinha. Ignorava o que era a coragem até a conhecer. Sem ela, ainda estaria a fugir. Sem linha de maquilhagem, de certeza. Ia comprar esperma pela internet, mas em vez disso conheci o Elijah, e temos o Noah. Ela ensinou-me a confiar o suficiente para parar de fugir. Por isso, vou cantar uma canção da Nina Simone que eu e a Lizzie às vezes cantámos juntas. – Aclarou a garganta, estremeceu um pouco e começou num tom baixo «Birds flying high, you know how I feel...»

Continuou até ao fim, mas, quando chegou ao último verso, deslizou o ecrã do telemóvel e a voz da Lizzie juntou-se à dela, *Dragonfly out in the Sun...* Nos dois últimos versos, Ruby ficou em silêncio e a voz grandiosa e alegre de Lizzie ergueu-se:

– *And this old world is a new world, and a bold world, for me.*

As lágrimas corriam-lhe pelas faces e Ruby esboçou um aceno com a mão, e sentou-se sem dizer mais nada. Elijah entregou-lhe o bebé, Noah, e ela escondeu a cara no seu cabelo.

Rohan levantou-se a seguir. Falou um pouco sobre *Romeu e Julieta* e sobre o facto de Lizzie o ter feito compreender Julieta, transformando o filme num sucesso, o que foi uma maneira muito moderada de falar sobre três Óscares. Mas, estranhamente, quanto mais famoso Rohan ficava, menos celebridade era.

– O mais importante: não acho que seria um homem casado se Lizzie não tivesse dito ao meu amado para formar um casal e casar comigo. Sei que todos devíamos cantar, mas Lizzie disse-me uma vez que eu parecia uma rã-touro, por isso não o vou fazer. Até então, nunca ninguém me insultara. Estava tão farto de pensar que esgotara, ultrapassara, as minhas

hipóteses de ser amado, que tinha de ser perfeito. Tinha de ser profundo e literário, e, no íntimo, sabia que não estava à altura da tarefa. Lizzie falava verdade, mesmo que um ator famoso quisesse tornar Romeu especial em vez de idiota. Porque aquele ator famoso era palerma e não especial.

O seu sorriso vacilou e então Grey subiu até junto dele, abraçou-o, e Rohan voltou a sentar-se.

Grey parecia muito mais velho do que naquele verão há cinco anos, quando viera a Elba pela primeira vez. Para Etta, ele era ainda mais bonito. Menos perfeito, mais real.

Enfiou as mãos nos bolsos das calças e olhou para todos.

– No dia em que conheci Lizzie, fiquei aterrorizado. A minha mãe tinha morrido há muito tempo e o meu pai acabara de falecer. Uma assistente social levou-me para uma casa de grupo e deixou-me lá o tempo suficiente para que as crianças pudessem aterrorizar-me com histórias de famílias de acolhimento, antes de me enviar para casa de Mistress Bedrosian.

Fez uma careta.

– Quase fiz chichi nas calças ao entrar em casa, tal o medo que sentia. Nunca disse a Lizzie, mas acho que ela está a ouvir e tem conhecimento. Ela parecia uma boa pessoa, sabem? Mesmo em pânico, eu poderia contar-lhe.

Parou, engoliu em seco e pigarreou.

– Ela sempre soube o medo que me invadia. Tinha medo de a perder, medo de ser *gay*, medo de casar... – Esboçou um leve sorriso a Rohan.

– Céus, somos todos uns cobardes – murmurou Ruby, com a voz transbordante de lágrimas.

– Costumava dizer a Lizzie que ela era uma corredora, que fugiu de mim e da vida – admitiu Grey. – Mas, na verdade, era *eu* que fugia, e ela era o meu lugar, o meu coração, porque a vida era suportável com ela. Se ela não me tivesse expulsado, não teria encontrado o meu caminho para Rohan.

Rohan soltou uma risada que era uma espécie de soluço.

– Ia tentar ser Hemingway. Ela aconselhou-me a agarrar todo aquele medo, a inseri-lo num romance de terror, e tinha razão. Assim, acho que

lhe devo o meu casamento, os meus filhos e a minha carreira. – Engoliu em seco. – Devo-lhe tudo o que considero precioso.

Ele era o único que realmente sabia cantar, por isso endireitou-se, embora com lágrimas no rosto, e cantou um hino de que Lizzie gostava, sobre Deus ser um abrigo contra a tempestade. Então, quando chegou a um verso sobre o tempo que levava todos os seus filhos para longe, *Eles voam esquecidos como um sonho morre no dia da inauguração*, parou e disse:

– Mas Lizzie nunca será esquecida.

Etta estava a pensar sobre o tempo que levava «filhos» e não filhas, mas entendeu.

Depois, chegou a sua vez.

Levantou-se, sentindo-se insegura, o que era estúpido porque aquela era a sua gente. Colocou-se debaixo do arco e em seguida virou-se para trás.

– Na semana passada, fiz isto no jardim de orações – referiu, erguendo o telemóvel. – Coloquei a minha lista ao acaso, e deixei Lizzie escolher a música, por isso vou pôr algo a tocar, antes de dizer alguma coisa.

– *É um dom ser simples* – começou a tocar um pouco alto demais, e ela baixou o som.

– Estão a ver? Talvez Lizzie escolha a música por mim. Não acredito – disse ela, com um soluço na garganta. – Quem me dera não ter sido tão chata durante uns anos.

– *Cara* – interveio Babbo que se levantou para a abraçar. – Está tudo bem – confortou-a ele, embalando-a. – Nunca foste chata, apenas provocadora. Uma ótima provocadora. Lizzie adorou o *puzzle* que és. Ainda a tens. Não é a mesma coisa, mas ela estará lá.

Então, durante a «Tis a giftt», dos Beatles, todos choraram uma vez mais e demorou bastante tempo a pararem.

– Há tanta coisa que desejo – proferiu Etta, limpando os olhos. O Babbo afastou-se para o lado. – Desejo encontrar um homem com uma voz como a da Lizzie, para que possamos ter uma filha que consiga ser afinada, e vou chamar-lhe Lizzie.

Usava um velho colete de linho por cima de uma *T-shirt* branca e despiu-a.

– Veem este sutiã vermelho?

– Sim! – exclamaram Rohan e o filho mais velho de Grey. Ele tinha dez anos e fora adotado há um ano.

– Lizzie prometeu-me, no primeiro dia em que me disse que tinha cancro, que, quando eu tivesse idade suficiente, me levaria a comprar um sutiã vermelho, do tipo que aparece debaixo de uma camisa. E Lizzie ensinou-me que o mais importante é cumprir as promessas.

– Portanto, no ano passado, quando fiz dezasseis anos, fomos ao Urban Outfitters, e comprámos um sutiã de cor carmesim, semelhante a um sinal de *stop*. Ela afirmou que era uma indicação aos rapazes de que não deveria ser incomodada. Fez-me aquele olhar de mãe, sabem? Adorava aquele olhar.

Etta parou, respirou fundo e desligou o telefone.

– Vou cantar a canção de embalar que Lizzie me cantou no nosso primeiro dia como mãe e filha, o que é sentimental, mas Ruby disse-me uma vez que a nostalgia é uma coisa boa. A própria Lizzie escreveu as duas últimas rimas. Respirou fundo, como Lizzie lhe ensinara.

– *Balance o bebé no cimo da árvore...* – Até às rimas que Lizzie inventara e Etta considerava como sendo o *seu* presente especial da sua mãe. – *Quando o Sol se puser e as aves vierem em busca dos ninhos, volta para casa, para quem te dá mais carinho.*

Depois, aproximou-se e sentou-se, o que deixou Dante de pé parado debaixo do arco, com ar cansado, mas tranquilo. Não tinha chorado muito, talvez devido às muitas lágrimas que derramara nos últimos meses.

– Não tenho o dom da palavra – começou ele. – Lizzie dizia que falo com a minha comida, e por isso vou revelar-vos a ementa. Roh e eu estamos a fazer *gnocchi* com salva, o prato favorito da Lizzie, e tiramisu.

Lágrimas salgadas caíam na boca de Etta, o que a levou a pegar em mais um *Kleenex*.

– Lizzie não era apenas doce e boa, como as pessoas dizem sobre os seus cônjuges mortos. Era muito mais do que um rouxinol. Aprendi tanto

com ela. Não sobre cantar, mas sobre trabalhar. Ela queria desistir quando chegou a Elba pela primeira vez. Queria flutuar para longe. Mas, depois de se ter apaixonado por nós, por mim e por Etta, Ruby, Rohan e Grey – sabem quanto já vos amava – começou a trabalhar para viver. Nunca vi ninguém trabalhar tanto num emprego tão mau, e nunca mais o verei. Aguentou os enjoos e o saco de colostomia, que tanto odiava, e a dor nos ossos. Mas toda aquela devoção obstinada que tinha pela vida, por nós, deu-nos cinco anos, e estou grato por cada momento fétido e emocional que vivi ao seu lado.

»Provavelmente, a maioria das pessoas pensa que o que ela fez de melhor foi ensinar Shakespeare, ou, se a ouviram, pensaram que foi o canto. Mas não. Não afirmo tudo isto com orgulho ou como se valêssemos mais do que tudo, mas o que ela fez de melhor foi amar-nos.

»Disse que ela trabalhava para viver, mas o que realmente fazia era trabalhar para amar. Cada respiração, mesmo as que doíam tanto no final, cada uma delas era o seu presente. Lizzie era extravagante: na voz, na alma, no amor.

»Pode dizer-se que uma pessoa morre, mas também pode dizer-se que salta o galho. Foi isso o que a nossa Lizzie fez. Pousou naquele galho por nós e depois saltou. Lizzie tinha o coração de uma cotovia, e está a cantar algures – prosseguiu Dante. – Não consigo ouvi-la agora, mas vivo... bem, vivo para ouvi-la de novo, porque o farei.

Todos soluçavam e ele estendeu os braços.

– Venham cá. Lizzie e eu planeámos esta última canção juntos e ela prometeu que a vai cantar connosco.

Etta voltou a assoar-se e levantou-se, sentindo-se atordoada pela dor. Todos se juntaram, até mesmo Elijah com o bebé adormecido.

Dante distribuiu a letra e Grey bateu-lhe na coxa e assinalou o começo. Quando chegaram ao terceiro verso, Grey respirou fundo e disse:

– Calma, neste.

Então Etta usou a técnica de garganta aberta, como Lizzie lhe ensinara.

Senhor, que eu esteja em repouso em ti

E docemente durma a noite inteira.

*Refresque as minhas forças, para o Seu próprio bem,
Para que possa servi-Lo quando acordar.*

Agradecimentos

Este romance é dedicado às suas muitas editoras.

A minha agente, Kim Witherspoon, leu três anos de rascunhos em que sempre mergulhou alegremente.

A minha segunda editora foi a querida amiga Meg Tilly, que conhece Hollywood e os seus pontos fracos. Entendeu Rohan e aprendi a amá-lo por seu intermédio.

A minha terceira editora foi a autora do maravilhoso romance *YA*, Marie Rutkowski, que trouxe o seu perspicaz entendimento dos adolescentes de doze anos para a viagem de Etta.

A minha quarta editora, Susan Kamil, adorava Lizzie, Dante e Etta. A sua alegria pela felicidade de Lizzie refletiu o seu amor à vida e à literatura de ficção. Tornou o romance infinitamente melhor, como o fez ao mundo.

A minha quinta e sexta editoras confrontaram-me com as minhas limitações; quero agradecer em particular ao leitor que entendeu quem poderia ser Ruby e também à minha amiga Lisa Gill pelos seus conselhos.

A minha última editora, Whitney Frick, brindou o livro com uma incrível explosão de juventude. Analisou as personagens secundárias como ninguém e aprofundou as suas histórias para as sintonizar com Lizzie e Dante.

E, por fim, numa altura em que me preparava para desistir, a minha sobrinha Zo leu o rascunho num dia e disse-me que ele era «tudo.»

Certa ou errada, a palavra tornou-se o meu mantra na reescrita.

 9789896613648_lizzie_e_dante.jpg